

Conheça Melhor o Antigo Testamento

STANLEY A. ELLISEN

Traduzido por
Emma Anders de Souza Lima


Vida
EDITORA

ISBN 0-8297-1636-X

Categoria: Estudo bíblico

Traduzido do original em inglês:
Knowing God's Word

© 1984 by Stanley A. Ellisen
© 1991 by Editora Vida

2ª impressão 1993

Impresso na Imprensa da Fé, São Paulo, SP

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 — E.U.A.

As citações bíblicas são tiradas da tradução de Almeida,
Edição Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil,
exceto onde for citada outra fonte.

Capa: Ana Bowen

MAZINHO RODRIGUES

ÍNDICE

Prefácio	5
Princípios Básicos para a Interpretação da Bíblia	7
Calendário Hebraico e Cálculo do Tempo	8
Livros do Antigo Testamento	10
Estrutura Cronológica do Antigo Testamento	11
Introdução ao Pentateuco	13
O Livro de Gênesis	15
O Livro de Êxodo	25
O Livro de Levítico	36
O Livro de Números	46
O Livro de Deuteronômio	56
Introdução aos Livros Históricos	63
O Livro de Josué	68
O Livro de Juízes	77
O Livro de Rute	84
Os Livros de Samuel	90
Os Livros dos Reis	103
Os Livros das Crônicas	116
Os Livros de Esdras e Neemias	124
O Livro de Ester	135
Introdução aos Livros Poéticos	143
Introdução aos Livros de Sabedoria	147
O Livro de Jó	151
O Livro dos Salmos	159
O Livro de Provérbios	181
O Livro de Eclesiastes	190
O Livro de Cantares de Salomão	198

Introdução aos Livros Proféticos	209
O Livro de Isaías	214
O Livro de Jeremias	229
O Livro de Lamentações de Jeremias	239
O Livro de Ezequiel	246
O Livro de Daniel	257
Introdução aos Profetas Maiores	271
O Livro de Oséias	273
O Livro de Joel	279
O Livro de Amós	286
O Livro de Obadias	293
O Livro de Jonas	300
O Livro de Miquéias	308
O Livro de Naum	313
O Livro de Habacuque	319
O Livro de Sofonias	324
O Livro de Ageu	329
O Livro de Zacarias	334
O Livro de Malaquias	342
Pontos Culminantes do Período Interbíblico	351
Glossário de Termos para a Introdução ao Estudo da Bíblia ..	355

Prefácio

Você conhece bem o Antigo Testamento? Ele foi não apenas a Bíblia usada por Jesus e pelos apóstolos, mas também serviu de base na preparação do Novo Testamento. Embora pareça obscuro a muitos de nossos contemporâneos, o Antigo Testamento possui excelentes ilustrações que tratam de problemas atuais. O objetivo dos Quadros e Esboços Explanatórios utilizados nesta obra é ajudar o leitor a entender melhor os 39 primeiros livros da Bíblia, e levá-lo a desvendar seus tesouros com o auxílio de estudos gráficos. O conhecimento dessa parte da Palavra de Deus tem a promessa clara de real sucesso na vida (Josué 1:8).

Apesar de haver um bom número de ótimas “introduções” e “estudos” do Antigo Testamento tratando de assuntos técnicos e de princípios apologéticos, são poucos os guias simples que enfocam o conteúdo, os acontecimentos e suas aplicações pessoais. Isto pode ser facilmente constatado por todos os que se propõem a estudar os livros do AT ou a ensiná-los. Foi o que aconteceu a mim, há muitos anos, quando me preparava para ensinar. Com o intuito de preencher essa lacuna, dediquei grande parte da minha tese de doutorado à área de pesquisa e organização. Desde então tenho tido o prazer de ensinar e aprimorar esse material, elaborando cadernos de exercícios para todos os livros da Bíblia.

O uso deste material em seminários foi um “teste de fogo” dos mais salutares, tanto para o professor como para os cadernos. A obra que o leitor tem em mãos é, portanto, uma tentativa de resumo da substância básica daquele material sobre o Antigo Testamento. Como recurso didático, fiz uso de gráficos na apresentação do conteúdo, dos acontecimentos e suas conexões.

6 Conheça Melhor o Antigo Testamento

Realço também várias características importantes: Introduzi as quatro divisões do Antigo Testamento a fim de apreciar os diversos tipos de literatura nele existentes. A seguir, apresento e esboço os livros com um sumário explanatório e simétrico. Dispus o sumário numa única página com o propósito de mostrar sua simetria e conexão com o tema central, tornando assim mais fácil a compreensão e a memorização. Incluí muitas listas cronológicas e históricas. Elas colocam pessoas e acontecimentos numa perspectiva mais clara, mostrando o drama dos cenários e dos acontecimentos bíblicos e históricos. Incluí também, para cada livro, a seção "Contribuições Singulares", que mostra a importância individual do livro, sua harmonia e contribuição à Bíblia como um todo.

São numerosos os agradecimentos que devo fazer. Não reivindico originalidade ao meu trabalho, pois durante anos consultei e compilei dados de um número considerável de peritos em assuntos bíblicos. Professores pacientes e alunos ainda mais pacientes muito contribuíram, estimulando-me e fornecendo-me conhecimentos. Quanto à paciência, minha esposa, Evelyn, muito me ajudou.

Gostaria também de agradecer aos editores da Thomas Nelson o seu interesse e "fé" no projeto. O incentivo e as sugestões de Ronald E. Pitkin foram inestimáveis, e a cooperação meticulosa de Marlene Patterson na correção e preparo do manuscrito foi essencial. Muito valiosa a paciência que essas pessoas tiveram com o meu intenso programa em salas de aula enquanto o material era aprimorado.

Salomão disse: "A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las" (Provérbios 25:2). Quando buscamos a verdade com o propósito de amadurecermos com a alegria da descoberta, o Senhor deleita-se em "brincar de esconde-esconde" conosco.

É nosso desejo sincero que estes quadros e esboços intensifiquem o estudo do Antigo Testamento, e proporcionem muitas aplicações úteis à vida dos leitores deste livro.

Stanley A. Ellisen
Portland, Oregon

Princípios Básicos para a Interpretação da Bíblia

Problemas	Princípios
Até que ponto a Bíblia é realmente verdadeira?	1. Reconhecer toda a Bíblia como a inerrante Palavra de Deus em virtude de ser ela o "sopro de Deus" como Palavra de Deus. "A tua Palavra é a verdade." Esta qualidade de "verdade" abrange todos os seus registros.
Que tradução devemos usar no seu estudo?	2. É útil usar várias traduções para leitura e estudos. Entretanto, a palavra final com respeito a qualquer doutrina ou interpretação será dada pelos textos hebraico e grego dos dois Testamentos.
É correto interpretá-la literalmente?	3. Busque o significado mais bem compreendido pelo povo a quem o texto foi dirigido. Isto é feito pela interpretação gramatical no seu contexto histórico. Como ocorre com toda literatura, necessitamos reconhecer o uso ocasional de figuras de linguagem que transmitam e afirmem verdades literais. 4. Certifique-se de que a interpretação ajusta-se ao contexto histórico e responde ao problema específico envolvido. Este é um estudo indutivo da Bíblia. Cuidado com a reivindicação de promessas ou aplicações de lições fora de seus contextos.
Como podemos saber se temos a interpretação correta?	5. Confira a interpretação duvidosa com outros textos claros sobre o assunto. Este é o princípio dedutível da "analogia da fé", que reconhece a harmonia de toda a Bíblia. 6. Reconheça o princípio da "revelação progressiva". Este princípio nos lembra que Deus deu a Palavra como um rio de verdade gradual, progressivo e adequado a cada geração, e que somente agora está completo no seu todo.
Como devemos entender a descrição humana de verdades divinas?	7. Reconheça o princípio da "acomodação divina", segundo o qual Deus apropriou-se da linguagem humana não como um "instrumento imperfeito", mas como um veículo apropriado para comunicar a verdade. As verdades divinas são com frequência ensinadas mediante o uso de analogias humanas.
De que maneira podemos aplicar tais lições à nossa vida cristã hoje?	8. Aprenda a extrair os princípios das lições históricas e das verdades doutrinárias de um texto. O estudo de um texto fica realmente prejudicado sem a cuidadosa aplicação de princípios à vida cristã hoje.

Calendário Hebraico e Cálculo do Tempo

ANO HEBRAICO. Israel desenvolveu um calendário lunissolar (baseado na lua e no sol), fixando todas as festas anuais na lua nova. O ano sagrado começava com a lua nova do equinócio da primavera, que se tornou o dia primeiro de Abibe (“Nisã”, depois de 600 a.C.). Os judeus modernos usam um calendário “civil”, que começa com a lua nova do equinócio do outono, dia primeiro de Tisri. O ano judaico tinha doze meses de 30 ou 29 dias alternadamente, o que perfazia um ano lunar de 354 dias, cerca de 11 dias e seis horas menos do que o ano solar (365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos). Os dias eram compensados com o acréscimo de um mês intercalado trienalmente depois do último mês (ou cada 3, 6, 8, 11, 14, 17 e 19 anos de um ciclo de 19 anos). O acréscimo desses meses nos “anos bissextos” preservava a regularidade das colheitas e restaurava o ano solar. O calendário hebraico remonta ao “ano da criação”, 3760 a.C., conforme cálculo do rabino José ben Halafta, cerca de 125 d.C. (Louis Finkelstein, “*The Jews*” (Os Judeus), Vol. II, p. 1786).

MÊS HEBRAICO. Os meses de Israel sempre começavam com a lua nova e eram anunciados pelo som de trombetas. No Israel antigo, eram chamados pela ordem numérica, e somente quatro tinham nomes: Abibe e Zive, os primeiros dois meses da primavera, e Etanim e Bul, o sétimo e oitavo (os primeiros dois meses do outono). Na Babilônia, ou no período pós-exílio, Abibe passou a ser Nisã e seis outros meses receberam os nomes de: Sivã (3), Elul (6), Tisri (7), Quisleu (9), Sebete (11) e Adar (12). Mais tarde o Talmude fez as seguintes mudanças e acréscimos: Iyyar (2), Tammuz (4), Av (5), Marheshvã ou Heshvã (8) e Tebete (10). O mês intercalado foi chamado de Ve-adar ou Adar II.

CALENDÁRIO HEBRAICO CORRESPONDENTE AO GREGORIANO. Nosso calendário é solar e é chamado “gregoriano” em homenagem ao Papa Gregório que, em 1582, alterou o calendário juliano, estabelecido por Júlio César em 45 a.C. A regulamentação gregoriana simplesmente cancelou o dia bissexto de cada ano centésimo, exceto para o quadringentésimo, a fim de deixar o ano juliano doze minutos menor. Como o ano lunar é 11 dias e seis horas mais curto do que o solar, no nosso calendário a lua nova atrasa aquele período de tempo (ou adianta 19 dias) a cada ano, mudando continuamente a relação entre os meses hebraicos e gregorianos. Essa contínua mudança pode ser observada na seguinte correlação dos meses para os anos 1983-1987 (*American Jewish Year Book*, 1983).

DIFICULDADE DE TRADUZIR COM EXATIDÃO AS DATAS HEBRAICAS. O quadro abaixo demonstra a impossibilidade de expressar as datas bíblicas no nosso calendário de maneira equivalente. O método comum é identificar os meses hebraicos entre dois dos nossos meses (por exemplo: Nisã = março/abril; Iyyar = abril/maio etc.). Isso orienta a época, mas não tem a exatidão expressa nos textos hebraicos. Nos quadros e esboços, resolvemos simplesmente colocar as datas hebraicas nos meses do nosso calendário, em sua ordem numérica. Claro que isso sacrifica a exatidão astronômica, mas serve ao propósito de tornar as datas bíblicas específicas e fáceis de ser lembradas.

Meses Hebraicos (Dias)			Amostra de correlação entre os meses hebraicos e gregorianos					
Pré-exílio	Pós-exílio		Lua Nova	1983	1984	1985	1986	1987
1-Abibe	Nisã	(30)	Nisã I	Mar. 15	Abr. 3	Mar. 23	Abr. 10	Mar. 31
2-Zive	Iyyar	(29)	Iyar I	Abr. 13	Mai. 2	Abr. 21	Mai. 9	Abr. 29
3	Sivã	(30)	Sivã I	Mai 13	Jun. 1	Mai. 21	Jun. 8	Mai. 29
4	Tammuz	(29)	Tammuz I	Jun. 11	Jun. 30	Jun. 19	Jul. 7	Jun. 27
5	Av	(30)	Av I	Jul. 11	Jul. 30	Jul. 19	Ag. 6	Jul. 27
6	Elul	(29)	Elul I	Ag. 9	Ag. 28	Ag. 17	Set. 4	Ag. 25
7 Etanim	Tishri	(30)	Tishri I	Set. 8	Set. 27	Set. 16	Out. 4	Set. 24
8 Bul	Heshvã	(29)	Heshvã I	Out. 7	Out. 26	Out. 15	Nov. 2	Out. 23
9	Kislev	(30)	Kislev I	Nov. 6	Nov. 25	Nov. 14	Dez. 2	Nov. 22
10	Tebet	(29)	Tebet I	Dez. 6	Dez. 24	Dez. 13	Jan. 1	Dez. 22
11	Shebat	(30)	Shebat I	Jan. 5	Jan. 23	Jan. 11	Jan. 31	Jan. 21
12	Adar	(29)	Adar I	Fev. 3	Fev. 21	Fev. 9	Mar. 1	Fev. 20
	Adar II		Adar II I	Mar. 4	—	Mar. 11	—	—

Livros do Antigo Testamento

Arranjo em Grego e em Português — 39**

LIVROS HISTÓRICOS	(17)	Pentateuco	(5) Gênesis-Deuteronômio
		História Posterior	(12) Josué-Ester
LIVROS POÉTICOS	(5)	Sabedoria	(3) Jó, Provérbios e Eclesiastes
		Hínicos	(2) Salmos, Cantares
LIVROS PROFÉTICOS	(17)	Maiores	(5) Isafas-Daniel
		Menores	(12) Oséias-Malaquias

Arranjo em Hebraico — 24

A LEI —“Torah”	(5)	Livros de Moisés	Gênesis — “No princípio” Êxodo — “São estes os nomes” Levítico — “Chamou o Senhor” Números. — “O Senhor falou” Deuteronômio — “São estas as palavras”
OS PROFETAS —“Neviim”	(8)	Primeiros Profetas	Josué Juizes 1 e 2 Samuel 1 e 2 Reis
		Últimos Profetas	Isafas Jeremias Ezequiel Os Doze Menores)
AS OBRAS LITERÁRIAS —“Kethubim”	(11)	Livros Poéticos	Jó Salmos “Livro de Louvores” Provérbios
		Rolos (Lidos nas Festas)	Cantares (Lido na Páscoa dos Judeus) Rute (No Pentecoste) Lamentações (Na Proclamação da Destruição de Jerusalém) Eclesiastes (Nos Tabernáculos) Ester (No Purim)
		História	Daniel Esdras-Neemias Crônicas (1 e 2) “Palavras dos Dias”

** As Bíblias católicas e anglicanas também incluem os livros apócrifos (da Bíblia Grega dos Setenta), chamando-os “deuterocanônicos”. São *Esdras*, *Tobias*, *Judite*, *Sabedoria de Salomão*, *Eclesiástico* (Siraque), *Baruque*, *A Oração de Manassés*, *1 e 2 Macabeus*, mais vários acréscimos a Ester e Daniel, e 2 *Esdras* (que não está na Versão dos Setenta).

Estrutura Cronológica do Antigo Testamento

O Antigo Testamento contém uma história delineada numa larga estrutura cronológica. Gênesis começa com a narração dos primórdios da humanidade. Seu autor não demonstrou nenhum interesse em citar acontecimentos profanos. Ele apresenta as linhas genealógicas e uma informação cuidadosa sobre nascimentos e mortes. Cada personagem, de Adão a José, é rigorosamente relacionado com o seu pai a fim de assegurar a seqüência exata do tempo. O período de José a Moisés é também descrito em Êxodo 12:41 com exatidão: “nesse mesmo dia”. Essa exatidão cronológica continua até o reinado de Salomão em 1 Reis 6:1.

Sistemas Cronológicos Variados

Há uma variedade de sistemas bíblicos cronológicos, sendo o mais comum o criado pelo Arcebispo James Ussher, que dá a criação em 4004 a.C. Essa variedade origina-se de diversas questões exegéticas. A maior delas é Êxodo 12:40, que assinala o período da permanência no Egito. O *Pentateuco Samaritano* e a Bíblia Grega dos Setenta (Septuaginta) resolvem o problema incluindo a história patriarcal nos 430 anos de permanência. Os cronologistas subtraem o período de 215 anos dos 430 para que 215 sejam os anos de permanência no Egito. Isso faz com que a data da criação seja 4004 a.C., exatamente 4000 anos antes do nascimento de Cristo. (Alguns também sugerem que a volta de Cristo seja depois de 6000 anos, portanto em 1996).

O texto hebraico, entretanto, indica com exatidão que “o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito” foi de 430 anos. Isso também se ajusta com as aproximações de Gênesis 15:13, 16 e Atos 7:6, e a data exata expressa em Gálatas 3:17 (ao recordar que Deus confirmou novamente a aliança a Jacó em Gênesis 46:3). Com base nesse texto mais digno de confiança, estruturamos a cronologia do

12 Conheça Melhor o Antigo Testamento

Antigo Testamento de acordo com as datas exatas de vários textos bíblicos. O objetivo não é excluir as outras interpretações, como dinastias ou grandes intervalos de tempo (conforme o que está na *Lista de Reis da Suméria*), mas esclarecer a interpretação normal do texto como um todo. Para interpretar um texto, é preciso saber primeiro o que ele enuncia, e justificar qualquer divergência com outros dados contextuais.

PERÍODO CRONOLÓGICO OU DATAS-CHAVE:

	An. Hom.	a.C.	
1. Criação de Adão (Anno Hominis: ano do homem)	0	4173	
2. Da criação à descida de Jacó para o Egito (Gênesis 5; 11; 47:9)	—2298 anos	2298	1875
3. Da descida de Jacó ao êxodo de Moisés (Êxodo 12:40)	— 430 anos	2728	1445
4. Do êxodo à construção do templo de Salomão	— 480 anos	3208	966
5. Começo do reino de Davi	—	3163	1010
6. Divisão do reino	—	3242	931
7. Purificação dos dois reinos por Jeú	—	3332	841
8. Queda de Samaria	—	3451	722
9. Começo do exílio judaico (606; 597; 586)	—	3567	606
10. Retorno com Zorobabel para reedificar o templo	—	3636	537
11. Retorno de Neemias para reedificar os muros da cidade	—	3729	444
12. Do edital de retorno até o prenúncio do Messias (V. Daniel para as conversões lunares)	— 476 anos	4210	33 d.C.
13. Nascimento do Messias (Alguns meses antes da morte de Herodes, logo depois do eclipse da lua em 12 de março, 4 a.C.)	—	4169	5 d.C.

Introdução ao Pentateuco

I. Título. “Pentateuco” (Gr. *Pente*—cinco; *teuchos*—estojo para o rolo de papiro) é um termo grego aplicado aos cinco livros de Moisés. Os livros antigos eram escritos em rolos, geralmente de nove metros de comprimento, mais ou menos o tamanho necessário para acomodar de Gênesis até Deuterônomo. Recebem na Bíblia o nome de “A Lei”, “O livro da Lei de Moisés”, “O livro da Lei de Deus”, e algumas vezes “Tora” (ensinamento).

II. Autoria. Diz a tradição, tanto da comunidade como da igreja judaica, que esses cinco livros foram escritos por Moisés. Entretanto, desde que Baruch Spinoza começou a questionar tal tradição em 1671 d.C., tem sido uma prática comum os críticos eruditos negarem a autoria de Moisés, com base textual e lingüística. Apesar dessas contestações, a autoria de Moisés é confirmada tanto por evidências internas como externas do Antigo e do Novo Testamento. O fato de ele ter usado outros documentos, bem como palavras diretas de Deus, é compatível com a inspiração divina na seleção do material. Rejeitar a autoria de Moisés é rejeitar o testemunho universal dos escritores bíblicos e solapar a credibilidade do Pentateuco e do resto da Bíblia. É da autoria de Moisés, e não apenas um “mosaico” de diferentes autores. (Para mais informações, veja a “Introdução ao Livro de Gênesis”.)

III. A Importância do Pentateuco

A importância desses livros antigos é incalculável. Essa importância é compreendida quando se medita nos cinco pontos em que estão fundamentados:

14 Conheça Melhor o Antigo Testamento

- A. *Cósmico*. Explicam o cosmos dando o único relato antigo que identifica a “Primeira Causa”. “O princípio unificador do Universo, procurado às cegas pelos filósofos e clássicos, está compreendido na primeira sentença.”
- B. *Étnico*. Os livros do Pentateuco descrevem o começo e a expansão das três divisões raciais do mundo: oriental, negróide e ocidental.
- C. *Histórico*. Esses livros são os únicos a traçar a origem do homem numa linha contínua a partir de Adão. Todavia, não é sua intenção apresentar a história completa de todas as raças, mas sim um relato altamente especializado da implantação do reino teocrático no mundo e do plano de redenção da humanidade. Nesse processo, a história de Israel remonta a Abraão, através de quem Deus prometeu a redenção.
- D. *Religioso*. Esses livros são fundamentais. Retratam a Pessoa e o caráter de Deus, a criação do homem e sua queda, as alianças e promessas divinas de trazer a redenção através de um divino Redentor.
- E. *Profético*. Os livros do Pentateuco são a origem dos temas proféticos mais importantes da Bíblia. É a história centralizada no Messias associada à profecia centralizada no Messias. Apresentam em conjunto uma filosofia simétrica da história. As profecias preenchem a interpelação histórica através das demais revelações.

IV. As Divisões do Pentateuco

A. ÊNFASE DA PESSOA DE DEUS

GÊNESIS	Soberania de Deus sobre a criação, o homem e as nações.
ÊXODO	Poder de Deus para julgar o pecado e redimir seu povo.
LEVÍTICO	Santidade e provisão de Deus para uma vida santa.
NÚMEROS	Benevolência e severidade de Deus ao disciplinar seu povo.
DEUTERONÔMIO	Fidelidade de Deus ao cumprir suas promessas.

B. ÊNFASE DO PROGRAMA DE DEUS NO ESTABELECIMENTO DO SEU REINO

GÊNESIS	Necessidade e preparação do regulamento do reino de Deus.
ÊXODO	Inauguração e legislação do reino.
LEVÍTICO	Organização espiritual do reino.
NÚMEROS	Organização política do reino.
DEUTERONÔMIO	Reorganização do reino para a vida em Canaã.

O Livro de Gênesis

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “Bereshith” devido à sua primeira frase, “No princípio”.
2. Os tradutores da Septuaginta chamaram-no de “Gênesis” (Origem) em virtude de ele relatar a origem do Universo e do homem na obra criativa de Deus.

B. AUTORIA DE MOISÉS CONTESTADA

1. Até o século dezessete, as comunidades judaicas e cristãs atribuíram universalmente a autoria do Pentateuco a Moisés.
2. Depois que Baruch Spinoza insinuou em 1671 a possibilidade de seu autor ter sido Esdras, muitas teorias apareceram sobre o assunto. O emprego de diferentes nomes de Deus, estilos literários diversos e a enumeração de diferentes fases do desenvolvimento do culto têm levado críticos a supor a existência de vários documentos originais. Alguns estudiosos de nomeada concordam com o seguinte:
 - a. Jean Astruc (1753) admitiu uma autoria dupla por aparecerem dois nomes de Deus: Elohim (E) e Yahweh (J) (de Javé).
 - b. Johann Eichorn (1780) também achou estilos literários diferentes em relação aos dois nomes de Deus, e viu nisso evidências que confirmariam a existência de dois autores.
 - c. Alexander Geddes (popularizado por W. M. de Wette, 1792) admitiu muitos autores para o livro de Gênesis, mas um só redator que teria reunido os fragmentos, partindo dos mais primitivos e diversos documentos para os mais unificados.

16 Conheça Melhor o Antigo Testamento

- d. Hermann Hupfeld, Karl Graf e Abraham Kuenen (1853-69) dividiram o documento (E) a fim de separar um Código Sacerdotal (P), e consideraram Deuteronômio como o último documento (D).
 - e. Julius Wellhausen (1876) designou a organização clássica da Teoria Documentária, estabelecendo a ordem JEDP.
3. A Teoria Documentária Wellhausen, com as suas datas muito tardias para o Pentateuco (que teria sido escrito no período do exílio, ou mais tarde), já não é muito considerada, mas a teoria dos quatro documentos subsiste.
- As quatro principais fontes são geralmente vistas na seguinte ordem:
- a. J (Javé), escrito no Reino do Sul por volta de 950 a.C.
 - b. E (Elohim), escrito no Reino do Norte cerca de 850 a.C.
 - c. D (Deuteronômio), composto aproximadamente em 650 a.C., antes de Josias.
 - d. P (Código Sacerdotal), composto de tradições mosaicas antigas depois do exílio, cerca de 525 a.C.
4. Negar a autoria de Moisés traz inevitavelmente o desgaste de outras doutrinas:
- a. É questionada a inspiração divina, pois os livros passam a ser considerados produto de maquinações religiosas, em vez de palavras diretas de Moisés, o profeta de Deus.
 - b. A exatidão histórica das narrativas e da legislação também são impugnadas, visto que uma aparente aura de embuste difunde-se no conjunto. Como conseqüência, os acontecimentos passam a ser vistos como mitos inventados por devotos da religião, em vez de história autêntica.

C. AUTORIA DE MOISÉS CONFIRMADA

1. Moisés é reconhecido como o homem mais erudito da antigüidade e como aquele que reivindicou escrever sob a direção de Deus (Êxodo 17:14; 34:27; Deuteronômio 31:9, 24; Atos 7:22). Nenhum outro autor da antigüidade foi assim identificado.
2. A unidade de conteúdo, estilo antiquado e gênero de palavras diferenciam os livros do Pentateuco de todos os outros do Antigo Testamento. Há uma continuidade óbvia de conteúdo e estilo em todos os cinco livros.
3. Cristo e os escritores do Novo Testamento afirmam ser Moisés o autor dos cinco livros conhecidos como "A Lei" (João 1:17; 5:47; 7:19; Romanos 10:5, 19).
4. Evidências arqueológicas dignas de total credibilidade confir-

mam hoje que houve atividade literária intensa antes de Moisés, pelo menos a partir da época de Abraão. *Isa 56:1-2*

5. Quase todas as tradições judaicas reconhecem, até os tempos modernos, a autoria de Moisés.
6. O reconhecimento de que Moisés usou no processo seletivo vários documentos antigos disponíveis é compatível com a inspiração divina, pois muitos outros escritores bíblicos admitiram essa prática (Lucas 1:1-3). *Quantos livros foram escritos?*

CENÁRIO HISTÓRICO**A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 1443 a.C., aproximadamente.**

1. Embora fosse possível Moisés escrever esse livro no exílio de quarenta anos em Midiã, é duvidoso que ele tivesse a motivação

Esboço de Gênesis**TEMA: A Obra de Deus na Criação e na Origem da Salvação**

I A HISTÓRIA PRIMITIVA DA RAÇA HUMANA	(1—11)
A. A Narrativa da Criação	1-2
1. Narrativa de toda a criação	1
2. Narrativa especial da criação do homem	2
B. A Narrativa da Queda	3-6
1. Entrada do pecado	3
2. Avanço do pecado	4-6
C. A Narrativa do Dilúvio	6-8
1. Causa do dilúvio	6
2. Vinda do dilúvio	7
3. Conseqüência do dilúvio	8
D. A Narrativa da Nova Geração	9-11
1. Novo começo com Noé	9-10
2. Nova rebelião em Babel	11
II A HISTÓRIA PATRIARCAL DA RAÇA HEBRAICA	12—50
A. A Vida de Abraão — Aliança Prometida	12-24
1. Princípio da fé na aliança	12-14
2. Teste da fé na aliança	15-21
3. Aperfeiçoamento da fé	22-24
B. A Vida de Isaque — Aliança transmitida	21-26
1. Nascimento e casamento	21-24
2. Bênção concedida	25-26
C. A Vida de Jacó — Aliança prosseguida	27-36
1. Bênçãos materiais conseguidas	27-30
2. Bênçãos espirituais malogradas	31-36
D. A Vida de José — Aliança exercitada	37-50
1. Treinamento por provações	37-40
2. Triunfo pela confiança	41-50

humana ou a inspiração divina para compor essa monumental obra literária. É mais provável que a tenha escrito num período subsequente à sua comissão divina junto à sarça ardente que fez dele um profeta de Deus.

- Gênesis foi provavelmente redigido durante a primeira parte da peregrinação pelo deserto, enquanto procurava instruir Israel sobre as verdades fundamentais divinas e o programa da aliança de Deus para com a nação.

B. EXTENSÃO HISTÓRICA DE GÊNESIS — 2369 anos

- A história de Gênesis começa com a criação do Universo e do homem e termina com a morte de José, o último dos patriarcas de Israel.
- O período de tempo está especificado na narrativa como sendo de 2369 anos, aceitando-se o texto hebraico massorético. (V. Cronologia do Livro de Gênesis.)

C. EXTENSÃO GEOGRÁFICA DE GÊNESIS

- A ação geográfica do livro é a do vale da Mesopotâmia, conhecido como o “berço” da raça humana, até o vale do Nilo no Egito, o berço da raça hebraica.
- Essa área, com uma configuração crescente, é chamada de “Fértil Crescente”. Três continentes convergem para o seu centro, tornando-a de muitas maneiras o “centro da terra”.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

- A religião, ou o relacionamento pessoal com Deus, figura proeminentemente em Gênesis. Antes do dilúvio, o monoteísmo prevalece quase universalmente. Os castigos divinos, por ocasião do dilúvio e da torre de Babel, foram motivados pela insolência e rebelião do povo. Na época de Abraão, a idolatria se tinha alastrado tanto na Caldéia como no Egito. A idolatria motivou o posterior castigo divino ao Egito.
- A ação religiosa de Gênesis 1-11 retrata os inevitáveis resultados do pecado no mundo, subjugando e corrompendo tudo o que toca. Começando com a independência e desejos egoístas, o pecado sai do coração e da vontade e atinge o lar, a família, os descendentes e a sociedade em geral. No dilúvio, Deus teve de quase destruir a raça humana a fim de salvá-la.
- Na história de Abraão e da sua aliança com Deus, o programa redentor divino é apresentado como a resposta do Criador ao dilema do homem no pecado. De um mundo emaranhado em idolatria (Josué 24:2), Deus selecionou Abraão como um homem de fé a fim de que fosse o recipiente da sua graça e das suas alianças, sendo que, através delas, o seu programa redentor seria executado.

Cronologia do Livro de Gênesis

NOME	DATA DO NASCIMENTO		IDADE QUANDO O FILHO NASCEU	ANOS VIVIDOS APÓS	IDADE AO MORRER	DATA DA MORTE	
	An. Hom.	a. C.				An. Hom.	a. C.
1 Adão	0	4173	130	800	930	930	3243
2 Sete	130	4043	105	807	912	1042	3131
3 Enos	235	3938	90	815	905	1140	3033
4 Caim	325	3848	70	840	910	1235	2938
5 Madael	395	3778	65	830	895	1290	2883
6 Jared	460	3713	162	800	962	1422	2751
7 Enoque	622	3551	65	300	365	987	3186
8 Matusalém	687	3486	187	782	969	1656	2517
9 Lameque	874	3299	182	595	777	1651	2522
10 Noé	1056	3117	500	450	950	2006	2167
DILÚVIO		1656	2517				
Jafé							
11 Sem	1558	2615	100	500	600	2158	2015
Cão							
12 Arfaxade	1658	2515	35	403	438	2096	2077
13 Selá	1693	2480	30	403	433	2126	2047
14 Héber	1723	2450	34	430	464	2187	1986
15 Pelegue	1757	2416	30	209	239	1996	2177
16 Reu	1787	2386	32	207	239	2026	2147
17 Serugue	1819	2354	30	200	230	2049	2124
18 Naor	1849	2324	29	119	148	1997	2176
19 Terá	1878	2295	70	135	205	2083	2090
Hará	1948	2225					
Naor							
20 Abraão	2008	2165	100	75	175	2183	1990
CHAMADO DE ABRAÃO		2083	2090				
21 Isaque	2108	2065	60	120	180	2288	1885
22 Jacó	2168	2005	91	56	147	2315	1858
23 José	2259	1914	?	?	110	2369	1804
(Nota: A aliança segue através de Judá, e não de José.)							
DESCIDA DE JACÓ AO EGITO		2298	1875				
(Nota: Os 430 anos “no Egito” foram considerados ou a partir de Abraão recebendo a aliança pela primeira vez, ou a partir da aliança sendo confirmada em 1875 a.C. V. Gênesis 12:1-3; 15:13; 46:2-4; Êxodo 12:40; Atos 7:6; Gálatas 3:17.)							
Moisés		2648	1525	—	—	2768	1405

* 1) Dados baseados no ano 1445 a.C., como data do êxodo (John Garstang [Foundations of Bible History (Fundamentos da História Bíblica)]; Gleason Archer, A Survey of Old Testament Introduction [Um Estudo da Introdução ao Antigo Testamento]), e 967 a.C. como data do princípio da construção do templo (Edwin R. Thiele, The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings [Os Números Misteriosos dos Reis Hebreus]); J. Barton Payne, An Outline of Hebrew History [Um Resumo da História Hebraica]) mais ou menos um ano, e 430 anos da permanência no Egito, desde a descida até o êxodo.

* 2) As genealogias de Gênesis parecem ser as únicas dentre as genealogias bíblicas em que cada elo é datado relacionando a pessoa à idade do seu pai. A compilação é planejada dessa maneira a fim de apresentar uma cronologia com base na leitura do texto de Gênesis. Admite-se que poucos eruditos modernos dariam a data do nascimento de Adão em 4173 a.C.. As datas são assim apresentadas como ponto inicial à interpretação do texto.

OBJETIVOS DO LIVRO DE GÊNESIS

- A. Seu objetivo histórico é proporcionar uma narrativa autêntica da origem nobre do homem ao ser criado por Deus, sua queda ignóbil no pecado, com as devidas conseqüências de corrupção e julgamento, e a introdução do reino de Deus e dos programas redentores na terra. A história é mais específica do que geral, sempre excluindo linhas colaterais a fim de traçar os programas da aliança e redenção.
- B. O seu objetivo teológico é salientar a soberania de Deus sobre toda a criação e enfatizar a responsabilidade do homem para com o Deus soberano. Reação positiva de obediência traz a graça e o livramento de Deus, sendo que a reação negativa de rejeição e rebeldia acarreta o julgamento divino.

ESBOÇO GENEALÓGICO DE GÊNESIS (“Estas são as gerações”, Heb. *Toledoth*)*

1. A Geração dos céus e da terra.	2:4 (desde 1:1)
2. A Geração de Adão.	5:1
3. A Geração de Noé.	6:9
4. A Geração dos filhos de Noé.	10:1
5. A Geração de Sem.	11:10
6. A Geração de Terá.	11:27
7. A Geração de Ismael.	25:12
8. A Geração de Isaque.	25:19
9. A Geração de Esaú.	36:1, 9
10. A Geração de Jacó.	37:2

* Observe o movimento das linhas colaterais para a linha redentora.

Contribuições Singulares de Gênesis

1. **A SOBERANIA DE DEUS.** A afirmação inicial da Bíblia apresenta Deus como o “Criador” soberano de todas as coisas. Sua existência é admitida como a fundação incontestável de toda a verdade, não se fazendo necessário apresentar provas dela, pois nesse particular ninguém teria autoridade suficiente para julgar o assunto. Quem assim proceder declara-se insensato (Salmo 14). Como Criador soberano, ele não dá satisfação a ninguém, mas exige respeito e obediência de todos os seus súditos. Nada revela sobre a sua origem ou passado; apenas surge da eternidade misteriosa para iniciar a sua obra de criação. Como Criador, é chamado de “Elohim” no capítulo 1, enfatizando a sua grandeza ou plenitude, bem como sugerindo a Trindade. Sua soberania é a grande tônica do livro.

2. **ÚNICO REGISTRO AUTÊNTICO DO INÍCIO.** Apesar de terem sido achados vários documentos antigos com vagos relatos sobre a criação do homem, nenhum deles pode comparar-se, sequer remotamente, com o registro específico, simples e majestoso de Gênesis 1-2. O primeiro legislador e historiador de Israel dá instrução explícita com documentos disponíveis e inspiração divina referente à origem de todas as coisas essenciais à vida. Sem esse registro, não teríamos uma visão objetiva de como o mundo começou, de como as várias formas de vida tiveram início, da origem verdadeira do homem, de como o pecado entrou no mundo, de como as várias raças foram formadas, e por que os idiomas foram diversificados em vez de unificados. O mais antigo livro conhecido proporciona ao homem essas verdades absolutas.

3. **A ENTRADA DO PECADO.** Sem esse registro, seria difícil determinar a origem do pecado ou do mal. Gênesis demonstra claramente que o Criador não criou o pecado ou o mal. Ele surgiu de dentro do coração de Adão e Eva. A sua causa não foi um mau ambiente, nem a serpente ou o fruto da árvore do bem e do mal. Essas não foram as causas, mas a ocasião. A causa estava no uso egoísta da vontade humana de rejeitar a vontade soberana de Deus, desobedecendo-lhe.

Ao entrar no mundo, o pecado começou a multiplicar-se imediatamente. Isso é descrito em Gênesis 4-6. Do coração do primeiro casal passou ao lar, aos filhos e depois a toda a sociedade. O resultado é descrito em 6:11-12: “A terra estava . . . cheia de violência” e “todo ser vivente havia corrompido o seu caminho.”

O pecado não ficou inativo nem permaneceu apenas como um “defeito de menor importância”.

4. **O LIVRO DOS GRANDES JULGAMENTOS SOBRENATURAIS.** Do mesmo modo que o Apocalipse no final da Bíblia, Gênesis ressalta diversos julgamentos sobrenaturais: 1) a maldição como resultado da Queda; 2) o Dilúvio; 3) a confusão de idiomas em Babel; 4) fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra. A rebelião contra a vontade de Deus, rebelião que trazia corrupção, motivou cada julgamento. Os julgamentos retratam a intolerância de Deus para com o pecado e a rebelião. Em cada julgamento, porém, vinha a oferta divina de misericórdia e graça no caso de uma reação favorável. Deve-se notar que o Senhor preserva a conseqüência ou “os destroços” de cada julgamento com o fim de lembrar à terra que a sua ira é contra o pecado, mesmo nesta época de graça.

5. **O PROTO-EVANGELHO OU O “PRIMEIRO EVANGELHO”.** A entrada do pecado trouxe julgamento, mas trouxe também a promessa divina de redenção (3:15). Ele prometeu que o “descen-

dente” da mulher iria ferir a cabeça da serpente e a serpente iria ferir o seu calcanhar (referindo-se a Cristo e ao demônio, João 12:31-32; Apocalipse 12:9). É uma descrição resumida do reino de Deus e do plano de redenção. A morte de Cristo destruiu potencialmente Satanás e o seu reino, ao prover redenção aos descendentes de Adão e Eva. Esta primeira promessa divina é o “João 3:16” do Antigo Testamento, exortando à fé demonstrada pelo derramamento do sangue animal.

6. A ALIANÇA ABRAÂMICA. A história de Abraão e sua aliança com Deus é a parte mais importante de Gênesis. Os primeiros onze capítulos retratam o “dilema do homem” ou o progresso do pecado, e os últimos trinta e nove retratam o “livramento de Deus” ou a promessa de salvação. Essa promessa com os seus quatro elementos é chamada de aliança abraâmica, e é o fundamento de todo o futuro programa divino para a humanidade. Deus prometeu a Abraão que traria bênçãos pessoais, nacionais, territoriais e espirituais através da sua “Semente”. A vida de Abraão é uma história da dádiva da aliança. Numa série de seis encontros com o patriarca, “Javé” (Deus da aliança) 1) estabeleceu a aliança (12:1-3); 2) confirmou-a (12:7); 3) ampliou-a (13:14-17); 4) ratificou-a num ritual (15:8-18); 5) simbolizou-a (17:10); e 6) acrescentou o seu juramento (22:16-18). Garantida apenas por Deus, não podia ser anulada pelas falhas de Abraão ou da sua descendência.

Apesar de parcialmente cumprida na história de Israel, e cumprida espiritualmente na primeira vinda de Cristo, o cumprimento absoluto de todos os seus elementos aguarda a segunda vinda do Senhor, que é o “descendente” de Abraão (Gálatas 3:16).

7. CRISTOLOGIA EM GÊNESIS. Esse livro dos princípios também antecipa a vinda de Cristo. Mesmo veladas à mente secular, essas referências sutis alertam os crentes para aquele que cumprirá a promessa final. Essas referências cristológicas aparecem na forma de profecias ou de tipos velados.

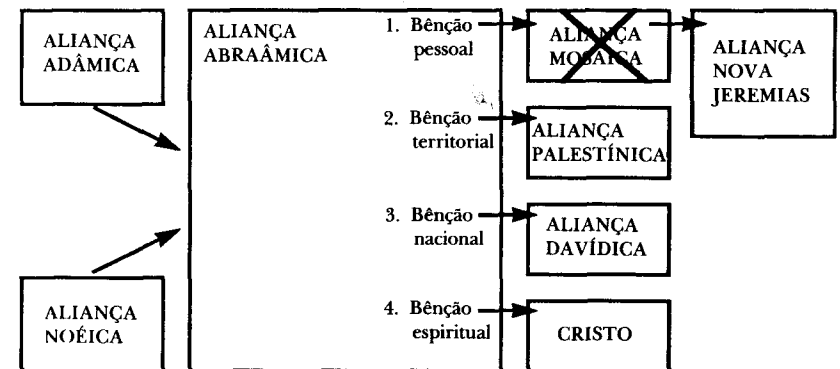
Profecias Específicas

- O “descendente” da mulher no protótipo do evangelho (3:15). Um Filho de Eva (ou Maria) viria fatalmente ferir e ser temporariamente ferido pela “serpente” ou Satanás (Gálatas 4:4).
- A “semente” de Abraão na aliança abraâmica (12:3). Um descendente de Abraão viria abençoar todas as nações com a oferta da justificação pela fé (Atos 3:25; Gálatas 3:7-9).
- Um “Leão” da tribo de Judá seria levantado como o Soberano do mundo (Gênesis 49:9—10; Apocalipse 5:5).

As Alianças da Bíblia: Deus Delineia o seu Programa

AS ALIANÇAS SEMINAIS	<p>ALIANÇA ADÂMICA — Deus promete redimir a humanidade através da semente da mulher. (Gênesis 3:15).</p> <p>ALIANÇA NOÉICA — Deus promete não mais destruir a terra por águas (Gênesis 9:1-17).</p>
O PACTO CENTRAL	<p>ALIANÇA CENTRAL ABRAÂMICA — Quatro promessas de bênçãos a Abraão e através dele. (Gênesis 12:1-7)</p> <ol style="list-style-type: none"> Bênção pessoal — um grande nome. Bênção territorial — vasta extensão de terra prometida à sua “semente”. Bênção nacional — uma grande nação. Bênção espiritual — todas as nações seriam abençoadas na semente de Abraão.
AS ALIANÇAS ESPECÍFICAS	<ol style="list-style-type: none"> ALIANÇA MOSAICA — Bênçãos pessoais prometidas a Israel sob condição de obediência. (Êxodo 20-23) ALIANÇA PALESTÍNICA — A terra da Palestina é prometida a Israel para sempre, mas a permanência nela fica sob condição de obediência. (Deuteronomio 28-30) ALIANÇA DAVIDICA — O trono de Israel prometido como posseção perpétua. (2 Samuel 7:10-16) ALIANÇA ESPIRITUAL — A “Justificação pela Fé” oferecida através da Semente de Abraão (Gálatas 3:8).
ALIANÇA SECUNDÁRIA	<p>NOVA ALIANÇA COM JEREMIAS — Estabelecida a fim de substituir a aliança mosaica no que diz respeito às bênçãos pessoais na nova dispensação em Israel. (Jeremias 31:31-34)</p>

ALIANÇAS BÍBLICAS CORRELACIONADAS



Tipos velados

Assim como as profecias foram designadas para a presciência do Antigo Testamento, os tipos o são especialmente para a percepção posterior do Novo Testamento, de maneira retrospectiva (1 Coríntios 10:6, 11).

- a. *Adão* tipificou Cristo como o cabeça da raça; um só dos seus atos afetou toda a raça humana. Como “em Adão” todos morreram, também “todos serão vivificados em Cristo” (Romanos 5:12; 1 Coríntios 15:21-22).
- b. *Abel* tipificou Cristo pelo seu “mais excelente sacrificio” de sangue (Gênesis 4:4; Hebreus 11:4).
- c. *Melquisedeque* tipificou Cristo como o Sumo Sacerdote especialmente designado por Deus, sendo também um Sacerdote-Rei (Gênesis 14:18-20; Hebreus 7:1).
- d. *Isaque* tipificou Cristo como a longa esperada “semente”, na sua submissão no altar do sacrificio, e no recebimento da noiva de um país distante (Gênesis 21, 22, 24). (Isto está inferido no Novo Testamento, e não afirmado diretamente.)
- e. *José* tipificou Cristo de muitas maneiras: resistindo ao mal, sendo traído pelos irmãos, e amado pelo pai, sofrendo pelos pecados de outros, tomando uma esposa gentia quando estava no exílio, e finalmente tornando-se soberano do mundo depois de redimir os seus irmãos (Atos 7:9-13).

O Livro de Êxodo

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “We’elleh Shemoth” devido à sua primeira frase: “São estes os nomes.”
2. Os tradutores da Septuaginta chamaram-no de “Êxodo” (saída) devido ao fato de seu tema central tratar das ações redentoras de Deus para com o seu povo.

B. AUTOR

Como em Gênesis, a autoria de Moisés é confirmada pela estreita conexão e unidade com os livros restantes do Pentateuco. Neste livro, entretanto, Moisés coloca-se como o centro de todas as ações (17:14; 24:4; 25:9; 36:1).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 1440 a.C. aproximadamente.

Se Moisés escreveu Gênesis nessa data, deve tê-lo feito durante a primeira parte da sua peregrinação com o povo judeu pelo deserto de Cades-Barnéia.

B. DATA DO ÊXODO — 1445 a.C., aproximadamente.

Além desta, outra data também é defendida pelos estudiosos do Antigo Testamento: 1290 a.C.

1. Esta última data (1290 a.C.) é hipotética. Está baseada na teoria de que Ramessés II (1292-1234) construiu as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés no Delta. Porém, esse ponto de vista está em desacordo com a ocupação de Jericó e Canaã no final do século 15. (Veja Leon Wood, *A Survey of Israel's History* [Um Estudo da História de Israel] ou Gleason Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* [Um Estudo da Introdução ao Antigo Testamento], para refutação convincente desse ponto de vista.)

2. A data anterior (1445) é a preferida pelas seguintes razões:
- 1 Reis 6:1 coloca o êxodo 480 anos antes de Salomão começar a construir o templo, o que está fixado em 967 a.C.
 - Juizes 11:26 coloca a conquista da Transjordânia 300 anos antes da época de Jefté (que viveu ao redor de 1100 a.C.).
 - Atos 13:17-20 dá o período aproximado do êxodo a Samuel como sendo de 450 anos. Samuel morreu por volta de 1020 a.C.
 - A data que o arqueólogo John Garstang deu para a queda de Jericó é a que conta com o maior número de apoiadores, embora tenha sido posta em dúvida por Kathleen Kenyon. (Por exemplo, nenhum sepultamento em Jericó poderia ter uma data posterior a 1375 a.C.)
 - Se aceitarmos 1290 como a data do êxodo, seremos forçados a admitir a ocorrência desse evento entre essa data e 1210, pois a tribulação e a construção das cidades começaram antes de Moisés nascer, oitenta anos antes do êxodo. Todavia, isso é impossível de ser historicamente demonstrado até mesmo por aqueles que advogam aquela data.
 - O nome “Ramessés” deriva do deus-sol “Ra”, e é provável que tenha sido usado muito antes do nascimento desse Faraó popular e forte.

C. A VIDA DE MOISÉS — Três períodos de quarenta anos.

- Os primeiros quarenta anos de sua vida Moisés passou no lar dos seus pais e no palácio do Faraó. Nascido em Gósen mais ou menos em 1525 a.C., foi o segundo filho de Anrão e Joquebede, da tribo de Levi. No lar paterno Moisés recebeu a sua formação religiosa, e na corte do Faraó adquiriu conhecimento intelectual e político, além de treinamento militar.
- Os segundos quarenta anos passou exilado em Midiã, fugindo do Faraó, meditando e trabalhando como pastor. Casou-se com Zípora, filha de Jetro, o sacerdote, e nasceram-lhe dois filhos, Gérson e Eliezer (Êxodo 18:34).
- Os últimos quarenta anos de sua vida ele os viveu no Egito e no deserto, na condição de primeiro líder de Israel. Serviu ao Senhor como profeta, sacerdote e rei, muito antes de esses cargos serem estabelecidos entre os judeus. Ensinou a todos como um profeta; como um sacerdote intercedeu por eles quando caíram na idolatria e, como líder, retirou-os da servidão e os organizou como o povo da Aliança de Deus.

D. GEOGRAFIA DO EGITO

O Egito antigo consistia em duas partes: Baixo Egito, com a larga

região do Delta, e o Alto Egito, com sua estreita faixa de terra (mais ou menos 19km de largura) ao longo do rio Nilo, numa extensão de quase 966 quilômetros para o sul. Estava isolado de outros países pelos desertos, mar e cataratas da parte mais alta do rio. Devido ao fato de quase não chover naquela região, o Egito dependia inteiramente do Nilo. Este recebia água de diversos rios e lagos do interior da África. Em setembro, o Nilo transbordava, irrigando e fertilizando o vale com

Esboço de Êxodo

TEMA: Redenção e Organização de Israel como Povo da Aliança

I A SAÍDA — ÊNFASE DO PODER DE DEUS	1—18
A. <i>Aflição de Israel no Egito</i>	1-11
1. Sua servidão e o preparo de Moisés	1-4
2. Pragas e endurecimento de Faraó	5-11
B. <i>Livramento de Israel</i>	12-15
1. Instituição da Páscoa	12
2. Partida apressada	13-14
3. Cântico de louvor em celebração	15
C. <i>Jornada de Israel até o monte Sinai</i>	16-18
1. Poder do Senhor para prover	16-17
2. Poder do Senhor para proteger	17
3. Conselho de Jetro: delegar tarefas	18
II A LEI — ÊNFASE DOS PRINCÍPIOS DE DEUS	19—24
A. <i>Aliança Proposta pelo Senhor</i>	19
B. <i>Mandamentos Espirituais e Morais</i>	20
1. Relacionamento prioritário do homem com Deus	
2. Relacionamento apropriado com o próximo	
3. Relacionamento sacerdotal de Moisés como mediador	
C. <i>Ordenanças Sociais e Cívicas</i>	21-23
1. Para dispensar misericórdia e justiça	21
2. Para respeitar os direitos de propriedade	22
3. Para suprir os pobres e os servos de Deus	23
D. <i>Aliança Aceita por Israel</i>	24
III O TABERNÁCULO — ÊNFASE DA PRESENÇA DE DEUS	25—40
A. <i>O Plano de Deus para o Tabernáculo</i>	25-31
1. Padrão dos móveis	25
2. Padrão da parte externa	26-27
3. Padrão para os sacerdotes e para o culto	28-31
B. <i>Punição de Deus para a Idolatria do Povo</i>	32-34
1. Idolatria de Israel e julgamento	32
2. Intercessão de Moisés e misericórdia de Deus	33
3. Injunção de Deus ao renovar a Aliança	34
C. <i>Presença de Deus no Término do Tabernáculo</i>	35-40
1. A congregação supre abundantemente	35
2. Os artífices constroem magnificamente	36-39
3. O Senhor desce numa nuvem de glória	40

os ricos depósitos e águas aluviais, o que tornava o país o “celeiro” do Oriente Médio. Sua posição isolada também contribuiu para a tranquilidade e o progresso pacífico da nação em muitos períodos da história.

E. POLÍTICA DO EGITO

1. A geografia atingiu grandemente a política egípcia. Dividido administrativamente em duas regiões, Norte e Sul, sua capital teve de ser mudada várias vezes, funcionando ora em Tebas (Nô-Amon), no Alto Egito, ao Sul, ora em Mênfis (Nofe ou Ramessés) ou Avaris, no Delta do Baixo Egito. O nome bíblico para o país dos Faraós é “Mizraim”, que significa “dois Egitos”.
2. Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.) designou Maneto, um sacerdote-historiador da corte, para que escrevesse a história do Egito como parte da atividade científico-literária daquele monarca. Desse modo, tornou-se a fonte principal de informação sobre o Egito antigo. Muitos outros documentos e placas de várias paredes e sepulturas têm sido usados por egiptólogos modernos para reconstruir a história, mas todos admitem que as datas ainda não são muito precisas, especialmente as mais antigas.

3. Os Faraós do tempo de Moisés:

Amosis I (1580-1558) não somente continuou a opressão dos combativos hicsos sobre o povo judeu, mas até aumentou-a, provavelmente devido à formação estrangeira de Israel e seu crescimento demográfico ameaçador.

Totmés I (1539-1514) ordenou a matança dos meninos na época em que Moisés nasceu.

A Rainha Hatshepsut (1504-1482), filha de Totmés I e esposa de Totmés II (1520-1504), usurpou o trono depois da morte deste, e foi provavelmente a filha de Faraó que adotou Moisés em 1525.

Foi de *Totmés III* (1504-1450) que Moisés fugiu para o deserto de Midiã (apesar de Hatshepsut, na época dessa fuga, ainda estar viva).

Amenófis II (1450-1426) foi o Faraó com quem Moisés se confrontou e a quem Deus mandou as pragas. O Faraó seguinte (Totmés IV) não era o seu herdeiro natural, mas um filho nascido mais tarde, o que sugere que o primogênito tenha morrido.

F. CENÁRIO RELIGIOSO DO EGITO

1. As Religiões do Egito

- a. Os egípcios antigos eram muito religiosos, adorando uma infinidade de divindades. Tinham deuses nacionais e locais,

além de fetiches relacionados a inúmeras manifestações da natureza. Eis alguns de seus deuses principais: Ra e Amom-Ra, deuses do sol. Osíris, deus do Nilo, adorado como senhor da fertilidade ou da vida. Hórus, também um deus do sol, representado por um falcão. Ptá, deus de Mênfis e dos artistas. Os egípcios acreditavam que em cada ser ou objeto da natureza habitava um espírito que tinha escolhido aquela forma para expressar-se. Essa idéia levou-os à adoração de animais como o gato, o touro, a vaca e o crocodilo.

- b. As divindades mais importantes tinham imensos templos. Os seus sacerdotes exerciam grande poder sobre o povo e os políticos egípcios. A circuncisão era um dos seus ritos mais notáveis.
 - c. Todas as religiões praticadas no Egito defendiam a crença na vida após a morte. Tal crença levou o povo egípcio a se preocupar, como nenhum outro, com os preparativos para o sepultamento. Os Faraós, os governadores e as pessoas ricas construíam grandes túmulos e monumentos com a finalidade de preservar suas múmias. Também guardavam ali os seus bens materiais que, na concepção deles, os acompanhariam na vida futura.
- #### 2. A Religião de Israel no Egito
- a. José exerceu grande influência espiritual sobre Israel até 1804 a.C., data da sua morte. Liderou espiritualmente aquele povo durante cinquenta e um anos. O isolamento em Gósen também contribuiu para proteger os israelitas da idolatria do Egito.
 - b. Houve, porém, uma época em que os descendentes de Jacó aderiram aos deuses egípcios, e a corrupção tomou conta de quase todos eles. Moisés não registrou esse fato, mas Ezequiel (20:6-10). Devido à idolatria e corrupção, o Senhor resolveu derramar sobre eles o seu furor. Só não o fez por fidelidade à sua Aliança com os patriarcas. Todavia, isso talvez explique a causa de Israel ter sido tão oprimido no Egito, excluindo-se os motivos políticos. Deus usou a opressão do Faraó como instrumento para derramar a sua ira sobre a conduta idólatra dos israelitas.
 - c. O ataúde de José, entretanto, era para Israel um lembrete contínuo da promessa de Deus de um dia tirá-los do Egito e levá-los de volta a Canaã.

OBJETIVO DO LIVRO DE ÊXODO

O principal objetivo de Êxodo é descrever como Deus livrou Israel da servidão e da idolatria no Egito, conduzindo-o a um lugar de

destaque na condição de povo exclusivamente seu, num relacionamento de aliança teocrática. Moisés preservou para o povo um registro do seu passado ignominioso, do livramento e redenção dados pelo Senhor através do seu poderoso braço, e do sangue de um cordeiro. Três grandes acontecimentos definem o objetivo didático do livro: a saída do Egito, a entrega da Lei e a construção do tabernáculo.

Contribuições Singulares de Êxodo

1. ORIGEM DA NAÇÃO DE ISRAEL. Este livro apresenta o antigo registro da origem e organização de Israel. Descreve o seu princípio ignominioso em terra estranha sob pesada e cruel servidão, o livramento divino de captos relutantes e a pronta organização do povo com um conjunto de leis espirituais, sociais e civis para o governo da comunidade.

2. PRIMEIROS MILAGRES DA BÍBLIA. Com exceção dos julgamentos sobrenaturais de Gênesis, as pragas do Egito são a primeira demonstração de milagres ou sinais sobrenaturais executados por homens. Essas pragas e a derrota infligida pelo Senhor ao exército egípcio no mar Vermelho retratam o Deus de Israel, Javé (Jeová) como um “Guerreiro” (Êxodo 14:14; 15:3). Foi esse um modo todo singular de Deus se manifestar ao mundo e ao seu povo. Outra intervenção divina resultou na vitória fora do comum de Abraão sobre os reis que haviam capturado Ló. Essas intervenções sobre-

Os Faraós do Egito Especialmente Relacionados com Israel

I O VELHO IMPÉRIO — Dinastias I-VI — 2850-2200 a.C., aproximadamente.

1. *Menés*, primeiro rei do Egito (2850, aproximadamente). Reinou em Tebas, no Alto Egito, segundo Maneto, o historiador-sacerdote egípcio, que escreveu em 280 a.C.
2. *Zoser* (2700, aproximadamente), da terceira dinastia, reinou em Mênfis e ali construiu a Pirâmide do Degrau, a primeira de uma série de sessenta, construídas de 2700 a 2200 a.C.
3. *Quefren* (2400, aproximadamente), da quarta dinastia, construiu a maior das pirâmides (quase 152 metros de altura) e o seu sucessor, *Khafre*, construiu a Esfinge.

II O IMPÉRIO INTERMEDIÁRIO — Dinastias VII-XI (2200-1900 a.C.)

III O FORTE MÉDIO IMPÉRIO — Dinastia XII (1900-1750 a.C.)

4. *Amenemá I* (1900, aproximadamente) começou a décima segunda dinastia em Tebas, mas reinou em Mênfis. Seu governo foi marcado por um período de grande desenvolvimento literário e comercial. A Síria e a Palestina estiveram parcialmente sob o governo egípcio nessa época.

5. *Senusert II* (1894-1878) e *Senusert III* (1878-1871) reinavam quando José esteve no Egito. Um deles fez do filho de Jacó primeiro-ministro e acolheu prazerosamente esse patriarca e sua família, instalando-os em Gósen. Construíram o primeiro canal entre o mar Vermelho e o Nilo, no Delta desse rio.

IV O SEGUNDO IMPÉRIO INTERMEDIÁRIO — Dinastias XIII-XVII (1750-1570 a.C., aproximadamente.)

6. O governo dos *hicsos* nas dinastias XV-XVI (1720-1550) era composto de reis pastores estrangeiros asiáticos. Governaram em Avaris, cidade localizada no Delta do Nilo. Ali estabeleceram um governo de força e introduziram no Egito o cavalo e o carro de guerra.

V O NOVO IMPÉRIO — Dinastias XVIII-XX (cerca de 1570-1150 a.C.).

7. *Amosis I*, da dinastia anterior (1580-1558), governando em Tebas, expulsou os hicsos. Embora a opressão a Israel tenha provavelmente começado com o domínio hicsos, os novos Faraós naturais do país a intensificaram, receosos diante da presença de uma nação estrangeira no Egito.
8. *Totmés I* (1539-1514) dilatou consideravelmente as fronteiras egípcias. Talvez tenha sido ele quem mandou matar todos os bebês masculinos de Israel, temendo o crescimento do povo.
9. *Rainha Hatshepsut* (1504-1482) era a filha de Totmés I. Ela usurpou o trono e iniciou um governo forte quando o seu meio-irmão e marido, *Totmés II*, morreu. Foi evidentemente a filha de Faraó que adotou Moisés.
10. *Totmés III* (1504-1450), embora não tivesse governado até 1482, talvez tenha sido o Faraó mais forte do Egito, conquistador e construtor. Grandemente ressentido com a usurpação de Hatshepsut, tentou apagar a memória desta. Tendo derrotado os hititas em Megido em 1482, governou desde a quarta catarata, ao sul, até o Eufrates. Foi provavelmente o Faraó de quem Moisés fugiu em 1585, apesar de a rainha Hatshepsut ainda viver naquela época.
11. *Amenófis II* (1450-1426) ocupou o trono do seu pai Totmés III com a idade de 18 anos. Alcançou êxito em todas as guerras que empreendeu. Reinava no Egito quando o Senhor enviou as pragas e tirou de lá o seu povo. O Faraó seguinte não foi o seu herdeiro natural, mas um filho que lhe nasceu mais tarde, o que sugere que o seu primogênito tenha morrido.
12. *Ramessés II* (1290-1224), um dos Faraós mais fortes dentre os dez Ramessés que reinaram no Egito durante dois séculos, venceu os hititas da Palestina. Muitas pessoas supõem que tenha sido ele o Faraó do êxodo.

VI O IMPÉRIO DECADENTE — Dinastias XXI-XXX (1150-332 a.C., aproximadamente.)

13. *Sesaque I* (ou *Sesonque I*) (945-924) iniciou a dinastia XXIII, que durou dois séculos. Foi o primeiro de diversos governantes líbios, estabelecendo a sua capital no Delta leste. Saqueou Jerusalém em 925 a.C.
 14. *Neco II* (609-593), da dinastia XXVI, foi o Faraó que matou o rei Josias em Megido por este ter-se oposto a ele e apoiado a Assíria na batalha de Carquemis (2 Crônicas 35:20-24). Logo após esse episódio, Nabucodonosor despojou o Egito de todas as suas possessões asiáticas.
 15. *Ptolomeu I* (323) iniciou a era Ptolemaica no Egito. Era um dos generais de Alexandre. Quando este imperador dividiu o Império Grego entre os seus principais auxiliares, coube a Ptolomeu o Egito.
-

naturais mostram que os milagres foram dados por Deus com o propósito básico de confirmar a sua Palavra através de um mensageiro. Sendo Moisés o primeiro escritor bíblico, foi ele também o primeiro a executar as obras miraculosas ao transmitir os mandamentos do Senhor.

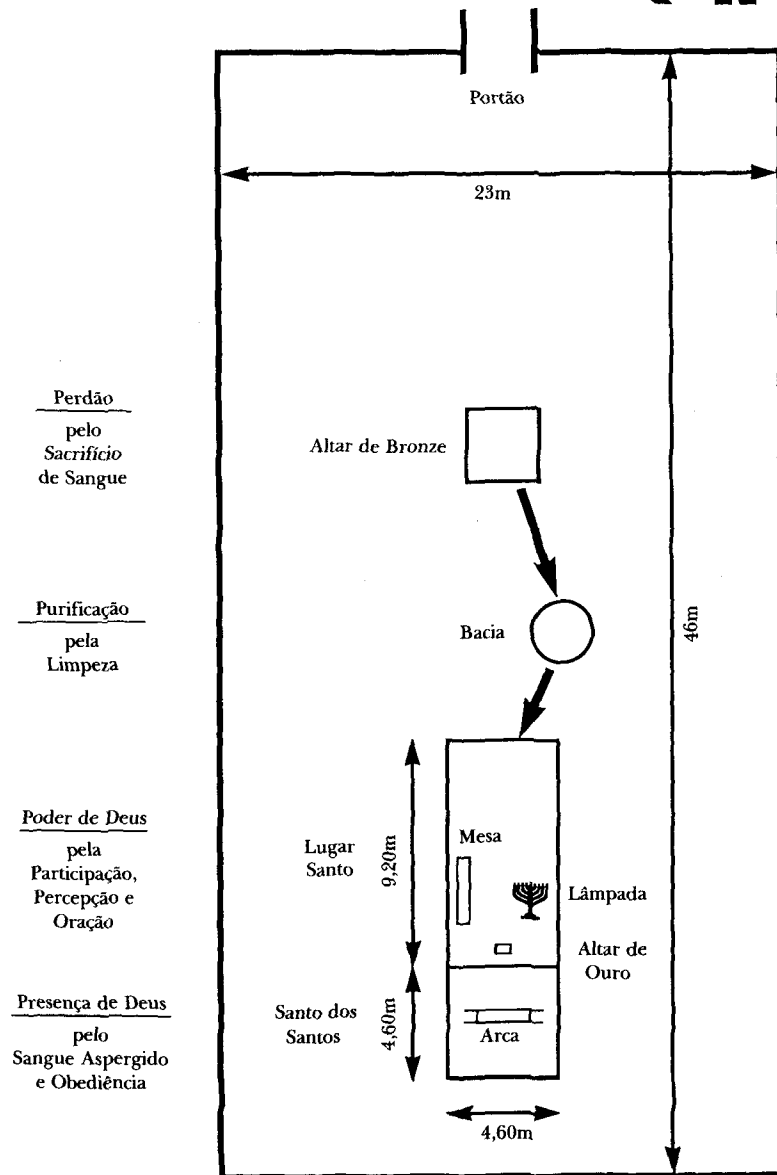
3. **INSTITUIÇÃO DA PÁSCOA.** Apesar das muitas festas e comemorações de Israel, nenhuma era tão importante quanto aquela que abria o ano religioso (em meados do primeiro mês), a Páscoa. Tinha ela três finalidades: 1) Comemorar a salvação e o resgate físico dos primogênitos pela morte de um cordeiro. 2) Lembrar a cada pessoa a necessidade de se alcançar redenção espiritual do pecado pelo sacrifício de um cordeiro substituto, indicando desse modo a provisão futura prometida por Deus na aliança abraâmica. 3) Ensinar-nos o significado da morte de Cristo, que desempenhou aquele tipo como o “Cordeiro de Deus” (João 1:29). Do mesmo modo que a Ceia da Páscoa foi o tipo da morte de Cristo, a Ceia do Senhor é um memorial que relembra o sacrifício feito pelo pecado da humanidade. O Cordeiro da Páscoa foi o maior tipo da redenção no Antigo Testamento.
4. **LEI MOSAICA E INSTITUIÇÃO DA ALIANÇA.** Nenhum documento escrito tem tido mais influência nas leis morais e judiciárias da sociedade do que a Lei de Moisés. Sendo ela eterna e temporária, devemos observar os seus dois objetivos fundamentais.
 - a. Foi dada para revelar *os princípios espirituais e morais de Deus* ao seu povo como um modo de vida apenas, e não como um meio de salvação. Esses princípios fundamentais da Lei tinham por objetivo revelar a santidade de Deus e a determinação de que o seu povo também deveria ser santo (Mateus 5:17; Romanos 3:31).
 - b. Era um acordo ou *plano de aliança* entre o Senhor e o seu povo. Como tal, era condicional e temporária, e um teste para se saber se o povo aceitava a Deus como o Senhor da aliança (Êxodo 19). Ela devia motivá-los para a santidade ao estabelecer uma base para a bênção ou a punição à medida que os judeus se tornavam uma nação teocrática (Deuterônimo 5:32-33). Como um “plano de aliança” de bênção e punição, a Lei Mosaica terminou na cruz quando Jesus se tornou o Sumo Sacerdote, pondo fim ao sacerdócio arônico e à lei correspondente (Hebreus 7:12). Jeremias anunciou que o Senhor faria uma nova aliança com Israel e Judá depois que a nação passasse por um período de grande aflição e a comunhão com Deus fosse restaurada (Jeremias 31:31-34; 32:37-41).

5. **INSTITUIÇÃO DO SÁBADO.** A observância do sábado, instituída para Israel pela primeira vez com relação ao maná em Êxodo 16:23-30, foi confirmada mais tarde como parte da Lei da aliança em Êxodo 20:8, e declarada um “sinal”, ou uma assinatura da aliança entre Israel e o Senhor em Êxodo 31:13, 17. (Veja também Ezequiel 20:12, 20.) Como um “sinal” ou exigência da aliança, devia continuar “através das gerações”, expressando a constante obediência à liderança do Senhor. Nesse sentido, a Lei Mosaica terminou na cruz, ao iniciar-se o sacerdócio de Cristo (Gálatas 3:19; Efésios 2:15; Hebreus 7:12). Como um princípio eterno, entretanto, as exigências do sábado continuam a lembrar o povo de Deus que o Senhor tem reivindicação sobre o tempo. Ninguém pode adorar e servir a Deus sem lhe ofertar liberalmente todas as suas horas. Embora a graça não requeira legalmente a guarda do sábado, sugere com amor que o oferecimento do nosso tempo ao Senhor é absolutamente essencial para a comunhão com Ele e para o recebimento da sua bênção (Hebreus 10:37).
6. **CONSTRUÇÃO DO TABERNÁCULO.** Israel permaneceu no monte Sinai até o final do primeiro ano, ocupado com a construção do tabernáculo designado por Deus. Do mesmo modo que a Lei retratava a santidade de Deus e a separação do homem por causa da desobediência, o tabernáculo retratava a graça de Deus, ao prover um lugar de encontro e comunhão pelo sacrifício de sangue. Para Israel, simbolizava a sua única aproximação a Deus através da figura de sacrifício, purificação e conduta na sua luz. Tipicamente, o tabernáculo retrata Cristo como a única maneira de o

O Senhor Revela-se em Êxodo

1. O “Eu Sou” da Sarça Ardente	(3) — Um Deus que Mantém Aliança
2. As Pragas	(8-12) — Um Deus de Punição
3. A Páscoa	(12) — Um Deus de Redenção
4. A Travessia do Mar Vermelho	(14) — Um Deus de Poder
5. A Jornada até o Sinai (fome, sede e guerra)	(16-17) — Um Deus de Provisão
6. A Lei	(19-24) — Um Deus de Santidade
7. Tabernáculo, Sacerdotes, Ofertas	(25-30) — Um Deus de Comunhão
8. A Punição Devido ao Bezerra de ouro	(32) — Um Deus de Disciplina
9. A Renovação da Aliança	(33) — Um Deus de Graça
10. A Vinda da Glória	(40) — Um Deus de Glória

O Significado Espiritual do Tabernáculo



homem aproximar-se de Deus. As diferentes peças de mobília descrevem, numa forma visual, os muitos propósitos cumpridos na vida e morte do Senhor, a fim de capacitar as pessoas a se aproximarem dele e terem comunhão com ele (Hebreus 9:1-14).

7. ANTEVISÃO DE CRISTO EM ÊXODO. Apesar de Êxodo não apresentar profecias claras acerca de Cristo, é farto em tipos que prefiguram a Pessoa e a obra do Salvador.

- a. Moisés tipificou Cristo de diversas maneiras: sacrificou a sua posição real a fim de libertar o povo (Filipenses 2:5-10; Hebreus 11:24-26); foi rejeitado pelo seu povo a princípio, tendo sido mais tarde recebido como libertador e governante (Atos 7:35); teve a posição singular de profeta, sacerdote e rei (Deuteronômio 18:15; Êxodo 24:6-8; Deuteronômio 33:4-5, respectivamente).
- b. Arão, o sumo sacerdote, tipificou Cristo em muitos aspectos do sacerdócio (Hebreus 5, 7).
- c. O cordeiro da páscoa foi, no Antigo Testamento, um notável tipo de Cristo como o Cordeiro de Deus, que derramou o seu sangue para a salvação (João 1:29; 1 Coríntios 5:7).
- d. Cristo declarou que o maná era seu tipo, dádiva gratuita dos céus a ser recebida pelo povo para sustento e vida espiritual (João 6:32,33, 58).
- e. O tabernáculo e os móveis tipificam com nitidez a obra de Cristo, a única que proporcionou ao homem uma aproximação de Deus.

(Ao aplicar os tipos do Antigo Testamento, devemos lembrar que, enquanto os simbolismos geralmente ensinam pela estrutura, o ponto de importância dos tipos é mais bem percebido nas funções ou propósitos intencionais.)

Nota: 1. O Tabernáculo simbolizava Israel aproximando-se adequadamente de Deus.
2. Tipificou a obra redentora de Cristo para trazer os pecadores a Deus.

O Livro de Levítico

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “Wayyiqra” devido à sua primeira frase “Chamou o Senhor”, que enfatizava o fato de Deus falar do santuário. Também referiam-se ao livro como “A Lei dos Sacerdotes”.
2. A Septuaginta chamou-o de “Levítico” (Leuitikon), devido à ênfase dada a esse sacerdócio (apesar de os levitas serem mencionados apenas em um texto: 25:32-33). Era um manual levítico para uso sacerdotal.

B. AUTOR

1. A autoria de Moisés é confirmada no próprio livro pelo fato de o texto declarar cinquenta e seis vezes: “Disse o Senhor a Moisés.” Nenhum outro livro da Bíblia tem uma confirmação tão acentuada da autoria mosaica como este.
2. É também um dos livros confirmados por Jesus como sendo de Moisés, conforme Mateus 8:4.
3. A frase inicial “Chamou o Senhor” mostra uma forte ligação entre Êxodo e Levítico. O Senhor, em Êxodo 40, começa do santuário a instruir a nação.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 1440 a.C., aproximadamente.

Moisés deve ter composto este livro logo depois do êxodo, durante os anos de peregrinação e relativa folga em Cades-Barnéia. Embora grande parte do seu conteúdo tenha sido recebida diretamente de Deus, a sua organização na forma que conhecemos deve ter tido lugar depois da revolta e do castigo de quarenta anos no deserto, vividos por “toda aquela geração que fizera mal aos olhos do Senhor” (Números 32:13).

B. PERÍODO DE TEMPO ENVOLVIDO — 30 dias, aproximadamente.

1. Moisés evidentemente deu essa legislação logo depois de levantado o tabernáculo em 1 de abril de 1444 a.C., e antes de o povo se pôr em marcha em 20 de maio (Êxodo 40:17; Números 10:11). Como os últimos vinte dias foram dedicados ao censo (Números 1:1), os acontecimentos de Levítico ocorreram provavelmente nos trinta dias do mês de abril (Abibe).
2. Durante esse tempo, os israelitas celebraram durante sete dias o primeiro aniversário da Páscoa e do Êxodo (Números 9:1-12). Os que estavam imundos por terem tocado o cadáver de um homem tiveram a permissão de celebrar a Páscoa um mês mais tarde.

Esboço de Levítico

TEMA: A Necessidade da Purificação e da Santidade para Aproximar-se de Deus

I	COMUNHÃO COM DEUS ATRAVÉS DAS OFERTAS RITUAIS	1—17
A.	Leis das Ofertas	1-7
1.	Ofertas de adoração (Holocausto, Alimento, Paz)	1-3
2.	Ofertas de restauração (Pecado e Transgressão)	4-6
3.	Instrução Especial	6-7
B.	Leis do Sacerdócio	8-10
1.	Consagração dos sacerdotes	.8
2.	Ministério dos sacerdotes	.9
3.	Transgressão dos sacerdotes	.10
C.	Leis Referentes ao Povo	11-16
1.	Comer apenas carne não-imunda	.11
2.	Manter corpos limpos	11-15
3.	Guardar o Dia da Expição	.16
D.	Leis Referentes ao Altar	.17
1.	Único lugar de sacrifício	
2.	Devia-se usar unicamente sangue sobre ele para a expiação	
II	COMUNHÃO COM DEUS ATRAVÉS DE UMA VIDA CORRETA	18—27
A.	Santidade Pessoal para Todo o Povo	18-20
B.	Exigências Severas para o Sacerdócio	21-22
C.	Designação das Festas Anuais	.23
D.	Respeito Contínuo pelo Nome do Senhor	.24
E.	Regulamentos Especiais para a Vida em Canaã	25-27

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Recém-saídos do Egito idólatra, os aproximadamente 2.500.000 israelitas passaram o primeiro ano nas montanhas desertas do Sinai. Os teólogos chamam esse ano de “teológico”, pois nele o povo recebeu uma quantidade enorme de verdades religiosas. Em vez de irem diretamente para Canaã, foram levados pela coluna de fogo e pela nuvem rumo ao sul para o Sinai. Antes de encontrarem o inimigo num conflito armado, precisavam de uma comunhão especial com o Senhor. Para que isso acontecesse, Deus proveu para eles comida, água, vestuário e saúde, a fim de afastá-los da idolatria e ensinar-lhes os caminhos e o caráter do Deus único e verdadeiro.
2. Havendo recebido a Lei e o tabernáculo, precisavam ser instruídos quanto à adoração e culto no santuário, e quanto à maneira de ter uma vida de santidade. Levítico provê essa instrução, especialmente para o ministério dos sacerdotes. Esclarece a maneira adequada de expiação pelo pecado e como deve ser feita a separação para o culto. A palavra “santo” aparece noventa e três vezes neste livro, e a palavra “expiação” cinquenta e uma vezes.

D. RELAÇÃO DE LEVÍTICO COM OS OUTROS LIVROS DE MOISÉS

1. Enquanto os outros livros tratam mais de história, Levítico refere-se quase somente a leis (com exceção dos capítulos 8-10). A sua legislação é primordialmente sobre ritos religiosos. Trata da organização espiritual do povo, como Êxodo e Números tratam da organização civil, social e militar. Sua frase-chave é “Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, *sou* santo” (19:2). A palavra “santo” significa “reservado” para o Senhor.
2. Levítico é o centro do Pentateuco, não só quanto à ênfase, mas também quanto à localização. Gênesis e Êxodo retratam a ruína do homem e a redenção da idolatria, servidão e morte. Números e Deuteronômio preparam a nação para o culto e a conquista. Levítico, porém, enfatiza a necessidade de adoração e comunhão com o Senhor. Entre o perdão de Êxodo e o poder de Números, faz-se necessária a pureza de Levítico. Adoração e comunhão são apresentados para preencher a lacuna, de maneira que a redenção possa ser adequadamente apresentada e o culto efetuado de maneira correta.

OBJETIVO DO LIVRO DE LEVÍTICO

Levítico tem o objetivo singular de convocar o povo de Deus para a santidade pessoal. Os muitos rituais são usados como auxiliares

visuais para retratar o Senhor como o Deus Santo e para enfatizar que a comunhão com o Senhor deve ser na base da expiação pelo pecado e vida obediente.

Contribuições singulares de Levítico

1. **MENSAGEM DIRETA DO SENHOR PARA ISRAEL.** Levítico difere do resto do Pentateuco por ser quase todo ditado pelo Senhor a Moisés em favor de Israel. Mais do que em qualquer outro livro da Bíblia, o Senhor se identifica em Levítico pela frase: “Eu *sou* o Senhor.” Ao falar do tabernáculo há pouco terminado, a primeira lição do Senhor para Israel foi sobre o tema “Santidade”. Desse modo, Deus identificou-se constantemente como o Senhor da aliança, ou “Javé”.
2. **PRINCÍPIOS DIVINOS DE SANTIDADE.** A palavra “santo” (*qodesh*) é usada em Levítico mais do que nos outros livros bíblicos. Significa “reservado”, mas neste livro é usada no sentido de “reservado para o Senhor”. Embora em Levítico o termo seja utilizado mais para coisas e lugares, é também empregado para descrever o Senhor (11:44 e ss.) e, com certa frequência, o povo do Senhor é instruído a “ser santo” (11:44 e ss.). É interessante notar que o Espírito Santo não é mencionado, mas talvez isto sirva para marcar a obra objetiva de Cristo nas ofertas como base da santidade. Essa santidade descrita não é um estado de espírito quanto à devoção. Ela significa apenas ser separado para Deus. Separado do que é profano. No capítulo 18, quando admoesta o povo a separar-se da imoralidade dos cananeus, o Senhor enfatiza pela primeira vez no livro a sua identidade (18:2-3). Por meio daquele povo estava o Senhor fazendo notório o seu santo nome entre as nações, e agora os descendentes de Abraão deviam santificar-se para Deus.
3. **INSTRUÇÃO DO SENHOR PARA ADORAÇÃO E COMUNHÃO.** A instrução do Senhor em Levítico não foi dada como um meio de salvação, mas de aproximação de Deus. A redenção foi tipificada no cordeiro da Páscoa, e não nas ofertas levíticas. Estas ensinam o povo de Deus como adorar, dar graças e restaurar a comunhão interrompida pelo pecado. Esse reencontro com o Senhor é apresentado como um relacionamento de amor que envolve duas coisas em um sacrifício: a oferta de um animal valioso e o derramamento de sangue. A primeira trata da oferta do crente a Deus, e a segunda da dádiva de Deus em expiação pelo pecado do homem. Como o amor sempre envolve a doação de si próprio, a comunhão com o Criador precisa ser sacrificial. O adorador não

chega a Deus de mãos vazias, como o pecador em busca da salvação. Ação de graças não pode ser compreendida ou oferecida sem “doação”.

4. LIVRO BÍBLICO DE DERRAMAMENTO DE SANGUE. Levítico fala de sangue noventa e três vezes, um número bem maior do que a palavra “santo”. Geralmente não colocamos esses dois termos lado a lado, pois a matança é repugnante, e não faz parte do nosso atual conceito de devoção. Todavia, nos tempos bíblicos matar um animal era coisa comum, tanto para uso doméstico como religioso. Devemos levar em conta o fato de que, pela sua natureza, a religião redentora tem de envolver “derramamento de sangue”, porque “é o sangue que fará expiação” pela alma (17:11). Deus introduziu essa verdade no mundo pela primeira vez quando ele falou a Adão e Eva após o pecado. Porém, é em Levítico que essa verdade aparece sistematizada, e define os diversos significados das ofertas típicas. Para Israel, as ofertas simbolizam verdades sobre adoração e comunhão. Para nós, tipificam muitos aspectos da oferta de Cristo, quando ele se tornou o tipo de todas as ofertas. Sem essas explicações de Levítico, os crentes do Novo Testamento talvez não compreendessem o significado da morte de Cristo na cruz. Cada crente deve, portanto, familiarizar-se mais e mais com o valioso material de Levítico.

Sistema Sacrifical de Ofertas do Antigo Testamento

I Origem e História das Ofertas no Antigo Testamento:

- Deus sacrificou animais para vestir Adão e Eva na ocasião em que fez a sua aliança redentora (Gênesis 3:15-21).
- A oferta de sangue de Abel foi aceita “pela fé” (Gênesis 4:4; Hebreus 11:4).
- Noé adorou a Deus com a oferta de animais limpos no mundo após o dilúvio (Gênesis 8:20).
- Abraão, Isaque e Jacó adoraram a Deus com ofertas (Gênesis 12:7; 26:25).
- Fazer ofertas era quase uma prática universal dos povos antigos.
- O Senhor apresentou um sistema de ofertas como a parte israelita da aliança.

II Importância das Ofertas no Antigo Testamento:

- Ofertas de sangue simbolizavam o princípio vicário de expiação do pecado através da doação da vida.
- Representavam arrependimento, fé, adoração e agradecimento a Deus.
- Constituíam religião em ação (Hebreus 11:4: “Pela fé Abel ofereceu. . .”).
- Reconheciam e confessavam o direito de Deus sobre a vida e bens do homem.
- Tipificavam vários aspectos da oferta “definitiva” de Cristo.

III. Significado das Ofertas Levíticas:

A Oferta	Símbolo para Israel	Tipo de Cristo
A OFERTA REDENTORA (Êxodo 12:1-13)		
<i>Cordeiro da Páscoa</i>	Redenção do pecado e morte através do sangue de um cordeiro.	A oferta de Cristo pelo pecado como o Cordeiro de Deus (João 1:29).
OFERTAS DE ADORAÇÃO (Levítico 1-3)		
<i>Ofertas Queimadas</i>	Dedicação da vida a Deus.	Cristo dedicou-se completamente a Deus (Hebreus 10:5-7).
<i>Oferta de Cereais</i>	Consagração da produção a Deus.	O corpo de Cristo apresentado a Deus como uma vida perfeita (Hebreus 10:5)
<i>Oferta de Paz</i>	Expressão de agradecimento a Deus por partilhar com ele e com os outros.	A oferta de Cristo provê paz com Deus (Efésios 2:14).
OFERTAS DE RESTAURAÇÃO (Levítico 4-7)		
<i>Oferta pelo Pecado</i>	Restauração à comunhão pelo sangue de um substituto.	A oferta de Cristo provê contínua renovação pela confissão (Hebreus 9:12, 26; 1 João 1:9).
<i>Oferta pelas Culpas</i>	Restituição pelos danos do pecado contra Deus e o próximo.	A oferta de Cristo perante Deus compensa o dano do pecado. (2 Coríntios 5:19)
OFERTAS CERIMONIAIS DE PURIFICAÇÃO (Levítico 14; Números 19)		
<i>Duas aves</i>	Purificação espiritual da contaminação de doenças físicas.	A oferta de Cristo purifica a contaminação das doenças (Hebreus 9:22).
<i>Novilha vermelha</i>	Purificação espiritual de contaminação fortuita.	A oferta de Cristo também purifica de contaminação fortuita (Hebreus 9:13,14).

5. AME SEU VIZINHO; AME SEU INIMIGO (19:18, 34). Levítico 19 costuma ser chamado de o “Sermão do Monte” do Antigo Testamento. Podia facilmente ser considerado um texto da autoria de Jesus, se bem que, de certa forma, nenhum texto bíblico está fora desta condição. Este livro representa o ponto alto do amor ao próximo no Antigo Testamento, amor ordenado por Deus em termos claros e concisos. Cada ordem é seguida por: “Eu sou o Senhor.” Jesus considerou essa ordenança como o segundo grande mandamento da lei de Deus (Mateus 22:39).

6. O GRANDE DIA DA EXPIAÇÃO DE ISRAEL — “YOM KIPPUR” (16). O décimo dia do ano novo (10 de Zicri), dia em que ocorre o ritual de “Yom Kippur”, foi considerado o mais santo do ano. Era reservado para o lamento pessoal de quaisquer pecados não confessados do ano anterior, realçado por uma cerimônia nacional que simbolizava aquela confissão e a obra de Deus em remover aqueles pecados através da oferta de dois bodes. A preparação para esse ritual exigia a oferta de um novilho para a cerimônia da purificação do sumo sacerdote a fim de que ele pudesse executar o santo dever de entrar na presença de Deus no Santo dos Santos. Lançavam-se sortes, e um bode era escolhido para ser sacrificado ao Senhor. Enviavam o outro para “Azazel” (ou destruição), como “bode expiatório”. O bode sacrificado simbolizava os “meios de expiação”, um substituto adequado, e o bode expiatório a “consequência da expiação”, a remoção dos pecados. Somente nesse dia do ano o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, uma vez por ele mesmo e uma pelo povo.

A palavra “expiação”, usada tão-somente no Antigo Testamento, significa literalmente “cobrir” (*kaphar*), e aparece cinquenta e duas vezes em Levítico. O simbolismo dos dois bodes cumpriu-se com a morte de Cristo na cruz: como “bode sacrificado”, Cristo com o seu sangue tornou-se propiciação (satisfação) perante Deus pelos nossos pecados, abrindo-nos o caminho até à presença dele. Como “bode expiatório”, ele se tornou o “Cordeiro de Deus”, tirando o pecado do mundo (João 1:29). Isaías 53 descreve a sua dupla missão. Até hoje os judeus observam com respeito essa data (o Dia da Expição) como o maior dia de “jejum” [Louis Finkelstein, *The Jews: Their History, Culture, and Religion* (Os Judeus: Sua História, Cultura e Religião), Vol II, p. 1783], e empregam toda ênfase no afastamento das animosidades sociais para renovar os laços de amizade. Tal atitude, é claro, enfatiza mais o resultado da expiação do que o processo.

7. O CALENDÁRIO SAGRADO ISRAELITA DOS “SÁBADOS”

(Levítico 23). Desde que a saída do Egito simbolizou o nascimento de Israel como nação, o mês daquele acontecimento (Nisã) tornou-se o primeiro do ano sagrado. Nesse calendário o número sete sobressai de diversas maneiras:

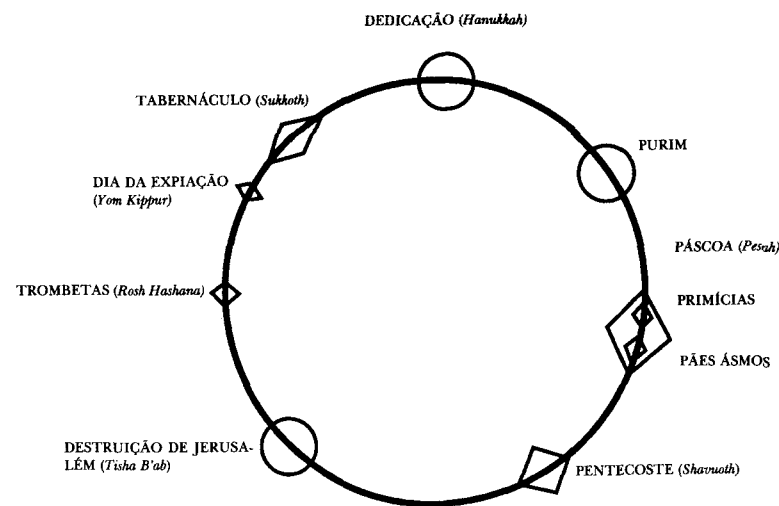
- | | |
|--|--|
| a. O sábado semanal | — sétimo dia; |
| b. A festa da Páscoa e o pão asmo | — sete dias de duração; |
| c. A festa do Pentecoste | — (ou sétima semana depois das Primícias); |
| d. A festa das Trombetas, Expição e Tabernáculos | — sétimo mês sagrado; |
| e. O Ano Sabático (de descanso) | — sétimo ano; |

f. O Ano Sabático do Jubileu

— sétima semana de (quinqüagésimo) anos antes do Jubileu.

Embora esses sábados tivessem objetivos físicos e sociais, o seu propósito maior era dar ênfase ao relacionamento da aliança pelo encontro com o Senhor da aliança, e reflexão sobre a lei e as promessas.

Calendário Hebraico das Festas Sagradas



- = Festas levíticas
○ = Comemorações judaicas posteriores

Observe os objetivos históricos das festas

- | | |
|--------------|---|
| 1. Político | — Manter a nação unida por meio de convocações regulares. |
| 2. Social | — Renovar amizades nas festas da colheita. |
| 3. Religioso | — Adorar o Deus da aliança e lembrar o relacionamento com ele baseado na aliança. |

Observe o cumprimento das festas típicas

- As festas da primavera foram cumpridas na morte e ressurreição de Cristo e no nascimento da Igreja como as primícias do Pentecoste.
- As festas do outono ainda estão para ser cumpridas tipicamente quando Israel reunir-se novamente no princípio do seu “novo ano”; quando tiver o seu período de lamentação e purificação espiritual; e quando começar o milênio de bênçãos.

8. TIPOS DE CRISTO EM LEVÍTICO. Este livro sacerdotal obviamente prefigura Cristo na sua obra como sumo sacerdote da nossa salvação. Do mesmo modo que Melquisedeque tipificou a pessoa de Cristo, Arão tipificou a obra do nosso Salvador, que é retratada em Levítico:

- a. Função oficial de Arão: oferecer ofertas pelo pecado e interceder pelos pecadores. Do mesmo modo Cristo ofereceu-se a si mesmo na cruz pelo pecado, e em seguida entrou na presença de Deus para interceder pelo seu povo (Isaías 53:12).
- b. Ofertas de Arão em três espécies:
 - 1) O cordeiro da Páscoa tipificou Cristo como substituto para prover redenção ou livramento da morte.
 - 2) As cinco ofertas de adoração e reparação tipificaram a oferta da própria vida e morte de Cristo para prover comunhão perfeita com o Pai, bem como paz e alegria entre o seu povo.
 - 3) Os dois bodes do Dia da Expição retratam o assunto “pecado” solucionado com perfeição por Cristo, que pagou o preço do julgamento do pecado e removeu-o para um lugar de destruição.

Festas Sagradas de Israel e o seu Significado

O propósito divino nas festas de Israel era o de trazer o elemento *tempo* para o círculo de adoração. Eram os “encontros” do Senhor com Israel para comunhão, instrução e reflexão sobre o relacionamento e as responsabilidades da aliança. Vem a seguir um sumário das datas e funções específicas:

- 1. O Sábado Semanal** — Observado em Levítico 23:3 para introduzir as festas anuais.

<i>Objetivo:</i>	Dar descanso ao homem e animais e prover um período especial para Israel lembrar-se do Senhor que guarda a aliança.
<i>Ritual:</i>	Abster-se de todo o trabalho. Os sacerdotes deviam fazer as ofertas diárias em dobro e apresentar novos pães da proposição no tabernáculo.
<i>Tipo:</i>	Tipificava os crentes descansando na obra concluída de Cristo (Hebreus 4:1-10).
- 2. A Festa da Páscoa e a dos Pães Asmos** — dia 14, e de 15 a 22 de Abibe.

<i>Objetivo:</i>	Lembrar o livramento da servidão e morte no Egito e o fato de o Senhor tê-los aceitado como seus “primogênitos”.
<i>Ritual:</i>	Reunir todos os homens em frente ao tabernáculo. Com as casas sem fermento, um cordeiro sem mácula seria sacrificado e comido pela família.

<i>Tipo:</i>	O cordeiro sacrificado tipificou a morte vicária de Cristo pelo pecado; o pão asmo, sua vida sem pecado, da qual os crentes se alimentam, em reflexão.
--------------	--

- 3. Festa das Primícias** — 16 de Abibe (segundo dia dos pães asmos; originalmente no domingo).

<i>Objetivo:</i>	Dedicar ao Senhor toda a colheita da terra em que habitavam.
<i>Ritual:</i>	Os molhos das primícias, selecionados no décimo dia, eram movidos em oferecimento ao Senhor no dia 16. (Mais tarde os grãos passaram a ser também colhidos.)
<i>Tipos:</i>	As primícias tipificavam a ressurreição de Cristo como as primícias da ressurreição dos crentes (1 Coríntios 15:20, 23).
- 4. Festa do Pentecoste (semanas)** — 6 de Abibe (domingo).

<i>Objetivo:</i>	Agradecer a colheita da cevada, dedicar a próxima colheita do trigo e lembrar o livramento da escravidão do Egito.
<i>Ritual:</i>	Reunir os homens em frente ao tabernáculo; apresentar ao Senhor dois pães levedados (como alimento diário), e mostrar liberalidade para com o pobre.
<i>Tipo:</i>	Os dois pães tipificavam a dupla colheita do Espírito, das primícias da igreja e mais tarde de Israel (Tiago 1:18; Apocalipse 14:4).
- 5. Festa das Trombetas** — 1 de Tishri (mais ou menos em outubro)

<i>Objetivo:</i>	Marcar o início do ano civil e alertar a nação para o início do mês sagrado, com suas importantes atividades.
<i>Ritual:</i>	As trombetas soavam por muito mais tempo e com som mais alto do que nas outras luas novas.
<i>Tipo:</i>	A nova reunião de Israel antes do dia de lamentação e regozijo milenário.
- 6. Dia da Expição** — 10 de Tishri (mais ou menos em outubro; originalmente numa sexta-feira).

<i>Objetivo:</i>	Expiar quaisquer pecados ainda não expiados e simbolizar a eliminação divina desses pecados, purificando assim a nação por mais um ano.
<i>Ritual:</i>	Chorar e afligir as suas almas; o sumo sacerdote oferecia um novilho e dois bodes, um bode para simbolizar a expiação e outro para levar sobre si todas as iniquidades do povo.
<i>Tipo:</i>	Tipificava Cristo, que expiou todos os nossos pecados, pagando por eles e levando-os sobre si (Hebreus 10:23-26).
- 7. Festa dos Tabernáculos** — 15-22 de Tishri (em outubro, originalmente em duas quartas-feiras).

<i>Objetivo:</i>	Comemorar a peregrinação de Israel pelo deserto e o cuidado que Deus lhes dispensou; regozijar-se com a colheita do ano que passou, e cumprir os votos de ofertas voluntárias e de agradecimento feitos durante o ano.
<i>Ritual:</i>	Habitar em tendas de ramos; cumprir os votos do ano anterior; alegrar-se com os frutos e o agitar de ramos; os sacerdotes apresentavam ofertas especiais durante sete dias.
<i>Tipo:</i>	Tipificava a alegria e a paz milenária de Israel após a sua purificação (Zacarias 14).

O Livro de Números

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “Wayyedabber” (“falou o Senhor”), ou mais frequentemente “Bemidbarth” (“no deserto”), devido ao seu primeiro versículo.
2. Os tradutores gregos chamaram-no de “Números” (Arithmoi), devido ao censo registrado nos capítulos 1-3 e 26.

B. AUTOR

1. A autoria de Moisés é confirmada no próprio livro por sua estreita conexão com Levítico e Deuteronômio, pelas inúmeras afirmações de que “o Senhor falou a Moisés”, e pelo fato de o Senhor ter ordenado ao legislador que o escrevesse (Números 33:2).
2. Jesus e os apóstolos relacionaram Moisés com os acontecimentos de Números em muitas ocasiões (João 3:14; 1 Coríntios 10; Hebreus 3; 4; 10:28) e Jesus referiu-se a Moisés como sendo o autor do Pentateuco (João 5:46).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — Concluído em 1405 a.C.

B. PERÍODO DE TEMPO ABRANGIDO — 1444-1405 a.C.

1. Números começa com a ordem dada pelo Senhor em 1 de maio de 1444 a.C. para se fazer o recenseamento do povo, e termina com uma assembléia às margens do Jordão, pouco antes da morte de Moisés. A data de 14 de abril para a segunda páscoa é dada retroativamente a fim de explicar a data opcional para os que celebraram a páscoa mais tarde (Números 9).

2. A duração total dos acontecimentos de Números é de 38 anos e 9 meses, em quatro períodos:
 - a. Recenseamento e preparo para a marcha (1-10) 20 dias
 - b. Jornada até Cades-Barnéia; missão de espionagem (11-14) 70 dias
 - c. Peregrinação no deserto em torno de Cades (15-20) 38 anos, 1 mês
 - d. Jornada em torno de Edom até as campinas de Moabe (21-36) 5 meses
3. Veja a cronologia das jornadas de Israel pelo deserto (para as datas específicas dos acontecimentos).

Esboço de Números

TEMA: Preparativos Para o Serviço na Rota do Sinai ao Jordão

I ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO	1—10
A. Primeiro Censo e Deveres	1-4
B. Leis de Pureza e Separação	5-6
C. Preparativos Finais para o Início da Marcha	7-10
II ANARQUIA DA PRIMEIRA GERAÇÃO	11—20
A. Rebelião de Israel e Rejeição de Deus	11-14
1. O povo despreza o maná	11
2. Miriã e Arão desafiam a Moisés	12
3. Israel recusa-se a entrar em Canaã	13
4. O Senhor condena aquela geração	14
B. Peregrinações de Israel durante 38 anos	15-20
1. Admoestação contra os pecados de arrogância	15
2. Julgamento da rebelião arrogante de Israel	16
3. Desafio arrogante à autoridade de Arão	17-18
4. Pecado arrogante de Moisés e Arão junto à rocha	20
III REORGANIZAÇÃO DA SEGUNDA GERAÇÃO	21—36
A. Vitórias a caminho do Jordão	21-24
1. Vitória militar sobre os inimigos pagãos	21
2. Vitórias espirituais sobre Moabe e Balaão	22-24
B. Conflito com os midianitas e vitória	25-31
1. Idolatria e imoralidade em Baal-Peor	25
2. Segundo censo e elaboração de várias leis	26-30
3. Midianitas destruídos como exemplo de vitória	31
C. Preparativos finais para a entrada em Canaã	32-36
1. Duas tribos e meia estabelecidas na Transjordânia	32
2. Retrospectiva da jornada e incumbência	33
3. Instruções para a divisão da terra	34-36

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Este livro trata de duas gerações de Israel: a primeira havia saído do Egito, e a segunda estava para entrar em Canaã. A primeira tinha visto grandes milagres executados por Moisés, e recebera a lei de maneira também miraculosa. Seus componentes foram, entretanto, destruídos por desobediência e rebelião. A segunda geração cresceu conhecendo a lei e recebendo diariamente o maná, e estava familiarizada com o fato de Deus ter destruído, devido à corrupção, todos os habitantes do lado leste do Jordão.
2. Quando a primeira geração pôs-se em marcha deixando o Sinai, o humor do povo começou a piorar paulatinamente. Surgiram queixas sobre o maná e falta de gratidão pela provisão de Deus. Até na própria família de Moisés o ciúme e a disputa tiveram de ser julgados por Deus. Depois da grande rebelião em Cades-Barnéia, a congregação e muitos líderes continuaram em rebelião, até que toda a primeira geração morreu. Até a Moisés, considerado rebelde no fim do período, foi negada a entrada em Canaã.
3. Os dois grandes pecados de toda a assembléia no deserto ocorreram no Sinai e em Cades, ambos cometidos pela primeira geração. O primeiro foi a idolatria, e o segundo a rebelião. Todos os dois ocorreram em agosto, em 1445 e 1444. Ambos precederam grandes dádivas de Deus: a Lei Mosaica e a terra de Canaã. Depois do primeiro e do segundo pecados, manifestou-se a ira de Deus bem como a sua resolução de destruí-los. Após cada pecado, Deus demonstrou ira e misericórdia, perdoadando-os sempre com base na sua aliança com Abraão e manifestando a sua misericórdia para com eles.
4. Após o funeral de Arão, começou um novo período com um novo sumo sacerdote, Eleazar. À nova geração tinham de ser ensinadas muitas das lições recebidas pela primeira, lições sobre murmuração, descrença e idolatria. O novo período começava com o Senhor mostrando-lhes grandes vitórias na Transjordânia.
5. Apesar de terem recebido a Lei e o sistema levítico, é duvidoso que tenham guardado todos aqueles regulamentos no deserto. A prova disto é o fato de que o requisito da circuncisão só foi observado após a travessia do Jordão (Josué 5:5).

OBJETIVO DE NÚMEROS

O objetivo de Moisés em Números foi preservar um registro da paciência de Deus para com o povo que ele escolhera, e demonstrar que a redentora misericórdia divina não impediu que ele os castigasse

severamente por causa dos pecados deles. Não obstante tê-los redimido graciosamente, ele não os libertou para uma vida fácil, permissiva e independente. Antes, salvou-os para a disciplina, o serviço e a

Cronologia das jornadas de Israel no deserto

Livro	Acontecimento	Data a.C.	Referência
ÊXODO (onze meses e meio)	Instituição da Páscoa no Egito	14-4-1445	Êx. 12:6
	Partida de Ramessés, Egito	15-4-1445	Êx. 12:18 Núm. 33:3
	Travessia do mar Vermelho	18-4-1445	Núm. 33:8
	Chegada ao deserto de Sim	15-5-1445	Êx. 16:1
	Chegada ao monte Sinai Ano Teológico no Sinai Término do tabernáculo e a vinda da Glória	1-6-1445 1-4-1444	Êx. 19:1 Êx.40:17
LEVÍTICO (meio mês)	Legislação levítica dada do tabernáculo pelo Senhor	1-14-1444	Levítico 1:1
NÚMEROS (trinta e oito anos e oito meses e meio)	Segunda celebração da Páscoa no Sinai	14-4-1444	Núm. 9:1
	Primeiro censo de Israel	1-5-1444	Núm. 1-3
	Ordem das tribos no acampamento		
	Partida do monte Sinai	20-5-1444	Núm. 10:11
	Chegada a Cades-Barnéia depois de vinte e uma paradas.	20-6-1444	Num. 12: 33 Deut. 1:2
	Atraso de sete dias em Hazerote devido à lepra de Miriã		
	Rebelião em Cades-Barnéia e promessa de morte para aquela geração (trinta e oito anos de peregrinação no deserto)	1-8-1444	Núm. 14
Reunião em Cades-Barnéia	4-4-1406	Núm. 20:1-13	
Morte de Miriã		Núm.	
Desobediência de Moisés e Arão			
Morte de Arão no monte Hor		33:38	
Caminhada do monte Hor em direção ao rio Jordão.	1-8-1406	Núm. 20:29	
Grandes vitórias sobre os cananeus, amoritas, Basã e midianitas	1-9-1406		
DEUTERONÔMIO (dois meses)	Moisés recebe o código deuteronômico e dá instruções ao povo sobre a vida em Canaã	1-2-1405 1-3-1405	Deuteronômio 1:3
	Morte de Moisés no monte Nebo; pranteado por trinta dias		Deuteronômio 34:8
JOSUÉ (meio mês)	Josué lidera Israel através do Jordão	10-4-1405	Josué 4:19
	Páscoa comemorada em Gilgal	14-4-1405	Josué 5:10

guerra. A frase chave (quatorze vezes no capítulo 1) é: “todos os capazes de sair à guerra.” Nesses preparativos, o Senhor mostrou-lhes que nenhum inimigo os venceria caso confiassem no poder de Deus e obedecessem à sua palavra. Portanto, o tema implícito deste livro é: “Preparativos para o serviço na rota do Sinai ao Jordão.”

Contribuições singulares de Números

1. CENSO MILITAR E ORGANIZAÇÃO DE ISRAEL (1-3;26).

Levítico relata a organização de Israel para a adoração, Números para o serviço e a guerra. Sob o comando de Deus, Moisés enumerou a primeira e a segunda geração dos homens aptos para a guerra. Embora o grande número de mais de 600.000 seja às vezes questionado pelos críticos, está em harmonia com outros textos (Êxodo 12:37; 38:26) e outras referências bíblicas quanto ao tamanho de Israel (Êxodo 1:9; Números 22:11). Tal como Moisés proclamou em Êxodo 15:3: “O Senhor é *homem de guerra*”, em Números ele é visto preparando-os para as batalhas. Ele manda que o recenseamento seja feito, ensina-os a acampar e marchar, alimenta-os com ração, disciplina-os para obedecer às autoridades delegadas e os conduz à batalha. Mostra-lhes até mesmo como dividir o despojo (31; 34-35). Números 1-20 registra a dolorosa experiência do “campo de treinamento” e 21-36 as batalhas, os sucessos e as reavaliações das futuras obrigações.

2. VOTO DE NAZIREU PARA SERVIÇO ESPECIAL (Números 6). Esse livro de culto fez uma concessão especial para que um leigo pudesse participar do culto sagrado. O voto de nazireu era acessível a qualquer pessoa, homem ou mulher, que desejasse oferecer esse culto especial ao Senhor. Em vez de serem pagos, entretanto, requeria-se que fizessem uma oferta especial, e não podiam participar de diversas atividades normais: 1) comer ou tomar o fruto da videira; 2) fazer uso da navalha; 3) aproximar-se de um cadáver. Esse rigor enfatizava o alto privilégio de servir ao Senhor.

3. REBELIÃO DE ISRAEL E PEREGRINAÇÕES (13-14). Um descontentamento tanto da parte dos leigos como dos líderes precedeu a grande rebelião de Cades-Barnéia. O Senhor castigou aos leigos por se queixarem da comida, e a Miriã e Arão por invejarem a Moisés. Depois do motim em Cades, outros líderes se rebelaram contra a liderança de Moisés e foram castigados. O próprio Moisés rebelou-se por um momento (20:12; 27:14), e por isso lhe foi negada a entrada em Canã. A segunda geração tam-

bém aprendeu que a idolatria e a imoralidade seriam castigadas (25). As muitas ocasiões de pecado e rebelião demonstram que os descendentes de Abraão não eram um povo escolhido por causa da sua retidão, mas somente pela misericórdia da aliança do Senhor.

4. GRANDE CASTIGO DO SENHOR DEVIDO À REBELIÃO.

Números registra muitos castigos do Senhor, especialmente pelo pecado de rebelião. A revolta dos líderes levitas trouxe destruição imediata das suas famílias. A murmuração do povo quanto ao seu alimento trouxe uma grande praga. A rebelião em Cades trouxe castigo para toda a geração, impedindo-lhes a entrada em Canaã. Embora Moisés não participasse daquela rebelião, mais tarde recebeu o mesmo castigo pela sua atitude rebelde e irritada ao tirar água da rocha. A rebelião foi um pecado obstinado que trouxe um julgamento imediato e severo da parte de Deus (Hebreus 10:26).

5. DIFERENCIAÇÃO ENTRE PECADOS PROPOSITAIS E NÃO PROPOSITAIS (15:22-36).

Os pecados não propositais podiam ser expiados com diversas ofertas, mas os propositais ou de rebeldia, não. Eles exigiam pagamento imediato, muitas vezes a própria vida do transgressor. Pecados propositais não eram necessariamente delitos viciosos, mas pecados contra os quais tinham sido admoestados. O homem que apanhou lenha no dia de sábado foi apedrejado, não porque fosse perverso, mas porque a penalidade tinha sido fixada pelo Senhor (Êxodo 21:14; 35:2-3). A penalidade de morte, entretanto, não os privava da vida eterna, apenas da vida física. Moisés também recebeu esse castigo (27:14).

6. O PROFETA BALAAÃO E A SUA “JUMENTA FALANTE” (22-24).

Balaão foi um profeta independente da Mesopotâmia, contratado pelo rei Balaque, de Moabe, para amaldiçoar a Israel. Do mesmo modo que usou a “jumenta falante”, Deus usou esse profeta perverso e pagão para informar Balaque e os moabitas de que era seu plano abençoar a Israel a despeito dos seus inimigos.

- a. Deus mostrou a sua onipotência sobre todos os supostos deuses e o seu propósito irrevogável de abençoar ao seu povo. A maldição dos inimigos transformou-se em bênção para Israel.
- b. Deus projetou o seu contínuo amor por Israel apesar do atrevimento do povo, não achando nele iniquidade que revogasse a sua bênção (23:20-21).
- c. De Israel viria uma “estrela”, ou rei, que governaria o Oriente Médio. Foi essa uma das primeiras profecias específicas da

vinda do Messias, conhecida pelos magos do Oriente que seguiram a estrela de Belém.

d. Mais tarde Balaão perverteu a Israel por intermédio de idolatria e adultério com as moabitãs, razão pela qual foi morto (25; 31:8). O Novo Testamento admoesta contra o seu caminho, erro e doutrina, que são o uso do cargo de profeta em proveito pessoal e com a finalidade de seduzir o povo de Deus mediante atrações lascivas (2 Pedro 2:15; Judas 11).

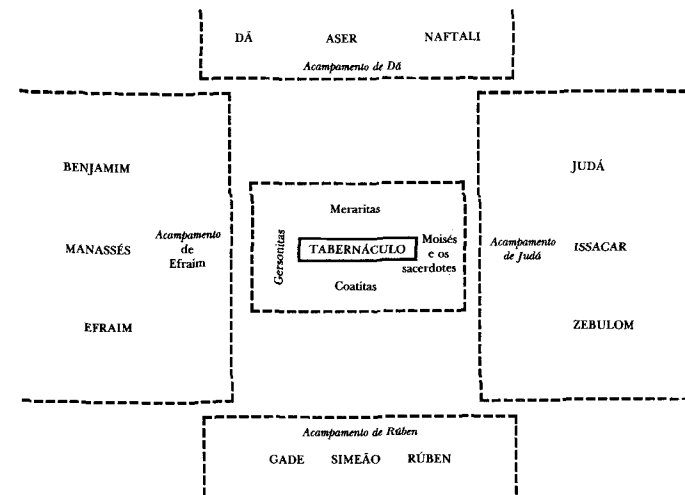
7. RÚBEN, GADE E A MEIA TRIBO DE MANASSÉS INSTALADOS NA TRANSJORDÂNIA (32). A motivação das duas tribos e meia de se fixarem à pequena distância de Canaã é questionável. Moisés viu nisso um tipo de rebelião e deserção, embora desse o seu consentimento depois que eles concordaram em mandar tropas a Canaã. Todavia, o motivo por eles apresentado era o de ser a Transjordânia “terra de gado; e os teus servos têm gado” (32:4). Pareciam dirigidos pelo gado. Mais tarde, essas tribos sofreram o ataque dos inimigos de Israel. Foram os primeiros a ser levados cativos para a Assíria. Esse fato sugere, pelo menos, o perigo de uma fixação por atrações de curto prazo, em vez de ater-se a compromissos de longo prazo.

8. TIPOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ EM NÚMEROS (1 Coríntios 10; Hebreus 3-4). Os escritores do Novo Testamento tiraram dessa experiência de Israel no deserto lições para os cristãos, chamando-as de “exemplos”. Paulo usou esses exemplos como

admoestação para que os crentes não desagradassem ao Senhor com murmurações e o trocassem pelos ídolos dos seus desejos. Na Epístola aos Hebreus, eles foram advertidos do perigo de se tornarem endurecidos, deixando de corresponder ao amor divino depois de tanto terem recebido dele. O autor declara que tal atitude nega aos crentes o descanso e a satisfação de serviço real (Hebreus 3:12-4:8).

9. GRANDE INVOCAÇÃO E BÊNÇÃO DE ISRAEL (6:24-26). A bênção do sumo sacerdote, entregue por Moisés a Arão, invocou sobre Israel a *tríplice bênção do Senhor*: proteção, graça e paz. Destinada aos que viviam em aliança com o Senhor da aliança, é

Ordem das tribos de Israel no deserto*



- Nota:
- 1) O acampamento era sempre armado de maneira que o tabernáculo ficasse de frente para leste.
 - 2) A ordem do acampamento enfatizava a situação central da adoração e da presença de Deus numa sociedade teocrática.
 - 3) Na ordem de marcha esta mesma ordem era também enfatizada. O tabernáculo e os levitas seguiam na fileira do meio, precedidos pelos acampamentos de Judá e Rúben e seguidos pelos acampamentos de Efraim e Dã.

* V. Números 2

Ordem das tribos em marcha*

DÃ	EFRAIM	LEVITAS (Coate) levam a móvelia do tabernáculo	RÚBEN	LEVITAS (Gerson e Merari) puxam carros com a estrutura e coberta do ta- bernáculo	JUDÁ	ARCA
ASER	MANASSÉS		SIMEÃO	ISSACAR ZEBULOM		
NAFTALI	BENJAMIM		GADE			

* V. Números 2; 10:11-28.

Moisés, Arão e os seus filhos acompanhavam a arca guiados pela Coluna de Fogo. Marchavam por acampamentos e tribos, não lado a lado, mas em seqüência; não em “fileira cerrada”, mas livremente, cada família com seus membros e gado.

População de Israel no Deserto*

Filhos de	Tribo	Censo de 1444	Censo de 1405
Lia	Rúben	46.500	43.730
	Simeão (Levi)	59.300 (8.580)	22.200
	Judá	74.600	76.500
	Issacar	54.400	64.300
	Zebulom	57.400	60.500
Raquel	Efraim	40.500	32.500
	Manassés	32.200	52.700
	Benjamim	35.400	45.600
Bila	Dã	62.700	64.400
	Naftali	53.400	45.400
Zilpa	Gade	45.650	40.500
	Aser	41.500	53.400
Total		603.550	601.730

Nota: 1) As tribos de Simeão e Levi (tribo de Moisés) estavam muito reduzidas no segundo censo (24.000 morreram por ocasião da praga, 25:9).

2) Os primogênitos de Israel (22.273) também estavam muito reduzidos. Num total de 612.130 homens adultos, isso significaria vinte e sete filhos para cada família.

Possibilidade: Muitos primogênitos mortos por Faraó, e alguns podem ter sido mortos pelo anjo da morte no Egito.

3) O censo de 612.130 homens adultos sugere uma população total de, no mínimo, 2.500.000.

Levitas	Total de homens	Em Idade de Serviço 30-50	Deveres (Números 3-4)
Gersonitas	7.500	2.630	Levar a mobília do tabernáculo
Coatitas	8.300	2.750	Levar as cobertas externas
(8.600 = erro de copista)			
Meraritas	6.200	3.200	Levar a estrutura
Total —	22.000	8.580	

* V. Números 1 para o censo de 1444, e Números 26 para o de 1405.

também para os crentes do Novo Testamento. Conclui com a saudação adotada por Israel: “Paz” (Shalom).

10. TIPOS DE CRISTO EM NÚMEROS.

- Dinheiro da redenção (cinco siclos) (3:40-51). A escassez de levitas para substituir os primogênitos israelitas exigia a compensação de cinco siclos por família. A lição histórica é que Deus exigia pagamento total pela falta de levitas para executar o serviço do primogênito reivindicado por Deus, e a lição para nós é que Cristo pagou na íntegra a redenção e o serviço pelos nossos pecados. A sua obra na cruz não foi apenas um pagamento “simulado”, mas total.
- Cinza da novilha vermelha (19). Historicamente, esse sacrifício simboliza a nossa necessidade de purificação de pecados acidentais; tipicamente, retrata a morte de Cristo, incluindo também a purificação, mas exigindo confissão e apropriação (1 João 1:9).
- A serpente de bronze sobre uma haste (21:9). Do mesmo modo que Moisés exigiu do pecador que olhasse para o instrumento do juízo de Deus, são os pecadores hoje salvos ao olhar para a cruz de Cristo e aceitar a obra vicária realizada por ele (João 3:14).
- A florescida vara de Arão (17). O florescimento da vara de Arão demonstrou que era ele o único sumo sacerdote ou mediador de Israel; do mesmo modo a ressurreição de Cristo demonstrou que é ele o único Mediador entre Deus e o homem (1 Timóteo 2:5). Observação: Aquele episódio teve por finalidade acabar com todas as “murmurações” ou queixas (17:10).

difícilmente apenas repetiria o original. As diferenças são devido a novas circunstâncias que precisavam dessa posterior elaboração do código sinaíta para as novas condições de Canaã.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 1405 a.C.

1. Moisés especificou a data de 1 de fevereiro de 1405 a.C. quando reuniu o povo para este conjunto final de mensagens (1:3).

O Livro de Deuteronômio

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “Elleh Haddevarim”, usando as primeiras palavras do livro: “São estas as palavras”, ou “Devarim” (palavras).
2. A Septuaginta chamou-o de “Deuteronômio”, que significa “Segunda Lei” ou repetição da lei, nome que também a Vulgata Latina adotou.

B. AUTOR

1. Até época bem recente, críticos documentários afirmavam que esse livro havia sido escrito no tempo de Josias (621 a.C.). Esta teoria, porém, foi posta de lado em razão do pouco acordo quanto à data ou ao autor do livro.
2. A autoria de Moisés tem forte confirmação, tanto no próprio livro como em outros. À semelhança da maioria dos escritores bíblicos, Moisés escreveu na terceira pessoa, referindo-se a si próprio trinta e oito vezes neste livro. Pouco antes da sua morte, declarou que tinha escrito esta lei antes de entregá-la aos sacerdotes (Deuteronômio 31:9, 24-26).
3. Além das muitas referências do Antigo Testamento à “Lei de Moisés”, há muitas confirmações de Jesus e dos apóstolos (Mateus 19:8; Marcos 10:3; João 1:17; 5:46; Atos 3:22; Romanos 10:5; 1 Coríntios 9:9).
4. O último capítulo sobre a morte de Moisés é um apêndice escrito mais tarde, talvez por Josué, Eleazar ou Samuel.
5. As informações discordantes da Lei em Êxodo e Deuteronômio não negam a autoria de Moisés, antes confirmam-na. Enquanto um pseudo-Moisés não se desviaria de Êxodo, o próprio Moisés

Esboço de Deuteronômio

TEMA: Moisés Expõe as Leis para a Vida em Canaã

I FIDELIDADE DO SENHOR NOVAMENTE LEMBRADA	1—4
A. Fracassos de Israel em Cades-Barnéia	1
B. Vitórias de Israel na Transjordânia	2-3
C. Grandes Responsabilidades de Israel em Canaã	4
II FUNDAMENTOS DA LEI REAFIRMADOS	5—11
A. Decálogo e “Shema” de Israel	5-6
B. Perigos de Idolatria em Canaã	7-9
C. Deveres de Amor e Serviço ao Senhor	10-11
III FUNCIONAMENTO DA LEI REFERENTE À VIDA EM CANAÃ	12—26
A. Leis Religiosas Especiais	12-16
B. Leis Cívicas Especiais	17-21
1. Responsabilidade dos líderes	17-18
2. Responsabilidade no derramamento de sangue	19-21
C. Leis Sociais Especiais	22-26
1. Respeito pela justiça e discrição moral	22-25
2. Respeito pelo dízimo de Deus, Senhor soberano	26
IV CUMPRIMENTO DA LEI EXIGIDO PARA PERMANECER EM CANAÃ	27—30
A. Permanência em Canaã Depende da Obediência	27-28
B. Volta a Canaã Depende do Arrependimento	29-30
V DETERMINAÇÕES FINAIS DE MOISÉS E A SUA PARTIDA	31—34

* Observe a estrutura dos quatro discursos de Moisés: Primeiro discurso: 1-4; Segundo: 5-26; Terceiro: 27-28; Quarto: 29-30.

* Observe a semelhança dos antigos tratados de vassalo-suserania do século quinze a.C.:

1. Preâmbulo (1:1-5)
2. Prefácio histórico (1:6- 4:49)
3. Estipulação, geral e específica (5-26)
4. Maldições e bênçãos vinculadas (27-30)
5. Testemunhas e arranjos sucessórios (31-34)

Apesar de este pronunciamento ter sido feito provavelmente em diversas sessões, a expressão “hoje” foi repetida sessenta e sete vezes em todo o livro.

2. Como a morte de Moisés ocorreu trinta dias mais tarde, a pronúncia e a escrita destas mensagens ocorreram muito próximas uma da outra (34:8).

B. CIRCUNSTÂNCIAS

1. Quanto à posição geográfica, Israel estava perto das margens do Jordão, todos ansiosos pela nova aventura em Canaã. Tendo conquistado enorme área da Transjordânia quase sem perdas humanas sob a direção do Senhor, estavam prontos para o desafio de Canaã.
2. Quanto à religião, o novo Israel era, de muitas maneiras, diferente da primeira geração que saiu do Egito. Não tinha conhecido a idolatria daquele país, e estivera sob a liderança de Moisés por quarenta anos no deserto. O povo conhecera o poder e a vitória como resultados da confiança que depositaram no Senhor quando em batalha. Todavia, eram ainda propensos ao farisaísmo e à idolatria, e havia muitos problemas familiares e sociais esperando por solução. Tendo aprendido a guerrear, precisavam ser lembrados da santidade da vida inocente, e de como deveriam viver em Canaã.

OBJETIVO DO LIVRO DE DEUTERONÔMIO

O objetivo de Moisés ao escrever o livro ou ao pronunciar os discursos era o de *preparar a nova geração de Israel para viver em Canaã* mediante uma reafirmação da Lei Sinaíta. Uma vez que a lei original era um tanto breve e direcionada, Moisés expressa aqui a parte fundamental da lei em forma de sermão, estendendo-se nos princípios básicos e falando em tom exortativo. Lembra-lhes o passado, exorta-os quanto ao presente e encoraja-os com a promessa de Deus para o futuro. Ao recordar-lhes a lei divina, procura motivá-los para o amor de Deus. Enfatiza a segurança da Palavra de Deus e suas promessas contidas na aliança com os patriarcas, procurando lembrá-los do dever de serem fiéis para que as promessas se cumpram.

Contribuições singulares de Deuteronômio

1. SUPLEMENTO DE ÊXODO: POR QUE UMA SEGUNDA LEI?

Embora Deuteronômio suplemente todos os quatro livros anteriores, ele elabora especialmente a Lei Sinaíta de Êxodo 20-23.

- a. Deuteronômio 5:7-21 repete o Decálogo de Êxodo 20 quase textualmente, apenas dando uma razão diferente para a guarda do Sábado: o livramento da servidão.

- b. Enfatiza o amor: amor de Deus por Israel (cinco vezes); necessidade de o homem amar a Deus (doze vezes); necessidade de Israel amar o estrangeiro (uma vez). “Amar” é visto como o undécimo mandamento ou a motivação latente de todos os mandamentos.
- c. Esse livro realça o benefício pessoal de guardar os mandamentos de Deus: “para que te vá bem” (4:40; 5:16). Os mandamentos, na sua maioria, são dados com fundamento lógico, como se estivessem apelando para o senso de retidão. Quando reafirma a pena de morte para crimes capitais, acrescenta o motivo: “assim eliminarás o *mal* do meio de ti”, frisando o efeito desaconselhável dessas práticas (13:5; 17:7; 19:19; 22:21 etc.).
- d. É mais veemente e exortativo que Êxodo. Funciona mais como um sermão de um pregador do que como a intimação de um policial. Moisés se dirige aqui mais especialmente à consciência e ao coração do que apenas ao intelecto.
- e. Enfatiza a relação inevitável entre obediência e bênção, bem como entre desobediência e maldição, o que não é mencionado em Êxodo.
- f. Expressa uma forte preocupação pelos necessitados, órfãos, viúvas e estrangeiros, apenas mencionados ligeiramente em Êxodo, e inclui uma seção especial sobre direitos humanos (23-25).
- g. Tem muito que dizer sobre a vida familiar, o casamento, o divórcio, novas núpcias e os direitos da mulher em geral.
- h. Acentua as responsabilidades de vários líderes (16-18).
- i. Inclui muitas advertências acerca do perigo da prosperidade (6:10 e ss.; 8:10 e ss.; 11:14 e ss.).
- j. Enfatiza que Deus escolhe a Israel em amor e a necessidade de Israel escolher a Deus em amor (4:37; 7:7-8; 30:19-20).

2. “SHEMA” DE ISRAEL OU “PROFISSÃO DE FÉ” (6:4-9).

“Ouve, Israel, o Senhor o nosso Deus é o único Senhor”, seguido da ordem de amar a Deus e ensinar a sua Palavra, é a doutrina central da teologia hebraica. Apesar de a ênfase ser geralmente colocada na unidade de Deus, Jesus acentuou a ordem de amar a Deus (Mateus 22:37) e ao próximo. A palavra hebraica “um”, (*echad*), entretanto, significa uma unidade com possíveis divisões em vez de uma singularidade absoluta (como a palavra “yakeed” expressaria). Em Gênesis 2:24, homem e mulher tornam-se “uma só carne” (*echad*). A palavra “um” (*echad*) insiste na unicidade ou unidade de Deus, mas admite uma revelação posterior das três Pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — como sendo Deus Único.

Essa profissão de fé (Shema) tem sido a marca autêntica da religião de Israel através da história, embora tenham deturpado a importância de “um” (echad).

3. **LIVRO TEOLÓGICO PRINCIPAL DO ANTIGO TESTAMENTO.** Os elementos integrantes da teologia do Antigo Testamento são encontrados, na sua maioria, em Deuteronômio. Contém 259 referências aos quatro livros anteriores de Moisés e apresenta uma linda combinação de amor, santidade e justiça de Deus. Adverte a Israel quanto ao passado, presente e futuro, e alude às quatro alianças do Antigo Testamento feitas com esta nação. Este livro trata de um maior número de questões de relacionamento humano do que qualquer outro livro da Bíblia.
4. **LIVRO DO ANTIGO TESTAMENTO MAIS CITADO.** Deuteronômio é citado 356 vezes por posteriores escritores do Antigo Testamento, e mais de 190 vezes no Novo Testamento. Foi um dos livros favoritos de Jesus, pois ele o citou mais do que outro qualquer. Ao refutar o diabo, por exemplo, Jesus enfrentou cada desafio com uma citação de Deuteronômio, vencendo-o com o simples poder da citação. O diabo, em Mateus 4:6, usou o Salmo 91, citando-o fora do contexto.
5. **QUATRO LEIS ESPIRITUAIS DE ISRAEL (10:12-13).** A resposta de Moisés para “Que o Senhor requer de ti?” resume a lei e a essência da verdadeira religião em quatro pontos:
 - a. Temor e reverência ao Senhor teu Deus.
 - b. Andar em todos os seus caminhos e amá-lo.
 - c. Servir ao Senhor com todo o teu coração e toda a tua alma.
 - d. Guardar os mandamentos do Senhor (os quais são “para o teu bem”).

Mais tarde Miquéias respondeu à mesma pergunta com um resumo da mensagem dos profetas, em Miquéias 6:8.
6. **RESPONSABILIDADE DOS LÍDERES PÚBLICOS (16-17).** Nesses dois capítulos, vêem-se três classes de líderes: juízes, juízes-sacerdotes e reis. As suas principais responsabilidades eram aplicar justiça sem parcialidade. Duas salvaguardas eram exigidas para garantir o julgamento imparcial: 1) deviam abster-se de receber suborno de qualquer espécie, e 2) procurar constantemente conselho na Palavra de Deus.
7. **“LEX TALIONIS” DE ISRAEL OU “PENA DE TALIÃO” (19-21).** Já expressa em Êxodo 21:23-24 e Levítico 24:20, é aqui repetida e declarada ser dissuasão fundamental para o crime em Israel (19:20-21). É o princípio básico do sistema de justiça ex-

posto em Deuteronômio. Foi designado como um princípio humanitário de justiça igual para todos, não como um legalista “castigo celestial” para o infrator. Seu objetivo era restringir o castigo ao limite da ofensa, e jamais deveria ser infligido com malevolência ou vingança. A referência que Jesus faz a essa lei em Mateus 5:38 tinha por finalidade corrigir o seu mau uso de cobrar o “último ceitil” em disputas pessoais. Era um princípio judicial dos tribunais e não certamente um princípio pessoal de “desforra”.

8. **GUERRA E DERRAMAMENTO DE SANGUE INOCENTE (20-21).** Israel foi designado o algoz de Deus contra a corrupta sociedade de Canaã. Todavia, não devia agir como os gentios. Os israelitas receberam instruções especiais para que não se tornassem eles mesmos uma sociedade violenta. Para executar essa missão de maneira adequada, dois princípios básicos foram enunciados nestes dois capítulos:
 - a. Por ordem de Deus, tinham de matar o perverso como uma responsabilidade solene, e não como opção.
 - b. Muito cuidado tinha de ser tomado para que dentro da sociedade israelita nenhuma pessoa inocente fosse morta. Deus responsabilizaria uma cidade inteira pelo derramamento de sangue inocente. Deviam evitar qualquer violência.
9. **ALIANÇA PALESTÍNICA COM ISRAEL (28-30).** Israel seria hóspede de Deus na Palestina e foram-lhe prometidas bênção ou maldição ilimitadas na base da obediência. Se a nação desobedecesse, seria punida e finalmente espalhada “de uma até à outra extremidade da terra” (28:64). Ali os israelitas não achariam descanso; teriam “coração tremente, olhos mortícios e desmaio de alma” (28:65). Depois da dispersão, “nos últimos dias”, o Senhor os restauraria e os ajuntaria de novo na terra (30:1-5), quando tornassem “ao Senhor” e dessem ouvidos “à sua voz”. A aliança pode ser resumida em três pontos:
 - a. A terra de Canaã pertencia ao Senhor, que a prometera como posse eterna aos filhos de Abraão.
 - b. A ocupação, entretanto, dependia da obediência à aliança do Senhor.
 - c. Finalmente, o Senhor restauraria e ajuntaria a nação novamente quando retornassem “ao Senhor” e a ele obedecessem.
10. **O GRANDE PERIGO DA IDOLATRIA.** É quase incessante a admoestação de Moisés quanto à idolatria (mais de trinta referências, como em 4:16-19; 5:7-9; 6:14-15; 7:4-5; 8:19-20). O povo viera de uma terra de muita idolatria, retornara à idolatria diversas vezes no deserto e estava prestes a invadir uma terra cujo

povo adorava grande número de ídolos. A terra de Canaã era muito rica, mas perversa e corrupta na sua idolatria. A tendência do povo seria adotar aquela idolatria, uma vez que as práticas idólatras parecia enriquecer os cananeus. Os israelitas estavam prestes a enfrentar uma batalha espiritual, além de uma batalha militar. Moisés trata aqui dos vários ardis pelos quais o diabo poderia levá-los à idolatria.

- 11. PROFECIA MESSIÂNICA DE DEUTERONÔMIO: “UM PROFETA SEMELHANTE A MOISÉS” (18:18-19).** A vinda de Cristo como Profeta é mencionada pela primeira vez nessa passagem de Deuteronômio. A missão de um profeta era transmitir as palavras de Deus ao povo. Moisés foi um profeta poderoso em obras e palavras, em milagres e palavras da Lei. Suas obras demonstraram que ele proferia as verdadeiras palavras de Deus, como Elias o fez depois dele. Do mesmo modo, os grandes milagres de Jesus demonstraram sua messianidade e a verdade das suas palavras. Embora os milagres de Moisés, em sua maioria, tenham sido obras de julgamento, os de Jesus foram obras de misericórdia. Ao proferir essa profecia messiânica, Moisés salientou a absoluta exatidão e convicção profética das palavras que o Messias iria proferir (18:22).

Introdução aos Livros Históricos

I TÍTULOS. “Primeiros Profetas.” Os hebreus denominavam seis livros como os “Primeiros profetas” (Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis), considerando-os, porém, como quatro. Eles contrastam com os “Últimos profetas” (Isaías, Jeremias, Ezequiel e Os Doze Profetas Menores), também considerados como quatro livros. Os termos “Primeiros” e “Últimos” não se referem necessariamente à sua cronologia histórica, mas ao primeiro e segundo grupo de livros. Os Primeiros fornecem o cenário histórico aos Últimos. A designação desses livros históricos como “Profetas” enfatiza o fato de que apresentam uma história religiosa ou com um objetivo religioso. Os Primeiros Profetas são históricos; os Últimos, exortativos.

“Livros Históricos.” A denominação de “Históricos” classifica em geral os doze livros de Josué a Ester. Diferem dos livros de Moisés, os quais também são históricos quanto à ênfase fundamental. O Pentateuco traça a história redentora desde a criação até a morte de Moisés, mas dá destaque à aliança e aos alicerces legislativos de Israel. Os Livros Históricos, por outro lado, dramatizam o movimento histórico da nação durante toda a sua história na Palestina. Embora contenham temas religiosos e interlúdios exortativos (vários ciclos de juízes e profetas), a investida maior é no desenvolvimento histórico de Israel.

II AUTORIA. Todos os doze livros históricos são anônimos (em contraste com os Últimos Profetas, todos identificados). Foram visivelmente escritos ou compilados por vários indivíduos que possuíam o dom profético, reconhecidos como representantes de

Deus. Quatro deles são geralmente considerados os autores principais: Josué, Samuel, Jeremias e Esdras (este último com o auxílio editorial do sumo sacerdote Eleazar), além de Natã e Gade, profetas. É evidente que Jeremias foi auxiliado na compilação de Reis pelo seu secretário, Baruque. Na maioria dos casos, foram aproveitados nesses livros vários documentos e crônicas, usados sob a orientação do Espírito Santo pelos autores ou compiladores.

III MOVIMENTO HISTÓRICO. Estes livros registram a história de Israel, desde a ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônios, até a restauração parcial pelos persas. O período cobre aproximadamente 1000 anos, de 1405 até 425 a.C. Estes livros dão a estrutura histórica ao restante do Antigo Testamento até a época de Neemias e Malaquias. Vão de Moisés, o legislador, até Esdras, mestre da lei.

As palavras finais de Moisés em Deuteronômio 28-30 constituem uma introdução excelente aos livros históricos. Ou, digamos, os livros demonstram exatamente o que Moisés disse naqueles capítulos sobre o que seria feito pelo Senhor no caso de serem ou não obedientes. As bênçãos prometidas como resultado da obediência se evidenciam na conquista vitoriosa de Josué e nos

As Três Divisões dos Livros Históricos

LIVRO	DATA	RELACIONAMENTO COM A ALIANÇA	RELACIONAMENTO SECULAR
-------	------	------------------------------	------------------------

ANTERIOR AO REINADO — 1405-1075 a.C.

JOSUÉ	1405-1375	A terra prometida ocupada pela fé e coragem.	O Egito havia deixado a Palestina (problemas internos). Sete nações de Canaã prontas para o julgamento prometido.
JUÍZES	1375-1075	Demonstrações de bênçãos pela obediência e castigos pela apostasia, conforme a promessa.	Pequenos reinos locais importunam as tribos. Os filisteus saem de Creta e desafiam Israel.
RUTE	1330, aproximadamente.	A verdadeira fé atrai uma mulher da vizinha Moabe. A linha davídica abrange Moabe por intermédio de Rute.	Relações pacíficas entre Israel e Moabe.

magníficos reinados de Davi e Salomão. Por sua vez, as maldições surgem nas apostasias dos juízes, na posterior idolatria e no cativeiro dos dois reinos. As promessas de restauração final, embora evidente que esperam os futuros “últimos dias” (Deuteronômio 4:30), tiveram cumprimento parcial na volta de Zorobabel, Esdras e Neemias.

IV CENÁRIO GEOGRÁFICO E POLÍTICO DA PALESTINA.

A. GEOGRAFIA. O nome “Palestina” não era usado nos tempos bíblicos; derivou-se mais tarde do termo “filisteus”, que identificam os povos chamados de “Palaístinos” pelos gregos, e de “Palestinos” pelos romanos. O nome bíblico para a área era “Canaã”, a terra onde Canaã, filho de Cão, se estabeleceu, e

ASCENSÃO E QUEDA DO REINO — 1070-586

1 e 2 SAMUEL	1100-970	O estabelecimento de um rei piedoso, que governe o reino para Deus.	Os poderosos filisteus quase tomam conta de Canaã.
1 e 2 REIS	970-586	O reino, desafiado pela idolatria de Canaã, é atacado pelo Egito e pela Síria e finalmente levado a uma terra idólatra.	Israel, arrasado pelo Egito e Síria, é finalmente levado à Assíria e Babilônia.
1 e 2 CRÔNICAS	Da criação de Adão até 586.	Traçada a linha davídica dos reis; construção e queda do templo de Salomão.	Reinos e impérios circunvizinhos erguem-se e caem conforme o desígnio de Deus para o reino davídico.

SOLICITUDE PARA COM OS REMANESCENTES NO TEMPO DOS GENTIOS — 537-432

ESDRAS	537-458	A volta do exílio para reconstruir o templo e restabelecer a devida adoração.	O novo império Persa inicia a política de mandar o povo e seus deuses de volta aos seus países de origem.
NEEMIAS	445-430	A volta do exílio para reconstruir os muros de Jerusalém e estabelecer um governo limitado.	A persistente boa vontade dos governadores persas permite aos restantes reconstruírem a fim de se protegerem de adversários locais.
ESTER	483-473	O desvelo divino para com o seu povo, embora longe da terra da aliança.	A Pérsia governa da Índia ao Helesponto. Mordecai, o Primeiro-Ministro judeu, traz paz e poder ao seu povo.

que tinha sido prometida pelo Senhor a Abraão (Gênesis 9:25; 10:6; 12:5-7). A terra de Canaã (com maldição) seria dada a Abraão (com bênção). Embora *Canaã* designasse originalmente a terra a oeste do Jordão, *Palestina* passou a designar, mais tarde, a terra de ambas as margens do Jordão.

A terra da Palestina estende-se do elevado monte Hermom, ao norte, até o sul da região deserta do mar Morto. Seu comprimento é de 240 km, de Dã a Berseba, e sua largura média é de 110 km, da costa do Mediterrâneo ao planalto oriental. A Palestina é freqüentemente descrita como quatro faixas paralelas no sentido norte-sul: 1) a planície marítima ao longo do Mediterrâneo; 2) a cordilheira central, cujas montanhas têm picos com mais de 900 metros de altitude; 3) o vale do Jordão até o mar Morto, que está 387 metros abaixo do nível do Mediterrâneo, e 4) a Palestina Oriental ou Transjordânia, um vasto planalto fértil numa altitude superior a 900 metros. Com uma área quadrada de aproximadamente 28.500 km, a Palestina apresenta grandes contrastes na topografia.

Geologicamente, o vale do Jordão é formação das mais singulares. Ele constitui parte da grande fenda que se estende da Síria, no norte, até o sul do mar Morto. Supõe-se que outrora esse vale era coberto de água, formando um lago de 322 km de comprimento desde o norte da Galiléia até 80 km para o sul do mar Morto. Nos tempos bíblicos, a área tinha três grandes massas de água: 1) lago Hulé (agora drenado), na parte norte da Galiléia; estava a 69 metros acima do nível do mar; 2) mar da Galiléia (chamava-se a princípio mar de Quinerete), a 205 metros abaixo do nível do mar; e 3) mar Morto, a 387 metros abaixo do nível do mar. Essas massas de água são unidas pelo rio Jordão, que desce rapidamente serpenteando uns 260 km para transpor os 105 km da Galiléia até o mar Morto (mar Salgado). O rio Jarmuque, vindo das regiões montanhosas a leste e com um volume de água semelhante ao do Jordão, junta-se a este 16 km abaixo da Galiléia. Nos tempos antigos, a costa mediterrânea não tinha portos de embarque, o que obrigou Salomão a determinar que o embarque fosse feito em Eziom-Geber, na parte setentrional do golfo de Acaba. Só há pouco tempo os portos de Haifa e Asdode passaram a operar comercialmente.

A principal característica geográfica da Palestina talvez seja a ponte que ela forma entre três continentes, e o fato de ter-se constituído historicamente a ligação entre o Egito e a Mesopotâmia. Assim, sendo o centro das civilizações do mundo

e o “centro da terra”, a Palestina estava destinada a ser palco de grandes acontecimentos históricos. O Senhor a escolheu como a terra da sua aliança com o seu povo.

B. CENÁRIO POLÍTICO. Ocupando posição estratégica, a Palestina era com freqüência alvo altamente cobiçado pelos conquistadores do mundo. Antes da primeira ocupação por Israel, tinha sido tomada pelos reis da Mesopotâmia a leste, pelos hititas a noroeste e pelos Faraós a sudoeste. Durante a ocupação israelita, Israel foi muitas vezes importunado ou atacado, não só por aqueles povos, mas também por uma variedade de pequenos reinos locais. Estes vizinhos saqueadores faziam com que o povo de Israel vivesse constantemente na defensiva.

O ponto de vista bíblico desses problemas políticos e militares, entretanto, é sempre apresentado da perspectiva divina ou profética. Aquelas nações e impérios vizinhos serviam inconscientemente aos objetivos divinos para o povo de Israel. Quando este obedecia ao Senhor, as outras nações se enfraqueciam ou eram controladas. Quando Israel apostatava, o Senhor levantava um poder estrangeiro a fim de punir, exilar ou enviar os judeus de volta à sua terra. Assim aconteceu, por exemplo, quando Josué invadiu Canaã. O Egito havia acabado de se afastar de Canaã após forte domínio. Porém, quando a idolatria aumentou no período dos juízes, os poderosos filisteus de Creta invadiram o sul da Palestina. O mesmo aconteceu com os sírios, assírios, babilônios e persas. Dessa maneira, a história bíblica é história, mas com a perspectiva profética de ser a “História Divina”.

O Livro de Josué

Introdução

AUTORIA

A.TÍTULO

O nome “Josué”, que se deve à principal figura do livro, significa “salvação do Senhor”. Os gregos traduziram-no para “Iesous” ou Jesus, como está na Vulgata Latina.

B. AUTOR

1. O livro é anônimo e a sua autoria tem sido debatida com veemência, principalmente por aqueles que aplicam a teoria documentária ao Pentateuco. A maior parte dele pode ter sido escrita pelo próprio Josué, que conhecia os fatos em primeira mão e era também um escritor (24:26). Obviamente, um colaborador acrescentou mais tarde os últimos cinco versículos sobre a morte de Josué e de Eleazar. Esse colaborador pode ter sido Finéias ou um dos anciãos.
2. O fato de esse livro ser o primeiro dos “Primeiros Profetas” sugere, como seu autor, alguém com dom ou cargo profético. Isto, é claro, indica Josué como o mais provável autor.
3. O conteúdo do livro, que se limita à liderança de Josué, reforça a opinião de que tenha sido escrito pelo sucessor de Moisés e no seu próprio tempo, mais do que por qualquer outra pessoa em época posterior, que poderia ter continuado a história de fé até a época de Otniel, em Juízes.
4. Josué talvez tenha sido o descendente mais ilustre de José. Era da tribo especialmente abençoada por Jacó (Gênesis 48:19). Do mesmo modo que José foi o “salvador” dos seus irmãos no Egito, Josué conduziu o povo para o livramento e descanso em Canaã.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 1405-1375 a.C.

1. Admitindo que Josué tivesse a mesma idade de Calebe (tinha este quarenta anos quando espiaram Canaã, Josué 14:7), é plau-

sível supor que Josué tenha começado a comandar a Israel com a idade de setenta e nove anos. Visto ter morrido com 110, a sua liderança durou trinta e um anos (24:29). Sabemos também que a conquista inicial durou sete anos (14:7, 10).

2. A data pode ser calculada como sendo de 1405 a 1375 (adicionando-se os 480 anos de 1 Reis 6:1 ao ano de 965, começo da construção do templo, e subtraindo-se os 40 anos de peregrinação). As escavações arqueológicas de John Garstang determinaram que a queda de Jericó ocorreu por volta de 1400 a.C. Documentos descobertos em Tel-el-Amarna, no Egito, e em

Esboço de Josué

TEMA: Risco e Vitória da Fé em Israel

I CONQUISTA DE CANAÃ	1—12
A. Ingresso em Canaã	1-5
1. Josué é comissionado	1
2. Jericó é espiada	2
3. O rio Jordão é atravessado	3-4
4. A Páscoa é celebrada	5
B. Campanha Central	6-9
1. Queda de Jericó	6
2. Pecado e castigo de Acã	7
3. Captura de Ai e Betel	8
4. Aliança com Gibeom	9
C. Campanha Meridional	10
1. Ataque pela Liga Amorita	
2. Contra-ataque de Josué	
3. Duas intervenções miraculosas	
4. Destruição das cidades do sul	
D. Campanha Setentrional	11-12
1. Desafio da Liga Setentrional	11
2. Contra-ataque de Josué	
3. Vitória total	
4. Retrospecto da conquista	12
II DIVISÃO DE CANAÃ	13—24
A. Distribuição da Terra	13-19
1. Tribos estabelecidas a leste	13
2. Terras do sul para Calebe e Judá	14-15
3. Terras do centro para os filhos de José	16-17
4. Divisão das terras restantes	18-19
B. Especificação das Cidades Especiais	20-21
1. Cidades de refúgio	20
2. Cidades dos levitas	21
C. Controvérsia com as Tribos da Transjordânia	22
D. Discurso Final e Morte de Josué	23-24

Ugarite, na Síria Ocidental, parecem confirmar a data de 1400 nas correspondências reais daquele período, as quais se referem ao “Habiru” em Canaã.

B. ESTADO EM QUE SE ACHAVA A NAÇÃO

1. A liderança da nação tinha sido transferida a Josué por ocasião da morte de Moisés trinta dias antes, 1 de março de 1405 a.C. A travessia do Jordão teve lugar um pouco antes da Páscoa, época em que o Jordão inundou as margens.
2. Toda a população (cerca de dois milhões e meio) estava decidida a invadir Canaã depois da bem-sucedida conquista da Transjordânia. Apesar de duas tribos e meia terem negociado com Moisés a permanência na Transjordânia, elas mandaram 40.000 homens para participar da conquista de Canaã.

C. CONDIÇÃO DE CANAÃ

1. Geograficamente, a terra de “Canaã” compunha-se de toda a faixa ocidental desde Sidom, ao norte, até Gaza e Sodoma, no sul (Gênesis 10:19). O nome “Canaã” denominava, em geral, toda a área em que se estabeleceram os filhos de Canaã. Foi, mais tarde, chamada de “Palestina” pelos romanos (segundo Heródoto), nome esse que é a forma grega de “Philistia” (Palastine). Os nativos eram chamados de “Filisteus”.
2. Quanto à raça, a terra era ocupada por um grupo misto que parecia serem descendentes de Canaã, filho de Cão, filho de Noé (Gênesis 10:15-20). Há na Bíblia várias listas desses grupos (Gênesis 10; Deuteronômio 7:1; Josué 3:10). Além disso, podem ser identificados pelas suas localidades:
 - a. Heteus — dos filhos de Hete, que se estabeleceram na Ásia Menor.
 - b. Gírgaseus — da região ocidental do mar da Galiléia.
 - c. Amorreus — povo montanhês dos planaltos ao oeste e leste do mar Morto.
 - d. Cananeus — tecnicamente, da parte norte.
 - e. Ferezeus — associados com os cananeus no norte.
 - f. Heveus — os pacíficos gibeonitas perto de Jerusalém.
 - g. Jebuseus — tribo guerreira estabelecida em torno de Jerusalém.
3. Politicamente, Canaã tinha sido dominada desde 1468 a.C. pelo Egito, que estabeleceu postos militares e cidades reais por toda a terra, bem como príncipes nativos, educados no Egito, para governar como monarcas títeres. Em 1400, entretanto, o poder estrangeiro egípcio se deteriorou, tornando a terra propícia à invasão. Mas as cidades de Canaã estavam bem fortificadas.

Jericó, por exemplo, edificada sobre um outeiro, estava rodeada por dois muros de tijolos, um de 3,6 metros de largura e o outro de quase dois.

4. Religiosa e moralmente, a terra vivia infestada de idolatria, completamente degradada:
 - a. *El* era o deus supremo. Poemas ugaríticos descrevem-no como um tirano cruel e sanguinário, de sensualidade incontrolável.
 - b. *Baal* era filho de *El* e o seu sucessor. Dominava o grupo cananeu e era considerado o “Senhor do céu”. Era o deus da chuva e da vegetação.
 - c. *Anate* era irmã de *Baal* e uma das três deusas protetoras do sexo e da guerra. Concomitante com o culto da prostituição sagrada, havia o morticínio infantil.
 - d. *Asterote (Astarte)* e *Aserá* eram esposas de *Baal* e também deusas do sexo e da guerra.
 - e. *Moloque* e *Milcom*, de origem amonita, eram deuses da orgia, do mesmo modo que *Camos* era a divindade nacional dos moabitas.

Esses deuses de violência e perversão sexual refletem a crueldade e a corrupção do povo, que fez deuses parecidos com eles (Salmos 115:8).

OBJETIVO DO LIVRO DE JOSUÉ

O objetivo do livro de Josué é preservar a história da conquista de Canaã e a divisão da terra entre as tribos. A história revela a fidelidade do Senhor como um Deus observador da aliança (Josué 1:2-6). Demonstra também à posteridade de Israel a grande vitória que o povo pode alcançar se tão-somente seguir a liderança teocrática do Senhor, em vez de recorrer à força humana. O tema é risco e vitória da fé.

Contribuições Singulares de Josué

1. **CUMPRIMENTO DA PROMESSA DE DEUS A ABRAÃO.** A invasão de Josué cumpriu o segundo aspecto da aliança do Senhor com Abraão: a entrega da terra de Canaã. A primeira promessa de uma “semente” levou vinte e cinco anos para ser cumprida; a segunda levou aproximadamente 700 anos. A promessa de um rei levaria mais 400. E a vinda daquele em quem seriam benditas todas as nações, mais 1400. As últimas palavras do Senhor a Moisés enfatizaram a infalibilidade da sua Palavra no cumprimento da promessa de dar Canaã às tribos de Jacó (Deuteronômio 34:4).
2. **TRAVESSIA DO JORDÃO** (4). Por que outra travessia miraculosa por entre as águas? Esta última, por certo, repetiu a pas-

sagem pelo mar Vermelho com o fim de impressionar a nova geração (que talvez não acreditasse nas notícias da travessia anterior). Outros objetivos diversos foram atingidos: 1) confirmou a liderança de Josué, estabelecida por Deus (3:7); 2) foi uma confirmação do Senhor de que era ele quem desalojava os cananeus e dava a terra a Israel (3:10), e 3) demonstrou com singularidade o poder da arca, que continha as tábuas da Lei de Deus, à medida que ela liderava a multidão para dentro das águas, que eram cortadas.

3. REDENÇÃO DE RAABE, A PROSTITUTA (2:12-21; 6:22-25).

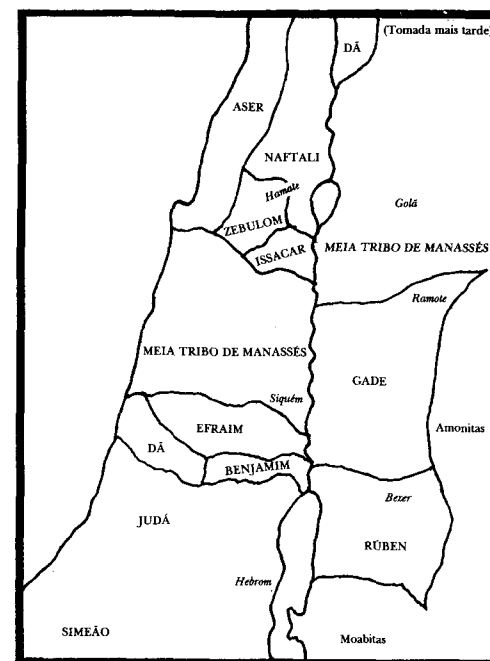
Embora esta mulher cananéia seja retratada como prostituta e mentirosa, o Novo Testamento julga a sua atitude como obra de fé (Hebreus 11:31; Tiago 2:25). Deus aprovou as suas ações? Certamente não a sua prostituição, nem o logro aos seus compatriotas, mas aprovou a sua fé ativa e a sua reação de apoio aos desígnios do Deus de Israel, embora tal coisa fosse mostrada de maneira rude. Não tinha altos padrões de ética, mas demonstrou fé em Deus, que ela via chegar a fim de purificar a terra da sua idolatria. A sua prostituição talvez caracterizasse o estado moral da cidade e pode antes ter-lhe sido imposta e não escolhida. A grandeza de sua redenção pode ser vista no fato de que ela veio a tornar-se, do lado materno, uma ancestral de Davi e do Messias. Assim, Raabe fez entrar na linha messiânica a herança de Moabe que remonta à origem até mesmo do incesto de Ló e sua filha. Do lado materno, Jesus veio de muitas nações (cananeus, moabitas, amonitas etc.), embora sua linha paterna fosse estritamente hebraica.

4. **JOSUÉ ENCONTRA O SEU “COMANDANTE”** (5:14). Do mesmo modo que Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:5), Josué teve um encontro especial com o Senhor antes de começar a obra. Nesse encontro foi-lhe dito dramaticamente que o Senhor era o “comandante” e Josué o seu tenente. As estratégias e logísticas de cada batalha seriam dadas pelo Senhor. A fim de demonstrar tal coisa, o “comandante” esboçou imediatamente a Josué o plano da tomada de Jericó, uma manobra na verdade ridícula. Propositadamente ilógica, a julgar pelos padrões humanos, trouxe uma vitória fácil pela simples obediência. Esse encontro deu ênfase a um princípio que os líderes subseqüentes não deviam esquecer: um líder teocrático precisa receber as ordens do Senhor.

5. **PECADO DE ACÃ (7)**. Que havia de tão horrível no pecado de Acã a ponto de ele merecer a sua própria destruição, a de sua família e a de seus haveres? Não tinha Moisés prometido que os

despojos de Canaã seriam presa de guerra (Deuteronômio 20:14)? O roubo de Acã em Jericó foi um erro por duas razões: violou uma ordem direta de Deus, e roubou o que pertencia ao Senhor (6:17-19). Desde que Jericó era a primeira cidade de Canaã a ser tomada (as primícias, portanto), o Senhor declarou estarem os despojos “sub judice” (Levíticos 27:29), reservados ao seu tesouro. Em campanhas posteriores, foi permitido ao povo que ficasse com os despojos (8:2). O castigo e a lição dele decorrente foram muito importantes para Israel no princípio da sua vida em Canaã, pois deveriam lembrar-se sempre de que a terra pertencia ao Senhor e ele exigia que lhe trouxessem sempre as primícias das colheitas. Fraude contra o Senhor foi a razão de o povo ser finalmente exilado, conforme 2 Crônicas 36:21.

Divisão Tribal de Israel e Cidades de Refúgio



Nota: 1) Das planícies costeiras, grande parte não foi dominada.

2) Em cada lado do rio Jordão havia três cidades de refúgio.

3) Os levitas também receberam quarenta e oito cidades, com arrabaldes, em Israel.

- 6. CAMPANHA EXTERMINADORA DE JOSUÉ.** É difícil conciliar essa missão de carnificina com os propósitos redentores de Deus. Em vista disso, alguns presumem que o Deus do Antigo Testamento era mais primitivo e severo do que o Deus do Novo Testamento, que é misericordioso e compassivo (V. quadro seguinte).
- 7. LEITURA DA LEI EM SIQUÉM.** (8:30-35). Depois de tomar Ai, Josué conduziu as doze tribos 32 km ao norte de Siquém a fim de ler a lei entre dois montes. Seis tribos ficaram em frente do monte Gerizim e seis em frente do monte Ebal, repetindo em antífona os “améns” para as bênçãos e as maldições. É estranho que as seis tribos que confirmavam as maldições descendiam das servas de Jacó (tribos de Gade, Aser, Dã e Naftali), além de Rúben e Zebulom, o filho mais velho e o mais moço de Lia. O encontro em Siquém foi importante por diversos motivos. Ali Abraão havia recebido pela primeira vez a aliança (Gênesis 12:6-7). Também ali Jacó chegou ao voltar de Harã, comprando o lugar que mais tarde deu a José (João 4:5). O objetivo da peregrinação de Josué e Israel a Siquém era lembrá-los da promessa de Deus a Abraão e da sua Lei a Moisés. As bênçãos de Abraão continuariam a ser deles se tivessem o cuidado de guardar a Lei de Moisés.
- 8. “O SOL SE DETEVE”** (10:13). Duas intervenções sobrenaturais ajudaram a campanha meridional contra os amoritas: 1) O Senhor lançou grandes pedras de granizo que fizeram uma destruição maior que as tropas; 2) o Senhor encompridou o dia da batalha e o exército de Josué conseguiu alcançar e vencer o inimigo. Apesar de esse milagre ser visto freqüentemente como uma expressão poética e impossível do ponto de vista científico, ele não faz sentido como simples poesia e o texto diz que aquele foi um dia singular em toda a história (10:14). Cientistas espaciais asseveraram recentemente ter descoberto pelos cálculos de computador um lapso de um dia na história antiga. Reconhecendo o Senhor de Israel como o Deus da criação, entretanto, o problema torna-se exegético, certamente não científico, e há evidência de um milagre divino.
- 9. CESSÃO DA TERRA ÀS DOZE TRIBOS** (13-21). A desigualdade da distribuição da terra é bastante surpreendente. Por que uma porção gigante para Judá, Efraim e Manassés, e uma parte pequena para os outros? A partilha realizou-se mediante “sorteio”, revelando assim a vontade de Deus (Josué 18:6; Provérbios 16:33). Podemos observar diversos fatores envolvidos na distribuição: 1) Judá recebeu a grande seção do sul porque Calebe era

da sua tribo e Moisés lhe tinha prometido a terra que espiara; 2) Como foi dado a José o direito da primogenitura (1 Crônicas 5:1), seus dois filhos Efraim e Manassés receberam a grande parte do centro. E Josué, que foi um espia fiel, pertencia à tribo de Efraim, que adquiria o direito de escolha. (Por algum estranho motivo, as quatro tribos — Aser, Naftali, Zebulom e, mais tarde, Dã — que vieram de Bila e Zilpa, servas de Jacó, acabaram ficando no

Análise Moral da Conquista de Canaã por Josué

O livro salienta uma questão ética crucial: como se justificaria que um povo escolhido por Deus se apossasse de Canaã, massacrando a população, tomando a sua terra e riquezas? Defrontamo-nos com esse problema moral em outros livros, como Números e 1 e 2 Samuel, onde Israel impõe armas contra os pagãos em vez de pregar a Palavra. Por que não foram enviados a Canaã como evangelistas em vez de carrascos? Diversas razões importantes devem ser observadas a partir do cenário histórico:

- Devido à Degradante Religião de Canaã.* A religião de Canaã tinha-se tornado tremendamente abominável aos olhos de Deus e da própria moralidade. Escavaçõesugaríticas mostraram a extrema obscenidade da religião que tinha um panteão de deuses: El, o deus principal, é orgulhosamente apresentado como sendo inteiramente sensual, sórdido e sanguinário até consigo mesmo; as três deusas cananéias, enroladas em serpentes, são apresentadas em posturas vis e sensuais. O sistema prestava homenagem a serpentes, era totalmente depravado e estava fadado à destruição.
- Devido à Sua Cultura Corrompida.* A adoração ao sexo demoníaco e aos ídolos de guerra refletiam uma sociedade permeada da mais grosseira imoralidade e violência. Escavações arqueológicas revelam que os seus templos eram centros de vício com sacerdotes sodomitas e sacerdotisas prostitutas. Queimar crianças vivas nos altares se tinha tornado ritual comum. A baixeza da idolatria de Canaã formava contraste com a idolatria do Egito e da Mesopotâmia, cuja moralidade não tinha caído em tão profunda vulgaridade e brutalidade. A cultura estava fadada à destruição (Levítico 18:25).
- Devido às Admoestações e Paciência de Deus.* O texto declara muitas vezes que o Senhor era o verdadeiro dono da terra de Canaã e podia dá-la ou negá-la a quem quisesse, por razões nem sempre evidentes aos homens. O seu plano de cessão e período de experiência é observado diversas vezes muito antes de Moisés e Josué:
 - Através de Noé, Deus profetizou julgamento para os cananeus pela sua obscenidade (Gênesis 9:22-27).
 - Para Abraão e os seus descendentes o Senhor prometeu a terra de Canaã, a qual eles receberiam depois de cheia a medida da iniquidade dos amorreus (Gênesis 15:13-16).
 - Justamente como aconteceu com os habitantes de Sodoma antes da sua destruição, o Senhor deu aos cananeus muitas oportunidades de arrependimento (Gênesis 18:25; Romanos 1:18-22). Deus esperou 400 anos.
- Devido à Comissão Divina de Israel.* Israel não foi designado para ser apenas uma organização religiosa, mas um governo civil com obrigações da aliança perante o Senhor. Como tal, sua primeira comissão era executar o julgamento de uma sociedade corrupta e violenta de acordo com a aliança noéica (Gênesis 9:6). Apesar de sempre reticente na execução daquele sórdido dever, Israel estava sob o comando específico do Senhor para tomar a terra, destruir os cananeus e receber a sua riqueza (Números 31:7; Deuteronômio 9:3; 7:15; Josué 1:1-7). Na realidade, os ataques de Israel eram quase sempre respostas aos ataques iniciais dos cananeus (Números 21:1; 23-24, 33; Josué 9:1-2; 10:1-4; 11:1-5).
- Devido às Promessas da Aliança Feitas por Deus.* Conforme o Senhor declarou a Abraão e a Israel, a ocupação final da Palestina por Israel estender-se-á desde o Egito até o Eufrates (Gênesis 15:8; Deuteronômio 1:7-8; 30:5). Antes daquela futura ocupação final, entretanto, o Senhor novamente limpará a terra da vil idolatria e brutalidade introduzida por um sistema religioso inspirado por Satanás (Apocalipse 14:16 e ss.; 19:15).

extremo norte.) De acordo com a profecia de Jacó, Simeão e Levi não receberam área especial, mas ficariam espalhados em Israel.

10. **“ESCOLHEI HOJE A QUEM SIRVAIS”** (24:15). Este foi o famoso desafio de Josué no fim da sua vida, quando ele reuniu as tribos em Siquém. Vendo a tendência do povo para a idolatria, avisou-os do perigo de presumir que estavam servindo ao Senhor, sem o servir na realidade. O povo reagiu favoravelmente à solene chamada de consagração e austeridade, o que proporcionou um final feliz a esse livro de fé e vitória.
11. **VENDO CRISTO EM JOSUÉ.** Embora não haja profecias sobre Cristo no livro de Josué, diversos tipos podem ser observados. O “cordão de escarlate à janela” de Raabe (2:18,21) é visto com frequência como tipo da obra redentora de Cristo. Como o sangue nas ombreiras das portas no Egito livrou do anjo da morte os que estavam na casa, também o cordão de escarlate em Jericó identificou os da casa de Raabe que tinham fé (Hebreus 9:19-22). Da mesma forma, o “Príncipe do exército” é uma cristofania, sem dúvida (Josué 5:14). E o próprio Josué é, nesse livro, o tipo por excelência de Cristo, tanto no seu nome (“Jesus”, ou “salvação” do Senhor) e na sua obra de trazer o povo ao descanso (Hebreus 4:6-10). A vida cristã está também retratada por Paulo em Efésios 6 como uma batalha que pode ser vencida pelo uso da armadura de Deus.

O Livro de Juízes

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

O título “Juízes” (Shophetim) é devido aos líderes levantados intermitentemente por Deus, para que houvesse liderança em épocas de emergência durante o período que vai de Josué até o reinado de Saul. O nome “Juízes” descreve duas funções desses líderes:

- a. Livrar o povo dos seus opressores, na função de líder militar.
- b. Resolver disputas e defender a justiça, na função de líder civil.

B. AUTOR

O livro é anônimo, mas a tradição judaica o atribui a Samuel por diversas razões. Ele era escritor e educador (1 Samuel 10:25). A ênfase dada à tribo de Benjamim sugere a época do rei Saul, quando Samuel ainda julgava, antes de o nome da cidade de Jebus ter sido mudado para “Jerusalém” (Juízes 1:21; 19:10).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 1375-1075 a.C.

1. O livro de Juízes é o único que registra um longo período da história de Israel. Descreve três guerras civis, sete opressões de cinco inimigos, sete guerras de libertação, um número de magistraturas judiciais pacíficas e, finalmente, uma magistratura malsucedida de Sansão, a qual quase terminou com os filisteus assumindo o controle.
2. Apesar de o período total de trégua e opressão chegar a 410 anos, o tempo envolvido foi de aproximadamente 300 anos até a morte de Sansão. O confronto entre as magistraturas provinciais e as relatadas em Juízes justificam essa diferença.

B. ESTADO DA NAÇÃO

1. Após a morte de Josué, Israel ficou sem um líder nacional por mais de 300 anos. As tribos mostravam-se independentes e cada indivíduo era uma lei perante si próprio. Durante esse tempo o Senhor levantou juízes principalmente nas emergências para livrá-los dos inimigos invasores e defender a justiça civil.
2. Esse foi um período em que o Senhor testou a nação para ver como ela guardaria a sua aliança num ambiente pagão e idólatra (3:1-5). Os israelitas caíram em uma condição crônica de apostasia. Aceitavam entusiasticamente os livramentos do Senhor, mas quando lhes faltava uma forte liderança, retornavam rapidamente às práticas pagãs que os rodeavam.
3. O estado espiritual da nação contrasta vivamente com o da época de Josué. Seu livro apresenta uma história de obediência, fé e vitória sob a liderança teocrática desse grande homem de Deus. Juízes, porém, é um livro que apresenta uma história de contínuo fracasso: “cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” (17:6). Se não fosse pelas misericordiosas operações de livramento do Senhor durante esse período, a nação teria afundado numa idolatria pagã irrecuperável.

OBJETIVO DO LIVRO DE JUÍZES

O objetivo principal de Juízes é preservar um registro do caráter de Israel durante o tempo em que este não tinha um líder nacional, e enfatizar sua necessidade de um rei teocrático. Os muitos ciclos de fracasso e castigo salientam repetidamente a verdade deuteronômica de que o abandono da fé no Senhor traz inevitavelmente o castigo da servidão e o caos.

Contribuições singulares de Juízes

1. **MOTIVO DO JULGAMENTO.** Do mesmo modo que o Livro de Josué revela as bênçãos da aliança através da fé e obediência, Juízes retrata as maldições da desobediência. Josué é um livro pleno de vitórias; Juízes, pleno de derrotas. Embora os maiores trechos do livro sejam de descanso e paz depois do arrependimento, a ênfase está nas conseqüências inevitáveis da idolatria conforme veemente admoestação de Moisés. À medida que evoluíam os ciclos de idolatria, os períodos de opressão tornavam-se mais longos, e os de descanso mais curtos. No final, os filisteus controlavam os acontecimentos, até mesmo seduzindo e destruindo o homem forte de Israel, Sansão. As histórias de Dã e Benjamim terminam o livro com esse motivo de julgamento: deixando de obedecer ao Senhor e assim conquistar facilmente seus inimigos, os israelitas são conquistados por eles e julgados por Deus.

2. **NECESSIDADE DE UM REI PARA ISRAEL** (17:6; 18:1; 19:1; 21:25). Essa necessidade é retratada com clareza nos capítulos 1-16, e é afirmada quatro vezes na parte final. Sem um rei, eles se encontravam num estado de anarquia. Por que Deus os deixou sem um líder ou não lhes deu imediatamente um rei conforme promessa de Deuteronômio 17-18? Parece que o objetivo desse período de espera era ajudá-los a reconhecer a necessidade de alguém que os governasse. Foi também um período de teste para deixá-los manifestar a escolha da aliança do Senhor como o seu Rei teocrático, conforme palavras de Moisés (Deuteronômio 12:2, 5). Foi-lhes permitido escolher a liderança do Senhor sem nenhuma coação de um monarca. Os fracassos apenas intensificaram a necessidade de tal liderança.

Esboço de Juízes

TEMA: Ciclos de Fracasso e Apostasia Sem um Líder Nacional

I RAZÕES PRINCIPAIS DA APOSTASIA DE ISRAEL	1-3
A. Fracasso Militar na Conquista da Terra	1:1-2:9
B. Fracasso Religioso na Guarda da Lei	2:9-3:6
II CICLOS DE APOSTASIA EM ISRAEL	3-16
(Ciclos de reincidência, ruína, arrependimento, restauração e trégua)	
A. Apostasia e Opressão pela Mesopotâmia	3:7-11
Livramento por Otniel de Judá	
B. Apostasia e Opressão pelos moabitas	3:12-30
Livramento por Eúde de Benjamim	
C. Apostasia e Opressão pelos filisteus	3:31
Livramento por Sangar de Judá	
D. Apostasia e Opressão pelos cananeus	4-5
Livramento por Débora e Baraque	
E. Apostasia e Opressão pelos midianitas	6-8
Livramento por Gideão	
F. Apostasia e o Rei Usurpador Abimeleque	9
Livramento por uma mulher anônima	
G. Apostasia e Opressão pelos amonitas	10-12
Livramento por Jefté	
H. Apostasia e Opressão pelos filisteus	13-16
Tentativa de livramento por Sansão, de Dã	
III MAIS EXEMPLOS CALAMITOSOS DA APOSTASIA DE ISRAEL	17-21
A. Idolatria de Dã e migração para o norte na época de um neto de Moisés	17-18
B. Imoralidade de Benjamim e a sua quase extinção na época de um neto de Arão	19-21

3. **NOVA INSTALAÇÃO; DÃ APOSTATA (17-18).** Em vez de conquistar o país montanhoso dos filisteus com a ajuda de Deus, essa meia tribo procurou uma vida mais fácil no extremo norte com seus “homens valentes”. Assim fazendo, a valentia transformou-se em violência e a tribo inteira voltou-se para a idolatria. Tomando o neto de Moisés (Jônatas) para sacerdote dos ídolos de Mica, demonstraram rejeitar o tabernáculo, único lugar de adoração a Deus. Essa tendência à idolatria continuou na maior parte do período do Antigo Testamento, até que os assírios os levaram para o antigo centro de idolatria. Pode-se observar que, no começo do período, tanto Sansão (um danita no final do período) como os danitas viveram para os seus apetites, empregaram a violência para satisfazê-los e deixaram de conquistar o que Deus lhes havia dado.

4. **BENJAMIM: A TRIBO CAÇULA QUASE PERDIDA (19-21).** Logo depois da época de Josué, houve um “holocausto” de proporções gigantescas, quase a dizimação da tribo do irmão mais moço de José. Da tragédia depreendem-se algumas lições: 1) A recusa em disciplinar seus jovens trouxe para a importante cidade de Gibeá a sodomia, motivo de destruição de Sodoma. Nem mesmo um filho favorito foi poupado quando tal coisa aconteceu. 2) O perigo de se adotar a posição defensiva quando se trata de iniquidade, em vez de enfrentá-la com arrependimento. 3) A demonstração da graça redentora de Deus que se manifestou mais tarde àqueles que tinham caído, permitindo-lhes um novo começo. Desse grupo remanescente que havia caído, vieram líderes, tais como Eúde — o juiz, Saul — o primeiro rei, e Paulo de Tarso — o grande apóstolo da graça para os gentios.

Os dois desastres envolvendo Dã e Benjamim têm algumas semelhanças notáveis: 1) Ambas as histórias começam com um levita vindo de Belém. 2) Uma envolve um neto de Moisés (Jônatas) e a outra, um neto de Arão (Finéias). 3) Nas duas histórias, um grupo de 600 homens teve um novo começo. 4) Ambas as tribos demonstraram o rápido aumento de violência em Israel logo que ficaram sem um líder. 5) Observe-se também a graça de Deus em permitir que um poderoso herói se levantasse de cada uma dessas tribos no fim do período, a fim de livrar a terra das mãos dos filisteus. Ambos, entretanto, falharam por terem sido levados pelas paixões em vez de pelos princípios (Sansão e Saul). Saul de Tarso evidentemente tentou uma expiação pelos erros de ambos, crucificando constantemente as suas paixões para viver por princípios.

5. **LÃ DE GIDEÃO (6:37-40).** Como Josué (e Jefté, mais tarde), Gideão foi um grande descendente de José. Sua vitória sobre os

Cronologia do período de Juízes*

Data a.C.	Opressor	Juiz	Tribo	Referência	Importância
1382-1374 1374-1334	Mesopotâmia (8)	Otniel (40)	Judá	Juízes 3:7-11	Culto a Baal logo após a morte de Josué. Opressão por antigo inimigo distante.
1370	Tribo de Dã emigra para o norte por não ter conseguido expulsar os filisteus das terras do sudoeste.			17-18	Covardia, independência e idolatria levam Dã a mudar-se para o norte. Neto de Moisés como sacerdote.
1365	A imoralidade da tribo de Benjamim provoca a guerra civil com Israel. Finéias era ainda o sumo sacerdote.			19-21	A tribo de Benjamim não disciplinou seus jovens e foi quase destruída pelas tribos irmãs.
1340	Época provável em que a moabita Rute casou-se com Boaz, descendente de Raabe (V. Introdução ao livro de Rute).			Livro de Rute	Ainda havia bom relacionamento com Moabe. Uma moabita torna-se ancestral de Davi e do Messias.
1334-1316 1316-1235	Moabitas (18)	Eúde (80)	Benjamim	3:12-30	Vizinho afim disciplina Israel. Benjamim torna-se forte novamente. Segue-se um longo período de paz.
1230	Filisteus	Sangar	Judá	3:31	Violento crime nas ruas de Israel. Opressão dos filisteus. Uso do aguilhão dos bois—escassez de ferro.
1235-1216 1216-1176	Cananeus (20)	Débora (40)	Efraim	4-5	Homens tímidos na liderança. Duas valentes mulheres livram Israel (Jael e Débora).
1176-1169 1169-1129	Midianitas (7)	Gideão (40)	Manassés	6-8	Culto a Baal. Medo leva Israel para as covas. Saque pelos beduínos. Empossado um humilde fazendeiro.
1129-1126	Rei usurpador (3)		Manassés	9	Mau filho de um grande líder tenta tornar-se primeiro rei de Israel pela violência.
1120-1097	Período pacífico	Tola (23) Jair (22)	Issacar Gileade	10:1-2	Juízes mais pacíficos do que libertadores.
1103-1085 1085-1079	Amonitas (18)	Jefté (6)	Manassés (Gileade)	10-12	Israel serve a muitos deuses estrangeiros. Israelita proscrito recebe o poder de libertar, e repreende Efraim.
1100-1085	Período pacífico	Ibsã (7) Elom (10) Abdom (8)	Judá Zebulom Efraim	12:8-15	Tribos do norte, sul e do centro têm paz.
1103-1063 1095-1075	Filisteus (40)	Sansão (20)	Dã	13-16	Filisteus ocupam Israel ocidental. Um dotado nazireu sem moral é o único juiz que falha.
1095-1055 1070-1020	Filisteus (40)	Samuel (50)	Levi	1 Samuel 7:16	O primeiro dos profetas e o primeiro líder a unir todo Israel desde Josué (mais de 300 anos).

* Cronologistas diferem grandemente quanto às datas dos juízes em virtude da falta de informações exatas. Juízes 11:26 e 1 Reis 6:1 são duas referências importantes. Sobreposições e magistraturas provinciais explicam o total de 410 anos em 300 anos reais. As datas adotadas são semelhantes às de Gleason Archer em “The Expositor’s Bible Commentary” Comentário da Bíblia do Expositor (Frank E. Gaebelien, Ed.), pp. 367-68.

midianitas foi talvez a mais espetacular dentre os juízes. Sem falar dos preparativos, encontro especial com o Senhor, sua grande humildade, milagres realizados (6:13-21). Parecia-se mais com Moisés do que qualquer dos juízes. Que podemos deduzir da famosa lâ? 1) Para Gideão, que repentinamente se tornou o comandante de um exército e defrontou-se com uma multidão de saqueadores beduínos, o teste da lâ foi importante. Vivendo na idolatria, pouco sabia ele dos “princípios bíblicos”, embora tivesse ouvido falar dos milagres do êxodo. Tendo recebido ordens para realizar milagres enfrentando numeroso inimigo, necessitava daquele sinal da presença do Senhor. 2) Hoje, entretanto, atitudes de fé são confirmadas não só por manifestações físicas, mas por princípios bíblicos já confirmados no Antigo e no Novo Testamentos. Podemos traçar um princípio, baseados na lâ de Gideão, de que qualquer medida que envolva um grande passo de fé numa direção nova deve ser cuidadosamente conferida. É para se ter certeza de que é essa a direção do Senhor, e não apenas uma reação egoísta ao “status que”.

6. **VOTO INSENSATO DE JEFTE** (11:29-40). Está registrado que o Espírito do Senhor veio sobre quatro juízes (Otniel, Gideão, Jefte e Sansão). A história de Jefte é importante por três razões: sua designação, mesmo sendo um proscrito; seu argumento com os amonitas, reivindicando a Transjordânia como uma dádiva do Senhor; e seu voto de oferenda a Deus. Ele realmente ofereceu a sua filha como “oferta de holocausto” (11:31)? Deve-se observar que o seu voto permitia duas opções: aquilo que saísse de sua casa quando ele voltasse de Amom, 1) “será do Senhor” ou 2) “eu o oferecerei em holocausto”. O fato de que a moça chorou dois meses em virtude da “sua virgindade” e que “ela jamais foi possuída por varão” é um forte indício de que Jefte escolheu a primeira alternativa — dá-la ao Senhor para o culto no templo. Como Jefte não tinha outros filhos para continuar o nome da família, seu gesto representou um grande sacrifício. Sacrifícios humanos jamais foram realmente tolerados pelo Senhor (incluindo o de Isaque).
7. **ROMANCE TRÁGICO DE SANSÃO** (13-16). Sansão foi o juiz mais singularmente dotado e o único nazireu identificado no Antigo Testamento. Como Isaque, Samuel, João Batista e Jesus, o seu nascimento foi predito por um anjo. Foi-lhe dada a grande dádiva da força especificamente para livrar Israel dos filisteus, que tinham devastado a nação israelita. Possuidor da maior força pessoal, foi o único juiz que falhou na sua missão e teve um fim trágico. Seu fracasso é atribuído a dois fatores: 1) Vivia pelas paixões, em vez de pelos princípios nazireus. Três mulheres filistéias o sedu-

ziram. 2) Evidentemente, suas façanhas libidinosas o fizeram perder de vista sua missão real para com o Senhor. Embora pela fé tenha fechado “bocas de leões” (Hebreus 11:32-33), ele só atacou os filisteus quando estes interferiram nos seus prazeres sexuais.

8. **CRISTO EM JUÍZES**. Se Jesus incluiu o livro de Juízes no seu estudo do Antigo Testamento, expondo o que a seu respeito ali constava, dois itens podem ter sido debatidos:
- 1) A falta de um rei ou líder nacional em Israel para unificá-lo como uma real nação teocrática. O livro de Juízes é uma preparação para a vinda de Davi, mas também para a vinda do próprio Messias.
- 2) Os juízes sobre os quais veio o Espírito poderiam prenunciar a vinda do Senhor, especialmente na sua função futura de Juiz justo quando julgar o seu povo, destruir os inimigos e trazer justiça para a nação.

O Livro de Rute

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

O nome “Rute” significa “amizade”, uma característica verdadeira daquela que deu nome ao livro. É um dos seis livros históricos que levam o nome das principais figuras de ação e vida descritas neles (Josué, Rute, Samuel, Esdras, Neemias e Ester). É um dos dois livros bíblicos que levam o nome de uma mulher:

1. Rute, a gentia que se casou com um rico judeu de linhagem real da promessa.
2. Ester, a judia que se casou com um rei gentio.

B. AUTOR

Samuel, provável autor de Juízes, pode também ter escrito Rute. Muitos classificam esse livro como um terceiro apêndice a Juízes 1-16, que proporciona um agradável lenitivo de fé e amor numa época de infidelidade, idolatria e violência. Como a genealogia do capítulo 4 vai até Davi, mas não até Salomão, o livro foi provavelmente escrito depois de Davi ser ungido rei, mas antes de ele subir ao trono, ou antes de Salomão. Samuel ainda vivia, e é ele o escritor mais provável do livro, na época em que os pais de Davi encontravam-se em Moabe.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA DOS ACONTECIMENTOS — 1340 a.C.

Embora os acontecimentos do livro de Rute sejam frequentemente datados de 1100 a.C., aproximadamente, colocando assim Boaz na condição de bisavô de Davi, a seguinte informação sugere uma data anterior:

1. São apresentadas cinco gerações de Salmom a Davi (1405-1040). Todas as genealogias bíblicas fazem o mesmo registro

(Rute 4:21-22; 1 Crônicas 2:11-15; Mateus 1:5-6; e Lucas 3:32). Todavia, quatro nascimentos em 365 anos sugerem a possibilidade de uma lacuna.

2. A única possibilidade de haver uma lacuna parece ser *entre Obede e Jessé*:
 - a. Não pode haver lacuna entre Salmom e Boaz (Mateus 1:5).
 - b. Nem entre Boaz e Obede (Rute 4:17).
 - c. Ou entre Jessé e Davi (1 Samuel 16:1 e ss.).
3. Desde que há lacunas óbvias na genealogia de Mateus (Mateus 1:8, 11), é possível que elas tenham ocorrido por não ter sido mencionada a idade do pai na época em que o filho nasceu.
4. Supondo que Boaz, filho de Salmom e Raabe, tenha nascido em 1390 a.C. aproximadamente, a última data provável do nascimento de Obede, filho de Rute e Boaz, seria em 1340 a.C.

B. CIRCUNSTÂNCIA

1. O livro começa com a circunstância não muito comum de que havia fome em Belém (cujo nome significa “casa de pão”). Assim

Esboço de Rute

TEMA: Amor de Rute por Noemi e Sua Inclusão na Linhagem Davídica

I	DECISÃO DE RUTE PELO SENHOR NA TERRA DE MOABE	1
	A. Fome em Belém	1:1-2
	B. Morte em Moabe	1:3-5
	C. Decisão de Noemi e de Rute	1:6-18
	D. Volta a Belém	1:19-22
II	TRABALHO DE RUTE PARA NOEMI — NOS CAMPOS DE BOAZ	2
	A. Trabalho Humilde de Rute	2:1-3
	B. Encontro Providencial com Boaz	2:4-13
	C. Cuidado Providencial de Boaz	2:14-23
III	NOIVADO DE RUTE E BOAZ — NA EIRA	3
	A. Proveitoso Conselho de Noemi	3:1-5
	B. Proveitoso Encontro com Boaz	3:6-15
	C. Feliz Comunicado a Noemi	3:16-18
IV	CASAMENTO DE RUTE E BOAZ — À PORTA DA CIDADE	4
	A. Direito de Resgate Procurado	4:1-8
	B. Preço do Resgate Estipulado	4:9
	C. Casamento com Boaz Abençoado	4:10-13
	D. Nascimento de Obede Abençoado	4:13-17
	E. Genealogia até Davi Delineada	4:18-22

como aconteceu com José no Egito, o Senhor usou a fome para trazer salvação e bênção espiritual através dos fiéis.

2. A história apresenta a característica irônica de uma mulher virtuosa, que veio de um povo nascido de incesto (Ló e sua filha). Os moabitas, ancestrais de Rute, tinham atraído Israel para a idolatria e a imoralidade (Gênesis 19:37; Números 25:1 e ss.), mas agora ela estava influenciando Israel com o seu amor e virtude.

OBJETIVO DO LIVRO DE RUTE

O objetivo desse livro parece ser duplo: 1) Retratar o ânimo religioso e o amor de duas mulheres de países diferentes numa época de rivalidade inter-racial, violência e idolatria. 2) Lembrar a relação genealógica de Davi com Moabe, talvez durante a estada do salmista com os seus pais moabitas. Incidentalmente mostra a linhagem marcadamente gentia na linha genealógica do Messias, vindo através de Raabe, a cananéia, e Rute, a moabita, pelo lado materno.

Contribuições singulares de Rute

1. **LIVRO QUE HONRA AS MULHERES.** Dois livros do Antigo Testamento têm nome de mulher: Rute, no início da história de Israel em Canaã, e Ester, no término da história de Israel do Antigo Testamento. Rute foi uma das mulheres mais preeminentes no período inicial dos juízes. Outras foram Débora, Jael — uma mulher anônima que assassinou Abimeleque, o rei usurpador — a filha de Jefté e a mãe de Sansão. No livro de Rute, a simpatia de Noemi em difíceis provações traz sua nora para o Deus de Israel. O amor de Rute transcende laços raciais, e as duas virtuosas mulheres cumprem a lei dos judeus. Assim fazendo, contribuem para o nascimento de Davi, o grande rei e salmista. Samuel — cuja mãe, Ana, foi muito piedosa — achou que o relato da vida de duas nobres mulheres merecia um lugar na história de Israel, juntamente com todas as histórias de grandes homens israelitas.
2. **FÉ GENTIA NO ANTIGO TESTAMENTO (1:16).** A declaração de fé realizada por Rute é um clássico do Antigo Testamento: “O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.” Embora não seja a primeira conversão de gentios registrada no Antigo Testamento, a conversão de Rute é a mais detalhada e famosa. Apresenta também um contraste interessante com a conversão de sua segunda sogra, Raabe. Enquanto a de Raabe é apresentada como uma reação ao medo do julgamento que viria, a de Rute é uma reação ao amor (Josué 2:9-13; Rute 1:16). O Senhor usa tanto o amor como o medo para ativar a fé no Antigo e Novo Testamentos.

3. **SINGULAR HISTÓRIA DA PROVAÇÃO E TRAGÉDIA DE UMA FAMÍLIA.** Rute é o único livro da Bíblia que focaliza as provações e dificuldades de uma única família, em vez de uma tribo ou nação numa perspectiva maior. O livro trata de uma viúva de Israel, atingida pelo triplo infortúnio de haver perdido o esposo e os dois filhos, depois de a fome tê-la forçado, a ela e à família, a sair de Belém. Como o livro de Ester, essa história demonstra

Significado do casamento levirato em Rute

SIGNIFICADO:	“Levirato” era o casamento de uma viúva com o irmão do seu marido, no caso de o cunhado morar na casa do pai (ou seja, o irmão mais moço ainda não casado).
OBJETIVO:	Preservar o nome e a linhagem familiar do irmão falecido e prover sustento para a sua viúva.
TEXTOS:	Gênesis 38:8 — Afirmado e ilustrado o princípio original. Deuteronômio 25:5-6 — Sancionado por Deus o princípio mosaico. Levítico 25:25-28 — Formulado o relacionamento do resgatador com o parente.

RESPONSABILIDADES DO NOIVO PARENTE-RESGATADOR:

- 1) Estar qualificado como parente legítimo e próximo.
- 2) Estar qualificado como resgatador capaz de resgatar os débitos e a pobreza do morto endividado.
- 3) Estar disposto a defender, proteger e ser mediador.
- 4) Estar disposto a ficar noivo e ser provedor daqueles que resgatou.

APLICAÇÕES DO LIVRO DE RUTE:

- 1) Noemi e Rute eram viúvas necessitadas de resgate e proteção para preservar a linhagem de Elimeleque e Malom.
- 2) Somente Boaz estava qualificado a ser o parente-resgatador, pelo seu parentesco e pela sua capacidade de resgatar apropriadamente.
- 3) O casamento de Boaz e Rute preservou a linhagem de Elimeleque e também originou a linhagem real do reinado de Israel.
- 4) A genealogia remontada a Perez enfatiza o levirato no livro de Rute. Foi justamente antes do nascimento de Perez (nascido de incesto) que o levirato foi ordenado a Onã após a morte de Er (Gênesis 38:8).

APLICAÇÃO TÍPICA A CRISTO E À IGREJA:

- 1) Cristo tornou-se membro da raça humana como um qualificado parente.
- 2) Ele proporcionou plena redenção pelo pagamento das dívidas humanas e provisão para a felicidade do homem. (Cristo proporcionou muito mais do que tudo quanto foi perdido com a morte de Adão.)
- 3) Ele tornou-se idôneo Defensor e Mediador do homem.
- 4) Ele é o tipo do noivo celestial tomando a Noiva gentia a quem calorosamente dá acolhida e sustento.

como Deus age na infelicidade a fim de cuidar dos seus fiéis em tempos mais difíceis, e como Ele fez com que aquelas provações contribuíssem para o nascimento de Davi e, mais tarde, para a vinda do Messias. A ênfase do livro é na “prole ... desta jovem” (4:12), através de quem o Senhor prometeu que o seu plano seria cumprido.

4. LIGAÇÃO DE MOABE COM DAVI E O MESSIAS (4:18-22).

Embora os moabitas fossem descendentes de Ló e sua filha (por incesto) e fossem, portanto, primos de Israel, foi-lhes negada entrada na congregação israelita “até a décima geração” em virtude da sua hostilidade para com os judeus quando eles saíram do Egito (Deuteronômio 23:3-6). Por que, então, Rute foi bem recebida por Israel dentro de duas ou três gerações? Evidentemente aquela lei aplicava-se aos homens moabitas e não às mulheres, de modo semelhante ao regulamento registrado em Deuteronômio 21:10-13 acerca da mulher prisioneira recebida como esposa. Essa conexão moabita enfatiza que, embora a linhagem de Davi e do Messias fosse formada apenas de hebreus pelo lado paterno, ela incluiu muitas mulheres gentias. Tamar e Raabe eram cananéias, Rute moabita e Naamá, mãe de Roboão, amonita. O Messias realmente veio de extensa gama de nacionalidades pela sua linhagem materna.

5. RUTE: MEDITAÇÃO DE ISRAEL PARA O PENTECOSTE.

Esse livro era lido anualmente pela nação, em público, quando se reuniam para a festa de verão do Pentecoste. A colheita lembrava-os da colheita anterior de cevada dada por Deus e da recompensa do culto de amor que ainda viria. Do mesmo modo que o Pentecoste comemorava a primeira safra, a leitura de Rute recordava a colheita das primícias dos gentios. Lembremos, também, que o Pentecoste do Novo Testamento comemora as primícias da colheita divina na Igreja, sendo gentios muitos desses novos crentes.

6. CRISTOLOGIA EM RUTE. Há duas referências básicas a Cristo no livro de Rute, ambas relativas a Boaz:

- a. Deduz-se que Boaz seja um tipo de Cristo como um parente redentor, qualificado e disposto a redimir o seu povo. É esse um aspecto da obra de Cristo, ilustrado aqui e em nenhum outro lugar da Bíblia (embora Jeremias 32:6-25 use-o para outro objetivo). A expressão “resgatar” é usada seis vezes em Rute. Como Redentor do crente, Cristo torna-se o seu Redentor para pagar todas as suas dívidas, seu Vingador para defendê-lo de todos os adversários, seu Mediador para conseguir reconciliação, e seu Noivo para união e comunhão perpétua.

- b. O nome de Boaz está registrado em todas as genealogias de Jesus (V. a Introdução), mas somente em Mateus 1:5 Rute também é mencionada. Nesta genealogia Mateus menciona de propósito o nome de Rute e de três outras mulheres estrangeiras. O ponto cristológico parece ter o objetivo de enfatizar a ampla genealogia internacional do Messias que viria trazer salvação para todas as nações. Ele não veio como um simples “Salvador” local.

Os Livros de Samuel

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Estes livros tomaram esse nome devido à primeira figura humana de destaque neles, Samuel, palavra que significa “nome de Deus” ou possivelmente uma abreviatura de “pedido a Deus”. Originalmente, no cânon hebraico, os dois livros formavam um só volume, “O Livro de Samuel”, mas foram divididos em dois pelos tradutores gregos (Septuaginta) que os chamaram de “1 e 2 Reis”. Os livros que chamamos de 1 e 2 Reis tinham o nome de 3 e 4 Reis.

B. AUTOR

Estes livros, como a maioria dos livros históricos, são anônimos. O profeta Samuel é geralmente considerado o autor de 1 Samuel 1-24, e Natã e Gade os autores da parte restante. As descrições detalhadas e a minúcia sugerem que os autores foram testemunhas oculares dos acontecimentos. Segundo observação do próprio Talmude Hebraico, a declaração de 1 Crônicas 29:29 fornece provavelmente os melhores indícios de autoria desses livros: são “o livro de Samuel, o vidente”, “o livro de Natã, o profeta”, e “o livro de Gade, o vidente”.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATAS ENVOLVIDAS — 1100 a 970 a.C., aproximadamente.

- Os acontecimentos relatados nos dois livros cobrem o período do nascimento de Samuel até o fim do reinado de Davi. Supondo que Samuel tivesse 30 anos aproximadamente quando começou a sua liderança em 1070 (cinco anos após a morte de Eli), ele deve ter nascido em 1100 a.C., aproximadamente. Visto

que o reinado de Davi estendeu-se de 1010 a 970, o período de tempo para os livros de Samuel é de cerca de 130 anos.

- Antes da magistratura de Samuel, diversos juízes governaram Israel. Sansão a sudoeste governou Judá e Dã; Jefte governou Manassés e Efraim oriental; Ibsão, Elom e Abdom julgaram outras partes de Israel, enquanto Samuel crescia em Silo.
- Diversos períodos sobrepostos estão envolvidos na história:
 - 40 anos — opressão dos filisteus — 1095-1055 (Juízes 13:1)
 - 40 anos — magistratura de Eli — 1115-1075 (1 Samuel 4:18) o sacerdote
 - 75 anos — arca em Quiriate-Jearim — 1075-1000 (1 Samuel 7:2; 1 Crônicas 15:25)
 - 40 anos — magistratura de Samuel — 1055-1015 (1 Samuel 7:14-16)
 - 40 anos — reinado de Saul — 1050-1010 (Atos 13:21)
 - 40 anos — reinado de Davi — 1010-970 (2 Samuel 5:4)

B. ESTADO RELIGIOSO EM QUE SE ACHAVA A NAÇÃO

- O período começou com a idolatria e a imoralidade ainda predominando em Israel (1 Samuel 7:3). Embora Eli fosse fiel como sacerdote, ele deixou de honrar a Deus por não disciplinar os seus filhos (1 Samuel 2:29) que serviam no tabernáculo de Silo com flagrante imoralidade e cobiça. Por esse motivo o Senhor proferiu julgamento contra a casa de Eli, dizendo que seria afastada do sacerdócio (1 Samuel 2:33). Esse estado de religião superficial e de práticas imorais era evidentemente comum em todo Israel e fez com que o Senhor, para disciplinar o seu povo, permitisse a invasão dos filisteus.
- O tabernáculo e a arca tinham estado em Silo (14 km ao norte de Betel) desde os tempos de Josué até os de Eli. Quando na ocasião da morte de Eli a arca foi roubada, esses dois itens principais do sistema religioso de Israel ficaram separados e assim permaneceram durante 75 anos até que Davi fez com que a arca voltasse em 1000 a.C. Observe os vários locais em que estiveram o tabernáculo e a arca desde a época de Josué:

TABERNÁCULO		ARCA	
Em Gilgal	1405-1398	Em Gilgal (e tabernáculo)	1405-1398
Em Silo	1398-1075	Em Silo (e tabernáculo)	1398-1075
Em Nobe	1075-1015	Em Filistia	1075
Em Gibeom	1015-1000	Em Quiriate-Jearim	1075-1000
Em Jerusalém	1000- 960 (Templo terminado, 960)	Em Jerusalém (no tabernáculo)	1000- 960
		Em Jerusalém (no templo)	960- 586

C. ESTADO POLÍTICO DA UNIÃO

1. Divisões internas. No começo do século 11 a.C. o fraco estado espiritual de Israel combinava com o seu fraco estado político. Foi uma época de lideranças divididas e anarquia geral. Desde a morte de Josué, a nação vinha sem liderança central, mas nas emergências as tribos eram julgadas por juízes indicados por Deus e, às vezes, por governantes sacerdotes (Finéias e Eli).
2. Opressões externas. Os filisteus do sudoeste fizeram nessa época a maior oposição externa a Israel, embora Israel fosse também atacado esporadicamente pelos seus vizinhos consanguíneos que lhe ficavam a leste, e pela Síria ao norte. Os filisteus tomaram-lhe não somente a arca; toda a Jordânia ocidental foi várias vezes quase tomada por eles. Muitas campanhas de guerra foram empreendidas contra os filisteus no século onze (V. Esboço de 1 Samuel).
3. Sob o reinado de Davi, os problemas de anarquia interna e opressão externa foram resolvidos aos poucos. A partir de um grupo de tribos rivais, a nação tornou-se uma força política unida e respeitada por todas as nações da região. Sob a liderança do salmista os filisteus foram expulsos; Edom, Moabe, Amom e Síria tornaram-se vassalos de Israel, e concluiu-se um tratado de paz com a Fenícia.

OBJETIVO DOS LIVROS DE SAMUEL

O objetivo dos livros de Samuel é apresentar a história do desenvolvimento de Israel desde um estado de anarquia até um estado de monarquia teocrática. Dá uma descrição religiosa do crescimento da nação, mostrando a futilidade da tentativa de unificação e crescimento nacional por esforço e liderança humanos, bem como o grande poder e prestígio de uma nação fundada em princípios teocráticos sob um rei indicado por Deus. O motivo dominante é a glória e o poder de uma nação que corresponde ao Senhor soberano.

Contribuições singulares de 1 e 2 Samuel

1. **SAMUEL, O QUE UNGE REIS.** A história do Antigo Testamento apresenta-nos três levitas notáveis do começo, meio e fim do período de Israel: Moisés, Samuel e Esdras. Os três prestaram relevante contribuição à Palavra de Deus. Moisés escreveu os cinco primeiros livros. Esdras escreveu os últimos quatro ou cinco livros históricos e organizou o cânon. Samuel é o provável autor de três dos livros do meio desse período. A importância de Samuel, entretanto, vem do fato de que ele foi o que ungiu os dois primeiros

reis de Israel a mandado do Senhor. Essa continuou a ser uma função especial dos profetas de Israel até a ocasião em que João Batista apresentou a Jesus. Como homens de profundo caráter espiritual, os profetas eram chamados para representar Deus na seleção de reis.

Esboço de 1 Samuel

TEMA: Estabelecimento de Israel como Reino Teocrático

I ASCENSÃO E GOVERNO DE SAMUEL	1—8
A. Samuel Preparado para o Serviço	1-3
1. Nascimento e consagração	1
2. Crescimento e chamada para o serviço divino	2-3
B. Israel Unificado por Samuel	4-7
1. A Arca de Deus julga os filisteus	4-5
2. A Arca de Deus julga Israel	6
3. O Senhor derrota os filisteus	7
C. Samuel Rejeitado como Líder de Israel	8
1. Israel rejeita os filhos de Samuel	
2. Israel pede um rei como as nações	
II ASCENSÃO E GOVERNO DE SAUL	9—15
A. Saul Escolhido pelo Povo	9-10
1. Bela aparência	9
2. Unção do rei de Israel	10
B. Saul Confirmado por uma Vitória Nacional	11
1. Amonitas ameaçam a Transjordânia	
2. Amonitas vencidos por Saul	
3. Saul proclamado rei	
C. Saul Rejeitado pelo Senhor	12-15
1. Discurso final e censura de Samuel	12
2. Conduta insensata de Saul	13-14
3. Presunção fatal de Saul	15
III ASCENSÃO E FUNÇÃO ANTECIPADA DE DAVI	16—31
A. Treinamento de Davi como Pastor	16-17
1. Ungido como futuro rei	16
2. Aclamado como vencedor do gigante	17
B. Serviço de Davi como Cortesão	18-19
1. Desavença com o invejoso Saul	18
2. Fuga da face do conspirador Saul	19
C. Provações de Davi como Fugitivo	20-31
1. Fugas para longe de Saul	20-23
2. Davi poupa a vida de Saul	24-26
3. Na terra dos filisteus	27-30
4. Morte de Saul	31

2. FAMOSA ORAÇÃO DE ANA E CONSIDERAÇÕES (1 Samuel 2:1-10). A oração da mãe de Samuel é considerada uma das mais notáveis da Bíblia. Ana regozija-se na grandeza de Deus e na sua graça de levantar os humildes e insignificantes para confundir os sábios e poderosos. Muito apropriadamente isso estabelece o tom e a ênfase dos livros de Samuel, onde esse princípio é constantemente salientado. Nas suas orações ela introduziu o uso de dois importantes nomes do Senhor: 1) O primeiro é “Senhor dos Exércitos” (1 Samuel 1:3, 11), designação usada aproximadamente 300 vezes na parte restante do Antigo Testamento. Do mesmo modo que Moisés louvou ao Senhor como “homem de guerra” e Josué o viu como “Comandante do exército do Senhor” (Êxodo 15:3; Josué 5:14), a oração de Ana afirma: “O Senhor é o que tira a vida e a dá” (1 Samuel 2:6), aludindo ao seu poder. 2) Ana também se refere ao rei divino como “Seu ungido” (1 Samuel 2:10), um termo interpretado como o “Messias” em Daniel 9:25-26, e como a origem do nome “Cristo” no Novo Testamento. Essa unção expressa o poder do Espírito pelo qual homens de Deus e até mesmo o Messias realizaram a obra divina. As duas designações, “Senhor dos Exércitos” e “Seu ungido”, introduzem com precisão os livros de Samuel onde Davi é ungido com o poder do Espírito para servir ao Senhor dos exércitos, destruindo os inimigos do Senhor e estabelecendo o seu reino.

3. FIGURA TRÁGICA DE ELI (1 Samuel 2:12-36). Eli, o sumo sacerdote, simbolizou a condição em que se achava Israel naquela época: vivia em uma forma de piedade sem poder ou disciplina pessoal. O sacerdote-governante perdeu o sacerdócio por dois motivos, referentes à soberania de Deus e à responsabilidade do homem. 1) Quanto à soberania divina, o Senhor tinha dado o sumo sacerdócio a Finéias — filho de Eleazar — como sacerdócio perpétuo, e não à casa de Itamar à qual pertencia Eli (Números 25:11-13). 2) O motivo humano, entretanto, foi a falha de Eli em disciplinar seus filhos (1 Samuel 3:13), que tiravam proveito do sacerdócio para seu próprio lucro; o Senhor atribuiu parte da culpa a Eli (1 Samuel 2:29). No seu lugar o Senhor iria levantar um sacerdote fiel, cuja casa seria duradoura. Esse sacerdote foi evidentemente Zadoque (da linhagem de Finéias). Apesar de Abiatar (da casa de Eli) ter servido na época de Davi, por razões pessoais Salomão e Zadoque o afastaram e deixaram o sumo sacerdócio com a linhagem de Zadoque.

4. ARCA PERDIDA: “ICABODE” (1 Samuel 4-6). Eli e os seus filhos trouxeram extremo opróbrio a Israel pelo uso supersticioso

da arca no combate. Não somente foi perdida a batalha de Afeque, como a arca foi tomada pelos filisteus. O nome dado ao neto de Eli, “Icabode” (“Foi-se a glória de Israel” — 1 Samuel 4:21) caracterizou muito bem a nação. Durante setenta e cinco anos a arca esteve separada do tabernáculo. Durante os sete meses em que ficou na Filístia, entretanto, foi usada para ensinar aos filisteus algumas profundas lições sobre o Deus de Israel. Quando a colocaram no templo de Dagom, o deus filisteu caiu duas vezes por terra perante a arca, quase destruindo-se na segunda vez. Quando a arca foi mandada às cinco cidades da Filístia, a enfermidade

Esboço de 2 Samuel

TEMA: Estabelecimento de Davi como Rei Teocrático

I TRIUNFO DE DAVI COMO REI TEOCRÁTICO	1—10
A. Reinado sobre Judá em Hebrom	1-4
1. Davi torna-se rei de Judá	1-2
2. Is-Bosete torna-se rei de Israel	2-3
B. Reinado sobre Israel em Jerusalém	5-10
1. Trono de Davi estabelecido	5-7
2. Reinado de Davi ampliado	8-10
II AFLIÇÕES DE DAVI COMO HOMEM IMPRUDENTE E APAIXONADO	11—20
A. Grande Pecado e Penitência de Davi	11-12
1. Adulterio e Tentativa de ocultação	11
2. Censura e julgamento através de Natã	12
3. Arrependimento de Davi e perdão de Deus	12
B. Grande Tristeza e Problemas Familiares de Davi	13-14
1. Amnom violenta a Tamar	13
2. Absalão mata a Amnom	13
3. Absalão foge de Davi	13
4. Rancor de Davi contra Absalão	14
C. Grande Divisão no Reino de Davi	15-18
1. Absalão conspira contra Davi	15-16
2. Davi perde o segundo filho, Absalão	17-18
D. Grande Cisma entre os Líderes de Davi	19-20
1. Rivalidade — Joabe e Amasa	19
2. Rivalidade — Judá e Israel	19-20
3. Rivalidade — Joabe e Seba	20
III PROVAÇÃO DE DAVI, UMA DISCIPLINA TEOCRÁTICA	21—24
A. Consertando o Erro de Saul para com os Gibeonitas	21
B. Recordando os Favores de Deus	22-23
C. Aceitando a Disciplina de Deus	24
1. Pretensioso censo militar	
2. Castigo e penitência	
3. Compra do terreno para o templo	

devastou o povo e o temor tomou conta da nação. Isto demonstrou aos filisteus o poder terrível da Palavra de Deus guardada na arca. Aquele povo guerreiro foi obrigado a ponderar sobre o grande poder do Deus de Israel, cuja mensagem os israelitas tinham deixado de lhes proclamar.

5. SAUL, A ESCOLHA ISRAELITICA DE UM REI “ALTO” (1 Samuel 9-15). Do mesmo modo que a insensatez de Eli contrasta com Zadoque —escolha divina de um sacerdote fiel—, a insensatez de Saul contrasta com Davi —escolha divina de um rei fiel. A indicação de Saul como rei foi uma característica ou consentimento interessante do Senhor, visto que a cidade e tribo de Saul (Gibeá de Benjamim) tinha sido quase toda destruída três séculos antes pela sua imoralidade. A escolha de Saul feita pelo povo, entretanto, refletia a sua confiança mais na aparência física do que na força espiritual. Os fracassos de Saul foram também devidos a fraquezas espirituais, como se evidencia em diversos acontecimentos da sua derrocada: 1) Ao defrontar-se com os poderosos invasores filisteus, ele impacientou-se com Samuel e impudentemente usurpou a função sacerdotal do sacrifício; 2) sedento por vitória, tornou-se egoísta nas exigências às tropas; 3) depois de uma vitória parcial sobre os amalequitas, deixou de obedecer à ordem de Deus para destruir a todos (supondo que

Cronologia dos acontecimentos nos Livros de Samuel

DATA a.C.	ACONTECIMENTO	TEXTO	SIGNIFICAÇÃO
DURANTE A MAGISTRATURA DE ELI E SAMUEL			
1115-1075	Magistratura de Eli (40 anos)	1 Samuel (4:18)	Corrupção até mesmo no sacerdócio
1100	Nascimento de Samuel	1 Samuel (1)	Mãe piedosa prepara um líder
1103-1055	Opressão dos filisteus	Juízes (13:1)	A mais longa servidão de Israel sob invasores filisteus
1075	Morte de Eli depois de os filisteus tomarem a arca.	1 Samuel (4)	Perda da arca para os filisteus — a pior época de Israel
1055	Inicia-se a magistratura de Samuel	1 Samuel (7:2-3)	Reavivamento sob Samuel une Israel

DURANTE O REINADO DE SAUL

1050	Saul é ungido rei	1 Samuel (9-10)	Deus dá a Israel um rei de grande estatura, conforme desejo do povo
1045	Na sua primeira batalha, Saul recebe o apoio do povo	1 Samuel (11)	A submissão de Saul parece prometer uma liderança piedosa
1030	Impaciência de Saul na espera da bênção de Samuel	1 Samuel (13)	Saul demonstra não depender de Samuel antes de ir para a batalha
1025	Obediência incompleta quanto aos amalequitas	1 Samuel (15)	Saul demonstra obediência incompleta depois de ter vencido a batalha
1024	Samuel unge a Davi	1 Samuel (16)	Deus escolhe um pastorzinho para pastor de Israel
1023	Davi mata a Golias	1 Samuel (17)	Deus demonstra seu poder através da fé e obediência
1018	Davi foge de Saul	1 Samuel (19)	Rebelião de Saul contra o Senhor demonstrada na inveja diante de Davi
1016	Saul mata 85 sacerdotes de Nobe (família de Eli)	1 Samuel (22)	A não-obediência de Saul para com Deus gera guerra contra os sacerdotes
1015	Samuel morre em Ramá	1 Samuel (25:1)	Seu longo ministério levou a nação da anarquia para a monarquia.

DURANTE O REINADO DE DAVI

1010	Morre Saul e Davi torna-se rei de Judá	2 Samuel (1-2)	O grande rei de Israel começa um reinado de justiça
1003	Davi torna-se rei de todo Israel	2 Samuel (5:5)	Davi, que esperava pela oportunidade divina, recebe todo o reino
1002	Davi derrota a Filístia	2 Samuel (5)	Os filisteus são destruídos
1000	Davi traz de volta a arca	2 Samuel (6)	Arca e tabernáculo estão novamente juntos em Jerusalém
1000	Davi recebe a aliança	2 Samuel (7)	Sua dinastia será para sempre
999-992	Davi derrota todos os inimigos	2 Samuel (8-12)	O reino de Davi estende-se pela Palestina
995	Pecado de Davi com Bate-Seba	2 Samuel (11-12)	Começa época de dificuldades para Davi
993	Nasce Salomão, filho de Davi e Bate-Seba	2 Samuel (12)	Devido ao arrependimento de Davi, Deus lhe dá a graça junto com o castigo
987	Revolta de Absalão	2 Samuel (13-14)	Julgamento da insensibilidade de Davi
985	Pecado de Davi no censo	2 Samuel (24)	Compra do local do templo depois do pecado

um posterior sacrifício compensaria a desobediência); 4) quando Davi foi bem-sucedido onde Saul falhara, teve ciúmes; 5) quando castigado por Deus em virtude dos seus erros, tornou-se amargo em vez de humilde. O trágico fim de Saul, ao suicidar-se, demonstrou a futilidade da mera aparência na execução da obra de Deus.

6. **DAVI E GOLIÁS** (1 Samuel 16-17). O grande contraste entre o “alto” Saul e o “pequeno” Davi está na escolha divina do jovem pastor, a quem sua própria família não considerava um candidato a rei (1 Samuel 16). Nota-se a mesma ênfase no capítulo seguinte, quando Davi derrota o gigante que mantinha todo Israel acovardado. Tal coisa não foi feita com espada ou armadura, mas em o nome do “Senhor dos exércitos” (17:45). Tão grande era a fé de Davi, que respondeu ao desafio de Golias dizendo que daria todo o exército dos filisteus às aves e às bestas-feras (v. 46). Em contraste com Saul que tinha ambição de glória na batalha, Davi é mais tarde descrito como indagando continuamente do Senhor antes de entrar em combate (1 Samuel 22:10; 23:2, 4, 10; 30:8; 2 Samuel 2:1; 5:19, 23). Ao derrotar Golias, o maior problema

Batalhas de Israel para consolidar o Reino

O século 11 a.C., em que o reino formou-se e foi consolidado, representou para Israel uma época de muitas batalhas. Embora os grandes impérios do Egito e da Mesopotâmia estivessem fracos e não-agressivos, as nações menores que rodeavam Israel investiram muitas vezes contra o país, procurando anexá-lo aos seus territórios. Israel foi desafiado por quatro lados: Síria e Zobá ao norte; Amom e Moabe ao leste; Edom ao sul; e Filístia ao sudoeste. Sob o governo de Davi, as lutas provocadas pelos inimigos levaram Israel a estender os seus limites e colocar esses inimigos sob vassalagem. Durante esse período, as principais batalhas foram:

DATA a.C.	INIMIGO	LOCAL	LÍDER	TEXTO	RESULTADO
BATALHAS ANTES DO REINADO					
1106	Amom	Gileade	Jefté	Juízes (10:7)	Livramento do jugo amonita
1080-1060	Filístia	Judá Ocidental	Sansão	Juízes (14-16)	Sansão apenas aborrece os filisteus
1075	Filístia	Afeque	Eli e filhos	1 Samuel (4)	Filisteus ocupam a Palestina central, tomam a arca e destróem Silo
1055	Filístia	Mispa	Samuel	1 Samuel (7)	Israel, unido com o reavivamento de Samuel, derrota a Filístia

de Davi não foi o gigante ou os filisteus, mas a dúvida e descrença no acampamento de Israel. Livrando-se da descrença, estava pronto a combater todo o exército filisteu. Sua fé contagiosa foi usada para inflamar a fé e o desempenho de Saul e suas tropas medrosas.

7. **EXTRAORDINÁRIO DAVI.** Talvez não haja na Bíblia um homem estimado em tão alto grau por Deus e pelos homens como Davi. Foi ele que estabeleceu o padrão pelo qual Deus avaliou todos os reis posteriores de Israel. O Senhor o usou não somente para estabelecer o reino, mas também para instruir a nação quanto à adoração e o louvor que lhe são devidos. Seus salmos têm provavelmente inspirado mais pessoas do que quaisquer outras com-

BATALHAS NA ÉPOCA DO REI SAUL (Israel escolhe o rei)

1045	Amom	Jabes	Saul	1 Samuel (11)	Israel sob liderança do rei Saul
1030	Filístia	Micmás	Saul	1 Samuel (13)	Filisteus invadem Israel: a impaciência de Saul custa-lhe o reino
1027	Filístia	Micmás	Saul e Jônatas	1 Samuel (14)	Grande vitória de Jônatas, apesar do voto insensato de Saul
1025	Amaleque	Sudoeste de Judá	Saul	1 Samuel (15)	Obediência parcial de Saul provoca a rejeição de Deus
1023	Filístia	Elá	Saul e Davi	1 Samuel (17)	Davi mata a Golias e derrota os filisteus
1010	Filístia	Gilboa (Jezreel)	Saul	1 Samuel (31)	Saul e Jônatas são mortos quando os filisteus tomam a parte norte de Israel

BATALHAS NA ÉPOCA DO REI DAVI (Deus escolhe o rei)

1002	Filístia	Refaim (Sudoeste de Judá)	Davi	2 Samuel (5)	Com duas batalhas Davi põe termo ao domínio filisteu
1000	Moabe	Moabe	Davi	2 Samuel (8)	Moabe e Síria tornam-se vassalos de Israel
998	Amom e Síria	Helá (Gileade)	Davi	2 Samuel (10)	Davi derrota as forças unidas e os sírios tornam-se servos
995	Amom	Rabá	Joabe e Davi	2 Samuel (11-12)	Davi faz com que Urias seja morto; os amonitas são feitos servos
992	Edom	Vale do Sal	Davi	1 Crônicas (18:12-13)	Os edomitas tornam-se servos de Davi. O reino estende-se até o Vale do Sal

posições literárias. Quais eram as chaves da grandeza de Davi? 1) Tinha um profundo amor por Deus e dedicou-se à sua obra. Tinha confiança nas suas convicções e não se atemorizava com a descrença e o negativismo ao seu redor. 3) Assumiu o trono real como um “servo do seu povo”, e não como senhor (como Saul havia feito). 4) No seu longo período de provação, aprendeu a esperar no Senhor e a deixar por sua conta quaisquer vinganças pessoais. 5) Aprendeu a delegar responsabilidades e a dar crédito àqueles que serviam bem. 6) Apesar de não ser perfeito em muitas coisas, mostrou uma capacidade notável de aceitar a própria culpa e reagir positivamente ao castigo do Senhor. Enquanto o castigo amargurou Saul e o levou à violência egoísta, em Davi produziu brandura e bondade de coração.

8. **ALIANÇA DAVIDICA** (2 Samuel 7). Do mesmo modo que a aliança abraâmica delineou as bênçãos espirituais, nacionais, territoriais e pessoais para Israel, a aliança davídica foi dada para elaborar o aspecto nacional com referência ao rei. Essa aliança prometeu a Davi que os seus descendentes teriam os direitos do trono de Israel para sempre, e que a linhagem seria através de Salomão, o construtor do templo. A importância disto deu base para Mateus provar no Novo Testamento o direito de Jesus ser o Rei de Israel em virtude da sua genealogia através de José (legalmente), remontando-se à época de Salomão e Davi. Mateus não fez menção da linhagem de Maria porque sua linhagem vinha através de Natã, e não de Salomão. Conforme Jeremias afirmou, mesmo depois da grande idolatria e julgamento de Israel, o direito da linhagem de Davi através de Salomão tinha base na fidelidade de Deus, e não na dos homens.
9. **PECADO DE DAVI COM RATE-SEBA** (2 Samuel 11-12). Esse “caso” no auge do reinado de Davi tornou-se um divisor de águas em sua vida. É o ponto que faz a divisão entre os seus triunfos e as suas dificuldades. O pecado em si aconteceu quase acidentalmente. O fato de olhar por acaso para a esposa do vizinho conduziu-o à cobiça e o arrastou ao adultério. Isso levou-o à falsidade e ao disfarce, ao roubo da esposa de um dos seus oficiais, e ao assassinio, numa conspiração contra um dos homens mais nobres do seu exército. Esse assassinio foi disfarçado elegantemente como uma triste consequência da guerra. Contudo, a poderosa parábola do profeta Natã expôs o sórdido acontecimento. Quatro foram as consequências desse pecado, duas condenatórias e duas compassivas: 1) A primeira delas foi o julgamento que atingiu o coração de Davi e a perda do filho recém-nascido. 2) A segunda foi o perdão do Senhor, quando Davi confessou o seu pecado (2

Sâmuel 12:13). 3) A terceira foi a colheita do julgamento que Davi ceifou em sua família. Um escândalo sexual o atingiu pesadamente quando o seu filho mais velho Amnom seduziu sua filha (de Davi) Tamar. Davi colheu também o que semeara quando dois dos seus filhos foram assassinados por outros dois dos seus filhos. Colheu as consequências do roubo da esposa de um homem quando Absalão usurpou o reinado e envergonhou as suas concubinas em público. Apesar de ter recebido perdão imediato após sua confissão, as consequências humanas dos seus crimes renderam-lhe um alto preço a ser pago pelo resto da sua vida. 4) A quarta consequência foi a graça de Deus para com Davi depois do seu profundo arrependimento, permitindo que Bate-Seba tivesse de Davi outro filho a quem o trono seria dado. Os salmos 32 e 51 revelam a grandeza de Davi ao confessar-se e humilhar-se, e a grandeza da sua reintegração ao serviço eficiente para o Senhor.

10. **TRAGÉDIA DOS FILHOS DE DAVI**. Ele teve doze esposas (estão registrados os nomes de oito) e pelo menos dez concubinas, vinte e um filhos e uma filha (2 Samuel 3:2-5; 5:13-16; 1 Crônicas 3:1-9; 14:3-7; 2 Crônicas 11:18). Três dos seus filhos mais velhos sofreram o golpe de morte violenta (Amnom, Absalão e Adonias), quando cada um era um herdeiro em potencial do trono. O Senhor atribuiu parte da culpa por essas mortes violentas a Davi, pela maneira compassiva com que ele conduzia seus filhos (1 Reis 1:6). Essas tragédias na família piedosa de Davi são difíceis de explicar, mas lembram-nos de uma anomalia estranha nas famílias de quatro homens preeminentes de 1 e 2 Samuel. Está registrado que os três homens preeminentes de Deus (Eli, Samuel e Davi) deixaram de disciplinar os seus filhos e por esse motivo perderam o governo (Davi temporariamente). Todavia, o rei Saul, que não era piedoso, teve como filho um dos homens mais piedosos e nobres do livro: Jônatas. Essa estranha anomalia também será vista muitas vezes na família de reis posteriores.
11. **DAVI COMPRA O LOCAL DO TEMPLO** (2 Samuel 24). O segundo livro de Samuel focaliza dois grandes pecados de Davi: adultério e o censo do povo. Depois do seu arrependimento e do julgamento do Senhor, Davi vê a graça de Deus de maneira notável em cada caso. Depois de arrepender-se do seu pecado com Bate-Seba e Urias, Bate-Seba deu-lhe outro filho que seria o construtor do templo: Salomão. Depois do seu pecado e julgamento por ocasião do censo, foi permitido a Davi adquirir o local do templo, no monte Moriá. Embora o Senhor tivesse lançado um

juízo terrível, Ele também demonstrou que a sua graça pode soterrar a tragédia, quando a reação ao castigo é de maneira positiva e penitente.

- 12. CRISTOLOGIA NOS LIVROS DE SAMUEL.** Notam-se duas referências a Cristo nesses livros, ambas relativas a Davi. (Algumas vezes Samuel é visto como tipo de Cristo, como profeta, sacerdote e soberano, embora essa relação jamais tenha sido sugerida no Novo Testamento. É considerado mais como tipo de João Batista, o sacerdote-profeta que ungiu a Jesus.) Em Davi vemos o tipo de Cristo como Rei. Uma profecia coloca o Messias como a semente da aliança prometida a Davi. Muitas relações típicas entre Davi e Cristo são vistas tanto na unção e nos dias de humilhação, como na posterior subida ao trono para estabelecer o reinado. A única profecia específica sobre Cristo nos livros de Samuel é a semente prometida de Davi, a qual viria através de Salomão e estabeleceria o seu Reinado para sempre (2 Samuel 7:16; Lucas 1:32-33).

Os Livros de Reis

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Esse nome foi dado a esses livros devido às primeiras palavras com que o primeiro deles se inicia, “Wehammelek” em hebraico (“Sendo o rei”), nome que se adapta perfeitamente ao assunto, pois os livros tratam do domínio dos reis dos dois reinos, o de Israel e o de Judá. Os hebreus consideravam-nos como um livro único, pelo fato de constituírem uma história ininterrupta. Os tradutores gregos dividiram-no em dois, chamando-os de 3 e 4 Reis, talvez em virtude de a tradução grega (idioma que tem mais letras) necessitar de dois rolos (o mesmo aconteceu com 1 e 2 Samuel).

B. AUTOR

1. Apesar de os livros serem anônimos, são tradicionalmente considerados como tendo sido escritos por Jeremias, auxiliado pelo seu secretário, Baruque (Jeremias 45). É evidente que o autor era pelo menos contemporâneo de Jeremias, e a ênfase dos livros sugere o ponto de vista dos profetas. Assim, Jeremias, o profeta que viveu na época do exílio (descrito nos capítulos finais) pode muito bem ter sido o autor.
2. Certamente o autor fez uso de registros históricos da época, referindo-se muitas vezes a dez ou mais desses documentos nos dois livros. Evidentemente ele teve acesso à seguinte documentação:
 - a. Livro dos Justos (2 Samuel 1:18)
 - b. Livro dos Sucessos de Salomão (1 Reis 11:41)
 - c. Livro das Crônicas dos Reis de Israel (1 Reis 14:19, mencionado dezoito vezes nos dois livros)

- d. Livro das Crônicas dos Reis de Judá (1 Reis 14:29, mencionado quinze vezes nos dois livros)
- e. Livro de Isaías (2 Reis 18-20 refere-se a Isaías 36-39)
- f. Livro das Crônicas do Rei Davi (1 Crônicas 27:24)
- g. Livro das Crônicas de Samuel, o vidente (1 Crônicas 29:29)
- h. Livro das Crônicas de Natã, o profeta (1 Crônicas 29:29)
- i. Livro das Crônicas de Gade, o vidente (1 Crônicas 29:29)
- j. Livro da Profecia de Aías, o silonita (2 Crônicas 9:29)
- l. Livro das Visões de Ido, o vidente (2 Crônicas 9:29)

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 970-560 a.C.

1. Os acontecimentos de 1 e 2 Reis estendem-se desde a morte do rei Davi, o primeiro rei da aliança, até o cativo de Zedequias, último rei de Judá. No último capítulo há ainda uma referência à libertação de Joaquim, no ano 560 a.C., quando Evil-Meroaque começou a reinar na Babilônia.
2. O período de Salomão a Zedequias é conhecido como a Era do Templo de Salomão, estendendo-se desde a construção do templo por Salomão até sua destruição por Nabucodonosor.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Nacionalmente, os livros cobrem o período da maior influência política de Israel, na época de Salomão, até o completo eclipse político, quando o reinado do sul foi destruído e o povo restante foi exilado para a Babilônia. As sementes da queda foram plantadas muito antes, na severa política doméstica de Salomão, política esta responsável pela inquietação nacional. Depois da queda do reino do norte em 722, o reino do sul teve apenas períodos esporádicos de grandeza política antes da destruição, semelhante à do norte, em 586 a.C.
2. Internacionalmente, não havia grande império mundial exercendo muita influência ou mostrando proeminência no cenário mundial no começo do período. Todavia, em conexão com o estado espiritual de Israel, os impérios começaram a demonstrar poder e proeminência quando a condição espiritual de Israel começou a deteriorar. O novo Império Assírio, por exemplo, obteve o domínio mundial um pouco antes do cativo do reino do norte. Um século mais tarde ergueu-se o novo Império Babilônico, justamente um pouco antes de Deus fazer o julgamento do reino do sul. Esse ponto de vista profético da sorte de Israel está difundido nos dois livros.

CENÁRIO RELIGIOSO

1. A construção do templo de Salomão no começo do período

constituiu o ponto máximo da história religiosa de Israel. Salomão também instituiu um sistema de adoração altamente organizado e, no começo, inspirou forte sentimento religioso pela alocação e pela cerimônia da inauguração. Entretanto, o bom começo não durou muito e a idolatria inundou novamente a nação, levada pelas práticas conciliatórias de Salomão, que construiu altares para as suas esposas pagãs. Logo após a divisão do reino, Jeroboão introduziu a adoração ao bezerro no reino do norte, nos dois altares de Betel e Dã. E ainda foi acrescentado o culto a Baal dos cananeus por Acabe e Jezabel, no reino do norte, e por sua filha, Atalia, no reino do sul. Apesar do expurgo de Baal por Jeú em 841 a.C., a idolatria continuou em ambos os reinos até a sua destruição em 722 e 586 a.C.

2. A índole religiosa do período pode ser vista no caráter dos diversos reis de cada reino. Depois de Salomão, Judá teve de-

Esboço de 1 Reis

TEMA: Glória do Reino de Salomão e Grande Desafio da Idolatria

I REINO UNIDO SOB SALOMÃO	1—11
A. O Reino de Salomão é estabelecido	1-4
1. Salomão recebe o trono	1
2. Salomão recebe incumbências de Davi	2
3. Salomão recebe sabedoria do Senhor	3
4. Salomão administra com sabedoria	4
B. O Templo de Salomão é Construído	5-8
1. A construção e sua força de trabalho	5
2. A construção e seu esquema	6-7
3. A solenidade da inauguração	8
C. A Glória e a Apostasia de Salomão	9-11
1. Grande glória de Salomão	9-10
2. Grande apostasia de Salomão	11
II O REINO DIVIDIDO ATÉ JOSAFÁ	12—22
A. Luta contra a Idolatria em Ambos os Reinos	12-16
1. O reino do Norte adota a idolatria ao bezerro	12-14
2. O reino do Sul adota a idolatria	14-15
3. O reino do Norte assassina quatro monarcas	15-16
B. Luta contra a Adoração a Baal no Norte	17-22
1. Elias prediz fome devido à idolatria	17
2. Elias destrói os adoradores de Baal	18
3. Elias refugia-se com o Senhor no Monte Sinai	19
4. Dramática destruição de Acabe pelos sírios	20-22

zenove reis e uma rainha, dos quais somente oito foram justos de acordo com o padrão divino. O reino de Israel, do norte, teve dezenove reis, mas todos eles fizeram o que era “mau” perante o Senhor. Dessa maneira, a herança religiosa de Abraão, Moisés e Davi foi com freqüência mais aparente do que real em Israel.

OBJETIVOS DOS LIVROS DE REIS

Os livros têm dois objetivos claros, um literário e outro religioso.

A. *O objetivo literário* do autor era completar a história do reinado de Davi, o qual principia nos livros de Samuel escritos 400 anos antes, aproximadamente. Como o segundo livro de Samuel terminou com Davi comprando o local do templo, 1 Reis principiou com Salomão preparando a construção do templo, e 2 Reis continua a história até a destruição do templo, terminando assim o período.

B. *O objetivo religioso* é relacionar a história à observância da aliança. O autor procura enfatizar para a nação, que marchava para o cativeiro em 586, a conexão inseparável entre obediência e bênção, e entre desobediência e maldição. Em contraste com os livros de Crônicas, que tiveram por finalidade encorajar os humildes, os livros de Reis dão forte ênfase à necessidade de arrependimento e resposta ao Deus da aliança, de modo que a restauração pudesse ser efetuada e cumpridos os objetivos da aliança.

Contribuições singulares de 1 e 2 Reis

1. **GRANDEZA DE SALOMÃO** (1 Reis 1-11). A preeminência de Salomão consistiu na sua sabedoria, na construção do templo e no reinado de paz e esplendor. Sua sabedoria é constatada nos três livros a ele atribuídos (Provérbios, Eclesiastes e Cantares); seu templo foi uma obra de arte e esplendor sem precedentes no mundo antigo; e seu reinado de paz e glória trouxe-lhe aplausos do mundo todo. Essa grandeza retrata as bênçãos prometidas ao reino de Davi baseadas na obediência e nos princípios teocráticos da aliança, revelando a intenção do Senhor para com o seu povo se este seguisse a sua liderança. Salomão, todavia, deixou de praticar o que proclamou com tanta grandiosidade.

2. **TEMPLO DE OURO DE SALOMÃO** (1 Reis 5-8). Foi essa a contribuição de Israel para as “sete maravilhas do mundo”. Quanto ao material e à execução, o templo excedeu a tudo o que existia em sua época. A Sociedade de Arquitetos de Illinois, EE.UU., calculou o seu valor total em US\$87 bilhões, tomando

como base de cálculo o ouro a 35 dólares cada 28 gramas. Templos posteriores (de Zorobabel e de Herodes) foram maiores, mas não tão pomposos nem tão primorosamente construídos (sem marteladas ou instrumentos de ferro no local, 1 Reis 6:7), nem tampouco tão dispendiosos. O santuário, bem como as paredes e o assoalho, eram cobertos de ouro puro. As plantas para a estrutura foram traçadas segundo orientação do Senhor. O ouro e a prata vieram, na sua maioria, de uma arrecadação feita por Davi (1 Crônicas 28:19; 29:1-9). Por que a casa de Deus seria tão suntuosa quando grande parte do povo era pobre? Porque o Templo devia refletir a glória e a grandeza do Deus de Israel e simbolizar essa glória para as nações (2 Crônicas 2:5-12).

Esboço de 2 Reis

TEMA: Grande Julgamento do Senhor sobre Israel e Judá devido à Idolatria

I O SENHOR ADMOESTA CONSTANTEMENTE ISRAEL ATÉ O COLAPSO EM 722 a.C.	1-17
A. Ministério de Julgamento de Elias, o Profeta	1-8
1. Elias e o seu último julgamento	1
2. Eliseu e os seus primeiros julgamentos	2
3. Eliseu e o seu grande ministério de misericórdia e julgamento	3-8
B. Sentença de Massacre por meio de Jeú, o Rei	9-10
1. Jeú recebe incumbência de Eliseu	9
2. Jeú destrói toda a casa de Acabe	9-10
3. Jeú mata os adoradores de Baal	10
C. Ministério de Julgamento de Joiada, o Sacerdote de Judá	11-12
1. Joiada destrói a rainha adoradora de Baal	11
2. Joiada destrói os adoradores de Baal em Judá	11
3. Joás, o rei, afasta-se do Senhor e é assassinado	12
D. Mais Julgamento pela Não-Obediência à Ordem Divina	13-17
1. Nova luta entre Israel e Judá	13-14
2. Época áurea em Israel e Judá	14-15
3. Período caótico depois da prosperidade	15-16
4. Destruição final do reino do norte	17
II O SENHOR ADMOESTA CONSTANTEMENTE JUDÁ ATÉ O COLAPSO EM 586 a.C.	18-25
A. Reforma Imposta por Ezequias.	18-20
1. Reavivamento apressado salva o reino do sul	18-19
2. Ameaça da Assíria e livramento	18-19
3. Doença e aviso dos dias de cativeiro	20
B. Mau Reinado dos Descendentes de Ezequias	21
C. Reforma Imposta por Josias	22-23
D. Mau Reinado dos Descendentes de Josias	23-24
E. Total Destruição do reino do Sul	25

- 3. REINO DIVIDIDO — 931 a.C.** (1 Reis 12). Após oitenta anos de construção e estabelecimento do reino, sob Davi e Salomão, ele foi dividido definitivamente em dois reinos logo depois da morte deste último. Dez tribos reuniram-se sob Jeroboão e as duas restantes sob Roboão, com o nome de Israel e Judá. (Na realidade, grande parte das tribos de Simeão e Levi também uniram-se a Judá.) Por que um reino tão maravilhoso dividiu-se com tal rapidez? Três foram os motivos: espiritual, econômico e político.
- a. Espiritualmente, aconteceu como o Senhor havia predito: devido à idolatria de Salomão causada por suas muitas esposas, o que em si já era violação (1 Reis 11:11).
 - b. Economicamente, foi o resultado da tirania de Salomão e dos pesados impostos. Ele estabeleceu um trono magnífico, mas o povo estava pobre e oprimido (1 Reis 12).
 - c. Politicamente, havia antiga rivalidade entre Judá e Efraim, a qual foi explorada por Jeroboão, que era efraimita. Essa tribo relutou muitas vezes a inclinar-se à liderança de Judá. A Efraim pertenciam Josué e José, dois grandes líderes do povo israelita.
- 4. SISTEMA DE CULTO AOS BEZERROS EM ISRAEL** (1 Reis 12:25 e ss.). Essa instituição foi obviamente um expediente político de Jeroboão para evitar que o povo descesse até Jerusalém e o seu templo. Tomando essa atitude, Jeroboão prevenia-se contra o culto aos deuses pagãos (11:33), mas começou um falso sistema substituído de adoração a Jeová (12:28). Como Arão o fizera antes, ele infringiu o segundo mandamento para maior conveniência do culto. Essa atitude exigia um novo sistema de sacerdócio, usando o laicato em vez de levitas, que tinham ido para Judá (2 Crônicas 11:14). Foi esse pecado de Jeroboão que condenou todos os futuros reis do reino do Norte.
- 5. CULTO A BAAL INSTITUÍDO POR ACABE E JEZABEL** (1 Reis 16:29 e ss.). A aquiescência de Israel ao culto dos bezerros tornou a nação presa fácil para o culto cananeu a Baal, sessenta anos mais tarde. O culto aos bezerros infringiu o segundo mandamento, e o culto a Baal infringiu o primeiro. Baal era o principal entre os ídolos cananeus. Como deus da agricultura, chuva e fertilidade, exercia atração especial sobre Israel. O sistema religioso cananita não tinha moral e era diametralmente oposto ao Deus santo dos hebreus. Jezabel, esposa de Acabe, oriunda da Fenícia, foi quem instigou essa religião em Israel e contratou 850 profetas de Baal e Aserá (1 Reis 18:19). O culto a Baal constituiu

um desafio a Jeová, Deus de Israel, que reivindicou a terra de Canaã como sua terra especial.

- 6. ELIAS E ELISEU, PROFETAS DOS MILAGRES** (1 Reis 17-2 Reis 9). Elias apareceu em Israel com os seus miraculosos poderes um tanto repentinamente quando o culto a Baal foi instituído em Israel por Acabe e Jezabel. Seu único propósito era denunciar o culto a Baal e chamar atenção para o poder maior do Deus de Israel. Seu primeiro milagre de fechar os céus por mais de três anos foi um desafio ao poder de Baal, que era o deus da agricultura e da chuva. O ministério de Eliseu, com uma porção dobrada do poder de Elias, trouxe a denúncia da idolatria a um ponto culminante pelo maior número de milagres (quatorze em vez de sete) e pela intrepidez objetiva com que desafiou muitos dos reis que seguiam a Baal. Esses operadores de milagres vieram a Israel do norte quando a nação estava a ponto de adotar a própria idolatria. Eles foram trazidos pelo Senhor a Canaã com a finalidade de destruir as práticas idólatras. O último ato de Eliseu foi ungir Jeú para destruir a casa de Acabe e todo o sistema de adoração a Baal em Israel (1 Reis 9:6-10).
- 7. QUEDA DE SAMARIA, 722 a.C.** (2 Reis 17). Os últimos trinta sombrios anos de Israel foram caracterizados por caos político, com cinco dinastias e quatro assassinios. O último rei, Oséias, foi aprisionado por Salmaneser dois anos antes do colapso da cidade, em 722. Samaria tinha sido construída por Onri, o rei que introduziu Jezabel no cenário judaico através de um pacto de casamento, e naquela cidade ocorreu o fim do reino. A queda do reino do norte foi uma admoestação para Judá de que o Senhor não mais iria suportar idolatria em sua terra (Ezequiel 23:11).
- 8. REFORMA DE EZEQUIAS EM JUDÁ** (2 Reis 18-20; 2 Crônicas 29-32). O rei Ezequias foi responsável por uma das maiores reformas em Judá. Todavia, a data do seu reinado tem sido muito discutida pelos cronologistas. Embora o período de 728-686 tenha sido sempre considerado, a data mais aceita atualmente é 715-686, incluindo co-regências no começo e no final do período. Essa última data é apresentada com base no fato de Senaqueribe ter-se retirado em 710, conforme opinião do assírio Taylor, e parece estar relacionada com o décimo-quarto ano de Ezequias em 2 Reis 18:13. O raciocínio é que aquele capítulo dá a data dos acontecimentos conforme as duas regências de Ezequias, sua co-regência com Acáz e sua regência plena (2 Reis 18:1, 9, 10, 13). Entretanto, o ponto de vista antigo datando a regência plena em 728 parece ser mais consistente e mais fiel ao texto, por diversas razões:

- a. O autor fixa três vezes o reinado de Ezequias no terceiro ano do reinado de Oséias (2 Reis 18:1, 9, 10), e não sugere nenhuma mudança quando se refere a Senaqueribe no versículo 13.
- b. O texto não sugere que Acáz ainda reinasse como co-regente quando Ezequias começou a reforma no ano de 728. Antes enfatiza que Ezequias começou resolutamente a reforma no primeiro mês do vigésimo-nono ano do reinado, como se impedido pelo julgamento que se aproximava.
- c. O convite de Ezequias às tribos do norte só faz sentido se a grande Páscoa aconteceu antes de aquelas tribos serem levadas cativas para a Assíria em 722, pois “nada mais ficou” para ser convidado depois da captura (2 Reis 17:6, 18). O jovem reformador não teria convidado os mestiços trazidos da Assíria para a puríssima Páscoa.
- d. O texto não diz que Senaqueribe subiu contra Judá no mesmo ano em que 185.000 assírios foram destruídos (2 Reis 18:13). Um lapso grande de tempo foi certamente gasto em viagens, na captura difícil de muitas cidades da Filístia, no encontro com o exército egípcio, na tomada de quarenta e seis cidades de Judá, o que exigia a construção de enormes passagens para o alto dos muros, bem como na tomada de muitos povoados. Ezequias também fez demorados preparativos para a vinda

dos assírios (2 Crônicas 32:1-8). Além de construir grandes fortes militares, ele mudou o sistema de suprimento de água construindo enorme túnel de 540 metros de comprimento através de rocha maciça, uma proeza monumental (2 Reis 20:20). Isaias 20:1 indica que Sargom mandou seu filho Senaqueribe contra as cidades de Filístia e de Judá em época anterior, antes da queda de Asdode em 711, pois naquela época todo o ocidente agitava-se contra a Assíria.

Em 841 a.C. Jeú, capitão do exército, mata Acázias e Jorão, toma o trono de Israel e destrói toda a casa de Acabe e Jezabel, bem como todos os adoradores de Baal no reino do norte.

841-835	Atalia	11:3-4	22:12	841-814	Jeú (28)	10:36
835-796	Jeoás (40)	12:1	24:1			
	(Joás) ??			814-798	Jeoacaz (17)	13:1
796-767	Amazias (29)	14:1-2	25:1	798-782	Jeoás (16)	13:10
792-740	Azarias (52)*	15:1-2	26:3	793-753	JeroboãoII* (41)	14:23
	(Uzias)					
750-732	Jotão (16)*	15:32-33	27:1-8	753-752	Zacarias (6 meses)	15:8
				752	Salum (1 mês)	15:13
				752-742	Menaém (10)	15:17
				742-740	Pecaías (2)	15:23
743-728	Acáz (116)*	16:1-2	28:1	752-732	Peca (20)***	15:27
728-698	Ezequias (29)	18:1-2	29:1	732-722	Oséias (9)	15:30;17:1

Cronologia dos Reis do Reino Dividido

JUDÁ				ISRAEL		
DATA a.C.	REI	1 REIS	1 CRÔN.	DATA a.C.	REI	1 REIS

Em 931 a.C. as dez tribos do norte revoltaram-se contra Roboão e formaram o reino de Israel.

931-913	Roboão (17)	14:21	12:1	931-910	Jeroboão I (22)	14:20
913-911	Abias (3)	15:1-2	13:1			
	(Abiã)					
911-870	Asa (41)	15:9-10	16:13	910-909	Nadabe (2)	15:25
				909-886	Baasa (24)	15:28-33
				886-885	Elá (2)	16:8
				885	Zinti (1 semana)	16:10,15
873-848	Josafá* (25)	22:41-42	20:31	885-874	Onri (12)**	16:23
		2 Reis		874-853	Acabe (22)	16:29
853-841	Jeorão(8)*	8:16-17	21:5,20	853-852	Acázias (2)	22:51
841	Acázias (1)	8:25-26	22:2	852-841	Jorão (12)	2 Reis 3:1

Em 722 a.C. Samaria foi destruída pela Assíria depois de um cerco de três anos, e o Israel do norte deportado para a Assíria. Judá escapou de receber também esse pesado julgamento naquela ocasião devido à apressada reforma e ao expurgo da idolatria por Ezequias, que até mesmo celebrou uma Páscoa de emergência.

698-643	Manassés (55)	21:1	33:1			
643-641	Amom (2)	21:19	33:21			
641-609	Josias (31)	22:1	34:1			
609	Jeoacaz (3 meses)	23:31	36:2			(Também chamado Salum, 1 Crônicas 3:15; Jeremias 22:11)
609-598	Joaquim (11)	23:36	36:5			
598-597	Joaquim (3 meses)	24:8	36:9			(Também chamado Jeconias, 1 Crônicas 3:16; Mateus 1:11; Jeremias 22:24, 28)
597-586	Zedequias (11)	24:18	36:11			

Em 586 a.C. Nabucodonosor destruiu Jerusalém e o templo, e exilou todo o povo para a Babilônia, com exceção dos pobres. O exílio foi em três etapas: em 606, 597 e 586 a.C.

As datas são basicamente as de Edwin R. Thiele (V. Comentários Seleccionados), com algumas divergências.

* Co-regência com o pai incluída no reinado total.

** Os doze anos de Onri incluem os quatro em que Tibni tinha um reino rival (1 Reis 16:21-23).

*** Os vinte anos de Peca incluem evidentemente um reinado de doze anos em Gileade, como reino rival de Menaém e Pecaías (V. Thiele, páginas 122-125).

Se forem válidas as confirmações de a reforma ter sido iniciada em 728 a.C., parece ter ela servido para adiar o julgamento de Judá pelo expurgo da idolatria do reinado de Acaz, pai de Ezequias, idolatria ainda mais corrupta que a do reino do norte. A apressada reforma de Ezequias adiou o julgamento final de Judá por 136 anos.

9. REFORMADORES DE JUDÁ. Apesar de Israel do norte ter tido somente reis maus, pelos padrões divinos, Judá teve nove reis virtuosos, de um total de dezenove. Cinco empenharam-se em reformas: Asa, Josafá, Joás, Ezequias e Josias. Dois dos reformadores, todavia, apostataram no fim dos seus dias (Asa e Joás), e os filhos, sucessores dos outros três reformadores (Josafá, Ezequias e Josias), foram maus e destruíram quase tudo o que havia sido feito. É de estranhar que quatro dos reformadores tiveram pais ímpios, e somente um (Asa, pai de Josafá) criou um filho piedoso. Parece ser uma característica freqüente o fato de, ao se tornarem “grandes” ou prósperos, terem-se afastado do Senhor (2 Crônicas 18:1; 26:16).

10. REFORMA GRANDE, PORÉM INÚTIL, DE JOSIAS (2 Reis 22-23; 2 Crônicas 34-35). A última reforma de Judá foi talvez a maior de todas, mas já era tarde demais. Não houve dedicação maior do que a do jovem Josias, que quase sozinho tirou a nação

Acontecimentos cruciais em Israel de Salomão a Zedequias

JUDÁ	ISRAEL	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA
967-960		Construção do templo de Salomão com esplendor jamais visto, para simbolizar perante as nações a grandeza do Deus de Israel.	1 Reis 5-8
931	931	Divisão do Reino depois da morte de Salomão em “Israel” (Norte) e “Judá” (Sul).	12:1-20
	931	Instituição do culto aos bezerros por Jeroboão I em Betel e Dã.	12:27 e ss.
927		Saque do templo por Sisaque, rei do Egito, quando, em aliança com os povos do sul, captura grande parte de Judá.	14:25 e ss.
	879	Construção de Samaria por Onri, para onde ele muda a capital do norte, antes em Tirza.	16:24
	874	Instituição do culto a Baal em Samaria por Acabe e Jezabel.	16:31 e ss.

873		Grande reavivamento em Judá promovido por Josafá com conferências bíblicas, do que resultou o reinado mais próspero desde Salomão.	2 Crônicas 17
870-841	870-841	Único período de amizade entre Judá e Israel pela aliança entre Josafá e Acabe.	1 Reis 22— 2 Reis 8
	870-850	Elias, o profeta do primeiro grande milagre, tem um ministério de vinte anos a censurar o culto a Baal instituído por Acabe.	1 Reis 17-22
841	841	Assassinio dos reis do Norte e do Sul por Jeú, que toma o trono de Israel e extermina a casa de Acabe e os adoradores de Baal.	2 Reis 9 e ss.
790	790	Guerra civil entre Judá e Israel quase destrói Jerusalém e o templo depois de Amazias de Judá atacar imprudentemente o Norte.	14
770-750	770-750	Período áureo de prosperidade para ambos os reinos durante os fortes reinados de Azarias (Uzias) de Judá e Jeroboão II de Israel.	14:21 e ss.
	752	Caos e desintegração do Norte após o “período áureo”, com quatro dinastias e quatro assassinios em trinta anos.	15:8 e ss.
	743	Invasões por Tiglate-Pileser, rei da Assíria, que tomou a Galiléia e a Transjordânia em 733 e deportou o povo.	15:29 e ss.
728		Reforma instituída por Ezequias, filho do iníquo Acaz, tentando deter o julgamento antecipado.	18 e ss. 2 Crônicas 29:1
	722	Captura de Samaria pela Assíria após três anos de cerco; toda a população é deportada para a Assíria, devido à idolatria de Israel.	2 Reis 17
714-701		Invasão assíria da Palestina ocidental por Sargom e Senaqueribe, tomando Asdode e muitas cidades e tornando Jerusalém cidade ilhada.	18:9 e ss.
701		Julgamento miraculoso do exército de 185.000 assírios quando Ezequias se voltou para o Senhor a conselho de Isaías.	19:35
650		Manassés é atado e levado cativo para Babilônia pelos assírios, onde mais tarde se arrependeu. Voltou a Jerusalém e procurou anular o mal que havia feito.	2 Crônicas 33:11
629		Reforma de Josias, a mais completa da história de Judá, estimulada pela descoberta do “Livro da Lei” que se achava perdido. Josias esforçou-se para deter o curso do julgamento.	2 Reis 22
606-586		Jerusalém e o templo são destruídos pela Babilônia em 586 após ter recusado sujeitar-se ao governo babilônico. O povo foi deportado para a Babilônia em três levas, em 606, 597 e 586, ficando apenas os pobres.	24-25

da idolatria e do caos político para uma época de purificação e prosperidade, como jamais a nação vira desde Samuel. É certo que foi aconselhado por profetas, tais como Jeremias e Sofonias, e pela profetisa Hulda. Morte alguma em Israel foi tão pranteada como a do rei Josias quando este, imprudentemente, tentou impedir que o Faraó Neco investisse contra o rei da Assíria, em Carquemis. Josias fracassou, entretanto, na educação de filhos piedosos e, por esse motivo, toda a valiosa reforma foi perdida. Os seus iníquos filhos contribuíram para levar o país à destruição.

11. **DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM E DO TEMPLO EM 586 a.C.**

(2 Reis 25; 2 Crônicas 36). A queda de Jerusalém e a destruição do templo foram acontecimentos que marcaram época na história de Israel. Sua queda em 9 de agosto (Tisha B'ab), no ano 380 do templo, foi lembrada por Jeremias em suas Lamentações, e é recordada anualmente pelo povo judeu. Os três desterramentos para a Babilônia tiveram lugar em 606 (Daniel 1:1), 597 (2 Reis 24:11-12) e 586 (2 Reis 25:8-11). Essa ocorrência aboliu muitos rituais e costumes que jamais foram restaurados plenamente. Apesar de a cidade e o templo terem sido reconstruídos diversas vezes e o novo Israel ser então independente, nunca mais puderam usufruir desde aquela época dessas três coisas concomitantemente. Os motivos para a destruição e o cativeiro podem ser resumidos em três pontos:

- a. Recusaram-se a guardar a Lei da aliança e recorreram a toda a idolatria e abominações dos gentios (Deuteronômio 28:58; 2 Crônicas 36:14).
- b. Recusaram-se a aceitar as correções dos profetas de Deus e os castigos do Senhor (Levítico 26:14-33; 2 Crônicas 25:4; 36:15-16).
- c. Recusaram-se a guardar os sábados de Deus e os anos sabáticos (Levítico 26:33-35; 2 Crônicas 36:21). Tentaram ludibriar o Senhor durante setenta anos. Como o Senhor exigia sete anos sabáticos e um ano de jubileu cada cinquenta anos, o tempo total em que tinham negligenciado essa exigência foi de 437 anos (voltando a 1023). Isso indica que muito raramente guardavam eles o sábado e os anos do jubileu de descanso para a terra. Esse cômputo divino realça o fato de que a terra pertencia ao Senhor, e os israelitas seriam os seus arrendatários na terra, caso guardassem os preceitos da aliança.

12. **CRISTOLOGIA EM REIS.** Os livros de Reis não têm predições messiânicas, mas o rei Salomão é um notável tipo de Cristo no papel de rei. Como o filho prometido a Davi, o qual construiria

o templo e herdaria o reino, Salomão tipifica Cristo especialmente na sua vinda em glória trazendo paz, prosperidade e justiça à terra (Mateus 12:42). Os milagres realizados por Elias e Eliseu são também prefigurações do ministério profético de Cristo, confirmando sua palavra com numerosos sinais.

Os Livros das Crônicas

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. “Crônicas” é um nome cristão dado a estes livros por Jerônimo no quarto século da era cristã. É um título bem escolhido, pois sugere o propósito de fazer um registro cronológico da história sagrada.
2. Os dois livros, que formam um só volume no cânon hebraico, têm o nome de “Atos dos Dias” ou “Atos dos Tempos”. Foram colocados no final do cânon, como uma retrospectiva analítica da conduta divina para com a nação israelita.
3. Os tradutores gregos denominaram-nos “Paraleipomena” (coisas esquecidas), considerando-os um suplemento aos livros de Samuel e Reis.

B. AUTOR

1. Embora anônimos, esses livros são evidentemente obra de Esdras, o sacerdote, de acordo com a tradição hebraica. O estilo literário, o ponto de vista sacerdotal e o objetivo claro são coerentes com outras obras de Esdras. Note-se que os últimos versículos de Crônicas são os primeiros versículos do livro que leva o nome desse profeta, o que sugere uma continuação.
2. O autor é antes um compilador. Além de usar o Pentateuco, os livros de Samuel e Reis, faz referência a aproximadamente doze outros documentos existentes naquela época (1 Crônicas 9:1; 29:29; 2 Crônicas 9:29; 12:15; 13:22; 20:34; 26:22; 27:7; 32:32; e 33:19).

CENÁRIO HISTÓRICO

- A. PERÍODO DE TEMPO.** Da criação de Adão até Ciro, da Pérsia (538 a.C.)

1. O livro foi escrito evidentemente logo após a volta do exílio, a fim de proporcionar um fundo teocrático para as exortações de Esdras e Neemias. O ano de 430 a.C., aproximadamente, seria uma data provável do livro.
2. Os acontecimentos ou cronologias dos livros, entretanto, abrangem toda a história do Antigo Testamento, desde Adão até os netos de Zorobabel, Pelatias e Jesaías em 1 Crônicas 1-3, que foram contemporâneos de Esdras (Keil). O seu alcance cronológico é, portanto, maior do que qualquer outro livro da Bíblia, desde Gênesis até Malaquias.

Esboço de 1 Crônicas

TEMA: A Soberania de Deus ao Estabelecer o Trono de Davi

I	<i>GENEALOGIAS IMPORTANTES DO REINADO DE DAVI</i>	1-9
	A. <i>Genealogias da Nação de Israel</i>	1
	1. Período Primitivo — Adão a Abraão	
	2. Período Patriarcal — Abraão a Jacó	
	B. <i>Genealogias da Casa de Davi</i>	2-3
	1. Linhagem de Davi	2
	2. Descendência de Davi	3
	C. <i>Genealogias das Tribos Colaterais</i>	4-9
	1. Tribo meridional de Simeão	4
	2. Tribos orientais da Transjordânia	5
	3. Tribo sacerdotal de Levi	6
	4. Tribos setentrionais a oeste do Jordão	7-9
II	<i>PONTOS CULMINANTES DO REINADO DE DAVI</i>	10—29
	A. <i>Davi Sobe ao Trono</i>	10-12
	1. Termina o reino independente de Saul	10
	2. Principia o reino teocrático de Davi	11-12
	B. <i>Davi traz de Volta a Arca para Jerusalém</i>	13-16
	1. Modo incorreto de trazer a arca	13
	2. Modo certo de derrotar os filisteus	14
	3. Modo certo de trazer a arca	15-16
	C. <i>Davi Recebe a Aliança Real</i>	17-21
	1. Aliança do trono eterno de Davi	17
	2. Conquista de Davi devido a ameaças externas	18-20
	D. <i>Davi Faz Preparativos para a Construção do Templo</i>	21-29
	1. Compra do local do templo	21
	2. Provisão do material de construção	22
	3. Instrução para os ministros do templo	23-26
	4. Organização dos oficiais de estado	27
	5. Encargos finais para a construção do templo	28-29

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Quando os livros de Crônicas foram compilados, Judá já não era uma monarquia, e sim apenas um pequeno grupo de exilados que tinham voltado da Babilônia sob vassalagem do império persa. Os “tempos dos gentios” (Lucas 21:24) principiam em 606 a.C., ocasião em que Israel começou a ser governado por nações gentias.
2. Mas os judeus não deixaram de exercer influência sobre o império nessa época. Daniel chegara à posição de primeiro-ministro, tanto no Império Babilônico de Nabucodonosor como no Império Persa de Ciro (Daniel 2:6). Ester e Mordecai chegaram a ser, respectivamente, rainha e primeiro-ministro do império persa na época de Assuero, pai de Artaxerxes I Longimano, que reinou na época de Esdras. Eles exerceram grande influência no império a favor dos judeus.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Apesar de os acontecimentos de 2 Crônicas referirem-se à Era do Templo Salomônico, foram escritos na Era do Templo de Zorobabel (536-?). Esse novo templo tinha sido concluído mais ou menos oitenta e cinco anos antes, e o muro da cidade reconstruído recentemente. Porém, nada mais de relevante havia acontecido. A prometida era messiânica não se tinha materializado e estabelecia-se a estagnação religiosa. A volta às áridas colinas lembrava aos judeus a sua insignificância na grande área do império persa. A tendência era pôr de lado as promessas da aliança de um grande reino davídico na Palestina, como se tudo não passasse de mera fantasia religiosa de uma época já ultrapassada.
2. A estagnação religiosa é evidente em todos os seis livros pós-exílio (Esdras, Neemias, Ester, Ageu, Zacarias e Malaquias). Eles estavam provavelmente esperando que o Senhor instituisse rapidamente o reino messiânico logo após o retorno deles à pátria. Porém, parecia que o Senhor os tinha desapontado. Com a falta de perseverança e letargia espiritual, o povo precisava ser lembrado do programa e dos objetivos para Israel do ponto de vista divino, e de como Deus era soberano e fiel em toda a sua conduta. Esdras então compilou os livros de Crônicas com a finalidade de realçar a soberania de Deus sobre a nação e o interesse do Senhor na adoração adequada e na obediência, para que as bênçãos da aliança fossem recebidas (2 Crônicas 7:14).

OBJETIVO DOS LIVROS DAS CRÔNICAS

Pode-se discernir um objetivo duplo nesse estudo do período do Antigo Testamento feito por Esdras:

- A. O *objetivo histórico* dos livros não era continuar a história de Israel a partir do final de 2 Reis, mas apresentar de maneira sucinta

Esboço de 2 Crônicas**TEMA: A Fidelidade de Deus para Disciplinar a Dinastia de Davi**

I	REINADO DE SALOMÃO — ÊNFASE NA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO	1—9
A.	<i>Salomão Pede ao Senhor Sabedoria</i>	1
1.	Adoração	1:1-6
2.	Sabedoria	7-11
3.	Riqueza	12-17
B.	<i>Salomão Constrói o Templo para o Senhor</i>	2-5
1.	Compra de material	2
2.	Projeto de construção	3
3.	Utensílios	4
4.	Transferência adequada da arca	5
C.	<i>Salomão Dedica o Templo ao Senhor</i>	6-7
1.	Oração pedindo misericórdia a Deus	6
2.	Promessa de misericórdia mediante arrependimento	7
D.	<i>Salomão Obtém do Senhor Sucesso Pessoal</i>	8-9
1.	Sucesso em diversos projetos de construção	8
2.	Sucesso constatado pela rainha de Sabá	9
3.	Sucesso nas riquezas	9
II	REINADO DOS FILHOS DE SALOMÃO — ÊNFASE NAS REFORMAS	10—36
A.	<i>Quatro Primeiras Reformas Contrastadas</i>	10-20
1.	Futilidade da reforma mundana de Roboão	10-12
2.	Sucesso militar da reforma de Abias	13
3.	Triste fim da reforma principiada por Asa	14-16
4.	Grandeza da reforma bíblica de Josafá	17-20
B.	<i>Três Desdenham a Reforma e São Condenados</i>	21-22
1.	Grande julgamento de Jeorão por Elias	21
2.	Morte prematura de Acázias por Jeú	22
3.	Carnificina e morte de Atalia	22
C.	<i>Quatro Reformas Executadas Terminam em Desastre</i>	23-27
1.	Zelo de Joás até a morte de Joiada	23-24
2.	Sucesso de Amazias até ser seduzido pelos deuses de Edom	25
3.	Grandeza de Uzias “até que se tornou forte”	26
4.	Poderio de Jotão, mas fracasso quanto à corrupção	27
D.	<i>Idolatria e Obstinação Recusa de Acáz de Atender ao Senhor</i>	28
E.	<i>Apressada e Enérgica Reforma de Ezequias</i>	29-32
F.	<i>Idolatria e Retardada Reforma de Manassés</i>	33
G.	<i>Grande Reforma Final de Josias Anulada por seus Filhos</i>	34-36

toda a história sob a perspectiva divina. Em vez de começar com Samuel ou Abraão, ele o faz com Adão. Nessa retomada da história, o cronista omite dos livros de Samuel e Reis muito do conteúdo referente a guerras, política e até mesmo aos pecados do povo. A ênfase é concentrada mais nos levitas, na adoração dentro do templo, nas bênçãos do arrependimento, na soberania de Deus para restaurar o povo e cumprir as suas promessas se esse povo correspondesse.

- B. O fato de estarem colocados no final do cânon hebraico sugere um *objetivo canônico*. Esdras (a quem se atribui a ordem dada ao cânon hebraico) não os colocou no fim por mera modéstia, mas para dar-lhes uma importância especial. Constituem o único tipo de repetição no Antigo Testamento, e sintetiza toda a história sagrada para lembrar às gerações futuras que Deus é a figura central do seu povo. Embora grande parte de Israel estivesse disperso, o programa divino para o povo permanece intato. Mesmo tendo levantado impérios para disciplinar o seu povo, o Senhor cumprirá com soberania todas as promessas da sua aliança. Parece que Esdras queria fechar o Antigo Testamento com essa idéia.

Contribuições singulares de 1 e 2 Crônicas

1. **PERSPECTIVA DIVINA.** A apresentação de Crônicas não é uma repetição, mas um amplo estudo da história de Israel. Os livros enfatizam a soberania e o domínio de Deus sobre os interesses do seu povo, a fim de cumprir os seus propósitos, apesar dos impulsos humanos. Essa perspectiva divina está presente nos dois livros. Lemos constantemente: “Meu povo”, o “ungido do Senhor”, “arca”, “aliança”, “templo”, “ira”, “reino”, “olhos”, e até mesmo “o Senhor sentado em seu trono” (2 Crônicas 6:10-11; 1 Crônicas 11:2; 13:10, 12; 21:12). Colocados no final do cânon hebraico, eles terminam o Antigo Testamento contemplando do alto a nação da aliança divina.
2. **CRÔNICAS EM CONTRASTE COM SAMUEL E REIS.** Pode-se ver o objetivo dos livros de Crônicas fazendo o contraste dos seus pontos enfáticos com os de Samuel e de Reis.
 - a. Crônicas apresenta o ponto de vista sacerdotal, em vez do profético. Há muitas referências aos sacerdotes e levitas, enquanto os ministérios dos grandes profetas Elias e Eliseu são raramente mencionados. O templo é mais dominante que o trono.

- b. Em Crônicas, o enfoque nacional é mais em Judá do que em Israel. Fala-se pouco sobre o reino do norte, exceto quando relacionado com Judá. Apenas a linhagem real de Davi está registrada, e quase não se faz menção dos demais reis de Israel.
- c. O enredo básico é mais eclesiástico do que político ou militar. O autor está mais interessado nas reformas do que em campanhas militares. Demonstra que grande parte da vida de Davi apóia-se no interesse de fazer os preparativos para a construção do templo. Sucessos militares são sempre determinados pelo relacionamento com o Senhor.
- d. O estilo de Crônicas é mais estatístico do que biográfico. Davi parece sair de longa linhagem genealógica, havendo pouca referência à sua formação anterior no pastoreio ou na corte. É dada atenção especial a Davi na sua função de organizar o sacerdócio, a atividade dos levitas e dos cantores, bem como aspectos administrativos.
- e. O objetivo de Crônicas é encorajar mais do que castigar, estimular lealdade mais do que indiciar culpa. As más dinastias do norte aparecem apenas incidentalmente. Os grandes pecados de Davi e Salomão não são sequer mencionados. Até mesmo os maus reis de Judá são apresentados como pessoas que tentaram reformas, procurando dar ênfase ao aspecto positivo da vida deles (por exemplo, Roboão e Manassés). O autor procurou impressionar os hebreus que ainda restavam com a soberania de Deus e o fato de que Ele ainda restauraria a grandeza da nação, se eles correspondessem.
- f. Em Crônicas não foi enfatizada a idolatria, mas sim a indiferença espiritual. O pecado de Jeroboão, que promoveu o culto aos bezerros, mencionado quatro vezes em Reis, nem mesmo é registrado em Crônicas. O destrutivo pecado da idolatria de Salomão é omitido. Ao descrever o cativo em 586, a razão dada não foi idolatria, mas negligência em atender ao Senhor. Quando Crônicas foi compilado por Esdras, os hebreus remanescentes estavam praticamente curados da idolatria, mas eram indiferentes aos objetivos da aliança e tinham desenvolvido uma tendência para adotar os caminhos comerciais do mundo.

3. **“BUSCAR O SENHOR.”** Essa admoestação, que ocorre com frequência em Salmos e Profetas, não é usada nos livros históricos de Samuel e de Reis. É, porém, enfatizada onze vezes em Crônicas. O perspicaz autor justapõe os dois conceitos fundamentais da soberania de Deus e da responsabilidade do homem no cumprimento

dos propósitos divinos para o povo de Deus. O versículo-chave dos dois livros pode ser 2 Crônicas 7:14, que acentua a necessidade de arrependimento pessoal e de um coração voltado para Deus a fim de que as bênçãos da aliança possam ser cumpridas.

4. QUADROS GENEALÓGICOS (1 Crônicas 1-9). Esses são os clássicos capítulos genealógicos do Antigo Testamento. Dão importância especial às genealogias de Judá e Davi para traçar os direitos sacerdotais. As fontes bíblicas fundamentais usadas para compilar a linhagem davídica foram: Gênesis 4; 5; 10; 11; 25; 35; 36; 46; Êxodo 1; 6; Ruth 4; 2 Samuel 3; 5; e 1 e 2 Reis. Outras fontes não-existentes (além das registradas em Reis) são anotadas pelo cronista:

- História de Semaías, o Profeta (2 Crônicas 12:15).
- Obras de Ido, o Vidente (2 Crônicas 12:15).
- História de Ido, o Profeta (2 Crônicas 13:22).
- Crônicas de Jeú, filho de Hanani (2 Crônicas 20:34).
- Atos de Uzias, por Isaías, o Profeta (2 Crônicas 26:22).
- Livro da história dos reis (2 Crônicas 24:27).
- História de Hozai (2 Crônicas 33:19).

Lista compilada de cinquenta e três gerações de Adão a Zorobabel

Adão	Sem	Isaque	Obede	Joás	Jeconias
Sete	Arfaxade	Jacó	Jessé	Amazias	Pedaías (ou Sealtiel)
Enos	Selá	Judá	Davi	Azarias	Zorobabel
Cainã	Héber	Perez	Salomão	Jotão	
Maalaleel	Pelegue	Hezrom	Roboão	Acaz	
Jarede	Reú	Rão	Abias	Ezequias	
Enoque	Serugue	Aminadabe	Asa	Manassés	
Metusalém	Naor	Naassom	Josafá	Amom	
Lameque	Terá	Salma	Jorão	Josias	
Noé	Abraão	Boaz	Acazias	Jeoquim	

5. PERIGO DA PROSPERIDADE. Os livros de Crônicas enfatizam o perigo de deixar Deus de lado em época de prosperidade ou poder. Observa-se tal coisa no declínio de Roboão (2 Crônicas 12:1), Asa (16:1-2), Josafá (18:1), Jeorão (21:3-4), Amazias (25:11-14), Uzias (26:16) e Ezequias (32:23-25). Prosperidade e poder são bênçãos divinas, mas há o perigo de os alcançados por elas se afastarem de Deus.

6. CONFERÊNCIAS BÍBLICAS DE JOSAFÁ (2 Crônicas 17:7-12). Josafá distinguiu-se pelo singular método reavivalista de mandar

Lista dos sumo sacerdotes de Aarão a Jada, compilada de 1 Crônicas 6:3-15, Esdras 7:1-5 e Neemias 12:10-11.

Sacerdote	Contemporâneo	Sacerdote	Contemporâneo	Sacerdote	Contemporâneo	
Aarão	Moisés	Zadoque	Davi	Azarias III	Morto por Nabodonosor	
Eleazar		Aimaás		Seraías		
Finéias		Azarias I		Jeozadaque		Irmão de Esdras
Abisua		Joaná		Jesua		Zorobabel
Buqui		Azarias II		Joaquim		
Uzi	Amarias II	Uzias	Eliabibe	Neemias		
Zeraías	Aitube II		Joiada			
Meraioti	Zadoque II		Jônatas			
Amarias I	Salum		Jada	Alexandre, o Grande (registrado por Josefo)		
Aitube I	Samuel	Hilquias	Josias			

pregadores e professores itinerantes (príncipes, levitas e sacerdotes) ensinar o Livro da Lei em todas as cidades de Judá. O resultado direto do reavivamento foi paz e bom relacionamento com as nações vizinhas, graça perante o Senhor e prosperidade nacional.

7. CRISTOLOGIA EM CRÔNICAS. Além dos já registrados tipos de Cristo em Davi e Salomão, notam-se sugestões cristológicas nas linhas genealógicas de Davi, as quais também têm objetivo messiânico. Como esses livros terminam o Antigo Testamento hebraico, Mateus repete aquela genealogia no começo do Novo Testamento para demonstrar o direito de Jesus ao trono, quando o apresenta como Rei de Israel.

Os Livros de Esdras e Neemias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os livros de Esdras e de Neemias eram considerados um só livro nos tempos antigos, conforme registro do Talmude, de Josefo e de Jerônimo. Este fato facilitou a limitação do número de livros canônicos para o número de letras do alfabeto hebraico.
2. A *Septuaginta* também os considerava um livro único, i.e., “Esdras B”, que seguia o livro apócrifo “Esdras A”, o qual reproduzia 2 Crônicas 35-36, Esdras e Neemias 7:38-8:12 como um resumo do período.
3. A *Vulgata Latina* dividiu-os em dois livros, denominando Esdras “Esdras A”, e Neemias “Esdras B”.
4. A Bíblia evangélica e a hebraica moderna dividem-nos em dois, denominando-os Esdras e Neemias em homenagem às suas figuras humanas principais.

B. AUTOR OU COMPILADOR

1. Esdras, o sacerdote, é geralmente considerado o autor ou compilador dos quatro livros históricos desse período: 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias. Quanto a Neemias, é provável que Esdras usasse as memórias de Neemias, porquanto Neemias fala na primeira pessoa de vez em quando.
2. Supondo que Esdras seja o autor-compilador, o seguinte material foi usado:
 - a. As *Memórias de Esdras* (evidência baseada no fato de serem usadas tanto a primeira quanto a terceira pessoa).

- b. As *Memórias de Neemias* (pelo fato de ser usada a primeira pessoa).
 - c. Foram também utilizados outros documentos e catálogos oficiais, como se torna evidente nas seções Esdras 4:7-6:18 e 7:12-26, escritas em aramaico, a língua oficial na época para a correspondência internacional.
3. Esdras era filho de Seraías, o sumo sacerdote assassinado por Nabucodonosor em 586 a.C. (Esdras 7:1, 2 Reis 25:18-22), e irmão de Jeozadaque, o sumo sacerdote levado cativo (1 Crônicas 6:15). Sua importância como professor da Lei que concluiu o Antigo Testamento é com frequência comparada com a de Moisés, o legislador, que começou a escrever o Antigo Testamento. Ambos eram levitas. Moisés escreveu os primeiros cinco livros, Esdras escreveu ou compilou os quatro últimos.
 4. As obrigações de Esdras para com os hebreus que voltaram do exílio incluíam diversas tarefas grandiosas:
 - a. Reinstaurar o devido culto no templo reconstruído em 457 a.C.
 - b. Escrever ou compilar 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Salmo 119.

Esboço de Esdras

TEMA: Volta de Israel do Exílio a fim de Reconstruir o Templo para Adoração

I RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO POR ZOROBABEL	1-6
A. Efetuada a Volta dos Restantes	1-2
1. Ciro decreta a libertação	1
2. Lista dos que voltaram	2
B. Principiada a Reconstrução do Templo	3-4
1. Alicerces são assentados com júbilo	3
2. A obra é detida pelo rancor local	4
C. Terminada a Reconstrução do Templo	5-6
1. Exortações de Ageu e Zacarias	5
2. Provisão e proteção de Dario	6
II REFORMA MORAL DO POVO POR ESDRAS	7-10
A. Preparação e Comissão de Esdras	7
B. Problemas de Recrutamento e Viagem	8
C. Problema de Casamentos Mistos em Judá	9-10
1. Oração de Intercessão de Esdras	9
2. Compromisso de separação do povo	10

- c. Presidir a “Grande Sinagoga” que presumivelmente determinou e organizou o cânon hebraico das Escrituras.
- d. Instituir sinagogas locais em Judá para o estudo da Tora, semelhantes àquelas fundadas na Babilônia (as quais se tornaram um lugar de reunião regular dos judeus dispersos, conforme Ezequiel 20).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 430-425 a.C., aproximadamente.

Como os ministérios de Esdras e de Neemias tiveram lugar durante o reinado de Artaxerxes I (465-424 a.C.), é provável que os livros tivessem sido completados perto do fim do período, depois de Malaquias, último profeta, ter pronunciado a sentença do Senhor e feito o devido registro.

B. PERÍODO DE TEMPO ENVOLVIDO EM ESDRAS E EM NEEMIAS 538-430 a.C.

Essa história cobre um período de mais de 100 anos, desde a volta de Zorobabel, construtor do templo (537), até o último retorno de Neemias, construtor dos muros (depois de 432). Na realidade, foram quatro turmas que voltaram do cativeiro: a de Zorobabel em 537, a de Esdras em 457, a de Neemias em 444, e a outra de Neemias em 432.

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. Estes livros introduzem um novo período da história de Israel tanto no âmbito nacional quanto no internacional. No âmbito nacional, foi o princípio da era pós-exílio com a volta de Israel à sua terra. Os setenta anos de exílio tinham terminado. No âmbito internacional, foi o princípio da era do império persa com o seu grande número de novas manobras políticas, que afetaram Israel e o mundo.
2. Para Israel o efeito mais importante dessa política era a nova prática persa da volta do exílio. Em vez de deportar e transportar o povo cativo, como faziam a Assíria e a Babilônia, mandaram-nos de volta para o solo nativo a fim de ajudarem a promover relações pacíficas com o império. Não somente libertavam-nos, como também com frequência subsidiavam a volta para ajudá-los a se fixar e reinstaurar o sistema religioso no torrão natal.
3. Ao examinar a política da época, não se deve esquecer que diversos judeus tinham alcançado altos postos no governo persa e, com toda a certeza, exerciam grande influência na corte. Daniel, Ester e Mordecai ocuparam lugares de suprema importância e de influência política durante os períodos babilônico e persa.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Internacionalmente, um novo clima religioso foi introduzido pelos persas. Os decretos de Ciro e Dario surgiram parcialmente inspirados por sua fé religiosa. Esta não passava de uma mistura da visão tradicional de um panteão de deuses, e do zoroastrismo desenvolvido recentemente, com suas duas hierarquias: do bem e do mal. Como resultado dessa visão, eles fizeram o povo voltar à sua terra natal a fim de aplacar os deuses locais e promover a paz no império. Tal política resultou na volta de Israel à Palestina com os vasos do templo, e na reativação de seu sistema religioso.
2. Para muitos em Israel, o exílio na Babilônia produziu uma grande revolução espiritual. Embora houvesse uma deserção quase total na época do cativeiro, conforme registro de Jeremias e Ezequiel, o grupo que retornou à pátria em 537 era composto, em sua maioria, de piedosos judeus ansiosos por retornar à

Esboço de Neemias

TEMA: Reconstrução do Muro e Renovação da Aliança

I RECONSTRUÇÃO DO MURO DA CIDADE — NEEMIAS	1-7
A. <i>Interesse e Volta de Neemias</i>	1-2
1. Triste notícia e petição divina	1
2. Pedido concedido e comissão real	2
B. <i>Construção e Reparação feitas pelo Povo</i>	3
1. Plano da construção	3
2. Princípio da construção individual	3
C. <i>Escárnio e zombaria dos adversários</i>	4-5
1. Oposição externa enfrentada com coragem	4
2. Oposição interna enfrentada com sacrifício	5
D. <i>Conclusão e Registro</i>	6-7
1. Táticas inimigas vencidas	6
2. Registro do povo	7
II RENOVAÇÃO DA ALIANÇA MOSAICA — ESDRAS	8-10
A. <i>Leitura Pública da Aliança de Moisés</i>	8
B. <i>Reconsecração Pública da Aliança de Moisés</i>	9-10
1. Oração e apelo por misericórdia	9
2. Promessa e plano de obediência	10
III REGISTROS E REFORMAS POSTERIORES — NEEMIAS	11-13
A. <i>Registro do Povo de Jerusalém</i>	11
B. <i>Registro dos Sacerdotes de Jerusalém</i>	12
C. <i>Reconsecração do Muro de Jerusalém</i>	12
D. <i>Repressão a Diversos Abusos em Jerusalém</i>	13

terra da aliança. Embora muitos tivessem preferido permanecer no fértil vale da Babilônia, um contingente de aproximadamente 50.000 homens (além de mulheres e crianças) aceitou o convite para enfrentar os reveses da volta a Judá, às cidades destruídas e colinas cobertas de vegetação. O estudo da Tora e dos profetas, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, feito nas sinagogas, exerceu sem dúvida uma grande influência na inspiração dessa fé religiosa.

3. Foi esse um período de muito pensamento e convulsão religiosa e filosófica no mundo, o que pode ser comprovado pelos notáveis pensadores e pelos movimentos daquela época:
 - a. Sócrates (469, aproximadamente), Platão (427) e Aristóteles (384) muito contribuíram para o desenvolvimento do pensamento grego ou helenista, grande influenciador do mundo.
 - b. Zoroastro (Zaratustra, 628-551), cujas idéias se espalharam rapidamente pelo mundo persa.
 - c. Buda (Gautama, 563-486) desenvolveu as “quatro nobres vontades” do budismo, rejeitando o antigo hinduísmo com as suas “castas”, idéia que se espalhou pela Índia.
 - d. Confúcio (Kung Fu-tze, 551-479, aproximadamente) ensinou na China durante uma época de grande luta interna e rejeição de tradições religiosas.

Essas atividades religiosas e o desassossego mundial enfatizam a importância da obra de Esdras para preservar a religião verdadeira dos patriarcas e profetas.

OBJETIVO DOS LIVROS DE ESDRAS E DE NEEMIAS

- A. *Objetivo unificado de Esdras e de Neemias.* Historicamente, foram escritos para completar a história de Israel, registrada em Crônicas desde o começo até o cativeiro de 586. A história da volta de Israel do exílio era necessária para demonstrar ao povo que a aliança estava sendo mantida pelo Senhor ao cumprir-se a promessa da volta.
- B. *Objetivo de Esdras.* O objetivo específico desse livro era documentar a volta do povo que vinha reconstruir o templo na ocasião certa em que o Senhor, por intermédio de Jeremias, havia dito que aconteceria (Jeremias 29:10 e ss.; Esdras 1:1). Como os últimos dois versículos de Crônicas aludiram ao cumprimento dessa promessa, Esdras voltou à mesma afirmação e deu os detalhes da construção do templo e da restauração do culto.
- C. *Objetivo de Neemias.* Esdras usou os registros pessoais de Neemias (Neemias 1:1-7:73) para documentar a reconstrução do muro de Jerusalém, incluindo a data exata do decreto do rei: “no mês de

nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes.” O livro mostra como Deus usou uma pessoa leiga, mas interessada, para assentar os blocos do muro de Jerusalém a fim de que houvesse proteção aos restantes e ao templo reconstruído, bem como defesa contra as incursões do comercialismo e da cultura pagã, que tinha a tendência de enfraquecer a pureza divina. A data do decreto para a reconstrução do muro também forneceu a data exata em que deveriam começar as “setenta semanas” (grupos de sete) de Daniel. Dessa maneira, as datas desses dois livros dão encorajamento quanto à profecia passada (cumprimento dos setenta anos de Jeremias) e quanto ao início da profecia futura (cumprimento das “setenta semanas” de Daniel).

Contribuições singulares de Esdras e de Neemias

1. **A HISTÓRIA DE ISRAEL PÓS-EXÍLIO.** Moderadamente auxiliados pelos livros proféticos de Ageu e de Zacarias, os livros de Esdras e de Neemias narram a volta do cativeiro. Esdras descreve como a profecia de Jeremias 25:12 e 29:10 foi cumprida de duas maneiras: 1) Uma servidão de setenta anos desde o primeiro cativeiro, em 606, até a libertação e volta, em 536. 2) Uma sobreposição de setenta anos desde a destruição do templo, em 586, até o término do novo templo, em 516. Apesar de a servidão total ter durado apenas cinquenta anos, os setenta anos de vergonha são enfatizados tanto no cativeiro deles como no lugar de adoração.

O remanescente que voltou era quase todo ele de judeus, mas evidentemente representavam todo o Israel conforme surgere o seguinte: 1) O decreto de Ciro foi dado a todo o Israel, incluindo a dez tribos do norte levadas para a Assíria (Esdras 1:3). 2) As doze tribos são representadas pelos doze líderes (Neemias 7:7; Esdras 2:2). 3) Os doze bodes oferecidos na dedicação do templo eram para as doze tribos (Esdras 6:17; 8:35). 4) Enquanto se faz referência a “Judá” vinte e seis vezes em Esdras e em Neemias, o termo inclusivo “Israel” é usado mais de sessenta vezes, como se todas as tribos estivessem representadas.

2. **CONFIRMAÇÕES DA PALAVRA PROFÉTICA.** A grande ênfase de Esdras recaía sobre a “Palavra”, conforme se nota no Salmo 119 (atribuído a ele). De igual modo, o livro de Esdras começa com uma afirmação do cumprimento da palavra de Deus por intermédio de Jeremias, mas também alude ao cumprimento de Isaías 44:28. Mais de 150 anos antes, Isaías havia citado o nome de Ciro como aquele a quem o Senhor usaria para subjugar nações, libertar

cativos, reconstruir o templo, e proclamar o nome de Yahweh “para que se saiba até ao nascente do sol e até ao poente” (Isaías 45:1,6). Este volta era um acontecimento auspicioso em Israel para o qual quatro dos principais profetas olhavam com grande expectativa.

- 3. O IMPÉRIO PERSA NO PLANO DE DEUS.** A história de Esdras e de Neemias começa com Ciro, o primeiro rei persa, e estende-se até Jada, o sumo sacerdote, em 333, ano da destruição do império persa. Esse império foi o segundo dos reinados gentios das profecias de Daniel (Daniel 2:39; 7:5), os quais iriam disciplinar o povo de Israel ao governá-lo. A política da Pérsia, inteiramente radical acerca dos povos cativos, procurando repatriá-los e captá-los a boa vontade em vez da servidão (conforme a Assíria e a Babilônia fizeram), enquadrou-se com perfeição no programa divino da restauração do seu povo. A boa vontade para com o povo de Israel continuou em todos os dias do Antigo Testamento, ajudada, evidentemente, por líderes como Daniel, Ester e Mordecai.
- 4. TEMPO DE VIAGEM DA BABILÔNIA A JERUSALÉM.** (Esdras 7:9; 8:31). Esdras informa o tempo de viagem da Babilônia a Je-

rusalém (1.448 quilômetros, aproximadamente). Levou quatro meses, “segundo a boa mão do seu Deus sobre ele” (7:9). Viajaram com muita rapidez, e não pediram escolta militar para protegê-los. Essa informação dada em Esdras nos diz quanto tempo os magos devem ter levado para chegar a Belém, depois de terem visto a estrela “no leste” e se apressado em direção ao ocidente.

- 5. CONTROVÉRSIA SAMARITANA** (Esdras 4). A recusa de Israel em aceitar o auxílio dos samaritanos na reconstrução do templo parece trivial, mas teve como resultado uma quebra de relacionamento que se estendeu até os dias do Novo Testamento. Os dois povos chegaram a considerar-se inimigos a ponto de recusar qualquer associação. Por que foram os construtores tão independentes, visto que Davi recebeu com alegria o auxílio dos fenícios? Provavelmente ponderaram que o fato de aceitar o seu auxílio na construção implicaria a exigência por parte dos samaritanos de ter parte na instituição do culto no templo. A formação religiosa eclética dos

Cronologia dos Acontecimentos do Período Persa

DATA a.C.	ACONTECIMENTO	SIGNIFICAÇÃO
559	Ciro, o Grande, ocupou o trono persa (559-330).	Ciro conquistou e organizou o império persa, tomando a Média, em 550, e a Ásia Menor, em 546.
538	Babilônia caiu para a Pérsia e Dario, medo, tomou a cidade.	Terminou assim o império babilônico, o primeiro dos reinos gentios da visão de Daniel.
538	Ciro libertou os cativos, decretando a reconstrução do templo.	Cumprida a profecia de Isaías sobre “Ciro” e as de Jeremias sobre os “setenta anos” na Babilônia.
537	Volta dos judeus com Zorobabel para reconstruir o templo.	Adoração a Deus no templo antes da proteção de um muro reconstruído.
530	Cambises decretou suspensão da reconstrução do templo.	Período de luta com samaritanos após a reinstalação do altar e ofertas.
525	Cambises conquistou o Egito.	Pérsia tornou-se o maior império da história. Mas Cambises suicidou-se a caminho de casa.
522	Dario tomou o trono do usurpador, Pseudo-Esméris.	O trono voltou para a dinastia de Ciro, o Grande. Império dividido em 127 satrapias. Ele foi derrotado pelos gregos em Maratona, 490.
520	Construção do templo recomeçada devido a Ageu e a Zacarias.	Queixa dos samaritanos provocou decreto de Dario para construção do templo e inimigos foram obrigados a subsidiar.

516	Conclusão do templo de Zorobabel.	Foi completado setenta anos depois da destruição
486	Xerxes I começou a reinar após a morte de Dario. Reinou de 486 a 465.	Seu reinado trouxe benevolência para com os judeus do império.
480	Exército de Xerxes defende a ilha Salamina.	A segunda tentativa de unir a Grécia ao império persa foi o ponto decisivo ocidental para a Pérsia.
479	Ester — rainha da Pérsia.	Aconteceu quatro anos depois de Vasti ser deposta e logo após a derrota persa na Grécia.
473	Ester salvou os judeus. Mordecai primeiro-ministro.	Isso estabeleceu a festa judaica do Purim, 13-14 de março, depois do célebre “pur” (sortes) lançado para destruir os judeus (Ester 3:7; 9:26). Os dois exerceram enorme influência a favor dos judeus no império.
465	Artaxerxes Longimano começou um reinado de 40 anos (465-425).	Como seu pai, demonstrou benevolência para com os judeus através de Esdras e Neemias.
457	O sacerdote Esdras voltou a Jerusalém para estabelecer o culto.	O rei persa (politeísta) preocupado em ajudar Esdras e Neemias.
444	Neemias voltou a Jerusalém para reconstruir o muro em 52 dias.	O muro possibilitou separação a fim de manter o culto devido e restaurar a aliança.
432	Malaquias denunciou a indiferença e união com pagãos.	Isso mostrou que se instalava um processo de estagnação espiritual e questionamento das promessas da aliança.
430	Neemias voltou pela segunda vez após breve estada na Pérsia	Este foi o esforço final de reforma no período do Antigo Testamento
430-425	Esdras completou os livros de história do Antigo Testamento e organizou o cânon.	Isto completou os primeiros 1000 anos de história de Israel desde Moisés, até Esdras, e propiciou ao remanescente antes da dispersão um registro dessa história enquanto viveram sob governo gentio à espera dos tempos messiânicos.

samaritanos poderia comprometer o antigo fundamento do culto de Israel e o seu sistema religioso. É interessante notar que os samaritanos foram os primeiros a se referir aos israelitas que vieram do exílio como “judeus” (Esdras 4:12). Aquela época exigia separação e pureza para preservar com zelo a religião verdadeira.

- 6. ZOROBABEL E SESBAZAR** (Esdras 1:8, 11; 2:2). Serão duas pessoas diferentes ou uma só? Sobre ambos há o registro de que “lançaram os alicerces” do templo (Esdras 3:8, 10; 5:16; Zacarias

4:9). Embora os nomes possam referir-se à mesma pessoa, as passagens bíblicas parecem diferenciá-los. Há uma teoria que diz ser “Sesbazar” outra maneira de se escrever “Senazar” de 1 Crônicas 3:18, que era filho de Jeconias e, portanto, tio de Zorobabel. Se essa teoria for verdadeira, Sesbazar foi comissionado por Ciro para dirigir o grupo e ser governador de Jerusalém (5:14), mas talvez tenha morrido antes de os alicerces estarem completos. Zorobabel, o líder da linha real da geração seguinte, assumiu então a função de completar o templo e tornou-se governador. Dessa maneira, ambos “lançaram os alicerces” do templo, mas a linha messiânica veio através de Zorobabel.

Soberanos Internacionais Efetuando o Cativo e o Regresso de Israel

ÚLTIMOS REIS ASSÍRIOS — 745-626 a.C.

Tiglate-Pileser III (Pul)	745-727	Invadiu Israel; exilou o povo da Galiléia e Transjordânia.	(2 Reis 15:29)
Salmaneser V	727-722	Subjugou Israel, sitiou Samaria, 725.	(2 Reis 17:5-6; 18:9)
Sargom II	722-705	Exilou Israel para a Assíria. Invadiu Filistia e Judá.	(2 Reis 18:11; Isaias 20:1)
Senaqueribe	705-681	Invadiu Filistia, Tiro e Judá. Sitiou Jerusalém e seu exército foi destruído em 701. (2 Reis 18:13 e ss.)	
Esaradom Assurbanipal	681-669 669-626	Invadiu Judá, levando Manassés cativo para a Babilônia, em 650, aproximadamente.	(2 Crônicas 33:11)

Depois de 626, o império assírio desintegrou-se sob o governo dos três últimos reis. A Babilônia destruiu Nínive em 612, tomou Harã em 610 e Carquemis em 605.

REIS NEOBABILÔNICOS — 626-539 a.C.

Nabopolassar	626-605	Tomou a Babilônia em 626 e começou a engrandecer-se.	
Nabucodonosor	605-562	Tomou a Palestina em 606; destruiu Jerusalém e o templo, e exilou os remanescentes em 586.	(2 Reis 24-25; Daniel 1-4)
Evil-Merodaque (Amel-Marduque)	562-560	Libertou e exaltou Joaquim.	(2 Reis 25:27; Jeremias 52:31 e ss.)
Nergal-Sarezer Labase-Marduque	560-556 556	Assassinou o cunhado e usurpou o trono.	
Nabonido	556-539	Assassinou o rei e usurpou o trono.	
Belsazar (co-regente)	553-539	Fez de Daniel o terceiro governador na noite anterior ao seu assassinio por Dario.	(Daniel 5:29-31)

Sob o reinado de Nabonido, o império babilônico desintegrou-se depois de ter destruído a violenta Assíria e ter levado a rebelde nação de Judá para o exílio na Babilônia.

- 7. TEMPLO DE ZOROBABEL** (Esdras 6:3-4). Como pode ser esse templo comparado com o de Salomão? O texto não registra para ele os detalhes que foram dados para o templo de Salomão (1 Reis 6; 2 Crônicas 3), mas dá as dimensões básicas externas. Tinha 27 metros de largura, 27 metros de altura e 45 metros de comprimento, e três pavimentos. Era um terço maior do que o de Salomão, embora fosse mais simples e menos pomposo. Tinha um mobiliário muito mais limitado. As peças assemelhavam-se às do tabernáculo de Moisés, mas não no número de peças do templo de Salomão (por exemplo, havia um castiçal em vez de dez). O Talmude registra cinco coisas do templo de Salomão que não se encontravam no de

REIS PERSAS (os primeiros governadores não-semíticos do mundo) — 539-303 a.C.

Ciro, o Grande	559-530	Conquistou Média, 550, Ásia Menor, 546, e Babilônia, 538; libertou os exilados e decretou a reconstrução do templo.	(Esdras 1:1 e ss.)
Dario (Gobrias) (co-regente) Cambises (Assuero)	530-522	Fez de Daniel um dos três presidentes.	(Daniel 6:2, 28)
Gaumata (Pseudo-Esmérdis)	522	Conquistou o Egito. Interrompeu a reconstrução do templo para apaziguar os samaritanos.	(Esdras 4:6, 21)
Dario Histaspes I (da casa de Ciro)	521-486	Dividiu o império em satrapias. Fez novo decreto para a reconstrução do templo.	(Esdras 6:3 e ss.)
Xerxes (Assuero)	486-465	Fez de Ester rainha e de Mordecai primeiro-ministro.	(Ester 1:1 e ss.)
Artaxerxes I Longimano	465-424	Encorajou a volta de Esdras e Neemias para organizar Jerusalém.	(Esdras 7:1 e ss. Neemias 1 e ss.)
Dario II (Nótus)	424-404		

Rivalidade entre os reis, após a morte de Dario II, produziu os governos fracos de Artaxerxes II, III e Dario III. Este último foi finalmente derrotado por Alexandre, que conquistou a Ásia Menor, a Palestina, o Egito e a Mesopotâmia, chegando até a Índia.

Zorobabel: a arca, o fogo sagrado, a “Shekinah”, o Espírito Santo, e o Urim e Tumim. No lugar da arca da aliança foi colocada uma grande pedra.

8. ESDRAS ORDENA O DIVÓRCIO (Esdras 9:1 e ss.; 10:3, 11). Essa ordem sem precedente de que os israelitas se divorciassem de suas esposas gentias parece contradizer Moisés (Deuteronômio 21:10-14; 24:1-4). O legislador simplesmente exigia que as mulheres gentias passassem por um ritual de purificação. O problema defrontado por Esdras pode ter sido semelhante àquele com que Malaquias se defrontou em Malaquias 2:11-16: casamento com esposa estrangeira, além da primeira ou da esposa da aliança. Divorciar-se da “esposa da mocidade” era um pecado odiado por Deus conforme Malaquias (3:15-16). Do mesmo modo que Deus ordenou a Abraão que se divorciasse da segunda esposa, Hagar, que era estrangeira (Gênesis 21:12), é provável que Esdras ordenasse uma separação semelhante aos restantes que tendiam a misturar-se com os gentios em torno deles. O longo aconselhamento para os 113 ofensores sugere que lhes foi exigido assegurar o futuro das esposas e filhos destituídos.

9. CRISTOLOGIA EM ESDRAS E EM NEEMIAS. As duas figuras dominantes, Zorobabel e Josué, são consideradas nos dois livros proféticos do período, Ageu e Zacarias, como prenúncio de Cristo, como o Rei-Sacerdote (Zacarias 6:12-13): “o homem cujo nome é RENOVO! ... edificará o templo do Senhor, e será revestido de glória; assentar-se-á no seu trono e dominará, e será sacerdote no seu trono e reinará perfeita união entre ambos os ofícios.”

Ageu retrata Zorobabel como o antítipo notável de Cristo que recebe de Deus “um anel de selar” ou autoridade para derrubar todos os reinos e governar as nações para Deus (Ageu 2:23). Zorobabel era também da linhagem messiânica (Mateus 1:12). Esdras e Neemias descrevem a grande necessidade dos remanescentes de terem um governador tal que liderasse e dirigisse o povo de Deus no meio da oposição crescente dos tempos pós-exílio.

O Livro de Ester

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. O título é devido à figura central do livro. “Ester” (“estrela”) era o seu nome persa, e “Hadassah” (“murta”) era o seu nome judeu.
2. Este é um dos dois livros do Antigo Testamento que levam o nome de uma mulher:
 - a. Rute, gentia, que se casou com um rico judeu de linhagem real da promessa, Boaz.
 - b. Ester, judia que se casou com um rico gentio da realeza, Assuero.

B. AUTOR

1. Desde os tempos antigos, Mordecai tem sido considerado o autor provável; entretanto, Esdras e Neemias também têm sido sugeridos como possíveis autores. O último capítulo parece desqualificar Mordecai, embora pudesse ter sido escrito por um redator, como Esdras. Todavia, o estilo com que o livro foi escrito não parece ser de Esdras ou de Neemias.
2. Embora o autor seja desconhecido, é evidente que ele, ou ela, conhecia bem os costumes e a corte da Pérsia e tinha talento dramático. O Talmude atribui a autoria de “Ester” à “Grande Sinagoga”, cujo provável presidente, Esdras, poderia ter colaborado no livro.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 460 a.C., aproximadamente.

1. Deve ter sido escrito logo após a morte de Assuero (Xerxes) (465), quando os seus relatórios foram completados no livro da história dos reis (Ester 10:2).

2. Foi escrito para encorajar os judeus dispersos no império e àqueles que regressariam em 457 e 444.

B. PERÍODO DE TEMPO ENVOLVIDO - 483-473 a.C.

1. Em 483, a rainha Vasti foi deposta (terceiro ano de Assuero).
2. Em 479, a rainha Ester foi coroada (sétimo ano de Assuero).
3. Em 473, houve o livramento dos judeus do Purim (décimo terceiro ano de Assuero).
4. Os acontecimentos deste livro encaixam-se cronologicamente entre os capítulos 6 e 7 de Esdras.

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. Governador persa. Sob o reinado de Assuero, o império persa chegou ao auge do poder. Esse rei foi o governador persa que promoveu uma expedição gigantesca contra a Grécia em 480, tentando realizar o que seu pai Dario não conseguira em 490, isto é, conquistar e anexar a península grega ao império persa. Embora tenha capturado Atenas (saqueando a cidade e destruindo a Acrópole), a sua esquadra foi derrotada perto da ilha de Salamina e voltou à Pérsia. Essa derrota ocorreu entre Ester 1 e 2.
2. Capitais. Susã (grego “*Susã*” lírios) era uma das três capitais mantidas pela Pérsia. As outras eram Babilônia, na Mesopotâmia, e Persépolis, na parte sudeste da Pérsia. Susã era considerada residência real de verão e estava localizada no planalto de Elão, a cerca de 400 quilômetros da Babilônia. Daniel também ali morou na época do reinado de Belsazar (Daniel 8:2).
3. Judeus do império. Embora um grande contingente de judeus tivesse regressado à Palestina mais ou menos sessenta anos antes, com Sesbazar (e Zorobabel), muitos ainda estavam dispersos por todo o império. Sob o domínio persa, receberam bom tratamento, aprenderam aramaico e economia, e sofreram poucas restrições. O anti-semitismo observado em Ester não foi persa, mas agagita.
4. Mudanças persas no império. Várias mudanças ocorrerem entre os persas, durante a transição do governo babilônico para o persa:
 - a. Houve uma atitude mais compassiva para com os povos conquistados. É interessante notar que nessa época foi iniciado entre os persas um período de paz relativa que durou aproximadamente 20 anos.
 - b. O império tornou-se muito maior, estendendo-se desde a Índia até a Europa.
 - c. Um ariano (caucásio) passou a governar o mundo. Foi o

primeiro império desse tipo, pois os persas eram de estirpe européia.

- d. Os persas escolheram o aramaico como o idioma oficial do império para o comércio e a política, pois já se tinha tornado a língua franca.
 - e. Antigas fronteiras foram modificadas e houve nova divisão de satrapias ou províncias a fim de dissolver velhas alianças e permitir um governo local, embora sob supervisão persa.
5. Desafio grego. As tentativas persas, tanto de Dario como de Xerxes, de invadir a Europa por meio de um ataque à Grécia em 490 e 480 tornaram-se um ponto de referência na procura

Esboço de Ester

TEMA: A Contínua Solicitudude do Senhor por Israel Mesmo na Dispersão

I GRANDE PERIGO DE EXTERMÍNIO DOS JUDEUS	1-5
(ou Perseguição a Israel, fora de sua terra)	
A. <i>Deposição de Vasti</i>	1
1. Banquetes reais e comemoração	
2. Contestação e alvoroço real	
3. Divórcio e edito real	
B. <i>Decisão pela Rainha Ester</i>	2
1. A formosa Ester torna-se a futura rainha (Foi encontrada uma esposa para o rei)	
2. O modesto Mordecai estabelece o seu futuro mérito (Foi protegida a vida do rei)	
C. <i>Perversidade do Primeiro-Ministro Hamã</i>	3-5
1. Hamã planeja a destruição dos judeus	3
2. Mordecai procura a intervenção da rainha	4
3. Ester organiza dois banquetes reais	5
II GRANDE LIVRAMENTO E PROJEÇÃO DOS JUDEUS	6-10
(ou Proteção a Israel, fora de sua terra)	
A. <i>Honra Tardia a Mordecai</i>	6
1. Mordecai é lembrado devido à insônia de Assuero	
2. Mordecai é honrado devido à insônia de Hamã	
B. <i>Enforcamento de Hamã</i>	7
1. Ester denuncia o risco de vida	
2. Hamã prepara a própria morte	
3. Assuero pronuncia o julgamento da força	
C. <i>Maior Respeito pelos Judeus</i>	8-9
1. Implorada a proteção da Pérsia	8
2. Instituída a festa do Purim	9
D. <i>Proteção de Mordecai ao Povo Judeu</i>	10
1. Sua alta posição como Primeiro-Ministro	
2. Seu grande poder como advogado dos judeus	

oriental do domínio do mundo. Sua grande derrota em Salamina e Platéia infligida pelos espartanos, depois de ter Xerxes atravessado o Helesponto e destruído a Acrópole de Atenas, mudou o rumo dos impérios. Os gregos jamais esqueceram a pilhagem de Atenas feita pelos persas. Alexandre vingou aquela atrocidade saqueando e queimando Persépolis em 331, a capital política de Dario e de Xerxes. As cidades da Grécia e do Egeu fortificaram-se durante 150 anos para depois impelir o paladino Alexandre pelo Helesponto a fim de reivindicar não só o império persa, mas as regiões mais importantes daquele tempo.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Religião de Israel. Quanto à situação religiosa de Israel no período pós-exílio, basta ler a Introdução dos livros de Esdras e de Neemias. Foi uma época de pequeno progresso espiritual, de forte tendência de amálgama com a cultura circundante e de indiferença generalizada, embora estivessem curados da idolatria dos deuses de pedra e madeira.
2. Religião dos judeus dispersos. Zoroastrismo era a religião incentivada pelos governadores persas, nome derivado de Zoroastro (“treinador de camelos”) que a introduziu e à qual parece ter convertido Histaspes, pai de Dario I. Era uma religião aparentemente dualista, tolerante para com os deuses “benéficos e verdadeiros”, mas não para com os “maldosos e falsos”. Portanto, embora expressassem grande consideração e bondade para com os adoradores dos bons deuses, podiam tornar-se muito perversos para com os outros. Como os judeus do império eram considerados adoradores de bons espíritos, foram não apenas tolerados como auxiliados e subsidiados na reconstrução da sua instituição religiosa.

OBJETIVO DO LIVRO DE ESTER

- A. O *objetivo histórico* deste livro foi evidentemente encorajar os judeus dispersos por todo o império com a história do contínuo interesse e presença do Senhor, mesmo que ele não fosse visto e os judeus estivessem longe do templo de Deus em Jerusalém. Apesar de o nome do Senhor não ser mencionado, sua divina direção faz-se presente em todo o livro.
- B. Houve também o *objetivo religioso* de dar uma explicação autêntica da origem da festa judaica do Purim, uma festa especialmente cara aos judeus da dispersão.

Contribuições singulares de Ester

1. **SEMENTES DO ANTI-SEMITISMO.** Esse preconceito contra os judeus pode variar da antipatia até o ódio violento. Apesar de o termo ter sido usado pela primeira vez em 1879 [V. Max Dimont, “*Jews, God and History*” (Judeus, Deus e a História), págs. 313 e ss.], o fenômeno do anti-semitismo foi expresso pela primeira vez no Livro de Ester. O anti-semitismo difere do antijudaísmo por ser um preconceito irracional contra a raça, não apenas contra o que o povo faz ou pensa. O anti-semitismo julga os judeus pelo “crime” de ser judeu; o antijudaísmo condena o povo judeu por aquilo que faz ou pelo “crime” de ter crucificado Jesus. O antijudaísmo pode ser aplacado (por conversão ou outros atos), o que não acontece com o anti-semitismo.

O Livro de Ester apresenta ambos. Hamã era anti-semita, tinha ódio racial contra os judeus (3:6), e induziu o rei a destruir os judeus do império devido às suas leis e hábitos. Dimont descreve o problema entre os árabes e judeus como antijudaísmo (invasão da terra); e o problema nazista do Terceiro-Reich, como anti-semitismo. Como Hitler, Hamã tinha um profundo preconceito contra a nação israelita, provavelmente por ser um agagita (Agague era o título real dos reis amalequitas, Ester 3:1; 1 Samuel 15:2-9; 32-33).

2. **LUGAR DE ESTER NA HISTÓRIA.** Esse livro tem estado nos dois extremos de julgamento: 1) O mundo judaico tem-no na mais alta estima; perde somente para os livros de Moisés. Além de lerem-no anualmente por ocasião da festa do Purim, eles o têm lido e reverenciado em todo o mundo, nas inúmeras ocasiões semelhantes de opressão, e nas ameaças de aniquilamento. 2) Outros, como Martinho Lutero, consideram-no sem valor algum. Lutero disse que desejaria que tal livro não existisse. Essa opinião reflete a atitude da igreja na época de Lutero, e da Igreja Católica em geral, considerando os judeus uma raça maldita por ter crucificado Jesus e, portanto, sem futuro no programa divino. Como reação, os judeus consideram a igreja um inimigo tradicional e a pessoa de Jesus o ponto convergente do problema da raça e o motivo da perseguição.
3. **LIVRO BÍBLICO “SEM DEUS”.** Ester é um dos dois livros bíblicos que não mencionam o nome de Deus. Cantares de Salomão refere-se a Jeová apenas uma vez no hebraico (Cantares 8:6). Entretanto, a mão divina da providência domina toda a história de Ester. A ausência do nome de Deus é um tanto inexplicável, mas simboliza

o sentimento de grande parte dos judeus na dispersão, que se sentiram abandonados pelo Todo-poderoso. O livro demonstra que, apesar de o seu Nome não ser mencionado (na forma usada na aliança ou na forma universal), a mão protetora de Deus estava com eles operando na “sombra”. Embora Deus estivesse incógnito no Livro de Ester, via-se a sua mão em todos os acontecimentos.

4. OS JUDEUS E A LUTA DOS IMPÉRIOS. O Livro de Ester dá uma idéia das contendas da corte persa, bem como das lutas dos judeus. O império persa foi o segundo dos reinos gentios da visão de Daniel, em Daniel 7:1-7 (comparar com Daniel 8:19 e ss.), sendo que o primeiro reino foi o da Babilônia, que veio e se foi em menos de noventa anos. Durante o reinado de Assuero, já havia presságio de um grande poder ocidental grego. O malogro de Assuero ao tentar anexar cidades gregas depois de saquear Atenas e destruir a Acrópole inflamou o desejo de retaliação por parte dos gregos. Tal coisa finalmente aconteceu 150 anos mais tarde quando Alexandre, obedecendo ao plano do seu pai, Filipe de Macedônia, atravessou o Helesponto, venceu os persas em Granico e levou de roldão todo o trajeto até as capitais persas Susa e Persépolis, queimando esta última do mesmo modo que Assuero tinha feito com Atenas. Como os persas tinham adotado o zoroastrismo, Alexandre não quis destruir aquele dualismo politeístico, no momento em que espalhava a filosofia de Aristóteles e do helenismo com a sua “alegria e liberdade pagãs e o amor pela vida”, por todo o seu trajeto até o rio Indo. Essa nova filosofia de vida ocidental ia desafiar Israel durante os anos intertestamentários e fazia parte do cenário mundial quando o Messias veio.

A contenda dos impérios não era independente da religião ou apenas militar. Esse conflito de culturas e filosofias deve ser observado num nível mais alto de forças espirituais, como Daniel foi informado, em Daniel 10:13-21. O “príncipe do reino da Pérsia” (um anjo satânico) resistiu ao anjo que falava com Daniel, e o “príncipe da Grécia” estava pronto para também se opor a ele. Daniel foi encorajado com o fato de o arcanjo Miguel estar ao seu lado. Em Daniel 11:1-3 está descrita a invasão de Assuero e a conquista final de Alexandre. A história de Ester ilustra como a luta de Israel nesse conflito não seria vencida por forças ou esquemas materiais, mas por prática espiritual e pela confiança no Senhor da aliança, que tudo domina.

5. GRANDEZA DE MORDECAI. Embora José e Daniel tenham governado impérios do mundo como vice-regentes, nenhum líder judeu jamais governou um império tão imenso como o fez Mor-

decai. Aliás, esses três governantes israelitas tiveram certas singularidades em comum:

- a. Foram judeus exilados que tiveram vidas piedosas em terras estrangeiras.
- b. Sofreram nas mãos de inimigos invejosos que planejavam matá-los.
- c. Vieram de posição humilde.
- d. Chegaram ao poder repentinamente após o cumprimento fiel de tarefas humildes.
- e. Foram usados para preservar o povo de Deus em tempos de opressão ou cativo.
- f. Foram usados para salvar ou beneficiar o rei a quem serviam.
- g. Exemplificaram o modo pelo qual Deus abençoa os filhos de Abraão quando amaldiçoados pelos seus inimigos: não por retaliação, mas por meio da confiança e do serviço fiel.

6. FASCINANTE DRAMA DE ESTER. É um dos mais fascinantes dramas de toda a literatura. Tem todos os elementos de excelente drama, suspense e intriga. Dois antigos adversários confrontam-se. Um é um astuto vilão, que se arrasta para conseguir o poder. O outro é um humilde camponês, que ganha as boas graças do rei. É uma história de Cinderela que atinge o suspense perfeito no capítulo central. Planeja-se um enforcamento, e um holocausto racial viria a seguir. Mas dois casos de insônia ocasionam total mudança de situação: o vilão fica impaciente e inadvertidamente condena-se perante o rei, o que justifica o seu enforcamento em sua própria força. Longe, porém, de ser apenas um drama brilhante, é um retrato fiel dos acontecimentos que mudaram o curso da história de todo um povo. Repercutiu realmente em toda a raça, pois os progenitores do próprio Messias estiveram em perigo.

7. CRISTOLOGIA NO LIVRO DE ESTER. O livro não tem profecias específicas ou antítipos de Cristo, exceto pelo fato de Cristo fazer parte da raça judia que se defrontou com a extinção. Ressalta-se a lição de que não importa quão ameaçador seja o adversário. Não há Hamã, Herodes ou Hitler que possa destruir a semente de Abraão a quem Deus prometeu abençoar. Pelo contrário, Deus tem sempre preservado o seu povo nas grandes perseguições, dando-lhe bênção ainda maior por intermédio de líderes por ele levantados: José e Moisés no Egito, Mordecai na Pérsia e Jesus na Galiléia dos gentios. Desta maneira os três podem ser considerados tipos de Cristo, o definitivo Salvador do seu povo.

Introdução aos Livros Poéticos

Para compreender e apreciar os Livros Poéticos, é importante reconhecer em primeiro lugar as características, os objetivos e as singularidades da própria poesia. A poesia hebraica tem uma característica própria que precisa ser bem entendida.

I Definição da Área Poética

- A. Poema é uma composição literária, geralmente em forma de versos, que expressa uma idéia ou um sentimento.
- B. Embora muitas seções da Bíblia contenham um pouco de poesia (os profetas), os hebreus identificavam três grandes livros poéticos: Jó, Salmos e Provérbios.
- C. Na classificação da Vulgata estão também incluídos os livros didáticos, Eclesiastes e Cantares, perfazendo um total de cinco livros geralmente chamados de “Poéticos”.
- D. Esses cinco foram mais tarde divididos em dois grupos denominados livros “de Sabedoria” e “Hínicos”: Três Livros de Sabedoria: Jó, Provérbios e Eclesiastes. Dois Livros Hínicos: Salmos e Cantares de Salomão.

II Características da Poesia

A. RIMA

Rima é o dispositivo literário de *sons harmoniosos*, desenvolvendo o ritmo pela ocorrência regular de terminações sonoras semelhantes. Aliteração e várias formas de consonância aperfeiçoam a rima, mas a mais importante é a recorrência dos sons finais.

B. RITMO

Ritmo é a regularidade do movimento em composição lite-

144 *Conheça Melhor o Antigo Testamento*

rária, desenvolvida pela recorrência da batida, pausa ou acento. Esse ritmo, ou métrica, é determinado pela frequência dos acentos (sendo a “cadência” um grupo de sílabas com acento), sejam eles regulares ou irregulares. O ritmo cria um modo ou modelo que exige cumprimento ou simetria completa.

C. EXPRESSÃO FIGURATIVA

A linguagem figurativa é a terceira característica importante da poesia. *Faz analogias* ou comparações por figuras de pensamento. Em contraste com a prosa comum, as figuras de linguagem logram o seu intento desafiando a mente a descobrir relacionamentos óbvios, despertando assim emoções e desejo. São muito importantes as formas básicas de *stímulo*, *metáfora*, *personificação*, *apóstrofe*, *hipérbole* etc. Economia de linguagem ou “agudeza” é também uma característica da poesia muito usada para enfatizar eloqüentemente profunda verdade, combinando exclamação e elipse.

III *Características da Poesia Hebraica — “Paralelismo”*

A. ESSÊNCIA DO PARALELISMO

A poesia hebraica enfatiza mais o “ritmo da idéia” do que o “ritmo do som”, pois a mente oriental está mais interessada no conteúdo da idéia do que nos meros artifícios literários. Essa característica é chamada “paralelismo”: a primeira linha do poema é paralela ou equilibrada com a segunda ou com as linhas seguintes, em uma das diversas maneiras. Tal coisa pode ser feita em dísticos (estrofes de dois versos), trísticos, ou em estrofes de quatro versos, e até mesmo de cinco. Estrofes maiores simplesmente combinam um ou alguns versos com os anteriores.

B. VANTAGEM DO PARALELISMO HEBRAICO

Além de desafiar o leitor a fazer o relacionamento de idéias, essa característica da poesia hebraica apresenta vantagem especial na tradução. O efeito rítmico e o movimento não se perdem quando traduzidos para outro idioma, como freqüentemente acontece na tradução de características apenas mecânicas. A fim de preservar a característica da rima na tradução, por exemplo, o tradutor talvez tenha de sacrificar a idéia precisa para conseguir o efeito de som adequado. A genialidade do paralelismo é que ele permite a tradução para outros idiomas sem alterar a idéia, pois não é restrito a um determinado modelo sonoro de sílabas.

C. TIPOS DE PARALELISMO HEBRAICO

Muitos tipos são usados. Os mais importantes são: sinônimo, antitético e sintético (conforme análise do bispo R. Lowth em 1753).

1. *Sinônimo*. A segunda linha repete ou reproduz a primeira em palavras semelhantes. Salmo 19:1 “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.”
2. *Antitético*. A segunda linha expressa idéia oposta à da primeira, fazendo contraste. Salmo 1:6 “Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá.” Nota-se também esse paralelismo em Provérbios 10-15.
3. *Sintético*. A segunda linha completa ou amplifica a primeira. Salmo 19:7 “A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simples.”

São três os tipos do paralelismo sintético: conclusão (Salmo 2:6); comparação (Salmo 118:9) e razão (Salmo 2:12).

4. *Diversos tipos de paralelismo menos importantes* devem também ser observados:
 - a. *Analítico*. A segunda linha apresenta uma conseqüência da primeira. Salmo 23:1 “O Senhor é o meu pastor: nada me faltará.”
 - b. *Climático*. A segunda linha repete a primeira e a conduz ao clímax. Salmo 29:1 “Tributai ao Senhor, filhos de Deus, tributai ao Senhor glória e força.”
 - c. *Emblemático*. A segunda linha ilustra a figura apresentada na primeira. Salmo 103:11 “Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.”
 - d. *Quiasmo*. A segunda linha repete a primeira, mas em ordem invertida. (Quiasmo, do grego “chiasmós”, ação de dispor em cruz.) Salmo 51:1 “Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões.”

IV *Classes Características da Poesia Hebraica* (“Literatura Criativa” dos Hebreus)

A. *DRAMA POÉTICO* — Uma série de cenas apresentadas principalmente em formato de verso.

O Livro de Jó — “Não falta elemento algum de efeito dra-

mático” [Richard Moulton, *The Literary Study of the Bible* (Estudo Literário da Bíblia)].

B. **VERSOS LÍRICOS POÉTICOS** — Preparados para ser cantados ou salmoados, mediando entre a “descrição” da epopéia e a “apresentação” do drama.

Salmos — Os Salmos apresentam a maioria dos tipos de poesia lírica: Odes, Cânticos, Elegias, Intercessões, Monólogos, Visões e Rituais.

C. **DIDÁTICA POÉTICA** — Verso poético destinado a ensinar.

1. Didática Prática — *O Livro de Provérbios*

2. Didática Filosófica — *O Livro de Eclesiastes*

D. **IDÍLIOS POÉTICOS** — Cenas campestres ou pastoris em forma de verso. — *Cantares de Salomão*

E. **ELEGIAS POÉTICAS** — Versos expressando pesar ou lamentação. — *O Livro de Lamentações de Jeremias*

Introdução aos livros de Sabedoria

O livro de Jó introduz-nos a um tipo diferente de literatura. Jó não é somente o primeiro livro poético, mas também o primeiro dos “Livros de Sabedoria”. Passar de Ester para Jó é o mesmo que passar de Atos para Romanos no Novo Testamento. Já não há a narrativa dos acontecimentos; estamos agora num ambiente de sala de aula, desafiados a pensar e observar. Quanto aos Livros de Sabedoria, diversos esclarecimentos devem ser feitos para apreciação adequada desta mudança na apresentação bíblica.

I Cenário da Literatura de Sabedoria

Aparece ter havido importante classe ou escola de homens de letras no antigo Israel, conhecidos como os “homens sábios”. Salomão, o maior de todos eles, foi precedido e seguido por muitos outros. Seu pai Davi referiu-se à sabedoria dos antigos (I Samuel 24:13), e nas escolas de Samuel não há dúvida que as obras desses sábios foram estudadas com a Tora. Outras nações contemporâneas, tais como Egito, Mesopotâmia, Edom e Fenícia, também tiveram homens sábios que procuraram dar conselhos para uma “vida digna”. Sócrates, Confúcio e Buda podem também ser citados como exemplo. A sabedoria hebraica, entretanto, é singular por estar baseada no “temor do Senhor”.

II Caráter da Literatura de Sabedoria

A. **OBJETIVO PRÁTICO.** O interesse dos sábios de Israel era mais pela sabedoria prática do que pela filosófica. Metafísica ou a procura da verdade suprema não os interessava muito, e era considerado axiomático na fé hebraica de acordo com

a Tora. Interessavam-se mais pela ética ou aplicação da verdade divina à experiência humana. Observavam o caráter humano, sua conduta e as suas conseqüências, a fim de estabelecer princípios aprimorados para a moral. Eram “filósofos de conversa” com o homem do campo ou a mulher do lar, coligindo sabedoria aprovada pela experiência, ministrando a indivíduos e exercendo tanta influência quanto possível.

B. **HUMANISMO DIVINO.** A Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento tem sido chamada de “documentos do Humanismo Hebraico” [O. S. Rankin, *Israel's Wisdom Literature* (Literatura de Sabedoria de Israel)]. Contrasta nitidamente com o humanismo clássico, que considera o homem como a medida de todas as coisas. O humanismo divino está firmado na crença de que o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança e que a ordem, a palavra e a vontade de Deus constituem o único padrão verdadeiro de verdade e conduta. Está relacionado com a personalidade humana, conduta moral e responsabilidade social à luz desse fundamento teológico. Para os sábios de Israel, a sabedoria era “nada menos do que o próprio Deus em comunicação com a criação espiritual” [A. Robert e A. Feuillet, *Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento)]. Assim, aqueles sábios procuravam aplicar princípios divinos para o homem comum, não somente para que ele pudesse melhor aproveitar a vida, como também para que tivesse melhor perspectiva em termos de perseguir um ideal.

C. **PONTO DE VISTA FILOSÓFICO.** Em contraste com o sacerdote e o profeta de Israel, o homem sábio tinha o ponto de vista de um filósofo. O seu ofício não lhe vinha por herança ou nomeação especial, mas por um interesse moral e pela reação comportamental à verdade. Do mesmo modo que o sacerdote está interessado no ritual e o profeta na proclamação, o ponto forte do sábio é o parecer. O sacerdote, referindo-se ao pecado, diria: — É profanação, e o profeta: — É pecado. O sábio diria: — É loucura. Ele sempre via as ordens divinas terem uma conseqüência moral que inevitavelmente resultava em felicidade ou desgraça.

III Livros Bíblicos da Literatura de Sabedoria

A. **Jó:** “*Sabedoria para Entender as Provações da Vida.*”

O primeiro livro de sabedoria trata de um dos mais estranhos enigmas da vida: Por que sofrem os justos, ou por que o viver

virtuosamente nem sempre resulta em felicidade e paz interior? Essa ironia da vida é catastrófica à maioria dos sistemas morais e desafia aquele que crê na Bíblia, interrogando os mais profundos pensamentos sobre Deus e seus caminhos para com o homem. Esse livro é um drama cósmico no qual a soberania divina governa todas as esferas e conduz Jó (um homem de perfeição e ortodoxia religiosa), através do crisol do sofrimento, a um plano de conhecimento e fé mais profundos em Deus. Está em prova um sistema religioso que chegou a um impasse, um sistema com visão distorcida de Deus e do homem, que somente com relutância se submete às mais profundas verdades da pessoa de Deus. O livro é um apelo para todos os aflitos aumentarem a sua fé em Deus e confiarem nele “mesmo quando os céus se calam” e a justiça parece estar ausente. A verdadeira fé pode mover o coração de Deus de maneira inconcebível.

B. **PROVÉRBIOS:** “*Sabedoria para Crescimento e Disciplina na Vida.*”

Provérbios é uma coleção clássica de ditados selecionados sobre a formação de um caráter piedoso. Seu objetivo é contrastar dois modos de vida — sabedoria e insensatez —, demonstrando ser absoluta loucura viver dominado pelas emoções. Realça a necessidade de estar com Deus desde a juventude, disciplinar-se para atingir valores mais altos e duradouros e reconhecer o poder e o potencial que podem ser adquiridos através de caráter forte e vida espiritual. O livro não é uma miscelânea de provérbios soltos. São provérbios selecionados que valorizam a “sabedoria”, demonstram sua vantagem e concluem com a modelar descrição de quem dela se apropriou: a encantadora mulher virtuosa e vivaz do último capítulo.

C. **ECCLESIASTES:** “*Sabedoria para Encontrar o Verdadeiro Significado da Vida.*”

Eclesiastes é um singular livro de sabedoria sobre a necessidade de aproveitar a vida à luz da soberania divina, a fim de não sucumbir ao pessimismo devido aos contratemplos da vida. A sua confiança implícita não é futilidade ou pessimismo, mas prazeroso otimismo. O objetivo do livro é demonstrar a inutilidade de uma filosofia de vida sem Deus “debaixo do sol”. O autor ou compilador leva-nos para o laboratório da vida, examinando várias maneiras de ir ao enalço de satisfação e valores. Tendo Salomão por guia, é uma viagem muito proveitosa, pois ele foi bem-provido de sabedoria, riquezas, esposas e emoções — atributos suficientes para empreender essa busca com supremo vigor. Suas descobertas e conclusões estão nesse livro manifestas

para o benefício de todos os que preferirem assimilar o seu ensino em vez de aprender a duras penas. A vida deve ser aproveitada com sobriedade, tendo sempre em mente o encontro final com o Criador.

O Livro de Jó

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Como Ester, o livro de Jó foi assim chamado em homenagem ao seu herói, e não devido ao seu autor, embora Jó possa ter registrado nele muitos detalhes de sua vida. A etimologia do nome Jó (Hebraico: 'Iyyob) é um tanto incerta. A palavra hebraica poderia ter o significado de “estar em hostilidade”, enquanto a palavra árabe equivalente ('Awwabun) sugere “arrependimento”, “recuo” ou “reparação”. William F. Albright, *“The Archaeology of Palestine”* (Arqueologia da Palestina) deduz de escritos amarnas egípcios que o significado seja “Onde está o Pai” ('aba). Sendo Jó uma história relacionada com a parte norte da Arábia, é plausível presumir o significado árabe de “reparação” ou “arrependimento”.

B. AUTOR

1. O livro é anônimo, nada revelando sobre quem o escreveu. Vários nomes, porém, foram cogitados como possíveis autores: Jó, Eliú, Moisés, Salomão ou Jeremias.
2. Os nomes de Moisés e Salomão têm sido os preferidos. O Talmude judaico atribuiu-o a Moisés, supondo que ele soube da história quando esteve em Midiã e redigiu ou compôs o livro sob inspiração divina. Com base na composição e no conteúdo do Eclesiastes, Salomão também é considerado o autor pelos rabinos e por vários outros eruditos.
3. A característica patriarcal e o fato de não mencionar a Lei Mosaica ou as intervenções divinas no êxodo são um argumento em favor de alguém que tenha vivido em tempos patriarcais. Se foi Moisés o autor, o estilo árabe e o cenário podem ser devidos ao fato de ter ele ouvido a história autêntica em Midiã

onde esteve quarenta anos, e composto o livro durante as grandes dificuldades de Israel no deserto. É provável que tenha sido revisado, e isto explicaria sua linguagem aparentemente mais recente do que a de outros livros bíblicos antigos.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA DOS ACONTECIMENTOS REGISTRADOS — Período Patriarcal

1. Como algumas vezes os acontecimentos de Jó são questionados quanto à sua base histórica, vejamos as razões fundamentais para manter a sua historicidade:
 - a. Jó é identificado como um habitante de Uz, e não de um lugar fictício (1:1).
 - b. A Palavra de Deus através de Ezequiel refere-se quatro vezes à historicidade de Jó, bem como de Noé e Daniel.
 - c. Tiago 5:10-11 invoca a historicidade do sofrimento e paciência de Jó, do mesmo modo como invoca a historicidade dos profetas.
 - d. As cenas celestes do prólogo e epílogo são obviamente históricas apenas em virtude da sua revelação divina.
2. O cenário patriarcal dos acontecimentos (entre Abraão e Moisés) é geralmente aceito devido às seguintes considerações:
 - a. O modelo patriarcal de vida e religião no qual Jó age como pai-sacerdote em sua casa.
 - b. A avançada idade de Jó (talvez duas vezes 140, 42:16) está mais de acordo com a idade atingida pelos patriarcas (Abraão morreu aos 175 anos).
 - c. O fato de não haver referência à Lei Mosaica quando fala sobre a justiça, nem aos milagres do êxodo, é um forte argumento a favor de uma data primitiva.
 - d. Elifaz, o temanita, talvez fosse um descendente próximo de Temã, neto de Esaú, sendo que o pai de Temã também era chamado Elifaz (Gênesis 36:15).

B. DATA EM QUE O LIVRO FOI COMPOSTO

1. Para melhor apreciação dos variados pontos de vista sobre a data em que foi composto o livro, E. J. Young organizou um breve estudo de diversas opiniões *An Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento), pág. 340:
 - a. Na época de Salomão — Keil, Delitzsch, Haevernick.
 - b. No século oitavo (antes de Amós) — Hengstenberg.
 - c. No princípio do século sétimo — Ewald Riehm.
 - d. Na primeira metade do século sétimo — Staehelin, Pfeiffer.
 - e. Na época de Jeremias — Koenig, Gunkel, Pfeiffer.

- f. No exílio — Cheyne, Dillmann (1891).
- g. No século quinto — Moor, Driver e Gray, Dhorme.
- h. No século quarto — Eissfeldt, Volz.
- i. No século terceiro — Cornill (mais tarde defendeu uma data mais indefinida).
O próprio Young era a favor da data e autoria salomônica.

2. Com base nos argumentos a favor da autoria de Moisés ou de Salomão, e no reconhecimento da possibilidade de posterior

Esboço de Jó

TEMA: A Soberania de Deus Usa Satanás e o Sofrimento para Amadurecer o Seu Povo

I PRÓLOGO DO LIVRO — PROPÓSITO CÔSMICO-DIVINO DO SOFRIMENTO	1—2
A. A Confiança do Senhor em Jó Desafiada por Satanás	1:1-12
B. A Confiança do Senhor Confirmada na Perda Pessoal	1:13-19
C. A Confiança do Senhor Confirmada na Dor Física	2
II DIÁLOGO DOS AMIGOS — PROPÓSITO PUNITIVO DO SOFRIMENTO	3—31
A. Etapa 1: Jó Debate a Ortodoxia Confortável	3-14
1. Lamento de Jó: A sua experiência opõe-se à ortodoxia	3
2. Elifaz e Jó: O sofrimento indica sempre pecado?	4-7
3. Bildade e Jó: Os justos são sempre felizes?	8-10
4. Zofar e Jó: O arrependimento sempre restaura?	11-14
B. Etapa 2: Jó Desespera da Ortodoxia Confortável	15-21
1. Elifaz e Jó: Troca de ataques pessoais	15-17
2. Bildade e Jó: Escárnio e o desespero de Jó	18-19
3. Zofar e Jó: Acusação de hipocrisia e contestação	20-21
C. Etapa 3: Jó Condena a Ortodoxia Confortável	22-31
1. Elifaz e Jó: Acusações específicas e contestações	22-24
2. Bildade e Jó: Últimos apelos (sabedoria e experiência)	25-31
III MONÓLOGO DE ELIÚ — PROPÓSITO CORRETIVO DO SOFRIMENTO	32-37
A. Censura 1: Superficialidade dos Três Amigos	32
B. Censura 2: Intransigência de Jó ao Resistir ao Conselho	33
C. Censura 3: Irreverência de Jó ao Questionar com Deus	34-35
D. Exposição do seu Ponto de Vista Pessoal	36-37
IV MONÓLOGO DO SENHOR — PROPÓSITO EDUCATIVO DO SOFRIMENTO	38—41
A. Desafio 1: Pode Você Explicar a Natureza?	38-39
B. Desafio 2: Pode Você Controlar a Natureza?	40-41
C. Desafio 3: Por que, então, questionar o Senhor da Natureza? (subentendido)	
V EPÍLOGO DO LIVRO — FINAL FELIZ DO SOFRIMENTO DE UM JUSTO	42
A. Reação e Submissão de Jó Perante o Senhor	42:1-6
B. Responsabilidade de Jó Orar pelos Amigos	42:7-9
C. Restauração de Jó e a Bênção em Dobro Recebida do Senhor	42:10-17

revisão lingüística, as melhores opções de data seriam o princípio do século XV ou meado do século X a.C.

C. POSIÇÃO GEOGRÁFICA

As referências bíblicas a Uz sugerem um local a leste de Edom (Gênesis 10:23; 36:28; Jeremias 25:20; Lamentações 4:21). Assim, o local provável dos acontecimentos seria a noroeste da Arábia, na região montanhosa e deserta, talvez a 240 quilômetros a leste do mar Morto (apesar de a tradição geralmente situá-lo mais para o norte, mais ou menos a leste da Galiléia).

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Religião da qual o pai era sacerdote. As ofertas de Jó pela sua família sugerem tempos como os de Abraão, quando os ritos religiosos não faziam parte de uma organização religiosa. Antes do advento da Lei de Moisés, praticava-se a devoção pessoal, com alegria e prosperidade.
2. Teologia legalista. O ponto de vista legalista dos três amigos sobre pecado e sofrimento fazia parte da ortodoxia adotada na época, também defendida por Jó. Deus era considerado uma divindade de “causa e efeito”, que recompensava ou punia imediatamente de modo um tanto automático e indireto. Uma opinião errada a respeito de Deus deu aos três amigos uma opinião equivocada a respeito de Jó e o seu sofrimento, e promoveu uma opinião errada sobre eles mesmos. Produziu também um ponto de vista falho sobre a maneira de Deus salvar e amadurecer indivíduos. Eles desconheciam o fato de Deus estar sempre pronto a estender sua misericórdia e graça aos indignos. Portanto, a recusa de Jó em aceitar a solução mecânica para o seu sofrimento foi julgada pelos amigos como pura blasfêmia. O resultado desse debate foi um golpe violento na errada ortodoxia, deixando espaço para a reconstrução da fé numa verdadeira concepção de Deus.

OBJETIVO DO LIVRO DE JÓ

- A. O *objetivo central* é mostrar como Deus geralmente usa a adversidade, bem como a prosperidade, para amadurecer o seu povo.
- B. Um *objetivo afim* é mostrar a grande soberania de Deus sobre Satanás, e como Deus pode usar os piores ataques do diabo para o cumprimento dos seus objetivos e o bem do seu povo.
- C. Um *outro objetivo* é mostrar a dinâmica da pessoa de Deus quando Ele se ocupa com o seu povo, não com regras mecânicas e legalistas, mas com infinita misericórdia e amor.

- D. Um *objetivo adicional* é demonstrar a todo o universo a grande capacidade que Deus tem de reproduzir o seu amor nas pessoas a ponto de as suas reações serem a adoração, mesmo quando não entendam.

Contribuições singulares de Jó

1. **ANALOGIA COM O LIVRO DE ESTER.** Várias analogias e contrastes notáveis podem ser observados entre o último livro histórico e o primeiro poético:
 - a. Ambos são dramas. Ester é um drama narrativo; Jó, poético: Em Ester o herói passa da pobreza para a riqueza para servir a Deus e ao seu povo. Em Jó o herói passa da riqueza para a pobreza para servir a Deus e ao seu povo.
 - b. Ambos ressaltam a soberania de Deus de modo especial: Ester ressalta a proteção soberana de Deus em tempos de infortúnio. Jó ressalta o propósito soberano de Deus em tempos de infortúnio.
 - c. Ambos têm enredo latente, Deus e Satanás lutando o por entre as sombras: Em Ester a luta é internacional ou política. Em Jó a luta é interpessoal e religiosa.
 - d. Ambos retratam a maneira sutil do diabo procurar a destruição do povo de Deus: Em Ester o povo de Deus é preservado dos ataques satânicos. Em Jó o herói é preservado durante os ataques satânicos.
 - e. Ambos descrevem a derrota de Satanás nas mãos de Deus: Em Ester Satanás é derrotado quando tenta destruir o povo escolhido de Deus. Em Jó Satanás é derrotado quando, ao tentar destruir a fé divina de Jó, insinua que o patriarca é fundamentalmente egoísta e não um verdadeiro adorador de Deus.
2. **CARÁTER INTRODUTÓRIO.** O livro de Jó é introdutório pelo menos de três maneiras:
 - a. É o primeiro dos três Livros de Sabedoria (Jó, Provérbios e Eclesiastes).
 - b. É o primeiro dos cinco Livros Poéticos (de Jó até Cantares).
 - c. É o primeiro dos vinte e dois Livros Interpretativos (de Jó até Malaquias).
 O Livro de Jó é um clássico em todas as três áreas.

3. GRANDEZA DE DEUS. O Livro de Jó está cheio da grandeza de Deus, do prólogo ao epílogo. Eis os diversos aspectos dessa grandeza:

- a. Grandeza da Pessoa de Deus (42:1-5). Vista não apenas na sua soberania sobre todas as coisas, mas no dinamismo dos seus caminhos. Ele não é um tirano arbitrário ou uma divindade mecânica que reage à mera aparência, como a sabedoria secular poderia esperar. Para cumprir os seus propósitos, o Senhor trabalha com as pessoas de maneira infinita.
 - b. Grandeza do seu Poder (1:6; 38:1 e ss.; 41:10-11). O poder da sua lei comanda todo o mundo espiritual e físico, e o poder do seu amor pode inspirar o amor e a devoção das pessoas sem visarem a recompensa material.
 - c. Grandeza do seu Programa (1:6-7; 19:26-27). Seu plano para com a humanidade é universal e eterno, e não apenas uma reação aos problemas imprevistos. Ele comanda diretamente todas as inteligências espirituais e físicas, impondo que todos prestem contas no dia de juízo que virá.
 - d. Grandeza dos seus Propósitos (1:8-12; 2:3). Ele não pretende apenas mimar a humanidade com vida fácil aqui e agora, mas aperfeiçoá-la para a eternidade. Nesse processo ele pode até mesmo usar Satanás (como fez no caso de Jó), cumprindo assim outro propósito, que é demonstrar a todas as inteligências espirituais a grandeza de sua sabedoria e graça.
 - e. Grandeza do seu Povo (1:20-22; 13:15; 23:10). Os verdadeiros filhos de Deus são aqueles que o amam e o servem pela fé, e não por aquilo que ele dá. Como reconhecem a grandeza de sua pessoa, seu poder, seu plano e seus propósitos, estão disponíveis para o trabalho do Senhor, permitindo que ele os aperfeiçoe pela provação, se necessário for, para que se tornem “ouro”.
- 4. POR QUE OS JUSTOS SOFREM.** Essa primitiva revelação de Deus responde a um dos maiores problemas humanos: por que permite Deus que os justos sofram se ele é amoroso e soberano? Várias são as respostas:
- a. Satanás: O sofrimento é um meio de ele forçar a pessoa a renunciar a Deus (1:11; 2:4-5).
 - b. Três Amigos: O sofrimento é sempre um castigo para o pecado (4:7-9; 8:3-6; 11:13-15).
 - c. Eliú: O sofrimento é usado por Deus para corrigir ou disciplinar (33:13-17, 29).

d. Jó:

1) No começo — O sofrimento é para o iníquo, não para o justo (6:24; 7:20).

2) Mais tarde — O sofrimento é o processo refinador divino para produzir ouro (23:10).

e. O Senhor:

1) O sofrimento é um privilégio que Deus dá ao seu povo para ajudá-Lo a cumprir algum grande propósito, tal como refutar Satanás (1:8, 12).

2) O sofrimento é um apelo para confiar quando não entendemos, porque saber o propósito poderia destruir o efeito (13:15).

3) O sofrimento pode ser um meio de Deus trazer alguém a um ponto em que já não sabe o que fazer, e está de tal maneira indefeso que somente Deus poderá tornar-se seu defensor (42:3-7).

5. EXCEPCIONAL CENÁRIO DO TRONO DE DEUS (1-2). Do mesmo modo que o último livro da Bíblia enfatiza o trono de Deus em tempos de provação (Apocalipse 4-5; 21), o Livro de Jó, um dos mais primitivos (possivelmente antes de Gênesis), abre a cortina para uma ligeira visão do trono de Deus (comparar 1 Reis 22:19-23; 2 Crônicas 18:18-22). A total soberania e o grande interesse divino pelas situações humanas estão enfatizados nessas poucas ocasiões.

6. APRESENTAÇÃO DO GRANDE ADVERSÁRIO DO HOMEM: O DIABO (1:6). Aceitando a hipótese de que o Livro de Jó seja o mais antigo da Bíblia, é digno de nota que o primeiro capítulo apresente o grande adversário do homem, o diabo. Ele é aqui descrito em termos simples e claros, não como uma força do mal, mas como uma pessoa real desafiando a Deus, tendo enorme poder sobre a natureza e nutrido grande inimizade contra aqueles que servem a Deus. Entretanto, a sua inimizade está sempre sob observação atenta de Deus e restrita apenas ao propósito divino. Os crentes não devem ignorar essa situação (2 Coríntios 2:11).

7. COLAPSO DA “ORTODOXIA INSENSÍVEL” (42:5-6). O erro básico dos três amigos foi julgar que eram justos por serem ricos, e santos por serem saudáveis. Provavelmente era também esse o pensamento anterior de Jó, de conformidade com a ortodoxia da época, mas o seu sofrimento abalou aquele ponto de vista. Jó achava confortável a sua teologia de privilégios até o momento em que se tornou um pária; viu, então, nos três amigos a sua própria hipocrisia. Lembrando-se da prosperidade dos perversos, começou a

compreender que ter saúde ou riqueza não significa usufruir de bom conceito diante de Deus. O livro demonstra como o sistema da “ortodoxia insensível” entrou em colapso devido à experiência de Jó. A religião verdadeira é descrita como a confiança em Deus a despeito das recompensas terrenas, tendo por alvo a ressurreição e o juízo final (19:25).

8. **CRISTOLOGIA EM JÓ** (16:19; 19:25). No seu desespero, Jó sentia necessidade de um mediador que intercedesse por ele junto a Deus e aos homens (9:32-33). Ao externar a sua frustração junto aos três amigos, também expressou diversas vezes a sua fé em Deus. Em 16:19, declarou que tinha um “Advogado” nas alturas, e em 19:25, um “Redentor” vivo, que o justificaria perante Deus. Embora não tivesse ainda consciência de que o Redentor seria mandado por Deus, Jó procurou-o cegamente, e pela fé agarrou-se a Ele.

O sofrimento do patriarca de Uz retrata de certa maneira os sofrimentos de Cristo, que foi declarado perfeito pelo Pai, mas sofreu os violentos ataques de Satanás, foi injustamente acusado pelo seu povo e experimentou a condição de ser julgado um indivíduo desprezível. Ele se tornou um pária para poder alcançar os párias e tornar-se Mediador e Redentor do seu povo (Filipenses 2).

O Livro dos Salmos

Introdução

AUTORIA

Uma das grandes prerrogativas deste livro é a sua característica de ser um hinário e, como tal, serviu a Israel e à igreja quase exclusivamente até há poucos séculos. O Livro de Salmos tem sido uma das maiores fontes de inspiração para oração e louvor a Deus. Está colocado no coração da Bíblia, sendo que o salmo 117 é o capítulo central, e Salmo 118:8, o versículo central: “Melhor é buscar refúgio do Senhor do que confiar no homem.” O conceito desse versículo reflete o caráter de Davi, e por isso o livro é tradicionalmente chamado de “Salmos de Davi”.

A. TÍTULOS

1. Título do Livro. Os hebreus chamavam-no de “O Livro de Louvores” (Sefer Tehillim) ou simplesmente “Louvores”, designando o seu principal objetivo, o de louvar ao Senhor. Os tradutores gregos deram-lhe o nome de “Salmos” (Psalmoi), que é a tradução do título hebraico (Mizmor) dado a cinquenta e sete salmos, e significam canções cantadas com acompanhamento de instrumentos de cordas. O Novo Testamento também usou esse título em Lucas 20:42 e Atos 1:20. Vem daí o termo: “Saltério.”
2. Títulos dos Capítulos. Uma característica singular dos Salmos é que muitos têm títulos individuais prefixados (134 no texto hebraico; 148 no grego, considerando-se “Aleluia” como um título para diversos salmos). Embora esses títulos não façam parte do texto original (as Bíblias hebraicas aceitam-nos como versículo 1 em cada capítulo), eles têm a sua origem na antiguidade, antes da versão Septuaginta (século II a.C.).

São sete os títulos, dados principalmente para sugerir como eram usados:

- a. Mizmor (57 vezes) Canção acompanhada com instrumentos de cordas.
 - b. Shir (30) Qualquer canção de natureza sagrada ou secular.
 - c. Maschil (13) Poema meditativo ou didático.
 - d. Miktam (6) Significado indefinido, talvez “expiatório”.
 - e. Tephillah (5) Oração.
 - f. Tehillah (1: Salmo 145) Canção de louvor. Veio daí o título hebraico para o livro.
 - g. Shiggayon (1: Salmo 7) Significado indefinido, talvez um salmo penitencial.
3. Outras Funções de Títulos de Legenda. Para compreender as legendas, é útil observar as seguintes funções:
- a. Títulos descrevendo o caráter do salmo (como visto acima).
 - b. Títulos dando instrução musical, como: “Ao Mestre de Canto.” (4)
 - c. Títulos indicando o uso litúrgico, como: “Cântico para o Dia de Sábado.” (92)
 - d. Títulos dando a autoria (todos menos 50).
 - e. Títulos descrevendo o cenário original (somente 14, todos relacionados com Davi: 3, 7, 18, 30, 34, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 63 e 142).

B. AUTORES

1. Toda a coleção dos salmos é chamada de “Salmos de Davi”, porquanto o seu nome está no princípio de quase a metade deles e, sem dúvida, muitos outros foram por ele inspirados. Do mesmo modo que os Livros de Samuel registram a história de Davi, os Salmos revelam seu coração e teologia. Sua forte personalidade preparou-o de maneira singular para escrever esses salmos:
 - a. Era um homem perspicaz e de grande coração, de sensíveis emoções vibrantes e vontade férrea, com vida dedicada e disciplinada, e relacionamento vital com Deus (2 Samuel 23:1).
 - b. Teve uma larga experiência como pastor, músico, poeta, guerreiro, fugitivo, amante, teólogo e homem de estado, nas muitas vicissitudes da vida.
2. Doze autores foram identificados pelas legendas dos títulos e pelos tradutores da Septuaginta. Pelas legendas:

- a. Moisés (1) — Salmo 90.
 - b. Davi (73) — 3-9; 11-32; 34-41; 51-65; 68-70; 86; 101; 103; 108-110; 122; 124; 131; 133; 138-145. (2) — 2 (identificado em Atos 4:25); 95 (identificado em Hebreus 4:7).
 - c. Salomão (2) — 72; 127.
 - d. Asafe (12) — 50; 73-83.
 - e. Filhos de Coré (10) — 42; 44-45; 47-49; 84-85; 87-88.
 - f. Hemã (1) — 88 (também um filho de Coré).
 - g. Etã (1) — 89.
- Pelos tradutores da Septuaginta (19):
- h. Ezequias (15) — 120-134 (comparar com Isaías 38:20).
 - i. Jeremias (1) — 137.
 - j. Ageu (1) — 146.
 - l. Zacarias (1) — 147.
 - m. Esdras (1) — 119.

Os outros são os “salmos órfãos”, não-identificados (embora a identificação, pelo Novo Testamento, do salmo 95 como davídico pudesse incluir o grupo 95-100).

3. Esdras tem sido reconhecido tradicionalmente como o compilador dos Salmos na sua apresentação atual, embora Davi, Salomão, os homens de Ezequias (Isaías e Miquéias) e Jeremias possam ter sido os compiladores nas suas respectivas épocas.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATAS EM QUE OS SALMOS FORAM ESCRITOS

1. Admitindo-se que Moisés foi o mais antigo escritor dos Salmos (1430 a.C., aproximadamente), esse livro foi escrito num período de cerca de 1000 anos. No século XIX, alguns eruditos designaram datas do período macabeu para alguns dos Salmos, mas essas datas foram abandonadas em favor das pré-helenísticas (*Encyclopedia Judaica*, pág. 1312).
2. Os autores especificados sugerem diversas épocas em que os Salmos foram escritos: época de Davi (1020-970), Salomão (970-931), os filhos de Asafe e de Coré, talvez antes do exílio, e a época dos “homens de Ezequias”, mais ou menos em 700 a.C.

B. CENÁRIO RELIGIOSO

1. A religião é a essência dos Salmos. Leland Ryken observou que “praticamente todos os poemas do Saltério contribuem de alguma maneira para o conflito entre o bem e o mal” [*The Literature of the Bible* (Literatura da Bíblia), pág. 125]. No mundo

dos Salmos há dois tipos de pessoas, as boas e as más, as piedosas e as não-piedosas. O salmista está quase sempre no meio da batalha, alinhando-se com a causa divina e dando louvores a Deus pela sua intervenção já ocorrida ou prestes a ocorrer profeticamente.

2. As legendas dos títulos mostram que muitos salmos foram usados pela congregação com objetivos litúrgicos. Leopold Sabourin demonstra que esses salmos acompanhavam muitas vezes o culto sacrificial [*The Psalms: Their Origin and Meaning* (Salmos: Origem e Significado), pág. 18]. É também evidente que os salmos de Ezequias (120-134) foram usados pelos peregrinos quando subiam a Jerusalém para as festividades, e o grupo Aleluia era cantado na celebração da Páscoa, conforme Mateus 26:30, bem como no Pentecoste e na festa dos Tabernáculos.

C. CENÁRIO NACIONAL

1. Religião, política ou operações militares estavam grandemente entrelaçadas em Israel. Assim, nos Salmos, as batalhas militares de Israel são vistas como cruzadas religiosas. O inimigo é considerado calamidade nacional e são feitas imprecações para a sua destruição como a alguém que luta contra Deus. Os Salmos retratam uma forte lealdade nacionalista equivalente à devoção, e os israelitas assim pensam quando dependem do Senhor para alcançar a vitória.
2. Essa tela de fundo nacional e militar é observada num grande número de salmos, sobretudo na maioria dos atribuídos a Davi, os quais dão detalhes adicionais. No Salmo 3, por exemplo, Davi é perseguido por Absalão, no 18 acaba de fugir de Saul, no 34 escapa dos filisteus e no 54 esconde-se de Saul.

Os salmistas escreveram sobre infortúnios, vitórias e louvores nas muitas dificuldades do viver diário. A intensidade dos problemas seculares levou-os a Deus e ensinou-lhes a dar louvor pela vitória.

CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DOS SALMOS

A. POEMAS LÍRICOS

Os Salmos não são apenas poemas, mas composições líricas. Um trabalho dessa natureza pode ser definido como “um pequeno poema para ser cantado, expressando pensamentos e principalmente os sentimentos do escritor” (Leland Ryken, *The Literature of the Bible*, pág. 123). A poesia lírica tem quatro características notáveis:

1. É musical, feita para ser cantada com acompanhamento de instrumentos de corda. Por esse motivo, a metrificação tem um

modelo especial de “acentuação” [embora não tenha rima e o ritmo seja grandemente incerto em qualquer seqüência regular — La Sor, Hubbard e Bush, *Old Testament Survey* (Estudo do Antigo Testamento), pág. 312 e ss.].

2. É subjetiva ou pessoal, expressando os próprios sentimentos da pessoa que fala. Do mesmo modo que o profeta proclama a

Os Cinco Diferentes Livros de Salmos

	LIVRO 1 1-41	LIVRO 2 42-72	LIVRO 3 73-89	LIVRO 4 90-106	LIVRO 5 107-150
AUTORIA	Davi = 37 (+3)* Anônimos = 44	Davi = 18 Coré = 7 Asafe = 1 Salomão = 1 Anônimos = 4	Davi = 1 Coré = 3 Asafe = 11 Hemã = 1 Etã = 1	Davi = 2 (+1)* Moisés = 1 (+1)* Anônimos = 14	Davi = 15 Salomão = 1 Anônimos = 28
TOTAL	= 41	= 31	= 17	= 17	= 44
EM RELAÇÃO AO PENTATEUCO					
LIVRO	Gênesis	Êxodo	Levítico	Números	Deuterônômio
TEMA	O homem justo e seus caminhos	Ruína e redenção de Israel	Santuário e congregação de Israel	Reincidência e restauração de Israel	Palavra de Deus e Louvor universal
INTRODUÇÃO LIVRO	Salmo 1 homem justo	Salmo 42:5 Em desespero, espera em Deus	Salmo 73:17 O santuário do Senhor	Salmo 90:7 Consumidos pela tua ira	Salmo 107:2 Digam-no os remidos
DOXOLOGIA FINAL	Salmo 41:13 Amém, e Amém!	Salmo 72:19 Amém, e Amém!	Salmo 89:52 Amém, e Amém!	Salmo 106:48 Amém. Louve ao Senhor.	Salmo 150:6 Aleluia! Aleluia!
CAPÍTULO TÍPICO	Salmo 8 O homem feito para governar	Salmo 68 O Senhor no meio dejes, no Sinai	Salmo 84 Anseio do santuário	Salmo 90 Ensinanos a contar os nossos dias	Salmo 119 Não me esquecerei da tua palavra
NOMES DE DEUS					
SENHOR (Yah ou YHWH)	273	29	43	111	262
Senhor (Adonai)	14	18	15	3	11
DEUS (El ou Elohim)	67	216	82	27	40

* Os Salmos 2 e 95 são identificados como davidicos, em Atos 4:25 e Hebreus 4:7. Os Salmos 10 e 33 são a continuação do 9 e 10 por acróstico, 32 e 33 pelo conteúdo.

** O Salmo 91 é frequentemente atribuído a Moisés, bem como o 90 em virtude das suas muitas associações.

palavra de Deus, o salmista expressa os pensamentos e sentimentos do homem para com o Criador. Embora possa usar o plural “nós”, expressa seus sentimentos pessoais como representante de todos.

3. Enfatiza as emoções como um dos seus traços identificadores mais importantes. Para retratar emoções intensas usa figuras como hipérbole ou outras palavras e expressões emotivas. Seu objetivo principal não é contar história ou mesmo expor doutrina (apesar de isso estar envolvido), mas dar expressão ao lado emocional da religião. Os Salmos foram escritos para ser teatrais.
4. A poesia lírica também é breve. Uma vez que as emoções não podem ser prolongadas numa alta intensidade, os salmos têm de ser breves. As emoções expressas são mantidas o tempo suficiente para chegar ao clímax e contornar o tema unificador. O Salmo 119 é comprido, mas a sua ênfase está em completar o ciclo através de todo o alfabeto hebraico.

B. PARALELISMO

É a técnica poética básica da poesia hebraica, e tem de ser reconhecida para o Livro de Salmos ser bem entendido. Interpretar poesia como prosa e deixar de reconhecer adequadamente essa técnica hebraica, ou deturpará as idéias paralelas, ou fará com que pareçam ridículas. Os vários tipos de paralelismo foram observados na Introdução dos Livros Poéticos.

C. IMAGENS OU FIGURAS.

Do mesmo modo que a prosa é assinalada por descrições literais, a poesia usa representações figurativas. A maioria dos salmos emprega essas figuras em que dois níveis de significado ou de vida estão relacionados. O Salmo 1, por exemplo, descreve as delícias de um viver piedoso pela simples imagem de uma árvore plantada junto a corrente de águas. O salmista tece dois ou mais níveis de significado para descrever com intensidade as verdades que estão sendo declaradas. O propósito não é entretenimento, mas ênfase. No Salmo 23, o pastor e seu rebanho são descritos para salientar o relacionamento entre os crentes e o Senhor. A figura conhecida ajuda a identificar a desconhecida. Essas figuras instruem e persuadem, mas sua idéia básica é atingir a intuição pela analogia e emoção, fixando as verdades para serem percebidas através de diferentes níveis de experiência. As seguintes figuras dos Salmos são as mais notáveis:

1. *Símile* — Esta figura faz uma comparação por semelhança em um ou mais pontos. É uma comparação formal e usa a palavra “como”. Salmo 1:3: “Ele é como a árvore...”

2. *Metáfora* — Compara por representação, declarando uma coisa para ser outra (sem a palavra formal “como”, por exemplo). Salmo 23:1: “O Senhor é o meu pastor.”
3. *Alegoria* — É a figura de metáforas que se estendem ao redor de um tema central. Salmo 80:8 e ss.: Israel é aqui descrito como “uma videira do Egito”.
4. *Metonímia* — Substitui uma palavra por outra, estabelecendo relação entre as duas. Salmo 73:9: “A sua língua (palavras) percorre a terra.”
5. *Sinédoque* — Consiste no emprego de uma palavra em lugar de outra na qual está compreendida, ou vice-versa. Salmo 52:4: “Amas todas as palavras devoradoras, ó língua fraudulenta!” (a língua está no lugar da pessoa).
6. *Hipérbole* — É um exagero, empregado para dar maior ênfase. Salmo 6:6: “Todas as noites faço nadar o meu leito.”
7. *Personificação* — Fala de objetos inanimados ou idéias abstratas como se fossem seres vivos. Salmo 35:10: “Todos os meus ossos dirão: - Senhor, quem Contigo se assemelha?”
8. *Apóstrofe* (semelhante à personificação) — É a figura em que o orador se dirige a pessoas ausentes ou objetos inanimados como se estivessem vivos e presentes. Salmo 114:5-7: “Que tens, ó mar, que assim foges?...”
9. *Antropomorfismo* — Atribui a Deus características humanas. Salmos 10:12: “Levanta-te, Senhor! Ó Deus, ergue a tua mão!”
10. *Antropopatia* — Atribui a Deus paixões e sentimentos humanos. Salmo 6:1: “Senhor, não me repreendas na tua ira, nem me castigues no teu furor.”

D. ACRÓSTICOS ALFABÉTICOS

São nove os salmos alfabéticos, assim chamados porque apresentam uma ordem alfabética na primeira letra de suas linhas, versos ou estrofes subsequentes. O objetivo evidente desse mecanismo literário era ajudar a memória no aprendizado ou recitação, e talvez chamar atenção para a seqüência e beleza do texto. Esse mecanismo é usado em vários arranjos dos Salmos 9, 10, 25, 34, 37, 111, 112, 119 e 145.

1. Salmos 25 e 34 são os únicos que constroem o acróstico com 22 letras.
2. Salmos 9 e 10 são unidos por um acróstico irregular, que vai de um salmo ao outro.
3. Salmos 111 e 112 têm ambos 10 versículos com 22 linhas, nas quais cada salmo se desenvolve.
4. Salmo 145 tem 21 versículos e deixa fora a décima quarta letra do alfabeto hebraico (nun), entre os versículos 13 e 14.

5. Salmo 119 é o mais elaborado, com 22 estrofes de 8 versículos cada, sendo que todos os oito versículos de cada estrofe começam com a mesma letra do alfabeto. Essa ordem estrutural dá ênfase ao tema, que é a Lei de Deus.

E. “SELÁ” E “ALELUIA”

1. “Selá.” Essa muito controversa palavra é empregada setenta e uma vezes no Livro 1, trinta vezes no Livro 2, vinte no Livro 3 e quatro no Livro 5. Não foi empregada no Livro 4 (Salmos 90 a 106). É sempre encontrada no final de um versículo, exceto em quatro, mas J. W. Thirtle acha que ela é usada para notificar o princípio de uma nova seção ou estrofe de um hino. Não se tem certeza do seu significado. Pode derivar de “salah”, para fazer uma pausa, ou de “salal”, para levantar a voz. Talvez seja para ambas as coisas. A opinião de Delitzsch é que deve ser “um interlúdio tocado por instrumentos de corda”. Áquila pensa que o seu significado seja “sempre, para todo o sempre”. O parecer de Jerônimo é que deve ser “amém” ou “paz” (Shalom). Aparece pela primeira vez no Salmo 3, o primeiro salmo atribuído a Davi, onde é vista três vezes. Afirmam os eruditos que o termo “selá” pede uma pausa ou um interlúdio, ou para os instrumentos musicais ou para solene reflexão dos que estão a declamar.
2. “Aleluia.” Em algumas versões do Antigo Testamento, aparece a expressão sinônima “Louvai ao Senhor”. É palavra composta de duas outras: “hallel” (louvar) e “Yah” (forma abreviada de Yahweh — Senhor.) Com esse significado é empregada trinta e cinco vezes nos Salmos (Aparece também em Apocalipse 19:1-6). Três grupos de salmos são conhecidos como os “Salmos de Aleluia”:
 - a. Salmos 111-113. Cada um começa com “Aleluia”. (Nas Bíblias em inglês: “Louvai ao Senhor”).
 - b. Salmos 115-117. Cada salmo conclui com “Aleluia” (Louvai ao Senhor, nas Bíblias inglesas) e há mais um “Louvai ao Senhor” no princípio do Salmo 117.
 - c. Salmos 146-150. Todos principiam e terminam com “Aleluia”, com exceção do Salmo 147, que principia com “Louvai ao Senhor”. (Nas Bíblias inglesas todos esses cinco salmos principiam e terminam com “Louvai ao Senhor”).
 - d. Os salmos 105 e 106 também principiam e terminam com “Aleluia” (“Louvai ao Senhor”), se considerarmos que a última linha do Salmo 104 é realmente a primeira do Salmo 105, como parece que deveria ser.
Essa frase não é encontrada nos salmos de Davi ou seus

cantores. Ginsburg acha que é uma expressão litúrgica para uso antifônico, em resposta à qual a congregação repete o primeiro versículo depois de cada versículo consecutivo enunciado pelo dirigente. Requer adoração em harmonia com louvor ao Senhor. É também empregado em Apocalipse 19, único lugar em que aparece no Novo Testamento.

OBJETIVO DOS SALMOS

- A. Foram escritos pelos salmistas como reações sinceras diante de Deus, ao experimentarem as inúmeras alegrias, tristezas e provações da vida.
- B. Eram veículos de expressão do povo de Deus através de toda uma gama de experiência que os tornava aptos a apresentar os sentimentos e pedidos ao Senhor em termos significativos e intensos.
- C. Serviam para expressar os anseios de Israel pela vinda do Messias, revelando, por inspiração divina, muitos detalhes proféticos de sua primeira e segunda vinda.
- D. Eram o hinário de Israel para muitos rituais e cerimônias, tais como festividades religiosas, culto no templo e reuniões locais e nacionais.

Contribuições Singulares dos Salmos

1. **MINISTÉRIO DO CORAÇÃO.** A linguagem dos Salmos visa mais a alcançar o coração do que a mente. Em vez de relatos completos de história ou teologia, os Salmos apresentam com freqüência um mosaico de pensamentos sobre um assunto, incluindo às vezes muitas repetições, contrastes e analogias. Sua composição é obra de artista, com hábeis toques e cores sutis. O poeta não se satisfaz apenas em transmitir informação; procura dar um colorido à verdade em várias dimensões, provocando analogias notáveis ou familiares que empolguem o coração e a mente. Os Salmos são multidimensionais na apresentação da verdade. Esse reconhecimento é essencial, seja para sua leitura, seja para sua explanação. As muitas figuras de linguagem contidas neles são selecionadas com cuidado para proporcionarem o devido equilíbrio e elucidarem a verdade do assunto em foco. Além de serem de inspiração divina, os Salmos são uma obra de arte literária e impõem a atenção de quem se dedica ao seu estudo.

2. PENTATEUCO DE ISRAEL PARA DEUS. Do mesmo modo que os cinco livros de Moisés são o Pentateuco divino para Israel, os Salmos são muitas vezes chamados de “O Pentateuco de Israel” para Deus. São as reações do povo piedoso para com o Senhor, em situações que se assemelham às contidas nos livros de Gênesis a Deuterônomo. A característica de se dirigir a Deus, e não aos homens, é um dos traços mais importantes dos Salmos, e isto só é encontrado ocasionalmente nos outros livros bíblicos. Quase a metade dos Salmos começa com uma oração, na maioria das vezes expressando necessidade ou angústia. Os salmos de Davi eram chamados de “orações de Davi” (72:20), e o livro todo tem o nome de “O Livro de Oração” de Israel. Os Salmos tornaram-se o manual de instrução de Israel para oração e culto, sendo o seu tema dominante o conceito de adorar em oração. Um dos grandes proveitos práticos que podemos tirar do estudo desse livro é, à semelhança dos salmistas, aprendermos a adorar a Deus com expressões de lamento, cólera, alegria e confiança, em toda a extensão das experiências humanas.

3. O LIVRO “ALELUIA” DO ANTIGO TESTAMENTO. Esse termo é uma transliteração de duas palavras hebraicas que significam “louvai ao Senhor”, e são assim traduzidas na maioria das Bíblias. O Novo Testamento, entretanto, usa a transliteração quatro vezes em Apocalipse 19. Na maioria dos idiomas atuais, o termo “aleluia” é usado na forma transliterada. Esse vocábulo ordena que se louve ao Senhor, e é somente usado em Crônicas, Esdras e Neemias, além de Salmos. Das oitenta e duas vezes em que aparece no Antigo Testamento, sessenta e uma são em Salmos. Conforme observação prévia, há três seções de Aleluia, sendo a última a dos cinco salmos finais (146-150), que dão ao Saltério um clímax dramático com as instruções específicas na arte de louvar ao Senhor. Cada capítulo principia e termina com “Aleluia” ou “Louvai ao Senhor”, num “staccato crescendo” no salmo final. Cada capítulo contribui para o tema e o último capítulo faz o resumo:

146 — Quando louvar ao Senhor? — “Enquanto eu viver.”

147 — Por quê? — Porque é bom, é amável; devido à sua pessoa e obra.

148 — Quem? — Toda a criação; todos os povos.

149 — Onde? — No santuário, nas festas, nos leitões, na guerra etc.

150 — Resumo: Quem, onde, por que, como e por quem será dado o louvor.

4. SALMOS DE AÇÕES DE GRAÇAS. Apenas o Salmo 100 é intitulado “Salmo de Ação de Graças”, todavia, os salmos têm mais

referências a ações de graças do que o restante do Antigo Testamento (50, de um total de 75).

Os salmos 105, 106, 107 e 118 começam conclamando o povo de Deus a agradecer ao Senhor. No salmo 136, os agradecimentos e os louvores são apresentados em forma de antífona, reconhecendo a grande “benevolência” do Senhor. A finalidade desse salmo, que se tornou um “Hino Nacional”, é deixar bem claro que do mesmo modo como o Senhor é caracterizado pela benevolência, o seu povo deve ser caracterizado pela gratidão.

5. SALMOS CITADOS NO NOVO TESTAMENTO. Das 360 citações e alusões ao Antigo Testamento encontradas no Novo Testamento, quase um terço (112) referem-se aos Salmos. W. Graham Scroggie (*The Psalms*) observou que elas se referem a noventa e sete salmos, e encontram-se em vinte e três dos vinte e sete livros do Novo Testamento. A seguir, uma lista de setenta e sete das citações mais importantes das 112 arroladas por Leopold Sabourin.

SALMO REFERÊNCIA ENCONTRADA NO NOVO TESTAMENTO

2:1-2	Atos 4:25-26	Nações contra o Messias
2:7	Hebreus 1:5	És o meu Filho
2:8-9	Apocalipse 2:26 e ss.	Regerás com vara de ferro
4:4	Efésios 4:26	Irai-vos e não pequeis
5:9	Romanos 3:13	Garganta é sepulcro aberto
6:8	Mateus 7:23	Apartai-vos de mim
7:9	Romanos 8:27	Deus sonda o coração
8:2	Mateus 21:16	Louvor dos pequeninos
8:4-6	Hebreus 2:6-7	Menor do que Deus
10:7	Romanos 3:14	Boca cheia de maldição
14:1-3	Romanos 3:10 e ss.	Não há quem faça o bem
16:8-11	Atos 2:25 e ss.	Santo não corrupto
18:2	Lucas 1:69	Força da minha salvação
19:4	Romanos 10:18	Voz por toda a terra
19:9	Apocalipse 16:7	Juízos verdadeiros e justos
22:1	Mateus 27:46	Deus meu, Deus meu, por quê?
22:7-8	Mateus 27:39	Meneiam a cabeça
22:18	João 19:24	Deitam sortes sobre a túnica
22:22	Hebreus 2:12	A meus irmãos
23:1	João 10:11	O Bom Pastor
23:3-4	Mateus 5:8	Bem-aventurados os puros
31:5	Lucas 23:46	Pai, nas tuas mãos
32:1-2	Romanos 4:7-8	Não atribui iniquidade
33:6	João 1:3	Os céus por sua palavra se fizeram
34:8	1 Pedro 2:3	Provai e vede
34:12-16	1 Pedro 3:10 e ss.	Refreia a língua do mal
34:14	Hebreus 12:14	Procura a paz
34:20	João 19:36	Nem um osso será quebrado
35:19	João 15:25	Inimigos gratuitos

SALMO	REFERÊNCIA ENCONTRADA NO NOVO TESTAMENTO	
36:1	Romanos 3:8	Não há temor de Deus
37:11	Mateus 5:4	Os mansos herdarão a terra
38:11	Lucas 23:49	Ficam de longe
40:6-8	Hebreus 10:5 e ss.	Fazer a tua vontade
41:9	João 13:18	Levantou o calcanhar contra
44:22	Romanos 8:36	Por amor de ti entregues à morte
45:6-7	Hebreus 1:8-9	Teu trono, ó Deus
51:4	Romanos 3:4	Serás tido por justo
55:22	1 Pedro 5:7	Confia os teus cuidados
62:12	Romanos 2:6	Retribuis segundo as obras
68:18	Eféios 4:8	Subiste às alturas
69:9	João 2:17	Zelo da tua casa
69:9	Romanos 15:3	Injúrias caem
69:21	Mateus 27:34	Deram vinho com fel
69:22-23	Romanos 11:9-10	Obscureçam-se-lhes os olhos
69:25	Atos 1:20	Fique deserta a sua morada
69:28	Apocalipse 3:5	Sejam riscados do livro
72:10 e ss.	Mateus 2:11	Dádivas de ouro
78:2	Mateus 13:35	Parábolas
78:24	João 6:31	Pão do céu
82:6	João 10:34	Sois deuses
89:3-4	Atos 2:30	Jurei a Davi
89:20	Atos 13:22	Encontrei Davi
91:11-12	Mateus 4:6	Aos anjos dará ordem
94:14	Romanos 11:1	Não há de rejeitar o povo
95:7 e ss.	Hebreus 3:8 e ss.	Não endureçais vosso coração
97:7	Hebreus 1:6	Os anjos de Deus o adorem
98:2-3	Atos 28:28	Salvação para os gentios
102:25-27	Hebreus 1:10	Perecerão
103:17	Lucas 1:50	Misericórdia sobre os que o temem
104:4	Hebreus 1:7	Fazes a teus anjos ventos
105:8	Lucas 1:72	Lembra-se da aliança
105:21	Atos 7:10	Constituiu José mordomo
106:20	Romanos 1:23	Trocaram a glória de Deus
107:9	Lucas 1:53	Fartou de bens a alma faminta
109:8	Atos 1:20	Tome outro o seu encargo
110:1	Mateus 22:44	Assenta-te à minha direita
110:4	Hebreus 5:6	Sacerdote para sempre
111:9	Lucas 1:49	Santo é o seu nome
118:6	Hebreus 13:6	O Senhor é o meu auxílio
118:22	Mateus 21:42	A pedra que os construtores rejeitaram
118:26	Mateus 21:9	Bendito o que vem
130:8	Mateus 1:21	Quem redime a Israel
135:14	Hebreus 10:30	O Senhor julgará
140:3	Romanos 3:13	Sob os lábios têm veneno
141:2	Apocalipse 5:8	Oração como incenso
143:2	Romanos 3:5	Não há justo
146:6	Atos 4:24	Fez os céus e a terra

Mais ou menos a metade dessas referências relacionam-se com o Messias e o seu ministério. O grande número de citações e alusões indicam a importância que os escritores do Novo Testamento atribuem aos Salmos.

6. SALMOS DE LAMENTO OU QUEIXA. Ao lermos os Salmos, deparamo-nos imediatamente com uma intensa aflição por parte de quem os escreveu, e constantes expressões de queixas e súplicas a Deus. Os salmos que contêm essas expressões formam o maior grupo (um terço), e estão espalhados pelos cinco livros. São chamados os “Lamentos”, individuais e de comunidades, mas devem ser distinguidos de meros queixumes sem esperança. Retratam uma pessoa em profunda aflição, muitas vezes à beira da morte, que se torna cônica do seu pecado na presença do Senhor, entregasse unicamente à graça de Deus e compromete-se a servir e a louvar ao Senhor, enquanto anseia pela libertação que vem do alto. Esses salmos são provenientes de uma vasta gama de problemas: calamidades nacionais, ameaças pessoais de inimigos, acusações injustas, doenças ou ameaça de morte. Grande parte deles foi escrita por Davi, que passou por muitas experiências angustiantes, as quais o levaram a uma confiança absoluta em Deus. São diferentes de meras queixas humanas, pois transmitem um nível mais elevado de confiança em Deus, invocam sua palavra e o seu caráter, e reconhecem o socorro do Alto como única esperança. Exemplificam a autêntica luta das pessoas piedosas num mundo perigoso e hostil, que só acham consolo e encorajamento na total confiança em Deus.

7. SALMOS IMPRECATORIOS. Alguns salmos são chocantemente julgadores dos iníquos, invocando a maldição e vingança de Deus sobre eles. As imprecações mais longas estão nos salmos 35, 69 e 109, mas traços de vingança aparecem em outros: 31:17-18; 40:14-16; 54:7; 55:15; 58:6-7; 59:9-13; 83:9-17; 137:8-9; 139:19; 140:11. Convém ter em mente diversas considerações ao lê-los:

- Expressam o anseio dos piedosos pela destruição dos iníquos e do triunfo da justiça. A mente hebraica via a iniquidade como característica pessoal, e identificava o pecador com o pecado e o homem com sua família.
- Em alguns casos, o imperativo “sejam destruídos” pode ser traduzido profeticamente no futuro, como “serão destruídos”.
- Entretanto, a idéia de destruir o iníquo estava de acordo com a incumbência de Israel de purificar a terra de Canaã. Moisés, Josué, Samuel, Davi e muitos outros agiram assim, e Elias pediu fogo aos céus sobre os iníquos.

d. A sentença de julgamento de Cristo contra os escribas e fariseus em Mateus 23 não se mostra menos agressiva, pois era a consequência da rejeição da sua graça.

8. SALMOS MESSIÂNICOS. Os Salmos contêm muitas referências à pessoa e à vinda do Messias. As descrições de Cristo e sua obra são algumas vezes mais detalhadas do que nos Evangelhos, *registrando*, por exemplo, não somente a sua morte, mas os seus pensamentos, quando ele estava na cruz. Essas referências eram consideradas tão importantes que o Senhor repreendeu os discípulos por não compreenderem que elas se referiam a ele (Lucas 24:25, 44). A seguir, um breve esboço que revela as principais referências à sua pessoa e obra:

a. *Pessoa do Messias*

Como Homem (Salmo 8:4-5; Hebreus 2:6-8).
 Como Deus (Salmo 45:6, 11; Hebreus 1:8).
 Como Ser Eterno (Salmo 102:25-27; Hebreus 1:10).
 Como Filho de Deus (Salmo 2:7, 12; Mateus 22:45; Hebreus 1:5).

b. *Caráter do Messias*

Benévolo (Salmo 72:4, 12-14; Mateus 11:5; 12:20).
 Justo (Salmo 45:7; Hebreus 1:10).
 Santo (Salmo 89:18-19).

c. *Obra do Messias*

Na vida (Salmo 40:6-8; Hebreus 10:5-7).
 Na morte (Salmo 22; Os Quatro Evangelhos).
 Na ressurreição (Salmo 16:10; Atos 13:33-36).
 Na ascensão (Salmo 68:18; Efésios 4:8).
 No julgamento (Salmos 72:2-14; 86:13; 98:9; 2 Tessalonicenses 1:7-9; Apocalipse 19).
 No domínio (Salmos 72:8; 96:10; 103:19; Apocalipse 19:16).

d. *Funções do Messias*

Como Profeta (Salmos 22:22; 40:9-10; Hebreus 2:12).
 Como Sacerdote (Salmo 110:4; Hebreus 5:6).
 Como Juiz (Salmos 72:2; 96:10-13; Mateus 25:32; Apocalipse 19:11; 20:11).
 Como Rei (Salmos 2:6; 89:27; Mateus 25:31-34; 27:11; Apocalipse 19:16).

Classificação dos Salmos

Houve recentemente uma mudança no estudo de Salmos. De uma quase impossível pesquisa sobre a época original e o cenário de cada salmo, passou-se a classificá-los pelo seu uso no culto público e nas devoções pessoais, de conformidade com o seu conteúdo. Segue um arranjo em cinco partes, modificado e adaptado, de Leopold Sabourin, *The Psalms: Their Origin and Meaning* (Salmos: Sua Origem e Significado), pág. 24:

I. HINOS DE LOUVOR (31 salmos)

1. *Hinos Propriamente Ditos*: 8, 19, 29, 33, 100, 103-104, 111, 113-114, 117, 135, 136, 145-150.
 Contêm responsórios, “Amém”, “Aleluia” etc.
2. *Salmos de Entronização ou Majestade do Senhor*: 47, 93, 96-99.
3. *Canções de Sião*: 46, 48, 76, 84, 122, 132 (exaltando Sião ou Jerusalém).

Elementos Característicos:

- a. Introdução, ou Invocação para o Culto. Por exemplo, “Aleluia”.
- b. Texto do hino descrevendo feitos e atributos divinos.
- c. Conclusão apropriada para louvor e obediência.

II LAMENTOS, EXPRESSÕES DE CONFIANÇA EM DEUS, OU AÇÃO DE GRAÇAS INDIVIDUAIS (58)

1. *Lamentos Individuais*: 5-7, 13, 17, 22, 25-26, 28, 31, 35-36, 38-39, 42-43, 51, 54-57, 59, 61, 63-64, 69-71, 86, 88, 120, 130, 140-143.
2. *Expressão de Confiança Individual*: 3-4, 11, 16, 23, 27, 62, 121, 131.
3. *Ação de Graças Individual*: 9-10, 30, 32, 34, 40-41, 92, 107, 116, 138.

Elementos Característicos de Lamentos:

- a. Dirige-se a Deus e clama por auxílio.
- b. Queixa frequentemente expressa em figuras.
- c. Confissão de confiança.
- d. Petição de auxílio divino.
- e. Súplica de cuidado especial divino ou cumprimento de promessa da aliança.
- f. Voto de louvor e ação de graças.
- g. Confiança na resposta divina.

III LAMENTOS, CONFIANÇA OU AÇÃO DE GRAÇAS DA COMUNIDADE (27)

1. *Lamentos da Comunidade*: 12, 44, 58, 60, 74, 77, 79-80, 82-83, 85, 90, 94, 106, 108, 123, 126, 137.

2. *Expressão de Confiança da Comunidade*: 115, 125, 129.

3. *Ação de Graças da Comunidade*: 65-68, 118, 124.

Elementos característicos ou forma similar aos agrupamentos individuais.

IV SALMOS REAIS (O Rei Temporal de Israel olhando para o Rei Eterno) (11)

1. *Casamento Real*: 45.

2. *Coroações*: 2, 72, 101, 110.

3. *Canções Guerreiras* de oração ou louvor: 18, 20-21, 89, 144.

Apresentados em diversas formas.

V SALMOS DE INSTRUÇÃO OU DIDÁTICOS (23)

1. *Salmos de Sabedoria*: 1, 37, 49, 73, 91, 112, 119, 127-128, 133, 139.

2. *Salmos Históricos*: 78, 105.

3. *Exortação Profética*: 14, 50, 52-53, 75, 81, 95.

4. *Liturgias*: 15, 24, 134.

Elementos característicos de ensino, tais como provérbios, exortações, reflexões históricas, contrastes entre os justos e os perversos, e lembranças dos “bem-aventurados”.

Esboço e Títulos Descritivos dos Salmos

TEMA: Expressões de Oração e Louvor a Deus, em toda a Extensão da Experiência Humana.

TÍTULO DESCRITIVO	CARACTERÍSTICA OU USO SINGULAR
LIVRO I	
1. Salmo dos Dois Modos de Vida. 2. O Ungido do Senhor é Rejeitado	Começa com bem-aventurança. <i>Apresenta a vinda do Messias</i> como o Filho de Deus.

3. Refúgio de Davi contra os Muitos Adversários.
4. Descanso à Noite em Paz e Confiança.
5. Andar com Coragem entre os Ímpios.
6. Desalento Esmagado pela Confiança em Deus.
7. Reação do Justo à maledicência.
8. Dignidade do Homem como o Vice-rei sobre a Terra.
9. Julgamento da Soberania divina quanto aos Ímpios.
10. Arrogância Perversa dos Ímpios.
11. Julgamento Inevitável de Deus sobre os Ímpios.
12. Condenação dos Lábios Soberbos.
13. Necessidade de Confiança Paciente Quando Deus Demora.
14. Fim Trágico do Tolo Ateu.
15. O Grande Caráter dos Cidadãos de Sião.
16. Prazer em Viver na Presença de Deus.
17. Nossa Proteção como a “Menina” dos Olhos de Deus.
18. O Senhor como nossa Rocha, Cidadela e Libertador.
19. Revelação Natural e Especial aos Homens.
20. Refúgio Certo para Tempos de Aflição.
21. Majestade dos Reis que Confiam no Senhor.
22. Salmo Profético de Davi.
23. Esplêndido Salmo Pastoral de Davi.
24. O Senhor Entra em Sião como o Rei da Glória.
25. Instrução Divina para Tempos de Aflição.
26. Muito Vale a Oração do Justo.
27. Segurança de Esperar em Deus.
28. Agradecimento de Davi pela Oração Respondida.
29. Poder Majestoso da Voz do Senhor.
30. Exaltação ao Senhor pela Cura.
31. Confiar em Deus quando em Desespero Profundo.
32. Alegria do Perdão depois de ter confessado.

Oração matinal.

Oração vespertina.

O *Messias* reina como o Filho do Homem (Hebreus 2:6 e ss.).
Salmos 9-10 formam um acróstico alfabético.

Quase idêntico ao Salmo 53.

Messias: profecia da ressurreição (Atos 2:27;13:35).

Quase idêntico a 2 Samuel 22.

A supremacia da “Lei do Senhor”.

Messianico: Cristo na cruz.

Messianico: Cristo como o Bom Pastor.

Messianico: Sua vinda como Rei da Glória.

Salmo acróstico irregular.

“Salmo do Mártir” (31:5).

Alegria de Davi pela restauração, depois do Salmo 51.

176 *Conheça Melhor o Antigo Testamento*

33. Canção de Louvor ao Deus Criador.
34. Deus Está Perto do Penitente.
35. Apelo por Auxílio Divino Contra os Inimigos.
36. Benignidade Divina e Máficia Humana.
37. Agrada-te do Senhor, e não das Pessoas.
38. Confiar em Deus Quando os Amigos Condenam.
39. Conforto da Esperança em Tempos de Punição.
40. Prazer em Executar a Vontade de Deus.
41. Graça do Senhor para Quem Ajuda os Pobres.

Messiânico: Ossos não serão quebrados (34:20).

Messiânico: Obediência de Cristo ao Pai.

Messiânico: Traição (41:10).

LIVRO 2

42. Sedentos de Deus Quando Longe do Lar.
43. Espera em Deus Longe do Lar.
44. Mistério da Prolongada Punição Divina.
45. Canção do Amor Conjugal do Rei Divino.
46. Socorro Bem Presente nas Tribulações.
47. Celebrai a Deus, Rei da Terra.
48. Majestade de Sião, Cidade de Deus.
49. Insensatez de Confiar em Riquezas.
50. Silêncio de Deus Quebrado no Julgamento.
51. Salmo de Davi: Confissão e Restauração.
52. *Perfídia da Língua Fraudulenta.*
53. A Inevitável Depravação do Ateu.
54. Poder do Nome de Deus para Nossa Defesa.
55. Refúgio em Deus em Tempos de Traição.
56. Oração de Davi Quando Errante no Exílio.
57. Refúgio de Davi à Sombra das Asas Divinas.
58. Iníquos Juizes Humanos a serem Julgados por Deus.

Capítulos 42 e 43 têm em comum o refrão "Espera em Deus".

Messiânico: Bodas Reais do Senhor como Deus, Rei e Amante Divino.

Oração penitencial de Davi. V. Salmo 32.

Quase idêntico ao Salmo 14.

59. Tranqüilidade da Força Divina nas Provações.
60. Graça Restauradora Divina para os Alquebrados.
61. "Leva-me para a rocha que é alta demais para mim."
62. *Esperar e Confiar Somente em Deus.*
63. Achar Contínua Satisfação em Deus.
64. Sabedoria em Deixar a Vingança para Deus.
65. Satisfação Abundante do Povo de Deus.
66. Canção de Louvor pelas Poderosas Obras Divinas.
67. Todas as Nações Convocadas para Cantar e Louvar ao Senhor.
68. Hino Processional a Deus, Vencedor Poderoso.
69. Alegria de Deus nas Ações de Graças pelo Opróbrio.
70. Súplica de Davi por Libertação Rápida.
71. Oração de Davi pela Graça Divina na Velhice.
72. Oração de Salomão por Sabedoria para Julgar com Justiça.

Messiânico: Ascensão de Cristo.

Messiânico: Zelo e Opróbrio de Cristo.

Messiânico: O reino de Salomão tipifica reino mais glorioso de Cristo.

LIVRO 3

73. Insensatez de Invejar os Ímpios.
74. Mistério da Inércia de Deus Quanto à Restauração.
75. Deus é o Juiz Final.
76. Poder Majestoso do Deus de Israel.
77. Em Dias Sombrios, Recordação dos Atos Poderosos de Deus.
78. Prodígio da Graça Divina e Rebelião de Israel.
79. Oração de Asafe pela Restauração de Jerusalém.
80. Implora-se Restauração do Pastor Israel.
81. Grande Desejo Divino de Abençoar a Israel.
82. Severo Julgamento Divino Contra os Juizes Injustos.
83. Oração pela Vingança Divina Contra os Opressores.

Messiânico: Cristo faz uso de Parábolas.

Israel, a vinha do plantio de Deus.

84. Grande Prazer em Habitar na Casa de Deus.
85. Apelo de Israel para Total Restauração vinda de Deus.
86. Benignidade de Deus para com os aflitos e necessitados.
87. Glórias de Sião, Cidade de Deus.
88. Salmo de Prolongada Oração Não respondida.
89. Fidelidade de Deus no Cumprimento de sua Aliança.

O salmo do grande santuário.

Aliança davídica confirmada.

LIVRO 4

90. Oração de Moisés pelo Renovado Favor Divino para com Israel.
91. Paz e Proteção ao Habitar em Deus.
92. Grande Valor em Ser Grato ao Senhor.
93. Majestade do Trono Eternal do Senhor.
94. Certeza da Futura Vingança Divina.
95. Invocação para Agradecimento, Culto e Obediência.
96. Louvar ao Senhor em Virtude da Sua Vinda.
97. Grande Majestade do Senhor Soberano.
98. O Senhor Vitorioso Traz Salvação e Julgamento.
99. Invocação para Cultuar o Senhor pela Sua Santidade.
100. "Entrai por Suas portas com ação de graças."
101. Compromisso de Davi de Governar com Justiça.
102. Apegar-se ao Cuidado do Deus Eterno Quando Oprimido.
103. Davi Convoca o Universo para Bendizer ao Senhor.
104. Esplendor e Majestade do Senhor como Criador.
105. Misericórdias da Aliança do Senhor para a Semente de Abraão.
106. Rebelião de Israel e Misericórdias da Aliança Divina.

O mais antigo salmo, escrito por Moisés.

Capítulos 90 e 91 referem-se a Deuterônimo 33:27.

É o "Salmo do Dia de Sábado".

Do Salmo 95 a 100, convite de Davi para louvar a Deus.

O clássico salmo de agradecimento.

Os capítulos 103 e 104 principiam e terminam com "Bendize, ó minha alma, ao Senhor".

Os Salmos 105 e 106 tratam da história de Israel: 105 — A Graça de Deus; 106 — A Desgraça de Israel.

LIVRO 5

107. Convocação para Agradecer a Deus os Seus Muitos Livramentos.
108. Salmo de Davi pela Vitória Militar.
109. Inevitável Julgamento Contra os Perversos Acusadores.
110. O Senhor a Governar Sião como Rei-Sacerdote.
111. Aleluia para as Obras Magníficas do Senhor.
112. Aleluia para os Benefícios do Temor a Deus.
113. Singular Prazer Divino de Exaltar o Necessitado.
114. Episódios da Natureza em Êxodo.
115. Impotência dos Ídolos e Onipotência de Deus.
116. Grande Poder do Senhor para Livrar da Morte.
117. Todos os povos são Convocados para Louvar a Misericórdia e Fidelidade de Deus.
118. Israel Convocado para dar Graças à Misericórdia Divina.
119. Salmo Magnífico de Louvor à Palavra de Deus.
120. Caráter Guerreiro dos Caluniadores.
121. O Senhor como o "Anjo da Guarda" do Viajante.
122. Oração de Davi pela Paz de Jerusalém.
123. Confiança Paciente Quando em Adversidade.
124. Agradecimento de Davi pela grande libertação divina.
125. Forte Proteção do Senhor para com os justos.
126. Alegre Colheita dos que "com lágrimas semeiam".
127. Inutilidade de Construir uma Casa sem Deus.
128. Bênçãos Garantidas num Lar que Teme a Deus.
129. Inevitável Derrota dos Inimigos de Israel.
130. O amor clemente de Deus, a única Esperança de Israel.

Apresenta o Livro 5 como um livro de agradecimentos.

O capítulo 108 repete 57:7-11 e 60:5-12. É chamado o salmo "Isariotes" (109:8).

Messiânico: Muito citado no Novo Testamento.

Os capítulos 111 e 112 têm estruturas de acróstico, cada um com 10 versículos.

O primeiro dos Salmos "Aleluia" (113-118).

"Salmo Primoroso" da história de Israel. Os Salmos 115-118 eram a segunda parte dos Salmos "Aleluia"

Cantados por ocasião da Páscoa depois da refeição (Mateus 26:30).

É o salmo mais curto e o capítulo do meio da Bíblia.

Messiânico: A "Pedra Rejeitada" tornou-se a "Pedra Angular".

Perfeito acróstico alfabético sobre a Palavra.

O primeiro cântico de romagem (subida) — Salmos 120-134, sem nome, talvez de Ezequias.

Salmo de Salomão: Cântico de romagem central.

Observar que os salmos 127 e 128 referem-se ao lar.

Ver o cântico de Ezequias (Isaias 38:20).

- | | |
|---|---|
| <p>131. Tranquilidade de Confiar no Senhor.</p> <p>132. Solicitudude de Davi pela Casa de Deus e Vice-versa.</p> <p>133. Recompensas Eternas de Harmonia no Lar.</p> <p>134. Bênçãos Adicionais do Senhor para os que Adoram à noite.</p> <p>135. Louvar ao Senhor como o único Deus Vivo.</p> <p>136. Antífona Nacional de Israel: A Misericórdia Permanente do Senhor.</p> <p>137. Intenso Amor de Israel por Sião enquanto Estavam no Exílio.</p> <p>138. Davi Louva a Fidelidade da Palavra de Deus.</p> <p>139. Alcance Ilimitado do Poder Persecutador Divino.</p> <p>140. Oração de Davi pela Destruição do Perverso.</p> <p>141. Oração de Davi por Lábios Prudentes e Caminhos Orientados.</p> <p>142. Oração de Davi como um Prisioneiro Esquecido.</p> <p>143. Davi Suplica Libertação, como Servo de Deus.</p> <p>144. "Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor."</p> <p>145. Louvor Final de Davi pela Grandeza de Deus.</p> <p>146. Louvor ao Senhor pelo Auxílio aos Desamparados.</p> <p>147. Louvor ao Senhor pela Proteção a Toda a Terra.</p> <p>148. O Salmista Ordena que Toda a Criação Louve ao Senhor.</p> <p>149. Louvor ao Senhor com Cânticos Alegres, Espada de Julgamento.</p> <p>150. O Grandioso Final e Profecia do Louvor Universal.</p> | <p>Um mosaico de 113:1; 136:17 e ss.; 115:4 e ss.
Chamado pelos judeus de "Grande Aleluia".
Singular salmo do exílio.</p> <p>O primeiro salmo do último grupo davídico: 138-145.
Inigualável na profunda teologia da onipresença e onisciência de Deus.</p> <p>Último salmo de Davi, chamado "Louvor".</p> <p>Primeiro salmo do último grupo "Aleluia", 146-150. É o "Te Deum Laudamus". Note-se a ausência de medo, aflição e lamento, e a ênfase na alegria, paz etc.</p> <p>O salmo final sintetiza a teologia do louvor: Quem? Onde? Por quê? Como? Por quem? deve ser louvado?</p> |
|---|---|

O Livro de Provérbios

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. O título hebraico "*Mishle Shelomoh*" (Provérbios de Salomão), significa as analogias ou máximas de Salomão. O termo "Mishle" quer dizer comparação ou provérbio, e é provável que derive do verbo "mashal" (governar). Designa, portanto, um controlador princípio de vida, expresso por analogia.
2. O título em português "Provérbios" significa máximas que expressam uma verdade de forma sucinta. Tem-se dito que provérbios são sentenças curtas tiradas de longas experiências. William Arnot chamou-os de "*Laws from Heaven for Life on Earth*" (Leis Celestes para a Vida Terrena), no seu livro publicado com esse título.

B. AUTORES

1. Salomão foi o autor ou compilador dos capítulos 1-24 (1:1; 10:1), e autor dos capítulos 25-29 (25:1), compilados pelos "homens de Ezequias".
2. Agur foi o autor do capítulo 30, e nada se sabe a seu respeito.
3. Rei Lemuel foi o autor do capítulo 31, que registra os conselhos de sua mãe. Sua identidade também é desconhecida, sendo que alguns o consideram um príncipe árabe, e outros um nome fictício usado por Salomão ao revelar os conselhos de Bate-Seba.
4. O livro parece apresentar uma conclusão no final do capítulo 24, antes da época em que Ezequias e seus escribas (talvez Isaías e Miquéias) reuniram os provérbios adicionais de Salomão, nos capítulos 25-29.

CENÁRIO HISTÓRICO**A. DATA — 950-700 a.C.**

Embora críticos liberais achem que o livro de Provérbios foi compilado após o exílio, e atribuam a coleção a outras pessoas, não há motivo para se rejeitar o ponto de vista tradicional de que foi Salomão quem reuniu ou escreveu os capítulos 1-24. Nesse caso, a data provável seria aproximadamente 950 a.C., na metade do seu reinado, e aproximadamente 725-700 a.C. para os últimos capítulos, 25-31.

B. LITERATURA DE SABEDORIA

Para introdução a essa literatura, ver “Introdução aos Livros de Sabedoria”. Esse tipo de literatura era comum na maioria das nações antigas, como a Babilônia, o Egito, Edom e a Fenícia. Todas tinham os seus “homens sábios”. O homem sábio de Israel, Salomão, foi o mais sábio de todos, conforme reconhecimento da Rainha de Sabá (1 Reis 4:34; 10:6-7), e pessoas de todas as nações vinham abeberar-se nos seus ensinamentos. Diz-se que Salomão proferiu 3000 provérbios em muitos campos de ciência, muito mais do que os 800 incluídos no Livro de Provérbios.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

Os nomes de Salomão e Ezequias, como compiladores, sugerem que os provérbios surgiram em época de reavivamento e interesse espiritual. O início do reinado de Salomão foi caracterizado pela dedicação espiritual e os dias de Ezequias por uma época de novo despertar religioso em Judá depois de grande idolatria. Os provérbios não eram apenas reflexões práticas para fruir boa vida, mas sabedoria para viver no “temor do Senhor”. Os termos “justo” e “justiça” são usados mais de quarenta vezes no livro de Provérbios, mais do que em qualquer outro livro, com exceção de Salmos. É possível que Ezequias tenha enfatizado para o povo o seguinte provérbio: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (14:34).

ESTRUTURA LITERÁRIA DE PROVÉRBIOS**A. FORMAS LITERÁRIAS EMPREGADAS**

O Livro de Provérbios utiliza vários mecanismos literários a fim de apresentar máximas práticas para a vida através de figuras criativas, analogias surpreendentes e contrastes. As unidades poéticas básicas empregadas são as seguintes:

1. *Em Pares*. São provérbios com duas formas básicas:
 - a. Um dístico em que a primeira linha expressa um pensamento e a segunda suplementa-o, a fim de desenvolvê-lo ou interpretá-lo.

Exemplo: “O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio” (Provérbios 11:30).

- b. Um dístico em que ambas as linhas expressam o pensamento pelo uso do mesmo padrão de paralelismo.

Esboço de Provérbios

TEMA: Os Grandes Benefícios da Sabedoria e Disciplina Piedosa no Crescimento da Personalidade

I SABEDORIA APRESENTADA POR SALOMÃO	1—9
A. <i>Prólogo sobre o Objetivo da Sabedoria</i>	1:1-4
B. <i>Princípios Positivos da Verdadeira Sabedoria</i>	1:5-33
C. <i>Virtudes Próprias da Verdadeira Sabedoria</i>	2-3
D. <i>Benefícios Práticos da Verdadeira Sabedoria</i>	4-7
E. <i>Personificações da Sabedoria e Insensatez</i>	8-9
II SABEDORIA ENSINADA POR SALOMÃO	10—24
A. <i>Contrastes entre o Sábio e o Insensato no Crescimento da Personalidade</i>	10-15, (22:17-19)
1. Benefícios de uma vida de justiça	10
2. Atividades do justo	11
3. Atitudes do justo	12
4. Aplicações da justiça	13
5. Irrracionalidade dos insensatos	14
6. O interesse do Senhor pela justiça	15
B. <i>Princípios Construtivos no Crescimento da Personalidade</i>	16-22:16
1. Confiar no Senhor como o Guia na vida	16
2. Encontrar satisfação através da sabedoria divina	17
3. Cultivar o hábito de fazer amigos verdadeiros	18-19
4. Encarecer a importância de retidão na vida	20-21
5. Reconhecer a responsabilidade da formação do caráter	22
C. <i>Constantes “Palavras dos Sábios” sobre o Crescimento da Personalidade</i>	22:17, 24:34
1. O sábio aprende com os conhecimentos, não por injunção	22:17-19
2. O sábio vive em função de princípios, não de paixões	23
3. O sábio eleva e conduz o mundo	24
III SABEDORIA DE SALOMÃO INCORPORADA PELOS “HOMENS DE EZEQUIAS”	25—29
A. <i>Manejo Sábio da Verdade</i>	25
B. <i>Maneiras de Reconhecer um Insensato</i>	26
C. <i>Maneiras de Crescer em Sabedoria</i>	27
D. <i>Benefícios Práticos da Justiça</i>	28
E. <i>Possíveis Perigos da Insensatez</i>	29
IV SABEDORIA ILUSTRADA E SUPLEMENTADA	30—31
A. <i>Conselho Paternal de Agur: Buscar a Sabedoria Divina</i>	30
B. <i>Conselho Maternal para Lemuel: Governar com Sabedoria</i>	31:1-9
C. <i>Caracterização da Sabedoria na Esposa</i>	31:10-31

Exemplo: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todas as transgressões” (Provérbios 10:12).

2. *Em Grupos*. São grupos de provérbios sobre um tema comum, tais como os referentes ao Rei (25:2-7), ao Insensato (26:1-12) e ao Preguiçoso (26:13-16).
3. *Epigrama*. É um provérbio ampliado que tem no seu âmago duas linhas (não necessariamente consecutivas) que expressam o pensamento aforístico, sendo que o restante é seu suplemento ou expansão. Exemplo: Contra as Seduções dos Pecadores (1:8-9). Geralmente alcança o seu objetivo por meio de afirmações sentenciosas, vigorosas ou satíricas.
4. *Soneto*. É uma composição poética de quatorze versos. O soneto hebraico não se fixa no exato número de versos. Começa com um dístico expressando o tema e forma depois dois blocos ou dois pensamentos; um desenvolve o primeiro verso do dístico, e o outro o segundo verso. Isso dá um feitiço poético ao poema. Exemplo: Em Companhia dos Pecadores (1:10-19).
5. *Monólogo Dramático*. Objetos inanimados ou idéias abstratas são personificadas para admoestar ou enfatizar sua natureza ou objetivo. Exemplo: Clama a Sabedoria (1:20-33).
6. *Acróstico*. Um acróstico com o alfabeto hebraico termina o livro. (31:10-31).

B. ARRANJO LITERÁRIO DO LIVRO DE PROVÉRBIOS

1. Capítulos 1-9 — quinze grupos, epigramas, sonetos ou monólogos.
2. Capítulos 10-22:16 — 375 máximas, principalmente em pares. Capítulos 10-15 — antitéticos na maioria; 16-22 — sinônimos ou sintéticos na maioria.
3. Capítulos 22:17-24:34 contêm dezesseis epigramas com uma variedade de versos (linhas).
4. Capítulos 25-29 — Os provérbios são, na maioria, em grupos, em pares ou epigramas. 25-27 — sete epigramas sobre vários assuntos; 28-29 — 55 provérbios em pares.
5. Capítulo 30 — treze epigramas ou provérbios em grupo. (Observar a “ênfase final”.)
6. Capítulo 31 — Um acróstico com o alfabeto hebraico, usando a beleza da estrutura literária para enfatizar a beleza da sabedoria personificada como uma mulher virtuosa.

OBJETIVO DO LIVRO DE PROVÉRBIOS

O objetivo duplo é afirmado positivamente e sugerido negativamente em 1:2-4:

1. Ensinar e focalizar os grandes benefícios que advêm aos seres humanos devido à mente disciplinada e ao modo de vida orientado por Deus, e inversamente.
2. Advertir dos grandes perigos que resultam inevitavelmente por seguir os ditames da natureza ou paixões inferiores.

Contribuições singulares de Provérbios

1. **CONTRASTE ENTRE PROVÉRBIOS E SALMOS**. Enquanto Salmos trata do culto e do relacionamento do homem com Deus, Provérbios trata do seu procedimento e comunicação com os outros homens. Enquanto Salmos antes de tudo é dirigido a Deus, Provérbios é dirigido aos filhos dos homens. Ele é singularmente o livro ético do Antigo Testamento, aplicando princípios bíblicos de uma vida íntegra. Ensina aos que serão sábios que as suas ações devem ser dirigidas tanto pela palavra divina escrita na Lei como pela palavra espiritual de Deus que ressoa na consciência ativa, e é vista como “a lâmpada do Senhor” (20:27). O movimento progressivo de Salmos para Provérbios, conforme organização do cânon, sugere a ordem correta de uma vida piedosa — o relacionamento adequado com Deus vem sempre em primeiro lugar, enquanto o relacionamento adequado com os homens deve sempre vir em seguida. Um é inerente ao outro.
2. **“SABEDORIA” IDENTIFICADA**. A sabedoria tem diversas formas. O Livro de Provérbios usa três termos para distingui-las, embora deixe bem claro que elas se relacionam entre si:
 - a. “Sabedoria” (*Chokhmah*). Usado quarenta e sete vezes: 1:2, 7, 20 etc. (comparar 1 Reis 5:12). Esse termo expressa um discernimento moral entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Aplica-se também à prudência secular em negócios.
 - b. “Entendimento” (*Binah*). Usado cinquenta e três vezes em diversas formas: 1:2, 5; 2:2, 3 etc. Significa uma habilidade para discernir entre a verdade e o erro ou entre a realidade e a ficção. É a faculdade de perceber com objetividade valores de longo alcance contra os interesses momentâneos de pôr a vida em ordem.
 - c. “Verdadeira Sabedoria” (*Tushiyah*). Usado apenas três vezes: 2:7; 3:21; 8:14. Significa um discernimento espiritual ou divino da verdade, desenvolvido por um longo conhecimento da Palavra de Deus. É a habilidade de considerar a vida a partir da perspectiva divina ou colocar princípios divinos nos hábitos diários.

Esses termos usados em Provérbios sugerem uma sabedoria prática ou utilitária, e não mera sabedoria ou inclinação intelectual. Enfatizam virtudes comuns de trabalho árduo, fala prudente, boas maneiras e uma vida disciplinada. Têm, entretanto, uma nítida qualidade religiosa de relacionar todas as atividades humanas com Deus e sua Lei. São expressões caracterizadas pela verdade e moralidade, as quais enfatizam os deveres para com Deus e o próximo.

3. INDÍCIOS PARA RECONHECER O INSENSATO. O livro de Provérbios mostra que existe, em contraste com os sábios, uma variedade de insensatos, e isto nos serve de alerta para os diversos níveis de insensatez:

- a. O “simples” ou “néscio” (*pethi*). Termo usado quatorze vezes: 1:4, 22, 32; 7:7; 8:5 etc. É a pessoa ingênua, um tanto inocente, destituída de entendimento, que se deixa levar facilmente. É ingênua do ponto de vista moral, fácil presa para propagandistas, com enorme necessidade de ser orientada para não cair nas ciladas da vida.
- b. O “louco” ou “insensato” (*evul e kesil*). Usado cinquenta e oito vezes: 1:7, 22, 32; 3:35; 10:8, 18, 21, 23; 12:15 etc. Ambos os termos referem-se àqueles que rejeitam a verdade, desprezam a sabedoria, odeiam o conhecimento e acham que “praticar a maldade é divertimento” (10:23).
- c. O “escarnecedor” (*lits*): Provérbios 1:22; 9:7, 8; 13:1. É um desordeiro que deliberadamente zomba da integridade e ridiculariza qualquer tipo de correção. Seu afastamento daquilo que é justo parece ser ainda maior do que o dos insensatos dos dois ítems anteriores.

Esses três tipos são apresentados e descritos em 1:22, e representam os três níveis de imbecilidade. Não são, porém, casos sem esperança enquanto a “sabedoria” levantar a sua voz (1:20). Salmo 1:1 também admoesta contra três níveis de iniquidade.

4. CONSTRUIR PERSONALIDADES PIEDOSAS PARA A ETERNIDADE. Provérbios é um manual de máximas e princípios de ponderação prática no aprendizado da arte de viver piedosamente. O principal objetivo do livro, entretanto, não deve ser esquecido no labirinto dos princípios individuais. O objetivo é o tema “O Crescimento de uma Personalidade Sadia para a Eternidade”. Todas as diversas máximas e princípios do livro têm esse objetivo como o fundamental, que é, aliás, o objetivo central da Bíblia. Uma personalidade saudável e redimida, aprimorada pelos princípios

divinos, é o produto supremo da soberania do gênio criativo de Deus. O livro é um manual que ajuda os crentes a ser, nesse processo, “cooperadores” de Deus (2 Coríntios 6:1). A Segunda Epístola de Pedro 1:3-11 descreve o processo — na perspectiva do Novo Testamento.

5. RETRATO CLÁSSICO DE UMA EXCELENTE ESPOSA. O poema final em louvor da “mulher virtuosa” (31:10-31) é realçado tanto pela estrutura literária quanto pelo conteúdo. É um acróstico do alfabeto hebraico com vinte e dois versículos. Essa versificação de bom gosto foi assim estruturada não apenas como auxílio de memorização para os leitores hebreus, mas também para focalizar o caráter igualmente primoroso e organizado da excelente esposa. De certo modo, essa virtuosa esposa é a personificação da sabedoria exaltada no livro, especialmente em 9:1-12. As muitas referências à “mulher insensata”, “mulher perversa”, “mulher rixosa” e “mulher imoral” admoestam o jovem para que não sucumba aos ditames das paixões inferiores. Mas, a fim de que não se deduza que as mulheres são geralmente inferiores aos homens, o livro exalta diversas vezes a esposa virtuosa (5:15-20; 12:4; 18:22; 19:14). O compilador coroa esse manual de sabedoria com o magnífico retrato de esposa e mãe que organizou sua vida e seu lar pelos princípios da sabedoria. Ela traz felicidade ao esposo e à família com um encanto que é creditado ao temor do Senhor (31:30). Esse trecho ilustra admiravelmente o tema do livro, declarado em 1:7 e 9:10: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.” Essa sabedoria não é apenas intelectual, e sim um conhecimento e uma habilidade práticas que se aplicam especialmente ao lar.

6. PROVÉRBIOS COMO PRINCÍPIOS GERAIS. As máximas do livro são dadas como princípios gerais, não como fórmulas mecânicas de “causa e efeito”. Declaram como Deus normalmente trabalha ou reage a pessoas, o que a insensatez geralmente produz e as recompensas geralmente conseguidas em virtude da sabedoria e da justiça. Esses princípios, entretanto, não são inflexíveis, mas envolvem muitas vezes exceções em suas aplicações universais. Ao sábio e justo, por exemplo, são prometidos: “longa vida”, “paz”, “celeiros cheios...” e “sono suave” (Provérbios 3); mas essas coisas não acontecem invariavelmente, como observado em Jó. O Senhor pode reter as bênçãos normalmente prometidas aos justos a fim de executar algum propósito maior. O reinvestimento da recompensa prometida tem sempre como objetivo multiplicar os benefícios eternos, conforme exemplificado em Hebreus 11. A veracidade das promessas de Deus em Provérbios não é para ser julgada

por resultados imediatos. São princípios gerais que explicam como Deus age normalmente. A causa e o efeito podem ser antecipados.

7. CRISTOLOGIA EM PROVÉRBIOS. Em Provérbios, as referências a Cristo relacionam-se principalmente à caracterização da “sabedoria” no capítulo 8. Mas esse texto faz referência a Cristo apenas de modo indireto. O objetivo do livro é apresentar a sabedoria e seus grandes benefícios, apresentação que chega ao seu ponto mais alto nos capítulos 8-9, onde os benefícios são sintetizados. Em monólogo dramático, a “sabedoria” declara a sua associação eterna com o Senhor, especialmente na obra da criação. Esse discurso não é basicamente cristológico, mas demonstra que a sabedoria exaltada no livro é a mesma pela qual Deus age. Adquirir e aplicar essa sabedoria pode preparar uma pessoa para ser usada por Deus em grandiosa obra. O Novo Testamento lembra-nos, porém, que Cristo é a “sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:24, 30; Colossenses 2:3) e aquele “em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” estão ocultos. Muitas das caracterizações da sabedoria em Provérbios 8:22-31 têm extraordinárias semelhanças cristológicas.

8. TÓPICOS ÉTICOS DE PROVÉRBIOS. Este livro é uma grande fonte de ampla variedade de assuntos éticos. Muitos desses princípios podem ser exemplificados nas partes narrativas do Antigo e do Novo Testamentos, como Harry Ironsides o fez em seu livro, “*Notes on the Book of Proverbs*” (Observações sobre o Livro de Provérbios). A seguir, uma lista de alguns dos tópicos éticos de Provérbios:

- a. Má companhia e os seus efeitos — 1:10-19; 4:14-19; 13:20; 24:1-2; 29:24.
- b. Contenda — 10:12; 13:10; 15:1-4; 16:27-28; 18:6-8; 20:3.
- c. Disciplina e sua recompensa — 1:8-9; 6:20-24; 10:13; 13:24; 15:10; 22:15; 23:13; 29:15.
- d. Temor do Senhor — 1:7; 9:10; 15:33; 16:6; 23:17; 24:21-22.
- e. Respeito filial — 1:8-9; 6:20-21; 13:1; 15:20; 19:26; 30:17.
- f. Identificar o insensato — 1:7; 12:15-16; 23; 13:20; 14:9; 17:24; 18:2-7; 19:1; 20:3; 23:9.
- g. Côncio da onisciência de Deus — 15:3, 11; 22:12.
- h. Valor de um bom caráter — 22:1; 24:21-22.
- i. Religião hipócrita — 15:8, 29; 21:27.
- j. Intemperança e os seus perigos — 20:1; 23:1-3, 20-35; 31:4-6.
- l. Liberalidade — 3:9-10; 11:24-25; 13:7; 19:6, 17; 22:9; 28:27.

- m. Licenciosidade (imoralidade) — 2:16-19; 5:3-20; 6:23-35; 7:4-27; 22:14.
- n. Mentira e fraude — 6:16-17; 12:13-14, 19-22; 19:5, 9; 26:28.
- o. Orgulho e os seus perigos — 6:16-17; 8:13; 11:2; 13:10; 16:18; 20:6; 27:2; 29:23.
- p. Preguiça ou ociosidade — 6:6-11; 10:4-5; 13:4; 18:9; 20:4; 21:25; 24:30-34.

O Livro de Eclesiastes

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. O título hebraico *Qoheleth* significa “Pregador” ou “alguém que se dirige a uma assembléia”. O termo é usado sete vezes nesse livro, mas não aparece em nenhum outro do Antigo Testamento.
2. Os tradutores gregos deram-lhe o nome de “Eclesiastes”, que significa “função de pregador”. É um título bem apropriado, pois a obra contém muitas características de sermão, embora não principie por texto bíblico.

B. AUTOR

Embora seja Salomão o único autor provável, eruditos conservadores dividem-se quanto à possibilidade de ele ter realmente escrito o livro.

1. Negação da autoria salomônica. Depois de Lutero ter negado a autoria salomônica, a maioria dos eruditos da Bíblia negaram-na. Eis as principais razões:
 - a. As condições históricas não parecem ser da época de Salomão.
 - b. O nome de Salomão não aparece no livro, ao passo que tal coisa acontece no Livro de Provérbios e Cantares.
 - c. A linguagem, o uso das palavras e o estilo são supostamente pós-exílio, contendo muito do aramaico.
 - d. A introdução refere-se a Salomão como a um herói, não como a um autor, de acordo com Richard Moulton (*The Literary Study of the Bible* — Estudo Literário da Bíblia). A maioria dos comentaristas admitem que Salomão seja ou o avaliador ou a personificação, talvez para reforçar a credibilidade da mensagem.

2. Confirmação da autoria salomônica. Muitos eruditos conservadores, porém, sustentam que Salomão foi o autor pelas seguintes razões:
 - a. As auto-identificações do autor indicam Salomão (1:1, 12; 2:7, 9; 12:9). Caso Salomão não fosse seu autor, a falsa personificação do mais sábio de todos os homens sábios teria sido descoberta há muito tempo pelos rabinos de Israel, e esses não permitiriam a inclusão do livro no Cânon.
 - b. O autor identifica-se como aquele que reuniu e organizou muitos provérbios (12:9; comparar com 1 Reis 4:32). Nenhum outro escritor dessa categoria foi jamais identificado no período do Antigo Testamento.
 - c. A tradição judaica atribuiu o livro a Salomão, embora alguns dos rabinos em época mais recente tenham sugerido que possivelmente houve aprimoramento por escribas, tais como os “homens de Ezequias”.
 - d. A maioria das pessoas concordam que o autor do livro deveria ser Salomão, no caso de não ter sido ele. As experiências, argumentos e conclusões apresentados requerem um autor como Salomão, pessoa de grande sabedoria, riqueza, fama, sucesso nos negócios e paixão por mulheres. Não houve ninguém tão maravilhosamente bem-dotado para a tarefa de pesquisar e escrever esse livro como Salomão.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA — 935 a.C., aproximadamente.

Se Salomão foi realmente o autor, é provável que o livro seja um produto dos seus últimos anos. A tradição atribui a ele três livros: Cantares, nos primeiros anos de sua vida, Provérbios, na meia-idade e Eclesiastes, alguns anos mais tarde. O conteúdo e as conclusões certamente combinam bem com os anos de maturidade de Salomão. Nesse livro ele ministra a todas as gerações o benefício de sua larga experiência e sábio pensamento filosófico quanto ao objetivo da vida. Como ele reinou de 970 a 930, o livro deve ter sido escrito em 935 a.C., aproximadamente.

B. CENÁRIO POLÍTICO E RELIGIOSO

1. Politicamente, o reino de Salomão foi um oásis de paz e prosperidade entre as conquistas de Davi e o ressurgimento do Egito em 926. As muitas alianças de Salomão com as nações vizinhas promoveram o comércio e o intercâmbio de idéias por todo o Oriente. Muitas personalidades mundiais procuraram aconselhar-se com Salomão, atraídas pela sua sabedoria, riqueza, esplendor e arte. O cenário político em que ele viveu foi ideal

para empreendimentos arquitetônicos e o desenvolvimento da literatura e da arte. Salomão gozou de uma rara época de paz mundial.

- Religiosamente, representou um período singular pela evidente unidade de culto em Israel. Davi e Salomão deram um especial destaque à música e à literatura, e a construção do templo serviu para centralizar o culto. Talvez nenhum outro período da história de Israel tenha proporcionado maior oportunidade para intercâmbio de idéias, estudo da Tora e reflexão religiosa do que esse. Pouco depois da metade do seu reinado, porém, Salomão parece ter desenvolvido um espírito ecumênico de acomodamento religioso ao procurar apaziguar suas muitas esposas estrangeiras. Isso afetou o seu modo de pensar e o seu relacionamento com Deus, de tal modo que o próprio reino sofreu essa influência negativa e foi dividido logo após sua morte. Ele havia concordado em construir “santuários” para todas as suas esposas estrangeiras (1 Reis 11:7-8). Todavia, é de presumir que Salomão tenha sido reintegrado na comunhão com o Senhor depois da divina repreensão. Pode ter sido esse o momento apropriado e meditativo de sua vida em que compôs esse livro filosófico.

C. IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE SABEDORIA

- O povo hebreu foi liderado por três espécies de líderes espirituais: sacerdotes, profetas e sábios (Jeremias 18:18). Salomão foi o maior dos sábios e talvez um líder de uma escola de sábios. O profeta era o representante de Deus, enquanto o sábio um observador do povo e dos acontecimentos. Falava com a autoridade da experiência. Era geralmente um ancião, figura paternal, que acumulava sabedoria e resumia suas reflexões em máximas ou provérbios. O povo o via muitas vezes como um filósofo “arroz com feijão”, pronto a apontar soluções para os problemas com um comentário baseado na experiência.
- A época de Salomão foi o começo do período áureo da literatura de sabedoria. Embora Zadoque, o sacerdote, e Natã, o profeta, tivessem contribuído para que Salomão subisse ao trono, os sacerdotes e profetas tiveram pouca importância durante o reinado de Salomão. Decididamente, foram ofuscados pelo grande “sábio”, que era conselheiro, juiz e pregador de Israel, além de ser o rei (1 Reis 3:28; 4:29-34; 8:14 e ss.). Vários profetas aconselharam Davi, mas não há registro de que alguém tenha censurado ou corrigido Salomão. Ele foi aclamado o homem mais sábio dentre todos os sábios do Oriente ou do Egito, alguém que jamais procurou aconselhar-se com outros. O fruto

dessa sabedoria é apresentado no prático Livro de Provérbios e no filosófico Livro de Eclesiastes.

OBJETIVO DO LIVRO DE ECLESIASTES

O objetivo do escritor foi demonstrar, científica e filosoficamente, a futilidade da vida sem Deus, e mostrar a satisfação e a alegria de viver na percepção da soberania divina. O livro é uma exposição dramática das arrogantes reivindicações do naturalismo.

Contribuições singulares de Eclesiastes

- CONTRASTE COM PROVÉRBIOS.** Enquanto Provérbios aplica a sabedoria no benefício prático de uma vida dirigida por Deus, Eclesiastes aplica a sabedoria no objetivo filosófico de entender o significado da vida. Aqui Salomão focaliza a existência no seu todo, e não nas suas particularidades. Seu interesse é mais pelo significado dela do que pelos seus problemas. Como um filósofo, ele se põe de lado para indagar o “porque” da vida. Sem uma resposta adequada ao “por quê?”, as perguntas que, como e quando são um tanto inexpressivas. Eclesiastes é o primeiro livro da Bíblia a fazer uma pausa e refletir filosoficamente no significado da própria vida

Esboço de Eclesiastes

TEMA: Futilidade de Procurar o Significado da Vida sem Deus
(Corolário: A Felicidade da Vida com Deus)

I	FUTILIDADE DE PROCURAR SIGNIFICADO DA VIDA SEM DEUS	1-6
	(Teste do Naturalismo)	
	A. Futilidade da Mera Sabedoria Natural	1
	B. Futilidade do Prazer e do Lucro	2
	C. Futilidade do Desprezo à Eternidade	3
	D. Futilidade da Extrema Labuta e do Sucesso	4
	E. Futilidade da Religião Vazia e das Riquezas	5
	F. Futilidade das Meras Realizações Terrenas	6
II	FELICIDADE DE ACHAR SIGNIFICADO DA VIDA COM DEUS	7-12
	(Descanso do Supernaturalismo)	
	A. Valor da Formação de Bom Caráter	7
	B. Responsabilidade do Bom Cidadão	8
	C. Necessidade de Considerar a Vida em Função da Morte	9
	D. Necessidade de Sabedoria	10
	E. Necessidade de Semear Sabiamente para Colheita Vindoura	11
	F. Necessidade de Lembrar-se de Deus nos Dias da Mocidade	12

à luz das aparentes futilidades defrontadas por todos. Deus contemplou Salomão com uma especial sabedoria divina para essa tarefa.

2. **NATURALISMO REJEITADO.** Nenhum outro livro da Bíblia é mais específico na rejeição do naturalismo ou eficácia da mera sabedoria humana para interpretar a vida do que Eclesiastes. O termo “debaixo do sol” (usado vinte e nove vezes) refere-se ao ponto de vista do homem natural que não considera a revelação divina. Em cores brilhantes, o autor expõe a futilidade de uma filosofia de vida apenas baseada na sabedoria natural, e mostra como, mesmo em alto grau, a sabedoria, riquezas e prazeres da vida resultam em total desilusão se procurados como um fim em si mesmos. Ele compara essa busca como “correr atrás do vento” (1:14, 17). Sua última advertência é acautelar-se com a concepção naturalista dos muitos persuasivos livros (12:12). Ao lê-los, é essencial estar firme nas “palavras de verdade” (12:10-11).
3. **ALEGRIA DE VIVER.** Eclesiastes tem sido considerado, muitas vezes, como o “mais lúgubre livro da Bíblia” por apresentar um freqüente grito de desespero. Na realidade, é exatamente o contrário. Ele é o livro do Antigo Testamento que mais apresenta conselhos para que homens e mulheres tenham prazer na vida. Quem tiver uma divina perspectiva de vida é chamado a regozijar-se em todos os seus aspectos. Isto é apresentado em diversos textos-chaves:
 - 2:1-10 Regozijar-se com buscas e prazeres meramente carnis é pura idiotice.
 - 2:24-26 Na perspectiva divina, até mesmo a prosperidade do iníquo é motivo de alegria, visto que contribuirá também para a prosperidade dos piedosos.
 - 3:12-13 Regozijar-se com os labores da vida é considerado uma dádiva de Deus, e não deve ser minimizada pelas aparentes injustiças da vida. Em tempo próprio, Deus cuidará soberanamente das injustiças dos iníquos.
 - 5:18-20 Embora a riqueza não seja em si um motivo de regozijo, não deve ser desprezada, e sim recebida como uma dádiva divina e usada, pois para isso Ele dá poder e oportunidade.
 - 7:3,14 Até mesmo na adversidade (num funeral), os piedosos devem sentir-se felizes. A sabedoria divina pode dar ânimo ao coração quando o rosto entristece. Tanto a prosperidade como a adversidade devem ser consideradas dádivas divinas para o nosso bem.

- 8:13-17 Quando o iníquo parece triunfar, os justos devem regozijar-se na total soberania divina. Deus raramente executa sentença contra os perversos de imediato, mas cuidará deles no seu próprio tempo.
- 9:7-10 Como Deus é o Autor da verdadeira alegria, a vida deve ser vivida ao máximo e prazenteiramente. As alegrias da felicidade matrimonial devem ser consideradas dádivas divinas.
- 11:8-10 Tanto os jovens como os velhos devem regozijar-se todos os dias da sua vida. Esse regozijo, porém, deve ter em vista o dia do julgamento divino, quando cada pessoa prestará contas a Deus. Tal ordem não é dada para reprimir a alegria, mas para dirigi-la e ampliá-la.

O objetivo dessas exortações é semelhante ao de Paulo em Filipenses 4:4: “Alegrai-vos sempre no Senhor.” Deus não vê devoção num olhar triste, mas no sorriso da fé. A sua presença traz a plenitude da alegria.

4. **ESTRANHOS TRAÇOS AGNÓSTICOS** (2:14-16; 3:19-20; 9:2; etc.). Nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão contestado quanto à divina inspiração como Eclesiastes, principalmente devido às suas afirmações aparentemente agnósticas. Parece apresentar o mesmo destino para homens e animais, justos e injustos. Isso decorre em virtude de uma falha em alcançar o objetivo do livro. É um sermão com texto, introdução, tese, elaboração, ilustração, conclusão e aplicação, e precisa ser interpretado aos poucos. Seu método é dialético. São apresentados dois pontos de vista com negações e afirmações sucessivas em todo o livro. O ponto de vista do naturalismo (“debaixo do sol”) é abertamente afirmado à medida que as diversas experiências são executadas, declarando a total futilidade da vida naquela perspectiva. O autor tem um objetivo em vista ao levar-nos pelo labirinto dos enigmas da vida, ajudando-nos a discernir o seu verdadeiro propósito. Afirmar as conclusões pessimistas do naturalismo é essencial para a ênfase da conclusão final do autor de que o verdadeiro significado da vida só pode ser percebido quando a pessoa teme a Deus e guarda os seus mandamentos.
5. **SOBERANIA DIVINA NA VIDA PESSOAL.** Do mesmo modo que muitos livros bíblicos apresentam a soberania de Deus em diversas situações, Eclesiastes enfatiza a soberania divina na vida pessoal. Deus faz a sua obra através de todas as personalidades a fim de anular a sabedoria e o orgulho das pessoas e até mesmo de fazer os perversos cumprirem os seus desígnios. Promove a prosperidade dos perversos para posterior auxílio aos justos. O per-

verso inconscientemente “ajunta e amontoa” para o justo (2:26). A ironia é que Deus faz até mesmo a ira dos homens louvável (Salmo 76:10). Essa soberania é enfatizada mais adiante pelo uso do nome “Elohim” (quarenta vezes) em *Eclesiastes*, o nome que enfatiza sua soberania e poder criativo.

- 6. ÊNFASE DA ETERNIDADE E JULGAMENTO** (3:11, 17; 11:9; 12:14). *Eclesiastes* é um dos poucos livros do Antigo Testamento que enfatizam a eternidade e o julgamento depois da morte. O Pregador declara que Deus tem “posto eternidade nos seus corações”, e que vão “à casa eterna” (12:5). Enfatiza que os “dias de trevas” serão muitos. Portanto, a vida deve ser aproveitada ao máximo como uma dádiva divina, mas sempre reconhecendo que “Deus há de trazer a juízo todas as obras”. Os homens não são como os animais. Foram criados para a eternidade e são obrigados a preparar-se para o lar eterno enquanto estão nesta vida, antes que “o pó volte à terra...e o espírito volte a Deus” (12:7).
- 7. PRIMEIRA MENÇÃO DE DEUS COMO “CRIADOR”** (12:1). “Lembra-te do teu Criador” é na Bíblia a primeira referência a Deus como Criador (Isaías 40:28; 43:15; Romanos 1:25; 1 Pedro 4:19). Ele é visto aqui não somente como Criador do universo, mas também como o Criador das pessoas redimidas e justas. A exortação é deixar que Deus continue sua obra criativa em nossos corações e vidas, e permitir que ele principie a obra cedo. Essa necessidade de principiar cedo é dramatizada pelo ancião, que é comparado a uma velha casa dilapidada, mostrando como o processo de envelhecimento torna mais e mais difícil realizar uma mudança. Essa precisa ser feita “antes que se rompa o fio de prata” (12:6). O trecho do Novo Testamento paralelo a esse é 1 Pedro 4:19, onde Deus é descrito como o “fiel Criador”, que usa até a adversidade para executar sua obra criativa na alma.
- 8. FORTE REIVINDICAÇÃO DE INSPIRAÇÃO E CERTEZA** (12:10-12). Embora o livro tenha sido grandemente atacado e contestado quanto à sua inspiração divina, conclui com uma das afirmações mais veementes de verdade do “Pastor” encontradas na Bíblia. Talvez o sábio Pregador tenha feito tal afirmação por prever forte oposição à sua análise do naturalismo humanístico. Para dominar essas verdades, declarou ele, é preciso muita firmeza, tanto ao enfrentar os enigmas da vida como os desafios do racionalismo.
- 9. CRISTOLOGIA EM ECLESIASTES.** Apesar de não haver nesse livro predição messiânica ou antítipos, podem-se notar algumas referências indiretas. A mensagem é designada “palavras de ver-

dade” dadas pelo “único Pastor” (12:10-11). Disse Cristo ser ele “a verdade” (João 14:6), “o bom pastor” (João 10:11) e “maior do que Salomão” (Lucas 11:31), e que vinha para revelar o verdadeiro significado da vida. Do mesmo modo que Salomão passou pela experiência daquelas muitas futilidades para que compartilhássemos vicariamente as suas conclusões sem ter experimentado todas elas, Cristo também passou por um número muito maior de experiências, até de ser desamparado por Deus, para que pudéssemos vicariamente compartilhar os benefícios da sua sabedoria e obra redentora.

Cantares de Salomão

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus deram-lhe o nome de “Cântico dos Cânticos” (*Shir Hash-shirim*), devido às primeiras palavras do livro: “Cântico dos cânticos de Salomão”, que enfatizam a importância de serem eles os “melhores cânticos” do filho de Davi.
2. Em português, o título é “Cantares de Salomão”.

B. AUTOR

1. Autoria salomônica negada. Muitos eruditos modernos afirmam que o livro foi escrito sobre Salomão, e não por ele. Alegam que deve ter sido redigido algumas centenas de anos mais tarde, em virtude da presença de várias palavras aramaicas, persas e gregas. O conhecimento cosmopolita de Salomão através de comércio, esposas estrangeiras e muitos visitantes poderia, entretanto, explicar muito bem esse fenômeno linguístico.
2. Autoria salomônica confirmada. É confirmada por diversas evidências internas e externas:
 - a. O primeiro versículo atribui o livro a Salomão com o típico prefixo hebraico para autoria (*lamedh*). Refere-se a esse rei cinco vezes, sendo que na última dirige-se a ele (8:12).
 - b. Salomão escreveu 1005 cânticos, sendo Cantares o único preservado (1 Reis 4:32).
 - c. As muitas referências a flores e árvores (21 variedades) e animais (15 espécies) indicam ser Salomão o autor, pois era ele um especialista nesses estudos (1 Reis 4:33).
 - d. As referências geográficas ao norte e ao sul de Israel falam da nação ainda unida, antes da divisão em 931 a.C.

- e. A tradição judaica tem considerado universalmente Salomão como o autor, e o povo judeu lê como de sua autoria os Cantares de Salomão todos os anos por ocasião da Festa da Páscoa.
- f. O livro tem muitas semelhanças terminológicas com Provérbios e Eclesiastes (nem Eclesiastes nem Cantares de Salomão usam o nome divino Yahweh).
- g. A objeção de que um polígamo não poderia ter escrito esses cantares de fidelidade conjugal é a mesma coisa que fazer objeção à autoria salomônica de Provérbios, com base no fato de ter ele violado tantos dos seus princípios. Cantares de Salomão refere-se, na realidade, a sessenta rainhas, oitenta concubinas e um número incontável de virgens que o Amado deixa dirigindo-se à Sulamita (6:8-9).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FORAM ESCRITOS — 90 a.C., aproximadamente.

1. Admitindo que o autor seja Salomão, Cantares foi provavelmente escrito depois de ele tornar-se rei, ter adquirido muitas carruagens do Egito e ter ampliado suas vinhas até o vale setentrional de Jezreel. O seu harém de esposas e concubinas ainda era pequeno (60 e 80, em comparação com as 700 e 300 posteriormente).
2. Como já foi observado, é provável que Cantares seja o mais antigo livro canônico de Salomão. Encaixa-se bem no princípio do seu reinado, do mesmo modo que Provérbios reflete a meia-idade e Eclesiastes anos posteriores. Os três livros também refletem seus grandes dons pessoais como amante, sábio e pregador.

B. CENÁRIO HISTÓRICO

1. Como filho de Davi, o “mavioso salmista de Israel” (2 Samuel 23:1), era natural que Salomão se interessasse por música e cânticos. Davi escreveu muitos salmos e Salomão, 1005 cânticos (1 Reis 4:32). A preocupação com mulheres foi também uma característica dos muitos romances do seu pai. É evidente que muitos dos casamentos de Salomão foram motivados por conveniência política, a fim de promover alianças pacíficas com as nações vizinhas. É provável que a maioria dessas mulheres fosse da realeza ou de elevada posição social e não de classe humilde. Daí o realce de o romance e o casamento com a Sulamita, descrito nos Cantares, ser realmente singular, pois dramatiza o genuíno amor de Salomão pela sua amada, não devido a conexões políticas, mas à sua beleza e caráter.

2. O cenário de Cantares é campestre, apesar de mostrar alguns vislumbres da corte real de Jerusalém. Falas e coros estão cheios de imagens de jardins, árvores, flores, montanhas arborizadas, animais selvagens, vinhas, fontes e regatos, conteúdo ideal para uma história campestre de amor. Os locais variam de En-Gedi e Jerusalém, no sul, até os montes Gileade, Hermom e Líbano, no norte. A maioria das cenas descreve o norte rural e não o sul. No antigo Israel, os casamentos eram de grande importância para as famílias e a comunidade rural. Os festivais de núpcias costumavam durar uma semana, ocasião em que o noivo e a noiva eram tratados como reis pelos camponeses locais.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Pergunta-se qual a analogia entre a religião e o livro Cantares de Salomão. Tudo parece demonstrar que seja um cântico erótico de amor sem referência à religião ou fé em Deus, cujo nome não é mencionado, exceto “Yah”, denominação divina abreviada, que aparece incidentalmente em 8:6 (no original). Entretanto, o rabino Akiba (135 d.C., aproximadamente) asseverou que era o mais sagrado dos Livros Sagrados (hagiógrafos) de Israel. Foi considerado sagrado como alegoria do relacionamento amoroso entre Israel e o Senhor da aliança. Como tal, era lido anualmente pela nação por ocasião da Festa da Páscoa, quando o povo comemorava a libertação do Egito e o seu novo relacionamento com Yahweh, o Deus da aliança. Não se sabe quando a nação passou a considerar o livro dessa maneira, mas parece ter sido esse um dos motivos que determinaram sua inclusão no Cânon Hebraico.
2. Esse Cântico de Amor, porém, foi também apreciado e julgado sagrado por Israel devido à sua descrição cândida, mas primorosamente metafórica, do amor conjugal. Eleva o relacionamento entre esposo e esposa a um alto plano de dever sagrado e experiência espiritual, cumprindo a ordem divina da intimidade conjugal de Gênesis 2:24. Enfatiza também a importância de adiar tal intimidade, “nem despertem o amor” (8:4), até chegar o dia do casamento.

MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO

A. CANTARES — TIPO SINGULAR DE LITERATURA

Poucos livros da Bíblia têm sido tão incompreendidos como Cantares. Alguns o vêem como erotismo crasso, e outros como alegoria inútil. As falas parecem fundir-se e o movimento do enredo é difícil de compreender. Nem sempre é fácil distinguir as muitas

Esboço de Cantares de Salomão

TEMA: As Delícias do Puro Amor Conjugal Retratando o Amor de Deus pelo Seu Povo

I CONSUMAÇÃO DO AMOR NA UNIÃO CONJUGAL	1-4
A. CENA 1: <i>Salomão e sua Noiva Trocam Votos Conjugais</i>	1:1-2:7
1. Palavras de Amor ao Entrar no Palácio	1:1-4
2. Explicação às Virgens Sobre a Pele Escura	1:5-6
3. Palavras de Amor a Caminho do Salão de Banquetes	1:7-2:6
(CORO: Alerta às virgens para que não despertem o amor prematuramente)	2:7
B. CENA 2: <i>A Noiva de Salomão Relembra o Primeiro Encontro</i>	2:8-3:5
1. Ela se lhe Apresenta como Pastora do Líbano	2:8-17
(Pedida em casamento e noivado primaveril)	2:10-17
2. Ela Sonha Estar Procurando o Seu Amor	3:1-4
(CORO: Alerta às virgens para que não despertem o amor prematuramente)	3:5
C. CENA 3: <i>Retorno de Salomão para Reivindicar Sua Noiva — Noite de Núpcias</i>	3:6-5:1
1. Seu Retorno Majestoso com Pompa Real	3:6-10
2. Amor Conjugal Expresso em Termos Íntimos	
Amor consumado no “jardim” do amor	4:1-5:1a
(CORO: “Bebei fartamente, ó amados” talvez por Deus.)	5:1b
II CONTINUIDADE DO AMOR NA COMUNHÃO CONJUGAL	5-8
A. CENA 4: <i>A Noiva de Salomão Sonha que Perde o Seu Amor</i>	5:2-6:3
1. Investida Noturna e Reação Demorada	5:2-8
2. Ela Reafirma o Seu Amor Apesar da Atividade do Seu Amado ...	5:9-6:2
(CORO: “Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.”)	6:3
B. CENA 5: <i>Salomão Reafirma o Seu Amor pela Sulamita</i>	6:4-7:10
1. Ele Proclama a Suprema Beleza da Amada	6:4-10
Timidamente ela se retira para o “jardim das nogueiras”	6:11-13
2. Ele Proclama a Beleza Sexual da Amada	7:1-9
(CORO: “Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim.”)	7:10
C. CENA 6: <i>A Noiva Suspira pelo Seu Lar no Líbano</i>	7:11-8:4
1. Ela Sugere Trabalho e Amor em Férias no Líbano	7:11-13
2. Ela Deseja Mostrar o Seu Grande Amor à Sua Família	8:1-3
(CORO: Alerta às virgens para que não despertem o amor prematuramente)	8:4
D. CENA 7: <i>Salomão e Sulamita Renovam Seu Amor no Líbano</i>	8:5-14
1. Com os Irmãos Ela Exulta pelo Ardente Amor do Seu Amado ..	8:5-7
2. Ela Relembra a Forte Proteção dos Irmãos	8:8-9
Ela era uma “vinha” preservada para Salomão	8:10-12
3. Convite Mútuo num Abraço Amoroso	8:13-14

metáforas das descrições literais. A fim de esclarecer tais problemas, é importante determinar qual o tipo de sua literatura. Se for um drama, haverá uma determinada interpretação; se for uma série de “idílios” líricos, é provável que a interpretação seja outra. Assim, é importante que os dois tipos de literatura sejam entendidos e diferenciados.

1. Drama. É uma apresentação teatral de uma série de acontecimentos que atingem um clímax. É mais uma apresentação de atividades do que uma descrição ou reflexão (que pode ser épica ou lírica), onde é possível voltar-se parenteticamente para descrever ou recordar acontecimentos ou características anteriores para maior clareza. Tal coisa não acontece no drama, pois ele é a pura apresentação de atividades em seqüência. Além do mais, o drama não tem a interrupção de um coro abstrato, nem dele necessita, exceto quando aquele coro faz parte da cena. Todos os atores do drama contribuem para o movimento da história dramatizada. O Livro de Jó é um exemplo de drama religioso.
2. Idílio Lírico. É uma forma um tanto incomum e precisa ser diferenciada do idílio épico e do drama. O termo “idílio” vem da Sicília, e significava uma “cena campestre” descrita para o povo da cidade de Alexandria. Portanto, idílios são figuras de cenas rurais agrupadas para contar uma história. Difere do drama no sentido de que a história pode começar no meio ou no fim e recordar os antecedentes ou acontecimentos introdutórios através de uma série de reminiscências. Outra característica dos idílios é que as cenas são muitas vezes interrompidas por coros parentéticos relacionados, não com a cena próxima, mas com o tema geral, enfatizando-o. Esses coros também servem para separar os vários diálogos ou figuras. (V. Richard Moulton, *The Literary Study of the Bible* [Estudo Literário da Bíblia], pág. 78, 297 e ss.).
3. A Importância da Forma na Interpretação. O reconhecimento dessas duas formas de poesia ajuda a classificar os Cantares de Salomão e entendê-lo melhor. As duas formas admitem interpretações diferentes:
 - a. Hipótese do Pastor. “Aqueles que o consideram um drama concordam quanto ao seu enredo: que a Sulamita é cortejada pelo rei Salomão com ofertas de régio esplendor, mas permanece fiel ao seu humilde pastor e o rei Salomão recua, terminando com a união dos fiéis amantes.” (*Ibidem*, pág. 207). Nesse caso o rejeitado é Salomão. Mas, como observa Leland Ryken, “O drama é baseado em conflito e é uma

seqüência de acontecimentos fácil de ser entendida. Nada disso é encontrado nos Cantares de Salomão, pois é uma celebração de um feliz amor em vez de um conflito, e tem uma estrutura fragmentada que não seria clara se levada em cena. Se o poema fosse um drama, o poeta teria colocado nomes para as diversas falas. Muita coisa — de fato, quase tudo — tem de ser acrescentada para que a obra se torne uma peça.” [Ryken, *The Literature of the Bible* (Literatura da Bíblia), pág. 217].

- b. Romance e Casamento de Salomão com a Sulamita. Aqueles que consideram o poema um conjunto de idílios, identificam Salomão como o amante em toda a história, que seria a seguinte: “O rei Salomão, ao visitar a sua vinha do monte Líbano, encontra-se por acaso com a formosa donzela Sulamita, que dele foge. Ele a visita disfarçado em pastor e conquista o seu amor. Vem, então, com toda a pompa requisitá-la como a sua rainha. Casam-se no Palácio Real quando o poema principia.” (Obra citada, pág. 207). Entremeiam-se reminiscências da época da conquista e reflexões feitas pelos amantes, bem como coros que realçam as várias figuras.

O último ponto de vista parece o mais plausível por diversos motivos:

- a. No primeiro versículo do livro lê-se: “Cântico dos cânticos de Salomão”, isto é, seu cântico de amor mais primoroso e não o seu fracasso amoroso mais notável. É difícil crer que Israel tivesse Cantares em tão alto conceito se o livro reproduzisse a triste derrota do seu amante mais famoso.
- b. A forma literária de puro drama era extremamente rara entre os hebreus. Além disso, Cantares não se encaixa na exigência literária de um drama.
- c. O livro encaixa-se com perfeição na forma literária dos idílios com as sete cenas, reminiscências e coros parentéticos.
- d. Considerar Salomão como o único amante em todo o livro é mais compatível com o traço religioso — simbolismo do amor do Senhor por Israel e do amor de Cristo pela igreja — o triunfo do amor divino.

B. MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO

Têm sido vários os pontos de vista quanto à maneira de serem interpretadas as descrições de Cantares no tocante ao seu objetivo básico e quanto à sua aplicação. Admitindo que o enredo se refere ao romance mais perfeito da vida de Salomão, por que teria sido

Cantares preservado, ou qual seria o benefício para Israel e a igreja?

1. Ponto de Vista Literal (naturalista puro). Esse ponto de vista interpreta o poema como uma figura do amor conjugal puro, sem nenhum significado espiritual ou algo mais transcendente. Teodoro de Mopsuestia (533 d.C), por exemplo, considerou-o como um cântico escrito por Salomão por ocasião do seu casamento com a filha do Faraó. Embora Mopsuestia tenha sido condenado pela igreja por essa interpretação puramente humana, parece haver um objetivo moral na ênfase da dignidade e pureza do amor conjugal. Mas, se é apenas uma história de amor humano, nada acima de uma lição moral, sua inclusão no Cânon Hebraico é difícil de explicar.
2. Ponto de Vista Alegórico. Antigas tradições judaicas consideravam o poema como uma alegoria que retratava o amor de Deus por Israel, e a igreja primitiva simplesmente batizou aquele conceito como sendo o amor de Cristo pela Igreja. Essa tornou-se a interpretação dominante na maior parte da história eclesiástica. É compatível com outros textos bíblicos. O problema, entretanto, é que essa história não é uma alegoria, e sim um acontecimento afirmado e confirmado na vida de Salomão. Negar tal coisa a fim de ilustrar uma verdade espiritual já ensinada em outros lugares é deixar de perceber seu propósito original. O ponto de vista alegórico também leva a analogias absurdas e embaraçosas, obviamente forçadas.
3. Ponto de Vista Típico. É uma combinação das interpretações anteriores sem as suas armadilhas. Proporciona um reconhecimento apropriado à sua autenticidade histórica com a importante lição de puro amor conjugal; mas abrange também uma aplicação espiritual referente ao amor de Deus para com o seu povo. Evita, assim, o mero secularismo do estrito ponto de vista literal e os absurdos do ponto de vista alegórico. Reconhece um antítipo apenas em umas poucas situações. Ensina, portanto, algumas lições importantes, há muito negligenciadas pela igreja, referentes às “intimidades conjugais” dos casais cristãos; incute, também, a grande verdade do amor pessoal de Deus por Israel e pela Igreja.

OBJETIVO DE CANTARES DE SALOMÃO

A. *O objetivo histórico* do livro é comemorar o casamento de Salomão com a linda Sulamita e expressar as delícias do casamento nas suas relações mais íntimas como uma dádiva de Deus. Com essa ênfase positiva fica a constante advertência aos jovens para manter pacientemente a virgindade e pureza sexual, tendo em

vista que poderão expressar todo o seu amor na união conjugal.

- B. *O objetivo religioso* do livro baseia-se na lição do puro amor conjugal para retratar a relação amorosa entre o Senhor e o seu povo: Israel e Yahweh no Antigo Testamento, a Igreja e Cristo no Novo Testamento. Nenhum livro da Bíblia expressa essa intimidade amorosa conjugal de um modo tão exclusivo como Cantares. Os dois objetivos complementam-se admiravelmente.

Contribuições singulares de Cantares de Salomão

1. **O GRANDE LIVRO BÍBLICO DA “LUA-DE-MEL”.** Insuperável pela sua beleza, figuras sutis e profundas verdades humanas, o livro Cantares de Salomão tem sido chamado o “Grande Cântico de Amor do Mundo” (“great honeymoon Song of the world”, R. Moulton, pág. 221). Escrito pelo amante de mais experiência em Israel, é o livro bíblico especializado em amor conjugal. Das quarenta e seis ocorrências do termo “amado” no Antigo Testamento, trinta e três estão neste livro. A sua ênfase é tão exclusiva nos aspectos físicos de romance, beleza e amor, que muitos o consideram erotismo crasso e não-qualificado para fazer parte do cânon sagrado. O principal objetivo, entretanto, é realçar a união conjugal que foi instituída por Deus no Éden, mostrando a glória e as delícias que tão facilmente se tornam denegridas pelos ascéticos ou aviltadas pelos eróticos. Sua mensagem bem pode ser a base do Antigo Testamento (Gênesis 2:24) para as referências feitas por Paulo ao leito sem mácula (1 Coríntios 7:2; 1 Timóteo 4:3; Hebreus 13:4). Julga-se que o nome “Sulamita” (Cantares 6:13) seja o feminino de “Salomão” (Shelomoh), significando o papel vital e complementar que Salomão atribuía à sua noiva.
2. **SUA MENSAGEM VITAL PARA A JUVENTUDE.** Embora se diga que os rabinos judeus da época intertestamentária proibissem a leitura do livro aos menores de trinta anos, ele foi escrito especialmente para os jovens. As pessoas mais visadas são as jovens virgens (“filhas de Jerusalém” 2:7; 3:5, 10; 5:8, 16; 8:4). Esses coros temáticos encorajam-nas a acalmar as emoções e preservar a virgindade para a grande ocasião da lua-de-mel com o companheiro da aliança, o sonho de todas as donzelas. O livro apresenta uma certa educação sexual franca, porém delicadamente metafórica, emoldurada de sutil linguagem figurada e beleza poética a fim de apresentar a verdade sem rudeza. Como era lido anualmente pela nação na Festa da Páscoa, Cantares fazia parte tradicional da cultura hebraica. Sua mensagem sexual ia aos poucos revelando-se

aos jovens, à medida que amadureciam e tornavam-se aptos a perceber o seu significado. Desse modo, trazia ao jovem a alegria da descoberta, inculcando a verdade oculta do grande valor da pureza sexual à medida que ele lutava com as emoções imaturas e esperava o dia de expressá-las adequadamente na união conjugal.

- 3. CÂNTICO DA FESTA DA PÁSCOA.** Pode parecer estranho que um cântico de amor com ênfase na atração e amor físicos se tornasse um livro de “Escritos Sagrados” para ser lido na Festa da Páscoa. Essa festa era a primeira do ano religioso de Israel, uma ocasião muito solene. O fato de o livro não mencionar Deus, culto ou religião, torna isso ainda mais estranho. Se, porém, nos lembrarmos de que a Páscoa era a comemoração do livramento de Israel e do princípio do relacionamento como uma nação sob a aliança, teremos um indício da propriedade dos Cantares na Páscoa. A aliança de Israel com o Senhor é muitas vezes retratada pela união conjugal (Isaías 50:1; 54:5; etc.). Num certo sentido, a Páscoa era uma comemoração de aniversário. A descrição sutil do relacionamento divino por trás do romance humano (a história de Salomão e sua noiva), também explica a ausência de menção direta de Deus. A presença divina permeia o livro na pessoa de Salomão, o amado. Do mesmo modo que as parábolas de Jesus muitas vezes apresentam Deus na figura de um “rei”, “juiz”, “pai” etc., Cantares de Salomão ensina com habilidade a verdade divina do relacionamento do Senhor com o seu povo, ao descrever o modelo carnal do matrimônio. Deus estava sempre presente na Páscoa ao ser lembrada a sua misericórdia, e a leitura de Cantares dava mais ênfase à união espiritual da aliança. Não é de admirar que os judeus considerassem Cantares de Salomão o “santo dos santos” dos “Escritos Sagrados!”
- 4. ÊNFASE DE DUAS CARACTERÍSTICAS DO AMOR.** Esse cântico salienta duas características importantes do amor: ternura e terror. É graciosamente terno no cuidado carinhoso e arrebatado na proteção ciumenta. É gentil como o manuseio delicado de um “lírio entre espinhos” (2:2-4), e feroz como “veementes labaredas” (8:6). O poder, a tenacidade e a imensa valia do amor verdadeiro estão majestosamente descritos em 8:7: “As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.” As duas características do amor são como selo sobre o coração e o braço, seu terno afeto e sua verdadeira afirmação (8:6). São as qualidades recomendadas para o amor conjugal e, acima de tudo, as qualidades do amor de Deus (Êxodo 34:14; Deuteronômio 5:9; Lucas 1:78).

- 5. LIVRO MAL COMPREENDIDO E NEGLIGENCIADO.** Quando bem-entendido, o ensino desse livro é importante a todas as gerações, especialmente a nossa, que enfatiza as emoções liberadas e a permissividade. Entretanto, Cantares de Salomão, como o Livro de Eclesiastes, está entre os livros mais mal-entendidos e evitados da Bíblia. Os dois livros procuram combater dois dos maiores pecados morais e filosóficos dos nossos tempos: 1) o pecado da abominável filosofia de vida que afirma ser a morte o fim da existência; 2) o pecado da permissividade do sexo pré-conjugal. Isso tem acontecido, em grande parte, devido ao não reconhecimento da linguagem metafórica de advertência aos solteiros e às francas descrições um tanto chocantes do amor conjugal. Muitos ascetas puritanos bem-intencionados, que consideram o sexo como mal necessário, só podendo ser discutido aos cochichos, acham a franqueza de Cantares quase ilícita. Uma compreensão correta do desenvolvimento da narrativa e das metáforas empregadas revela um modo muito delicado de tratar do assunto, em nada diferente da maneira dos profetas e do Senhor (Ezequiel 23:3, 21; Lucas 23:29).
- 6. CRISTOLOGIA DE CANTARES.** Assim como Cantares simbolizava o relacionamento de amor entre o Senhor da Aliança e Israel, também tipifica o relacionamento de amor entre Cristo e a Igreja. Cristo é “maior do que Salomão”, ao qual está a Igreja prometida “como virgem pura” (Mateus 12:42; 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:27). Talvez não haja descrição metafórica melhor do relacionamento conjugal e íntimo do que a de Cantares de Salomão. Embora da primeira vez tenha vindo como Pastor para desposar sua noiva, Ele ainda virá em esplendor real para recebê-la na sua câmara de núpcias. Nesse ínterim, seu “estandarte” (solicitude protetora) sobre ela é o amor (Cantares 2:4).

Introdução aos Livros Proféticos

Os Livros Proféticos apresentam um tipo especial de literatura bíblica escrita para objetivos específicos na história posterior de Israel. Os dezessete livros de profecia complementam os dezessete livros históricos de muitas maneiras. A ênfase não é tanto histórica, e sim exortativa. O tom é também mais intenso, como arautos notáveis trazendo conselho e admoestação em épocas de grande crise e angústia nacional. Todavia, além de censurar por falhas passadas e advertir diante dos perigos do momento, os profetas apontavam para o futuro. Falavam do julgamento e dos tempos messiânicos que viriam para promover arrependimento e volta à justiça. Para uma apreciação devida dos Livros Proféticos, é preciso estar cômico das funções dos profetas, seus ministérios e temas principais.

I FUNÇÕES DOS PROFETAS

Os profetas de Israel foram chamados individualmente e unidos por Deus para o serviço de “emergência”, em contraste com o serviço regular dos sacerdotes, anciãos e reis. Além de serem denominados “profetas” (hebraico *nabi*), também recebiam o nome de “videntes” (*roeh* ou *chozeh*), “sentinelas” (*tsaphah*) ou “pastores” (*raah*). Esses termos indicam suas funções ao serem chamados por Deus para interpretar e anunciar a palavra específica do Senhor para o seu povo. As funções gerais dos profetas podem ser observadas nas três seguintes classificações:

- A. *Porta-voz especial de Deus.* O termo “profeta” (heb., *nabi*, e gr. *prophetes*) significa “falar por” ou representar. Sua tarefa mais importante era agir como embaixadores ou mensageiros divinos, anunciando a vontade de Deus para o seu povo, especialmente

em época de crise. Eram, acima de tudo, pregadores da justiça em época de decadência moral e espiritual, quase sempre numa posição isolada.

B. *Vidente*. A credencial de um profeta verdadeiro de Deus era a habilidade infalível de penetrar no futuro e revelá-lo (Deuteronômio 18:21-22). Essa habilidade autenticava sua mensagem como sendo divina, porquanto somente Deus conhece o futuro. Por intermédio dessa função profética Deus chamou a atenção para o seu programa futuro com relação a Israel e às nações, elaborando depois o que já tinha esboçado nas alianças com os antepassados.

C. *Professor da Lei e da justiça*. Apesar de os sacerdotes e levitas serem normalmente os professores de Israel, os profetas também receberam essa função quando o sacerdócio degenerou (Levítico 10:11; Deuteronômio 33:10; Ezequiel 22:26). Quando ensinavam, o contexto era geralmente de julgamento (Isaías 6:8-10; 28:9-10).

II RELAÇÃO ENTRE PROFETAS E SACERDOTES

Embora ambos fossem designados por Deus para o serviço religioso, havia entre eles algumas diferenças importantes:

- A. *Quanto à chamada*, os profetas eram chamados e designados por Deus individualmente, ao passo que os sacerdotes eram designados em virtude da sua descendência de Arão.
- B. *Quanto ao cargo*, os profetas eram representantes de Deus perante o povo; os sacerdotes eram representantes do povo perante Deus. Portanto, o principal lugar do ministério dos sacerdotes era o santuário, o lugar da Presença de Deus, ao passo que os profetas dirigiam-se ao povo nas cidades e na zona rural.

JUDÁ			ISRAEL		
841	Rainha Atalia	JOEL (830-825)	841	Jeú	JONAS (785-760) AMÓS (760) OSÉIAS (755-725)
835	Joás		814	Jeocaz	
796	Amazias		798	Jeoás	
792	Azarias(Uzias)		793	Jeroboão II	
750	Jotão	753	Zacarias		
		ISAÍAS (740-680)	752	Salum	
		MIQUÉIAS (730-720)	752	Menaém	
			742	Pecaías	
743	Acáz		752*	Peca	
728	Ezequias		732	Oséias	

CRISE: Em 722, os assírios destruíram Samaria e exilaram Israel para a Assíria. Judá foi poupado em virtude da reforma de Ezequias e do expurgo da idolatria.

As Épocas dos Profetas da "Escrita" de Israel*

JUDÁ			ISRAEL		
DATA	REI	PROFETA	DATA	REI	PROFETA
931 a.C.	Roboão		931 a.C.	Jeroboão I	
913	Abias		910	Nadabe	
911	Asa		909	Baasa	
			886	Elá	
			885	Zinri	
			885	Onri	
873	Josafá	OBADIAS (845)	874	Acabe	(Elias, 870-845)
853	Jeorão		853	Acazias	(Eliseu, 845-798)
841	Acazias		852	Jorão	

CRISE: Em 931, ano da morte de Salomão, a nação dividiu-se em dois reinos, Judá e Israel.

CRISE: Em 841, Jeú matou os reis de ambos os reinos, apoderou-se do trono de Israel e destruiu o generalizado culto a Baal no reino do Norte.

697	Ezequias	NAUM (710, aproximadamente)	
642	Manassés		
640	Amom	JEREMIAS (627-585); SOFONIAS (625)	
609	Josias		
609	Jeocaz		
609	Jeoquim	HABACUQUE (607)	
597	Joaquim		
597	Zedequias		
		DANIEL (603-536); EZEQUIEL (592-570)	

CRISE: Em 586, os babilônios destruíram Jerusalém e exilaram os judeus para a Babilônia. Em 538, a Pérsia libertou e devolveu os exilados para eles construírem o templo em Jerusalém.

536	Zorobabel (Gov.)	AGEU (520); ZACARIAS (520-480)	
444	Neemias	MALAQUIAS (430)	

* V. "Cronologia dos Reis do Reino Dividido" para regências coincidentes.

C. *Quanto à obra especial*, os profetas preocupavam-se com a justiça espiritual e a purificação do coração; os sacerdotes estavam mais interessados no sistema religioso da aliança de Israel. Ambas as funções eram importantes para o sistema de aliança de Israel, e se complementavam.

D. *Quanto ao ensino*, ambos interpretavam a Lei. Como já foi observado, os sacerdotes eram professores habituais; os profetas, pregadores de reavivamento. Os sacerdotes “informavam”, os profetas “reformavam”. Os sacerdotes instruíam a mente do povo, os profetas desafiavam o arbítrio, e se pronunciavam com enérgica insistência quando a Lei era negligenciada pelos líderes e pelo povo.

III VÁRIAS CLASSES DE PROFETAS

Os profetas de Israel remontam aos antepassados Abraão, Moisés e Samuel, que foram denominados “profetas” (Gênesis 20:7; Deuteronômio 18:15; 1 Samuel 3:20). Por intermédio deles, Deus falou ao povo e estabeleceu suas alianças com a nação. Moisés foi uma espécie de protótipo dos profetas, prenunciando o último grande profeta, o Messias, que se levantaria para falar palavras poderosas, autenticadas por obras poderosas e desempenho brilhante (Deuteronômio 18:15-22). Embora os cargos de sacerdote e rei fossem restritos a homens e determinadas tribos, algumas profetisas foram chamadas na história de Israel: Miriã, Débora e Hulda (Êxodo 15:20; Juízes 4:4; 2 Reis 22:14).

Considera-se ter sido Samuel aquele que principiou a ordem profética, o primeiro numa seqüência, durante a monarquia de Israel (1 Samuel 3:1; Atos 3:24). Essa seqüência não era contínua. Prosseguia, porém, esporadicamente quando o Senhor fazia a designação para esse cargo. Eram profetas da “palavra” e da “escrita”.

A. PROFETAS DA “PALAVRA”

- | | | |
|--------------------|--|-----------------|
| 1. Gade | Aconselhou a Davi no deserto. | (1 Samuel 22:5) |
| 2. Natã | Aconselhou a Davi a respeito da Aliança e do adultério | (2 Samuel 12:1) |
| 3. Ido | Escreveu os Atos de Salomão. | (2 Crôn. 9:29) |
| 4. Afás | Informou a Jeroboão de que ele seria rei do norte. | (1 Reis 11:29) |
| 5. Semaías | Avisou a Roboão que não pelesse contra Jeroboão. | (1 Reis 12:22) |
| 6. “Homem de Deus” | Repreendeu a Jeroboão devido aos sacrifícios aos bezerros. | (1 Reis 13:1) |
| 7. “Velho Profeta” | Testou o “homem de Deus” para certificar-se. | (1 Reis 13:11) |
| 8. Azarias | Encorajou a Asa no seu primeiro ato de reforma. | (2 Crôn. 15:1) |

- | | | |
|-------------------------------|---|---------------------------------|
| 9. Hanani | Repreendeu a Asa pelo auxílio da Síria e foi preso. | (2 Crôn. 16:7) |
| 10. Jeú, filho de Hanani | Repreendeu a Baasa, de Israel: “Os cães comerão” os descendentes de Baasa. Repreendeu a Josafá por ter feito aliança com Acabe. | (1 Reis 16:1)
(2 Crôn. 19:2) |
| 11. Jaaziel | Aconselhou a Josafá a confiar em Deus, que lhe daria a vitória. | (2 Crôn. 20:14) |
| 12. Elias | Repreendeu a Acabe e Jezabel pelo culto a Baal. | (1 Reis 17:1 e ss.) |
| 13. Profeta Desconhecido | Aconselhou a Acabe a respeito da vitória sobre a Síria. | (1 Reis 20:13) |
| 14. Micaías | Informou Acabe do plano do Senhor a respeito da morte do rei. | (1 Reis 22:14) |
| 15. Eliseu | Reprovou o culto a Baal em Israel e fez muitos milagres. | (2 Reis 2:1 e ss.) |
| 16. Jovem Profeta | Ungiu a Jeú para rei e destruidor da casa de Acabe. | (2 Reis 9:1 e ss.) |
| 17. Zacarias, filho de Joiada | Repreendeu a Joás pela apostasia e foi morto pelo rei. | (2 Crôn. 24:20) |
| 18. Obede | Advertiu a Peca, de Israel, que libertasse os cativos judeus. | (2 Crôn. 28:9 e ss.) |

B. PROFETAS DA “ESCRITA”

Quase todos os profetas da “escrita” escreveram depois de terem sido profetas da “palavra”, conforme se verá no próximo quadro. Principiando mais ou menos na época do expurgo do culto a Baal por Jeú, os períodos de maior concentração desses profetas foram justamente antes da destruição do reino do Norte e antes da destruição do reino do Sul. Manifestavam-se geralmente em época de decadência nacional e julgamento iminente. Eram, num certo sentido, a incômoda consciência da nação. Nesse contexto podemos observar os seguintes temas importantes:

1. *Temas Éticos:*

- A condenação da idolatria, imoralidade e injustiça seguida do convite para arrependimento e vida íntegra.
- O caráter de Deus ao exigir justiça e misericórdia, e ao prometer julgamento para os impenitentes.
- A religião verdadeira está ligada ao coração e não apenas às mãos.

2. *Temas Escatológicos:*

- A vinda do Senhor e o seu impacto sobre Israel e as nações.
- O caráter e a vinda do Messias no julgamento, salvação e glória.
- A vinda da era messiânica e suas bênçãos sobre Israel e o mundo.
- A preservação dos restantes fiéis de Israel.

O Livro de Isaías

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. O nome deste primeiro livro profético, “Isaías”, quer dizer “O Senhor (YHWH) é a salvação”, um nome que bem expressa o tema do livro, bem como o assunto global dos mensageiros de Deus. Como ocorre com todos os livros-escritos por profetas, Isaías é o nome do seu autor.
2. Deve-se observar que os títulos dos livros proféticos têm um significado que sugere de maneira notável o seu conteúdo, o que também acontece com o nome de muitos personagens do Antigo Testamento. Seus nomes dão o perfil do seu caráter. Por exemplo, Abraão (pai das nações), Jacó (suplantador) etc. O nome do Deus da aliança, Jeová, por exemplo, significa “Eu Sou”, Aquele que cumpre a sua palavra eternamente.

B. AUTOR

1. O profeta Isaías é chamado o “príncipe dos profetas do Antigo Testamento” devido ao enorme ímpeto, caráter majestoso, visão teológica e conteúdo messiânico da sua profecia. O texto o descreve como “filho de Amoz”, marido de uma profetisa e pai de dois filhos que deveriam ser “sinais” para a nação (1:1; 8:3, 18). As tradições judaicas indicam que ele era primo do rei Uzias e foi serrado ao meio pelo iníquo rei Manassés.
2. Pertenceu à família real. Dotado de uma espiritualidade profunda, bem-educado e capelão da corte de quatro reis de Judá por um período aproximado de cinquenta anos, Isaías foi talvez a figura mais monumental dos séculos intermediários da história de Israel.

Esboço de Isaías

TEMA: A Salvação é do Senhor — Tanto Nacional Quanto Pessoal

I PROFECIAS DE CONDENAÇÃO	1—35
A. <i>Julgamento e Livramento Final de Sião</i>	1-12
1. Rebelião atual e restauração futura	1-5
2. Altiva recusa da correção de Isaías	6
3. Livramento final pela vinda do Messias	7-12
B. <i>Julgamento das Nações devido à Sua Orgulhosa Independência</i>	13-23
1. Babilônia (13-14)	7. Egito (19-20)
2. Assíria (14:24-27)	8. Babilônia (21:1-10)
3. Filístia (14:28-32)	9. Edom (21:11-12)
4. Moabe (15-16)	10. Arábia (21:13-17)
5. Síria, Israel (17)	11. Jerusalém (22)
6. Etiópia (18)	12. Tiro (23)
C. <i>Julgamento de Toda a Terra antes da Glória do Reino</i>	24-27
1. Devastação da terra antes do domínio do Senhor	24
2. Restauração da terra antes do domínio do Senhor	25-27
D. <i>Julgamento de Israel devido às Alianças Seculares</i>	28-33
1. Aliança com a Assíria — Primeiro erro	28-29
2. Aliança com o Egito — Segundo erro	30-31
3. Confiança no Senhor — Paz e alegria	32-33
E. <i>Grande Julgamento e Favor Divino — O Dia do Senhor</i>	34-35
1. Grande ira do Senhor naquele Dia	34
2. Grande graça do Senhor naquele Dia	35
II PROFECIAS DE CONFIRMAÇÃO (<i>Cumprimento histórico</i>)	36—39
A. <i>Ameaça Assíria Afastada pela Confiança no Senhor</i>	36-37
B. <i>Ameaça Babilônica Anunciada pela Confiança nos Homens</i>	38-39
III PROFECIAS DE CONSOLAÇÃO	40—66
A. <i>Conforto da Majestade de Deus</i>	40-48
1. Majestade como Criador e Pastor	40-42
2. Majestade como Criador e Redentor	43-45
3. Majestade como Criador e Soberano	46-48
B. <i>Conforto da Graça de Deus</i>	49-57
1. Salvação oferecida pelo obediente Servo do Senhor	49-51
2. Salvação proporcionada pelo sofrido Servo do Senhor	52-53
3. Salvação proclamada pelo bondoso Servo do Senhor	54-57
C. <i>Conforto da Glória de Deus</i>	58-66
1. Glória de justiça em lugar de depravação	58-60
2. Glória de novo casamento em lugar de divórcio	61-63
3. Glória de renascimento em lugar de morte	64-66

C. DEBATE SOBRE A AUTORIA

1. Embora até 1775 quase não se questionasse a autoria desse livro como sendo de Isaías, ela é hoje praticamente contestada em todo o mundo pela alta crítica. O motivo básico de tal atitude relaciona-se com as meticulosas profecias do livro, algumas delas cumpridas em todos os detalhes 150 anos mais tarde, chegando mesmo a dar o nome de Ciro, o rei persa que libertou os cativos (44:28; 45:1). Muitos têm sido os argumentos citados para defender uma autoria dupla ou múltipla, sendo que os principais negam serem os capítulos 40-66 escritos pelo profeta Isaías.
2. Argumentos que negam ser Isaías o único autor:
 - a. O cenário exílico de Isaías 1-39 difere do cenário dos capítulos 40-66. Como os capítulos 40-66 descrevem Jerusalém em ruínas e o povo afligido pela Babilônia, eles devem ter sido escritos depois da destruição de Jerusalém em 586 a.C. Essa conclusão resulta da geralmente válida premissa de que os profetas geralmente falam para a geração seguinte com referência a assuntos contemporâneos. Porém, aplicar essa premissa de um modo geral negaria, evidentemente, toda profecia de longo alcance.
 - b. O estilo literário de Isaías 1-39 difere do estilo dos capítulos 40-66. A suposição é de que o autor não modificaria o seu estilo num período de 40 a 60 anos, mesmo escrevendo sobre uma variedade de assuntos. Seria o caso de parcelar a obra de Shakespeare, pois nela encontram-se quatro estilos diferentes, conforme observação de Gleason Archer, *In the Shadow of the Cross* (À Sombra da Cruz). Deve-se observar que há numerosas semelhanças de estilo nas duas seções do livro de Isaías.
 - c. Dizem também que os pontos de vista teológicos das duas divisões são diferentes. Acham que a ênfase dada à eternidade de Deus em 40-66 difere da ênfase dada à majestade de Deus em 1-39. Todavia, negar a unidade de qualquer obra literária na base de uma concepção mais avançada quanto ao seu objetivo é realmente tão simplista a ponto de tornar-se um absurdo. As diferenças são apenas de progressão.
3. Argumentos que afirmam ser Isaías o único autor:
 - a. Isaías 1:1 dá Isaías como o autor, e não há indício de interrupção ou mudança de autoria em nenhuma das suas divisões em nenhum dos antigos manuscritos (confirmado também pelos rolos do mar Morto e pela Septuaginta). Os autores dos livros proféticos identificam-se no primeiro versículo (exceto Daniel, que se identifica inúmeras vezes em todo o livro).
 - b. O cenário histórico de 40-66 ajusta-se melhor à Palestina do que à Babilônia, quanto à cor das árvores, as pedras, os montes etc. A referência à idolatria muito difundida e às cidades de Judá, que ainda existem, indicam uma época anterior ao exílio na Babilônia. As mais enérgicas condenações à idolatria são dadas nos capítulos 41, 44, 57, 65 e 66. Tais práticas já não se constituíam problema depois do cativeiro em 586.
 - c. As duas seções também têm uma simetria teológica nos seus pontos de vista de Deus e do Messias. A expressão “o Santo de Israel”, usada raramente pelos outros escritores, é encontrada vinte e cinco vezes no livro, doze em 1-39, e treze em 40-66. Essa consistência de teologia predomina em todo o livro.
 - d. Profetas do período pré-exílio referem-se aos escritos de Isaías 40-66 (por exemplo, Naum 1:15 e Isaías 52:7; Sofonias 2:15 e Isaías 47:8; Jeremias 31:35 e Isaías 51:15). As semelhanças sugerem a prioridade de Isaías.
 - e. A tradição judaica atribui o livro integralmente a Isaías.
 - f. Os escritores do Novo Testamento citam esse profeta mais do que todos os outros juntos, dando Isaías como o autor de ambas as seções. Observe-se João Batista em Mateus 3:3 (Isaías 40:3); João em João 12:38-41 (Isaías 53:1; 6:9-10); e Paulo em Romanos 9:27-29, 33 e 10:20 (Isaías 10:22-23; 1:9; 28:16; 65:1).
 - g. O próprio assunto das profecias cumpridas era um sinal da profecia divina de Isaías (41:21-23, 26). Pôr em dúvida profecias que se realizaram como tendo sido escritas depois dos fatos é julgar muito mal os profetas.
 - h. É inconcebível que o autor da literatura mais sublime do Antigo Testamento devesse ficar no anonimato enquanto todos os outros estão claramente identificados.

CENÁRIO HISTÓRICO**A. DATA EM QUE FOI ESCRITO - 740-680 a.C., aproximadamente.**

1. Isaías profetizou durante mais de sessenta anos, desde antes da morte de Uzias (740) até algum tempo depois da morte de Senaqueribe (681). V. Isaías 1:1; 6:1; 37:38.
2. Tudo indica que ele escreveu a maior parte do livro (de 1-39) durante os reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, e o restante dos capítulos (40-66), durante o tirânico reinado de Ma-

nassés, talvez entre 697 e 680. Seu sofrimento sob o reinado desse rei pode ter contribuído para o texto pungente do “Sofrimento Vicário do Servo do Senhor” (52:13-15; 53). Ele próprio teve sorte semelhante.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Do ponto de vista internacional, o cenário era a grande ascensão do poderio assírio. Tiglate-Pileser veio ao ocidente para invadir Israel do norte e a Transjordânia, em 745 e 734. Sargom e Salmanasar sitiaram e destruíram Samaria em 724-722, durante a grande ofensiva para o norte. Senaqueribe, no decorrer do reinado de Sargom, invadiu Judá e a parte ocidental da Palestina, numa grande conquista de 714 a 701, que culminou com a perda da sua armada quando tentava atacar Jerusalém, no auge do seu sucesso. Jamais voltou.
2. Do ponto de vista nacional, foi uma época de opressão e caos. O reino do norte havia-se deteriorado rapidamente depois do “período áureo” de Jeroboão II, sob seis reinados caóticos. Judá também declinara sob o reinado do idólatra Acaz. Muitas alianças foram estabelecidas com potências estrangeiras a fim de protelar a sujeição total à Assíria, potência em ascensão, que procurava engolir o Ocidente.

C. CENÁRIO ESPIRITUAL

1. A condição espiritual de Judá em meados do século oitavo era paralela à sua condição política, ambas deteriorando-se rapidamente sob o rei Acaz (743-728). A grande potência construída por Azarias e Jotão, reis tementes a Deus, desintegrou-se quase imediatamente quando Acaz (chamado Jeoacaz pelos assírios) começou a cortejar alianças estrangeiras em vez de confiar no Senhor (Isaías 7:12). Quando atacado pela Síria e Israel, Acaz procurou inutilmente apaziguar as forças divinas sacrificando seu filho mais velho num altar, e depois pediu auxílio aos assírios. Como resultado, tornou-se vassalo de Tiglate-Pileser, da Assíria. Perdeu para os edomitas Elate, que dava acesso ao mar Vermelho, bem como grande parte do Negebe para os filisteus. Substituiu o culto a Jeová no templo por idolatria estrangeira.
2. A ascensão de Ezequias ao trono de Judá trouxe, quase imediatamente, um movimento de reforma. Começou no primeiro mês do seu reinado. No mês seguinte ele celebrou uma páscoa sem precedente, a qual foi honrada por Deus em virtude das boas intenções para deter o julgamento divino (2 Crônicas 30:1-13). A reforma apressada e o entusiasmo pelo reavivamento promovido por Ezequias parecem ter mudado a direção do

braço justiceiro do Senhor e salvo Judá de sorte semelhante à de Israel, destruído em 722 a.C. Todavia, as alianças com o Egito e a Babilônia, feitas mais tarde por Ezequias, trouxeram renovada agressão contra Judá por parte da Assíria, que acabou cercando Jerusalém, ameaçando destruí-la, até que o rei aceitou o conselho de Isaías e confiou inteiramente no Senhor para o livramento. Esse veio em 701, quando o Anjo do Senhor destruiu o exército de Senaqueribe, 185.000 homens, e pôs fim à campanha do invasor no ocidente. O registro desse acontecimento está na parte central da profecia de Isaías. Ali o profeta demonstra que a maior defesa da nação é simplesmente confiar no Senhor da aliança e a ele obedecer.

D. PROFETAS CONTEMPORÂNEOS DE ISAÍAS

1. O profeta Miquéias complementou o ministério de Isaías na parte rural de Judá. Enquanto Isaías ministrava à corte real e à aristocracia de Jerusalém, Miquéias pregava ao povo do interior ocidental de Judá, condenando as iniquidades da época. Como Isaías, ele também proclamou a vinda do Messias, que nasceria em Belém e livraria ambos os reinos na sua conquista final.
2. O profeta Oséias foi o complemento de Isaías em Israel, especialmente durante a primeira parte do ministério. Oséias seguiu-se ao ardente profeta Amós, que tinha denunciado os líderes samaritanos, anunciando o julgamento divino no reino do norte. Complementando tal ministério, Oséias exortou Israel a respeitar a aliança com o Senhor. Lembrou-lhe o benefício da sua aliança de amor se se mostrasse sensível a Deus.

OBJETIVO DO LIVRO DE ISAÍAS

Os muitos objetivos de Isaías podem ser resumidos em dois, que se relacionam com os seguintes títulos divinos: “O Santo de Israel” e “O Sofrimento Vicário do Servo do Senhor”.

1. Admoestar a nação do iminente julgamento devido à idolatria e às alianças seculares. O interlúdio histórico (36-39) descreve o cumprimento da invasão da Assíria e a previsão de um cativo posterior pela Babilônia. O “Santo de Israel” exigia santidade do seu povo.
2. Lembrar à nação o programa divino de libertação, especialmente o seu programa redentor através do Messias, que primeiro viria como o Servo Sofredor e, mais tarde, como o Governador de toda a terra (52:13-53:12). Esses propósitos duplos complementam o tema do livro: “A Salvação vem do Senhor, não de ídolos ou alianças seculares.”

Contribuições Singulares de Isaías

1. **ISAÍAS, A BÍBLIA EM MINIATURA.** Este livro é, muitas vezes, chamado de “Bíblia em miniatura” devido à sua organização e conteúdo. Tem 66 capítulos, com duas divisões principais de 39 e 27. A primeira divisão enfatiza o julgamento do Senhor, e a última apresenta a sua graça como “Servo sofredor” e termina com o julgamento final. Como Isaías viveu na metade dos anos decorridos entre Moisés e Cristo (mais ou menos em 710 a.C.), ele focaliza tanto a lei vinda por Moisés, como a graça que viria por Jesus Cristo. A segunda divisão (40-66) também principia com uma “voz” que clama no deserto com uma mensagem de salvação, semelhante à voz de João Batista, que foi o primeiro a anunciar essa mensagem no Novo Testamento. As duas seções são unidas por um interlúdio histórico (36-39) em que Israel é ameaçado por dois impérios. São notáveis as analogias do livro de Isaías com o Antigo e o Novo Testamentos.
2. **TEOLOGIA DE GRANDE ALCANCE DE ISAÍAS.** De todos os livros proféticos, é Isaías o mais abrangente em seu alcance teológico. As suas profecias vão desde a situação de Israel na época, passando pela queda do reino do norte e do sul, pelo exílio na Babilônia e pelo regresso promovido pelos persas, até a vinda humilde do Messias, sua vida e morte expiatória na cruz pelo seu povo, pela dispersão final da nação por toda a terra, pela nova reunião em virtude do arrependimento, e pela bênção do reino na era messiânica. As profecias de Isaías sobre o advento do Messias descrevem mudanças em todas as esferas da vida humana: espiritual, nacional, internacional, econômica, geográfica, cósmica e do reino animal. A teologia divina de Isaías é a mais extensa e profunda de todos os livros do Antigo Testamento.
3. **“SANTO DE ISRAEL”** (14; 5:19; etc). Isaías refere-se ao Senhor como o “Santo de Israel” vinte e cinco vezes em todo o livro, um termo raramente usado pelos outros escritores. A expressão vem de quando Isaías foi comissionado em 6:3, ocasião em que os serafins apresentaram o Senhor como “Santo, santo, santo”. No meio de um povo impuro, foi-lhe trazida à memória a inflexível santidade de Deus. Junto com a revelação da sua santidade, Isaías foi também lembrado de ser o Senhor o “Poderoso de Israel” (1:24) e o “Senhor dos Exércitos” (usado cinquenta e quatro vezes em Isaías 1-39, e somente seis vezes em 40-66). A santidade e o poder divinos sempre se complementam. Todas as subseqüentes profecias de julgamento e livramento relacionam-se com essa de-
4. **“REDENTOR” DE ISRAEL** (41:14 — 63:16). Esse nome divino é outro título singular usado por Isaías (treze vezes, mas somente na segunda metade do livro) e aparece nos outros livros do Antigo Testamento apenas cinco vezes. Jamais é empregado com referência ao Senhor no Novo Testamento, embora esteja subentendido em dezessete referências à obra redentora de Cristo nos evangelhos e epístolas. O termo deriva do verbo “gaal”, que quer dizer aquele que redime (“goel”) ou compra uma pessoa ou propriedade (Levítico 25, 27). O uso dessa palavra em Isaías refere-se principalmente à libertação de Israel como uma nação de refugiados cegos e surdos, escravos de inimigos estrangeiros (41:14 e ss.; 44:24 e ss.; 54:5 e ss.). Significa também redenção espiritual para os que “se converterem” (59:20). O termo “Salvador” (Yasha) é também utilizado oito vezes em Isaías (43:3, 11 etc), um nome muito usado para Cristo no Novo Testamento.
5. **SÓLIDAS CONFIRMAÇÕES PROFÉTICAS DE ISAÍAS.** Apesar de os profetas da escrita não fazerem milagres como Moisés, Elias e Eliseu, o ministério de Isaías teve alguns milagres notáveis, tais como o oferecimento de um sinal a Acáz (7:11), a destruição do exército assírio em uma noite (37:36), o retrocesso de dez graus do sol (38:8) e a cura de Ezequias (38:21). Foram milagres que confirmaram a soberania de Deus sobre os deuses estrangeiros. Outra característica do longo ministério de Isaías foram as muitas profecias a curto prazo, cumpridas na sua época ou nos séculos seguintes. A seguir, alguns exemplos: captura do reino do norte de Israel pela Assíria (7:17); destruição da Assíria (10:12, 25); destruição da Babilônia pelas mãos dos medos (13:17 e ss.); julgamento da Filístia, Moabe, Damasco, Etiópia, Egito e Tiro (14-23). Foram profecias cumpridas em todos os seus detalhes para que todos pudessem ver. A designação do nome de Ciro, o persa, 150 anos antes do seu nascimento, como o instrumento do Senhor para subjugar nações com a finalidade de restaurar os judeus sobreviventes e reconstruir o templo, demonstra dramaticamente a soberania do Senhor sobre o tempo e sobre todas as nações (44:28-45:6). O resultado de muitas dessas profecias permanece

até mesmo nos dias de hoje. Babilônia, por exemplo, conforme predito pelo Senhor, jamais foi reconstruída (13:20). Esses milagres e as muitas profecias cumpridas comprovam as muitas profecias a longo prazo que ainda não foram cumpridas. Tais profecias a curto prazo tinham por finalidade autenticar um profeta, conforme observação de Moisés (Deuteronômio 18:21-22). As profecias a longo prazo sobre o Dia da vinda do Senhor com a grande ira contra todas as nações (34), a completa restauração da Palestina para santidade, paz e prosperidade (35, 60-62) e a nova criação dos céus e da terra com perene paz, prosperidade e santidade (65) cumprir-se-ão com o mesmo detalhe e certeza (34:16; 40:8; 41:23). O cumprimento detalhado das profecias a curto e longo prazo é considerado por Isaías como a prova e o direito exclusivo de Javé, o Deus da aliança de Israel.

6. GRANDES DESAPONTAMENTOS DO SENHOR EM ISRAEL

(1, 5, 54). Isaías retrata as apostasias como grandes desastres pessoais na família do Senhor:

- a. Na primeira visão de Isaías, o Senhor anunciou ao céu e à terra que seus filhos tinham se tornado delinquentes juvenis, apesar dos seus cuidados (1:2 e ss.). Tão corruptos tornaram-se eles que Deus os chamou de “Sodoma” e “Gomorra” (1:10).
- b. No capítulo 5, o Senhor apresenta o cântico do lamento sobre Israel como vinha desapontadora. Embora tenha Ele plantado e cultivado as vides compassivamente e lhes tenha dado o melhor, ela produziu “uvas bravas”. Em vez do fruto da justiça, foi encontrada iniquidade.
- c. No capítulo 54, o Senhor reconhece que Israel, sua “esposa”, foi infiel e o abandonou, e que ele a tinha deixado como uma jovem viúva (54:48).

Essas três tragédias da infidelidade e abandono conjugal, com a delinquência dos filhos do Senhor e o fracasso da colheita da sua vinha preferida, serão um dia invertidas. Sua esposa infiel será restaurada “como a mulher desamparada” (54:4-8), ou “como o jovem desposa a donzela” (62:5), seus filhos reconhecerão o Senhor como “Pai” e “Redentor” (63:16) e o povo de Israel se tornará “a vinha deliciosa” do Senhor e encherá “de fruto o mundo” (27:2-6). Além da sua importância escatológica, é claro que as reversões dessas tragédias pela graça e paciência do Senhor tinham também como objetivo um encorajamento pessoal para aqueles que sofrem tragédias semelhantes e confiam com paciência na obra da graça de Deus para que o final seja glorioso (64:4).

7. APELO DE ISAÍAS PELA RETIDÃO E JUSTIÇA. Como Miquéias, seu contemporâneo, Isaías enfatizou energicamente a necessidade de um coração reto e a existência de justiça social (Miquéias 6:6-8). Os termos “retidão” (*tsedeq* e *tsedaqah*) e “justiça” (*mishpat*) são usados umas oitenta vezes por Isaías, mais do que em qualquer outro livro da Bíblia, com exceção de Salmos. A queixa inicial do Senhor era que Israel tinha substituído a justiça por maldade, violência, assassinio e roubo (1:16-23). Duas vezes o Senhor deplorou os seus rituais superficiais de jejum e “sacrifícios em vão” porque eram esses um disfarce para a cobiça e a opressão (1:11-15; 58:4-5). A idéia divina sobre o “jejum” era dar liberdade aos oprimidos e pão aos famintos (58:6 e ss.). Isaías 58 poderia ser perfeitamente um texto de Jesus contrastando a verdadeira e a falsa justiça no seu Sermão do Monte.

8. NASCIMENTO VIRGINAL DO EMANUEL (7:14).

Essa profecia do nascimento virginal é a primeira das “profecias do Emanuel” (7-12), nas quais a vinda do Messias é detalhada. Apesar de a profecia ter sido muito debatida, o Novo Testamento declara a concepção e o nascimento virginal do Messias tanto gramatical quanto contextualmente em Mateus 1:23. A palavra usada no Novo Testamento, “virgem” (*parthenos*), pode ter outro significado. Mas, como na profecia foi prometido a Acaz um “sinal”, várias tentativas têm sido feitas para relacionar o nascimento virginal ao cumprimento no tempo de Acaz. Alguns eruditos acham que a profecia foi cumprida no nascimento do filho de Isaías (8:3) ou de Acaz. Alguns acham que são duas profecias com dois cumprimentos diferentes: num futuro próximo e num futuro distante. A fim de se examinar essa profecia adequadamente, devem-se ter em mente diversos fatores referentes à gramática e ao contexto:

- a. O contexto requer um cumprimento próximo: “um sinal” (ou censura) à “casa de Davi”, presumivelmente a Acaz, por ele ter recusado a libertação oferecida por Deus.
- b. O termo “virgem” (*almah*) (bem como o termo do Novo Testamento “*parthenos*”) não se refere a uma mulher casada em quaisquer das referências do Antigo Testamento (Gênesis 24:43; Isaías 7:14), nem a Septuaginta traduz esse termo como tal.
- c. Como a profecia não foi apresentada como um “protótipo”, mas como uma predição específica, seu duplo cumprimento exigiria que houvesse um genuíno nascimento virginal, tanto no cumprimento próximo quanto no distante. Supondo que a

esposa de Isaías fosse virgem na ocasião da profecia, isso não faria dela uma “virgem com filho” ao conceber.

- d. Nenhuma criança, além do Messias, foi jamais chamada de “Emanuel” em qualquer dos testamentos. O nome quer dizer “Deus conosco”, o que só poderia ser dito com referência ao próprio Messias.
- e. Foi dito a Isaías que conduzisse consigo o seu filho chamado “Um-Resto-Volverá” (Shear-Jashub) ao levar a mensagem a Acáz, porque o seu nome era um “sinal” ou mensagem para Israel (8:18). Esse nome significava que um julgamento deixaria poucos sobreviventes, e que haveria um pequeno retorno (C. W. E. Nagelsbach, *Langes Commentary of the Bible, Isaiah*). O julgamento devia acontecer antes de o “menino” ter a idade de 12 anos (apto a recusar o mal e escolher o bem). As pessoas comendo “manteiga e mel” são identificadas no versículo 22 como os sobreviventes.

Essas considerações sugerem que foram dadas duas profecias em 7:14-16, uma predizendo o nascimento virginal do Emanuel, conforme observado em 9:6, e outra predizendo que o rei da Assíria derrotaria o reino do norte antes de Um-Resto-Volverá, filho de Isaías, chegar à idade da responsabilidade. Mas, por ter Acáz rejeitado a libertação oferecida por Deus, ele e o povo de Judá também sofreriam o julgamento dos assírios, que quase devastariam também Judá (7:16-25).

Isso explica a necessidade de haver um sinal para Acáz como um cumprimento próximo, e também preserva o cumprimento único do nascimento virginal que, obviamente, seria de um rei. Para uma semelhante profecia dupla com dois cumprimentos diferentes encontramos um paralelo na profecia dirigida ao rei Jeroboão I, em que se predisse a vinda de Josias num futuro distante e a fenda do altar, a qual aconteceu imediatamente, como um “sinal” para o rei incrédulo (1 Reis 13:1-5).

9. QUEDA DE LÚCIFER (14:4-20). Embora Satanás apareça muitas vezes em toda a Bíblia (com o nome de Satanás dezoito vezes no Antigo Testamento e trinta e cinco vezes no Novo Testamento), somente Isaías 14 e Ezequiel 28 descreveram a sua criação, perfeição e grande queda. Em Isaías 14:4 ele é visto como o “rei da Babilônia”, e em Ezequiel 28:12, como o “rei de Tiro”, pois era ele o poder diabólico que agia por trás. Daniel também falou no “príncipe da Pérsia” e no “príncipe da Grécia” (Daniel

10:20) em peleja com Miguel, o arcanjo, obviamente uma referência aos espíritos maus por trás dessas nações pagãs. A descrição daquele “rei da Babilônia”, que tinha a presunção de ser igual ao Altíssimo, que caiu dos céus e foi precipitado ao abismo, estende-se muito além de um homem como Nabucodonosor (que, em Daniel 4:37, é visto exaltando e glorificando o Deus Altíssimo depois de ter sido julgado pelo seu orgulho). Relaciona-se com o escárnio sobre o “rei de Tiro” em Ezequiel 28:12 e ss., também descrito em termos simbólicos e são sobrenaturais. Foi ele quem reivindicou “todos os reinos do mundo” (Mateus 4:8), quando enfrentou a Jesus no deserto. Isaías apresentou-o aqui como um extraordinário exemplo do destino de quem teve uma atitude de bazófia para com Deus.

10. EM ISAÍAS, O CLÁSSICO DESPREZO PELA IDOLATRIA (44-46). Livro algum apresenta uma sátira mais brilhante, a mostrar a absoluta estupidez da idolatria como Isaías o faz em 40-48. Os capítulos clássicos são 44 e 46, onde vemos o contraste da onipotência e onisciência do Senhor com um bloco de madeira sem vida, que não anda nem fala, e muito menos pode livrar o povo ou predizer o futuro (44:19). Do mesmo modo que Elias zombou dos deuses Baalins introduzidos no reino do norte e adorados por Acabe, Isaías ridicularizou a nova geração de idólatras, quando Manassés reintroduziu aqueles deuses em Judá. Nem Elias, nem Isaías, entretanto, conseguiram efetuar grande reavivamento em suas gerações. Qualquer forma de idolatria mostra-se extraordinariamente inamovível, quer pelos grandes milagres de Elias, quer pela grande literatura de Isaías, apenas porque o problema não é intelectual, mas espiritual ou de obstinação.

11. O SERVO SOFREDOR (53). Isaías 41-53 apresenta uma série de passagens sobre o “servo”, e termina retratando o Servo sofredor em 52:13-53:12. No auge da previsão do aparecimento desse servo, é dada uma descrição das mais reveladoras da pessoa de Jesus e a obra que ele realizaria na sua primeira vinda (Marcos 10:45). Algumas dessas características particulares não são nem apresentadas nos Evangelhos. Isaías observa que o relato não será acreditado (53:1). Descreve o Servo como não tendo beleza segundo o conceito humano, mas desprezado e rejeitado entre os homens (53:2-3). Foi considerado como desaprovado e afligido por Deus (53:4). Nas mãos dos homens ele é desfigurado além da aparência humana (52:14). Apesar de ferido pelos homens, não foi isso que trouxe a salvação, mas o fato de ter Deus colocado sobre ele as transgressões de todos nós (53:6, 10). Surprenden-

Simetria estrutural de Isaías 40-66

A grandeza de Isaías 40-66 pode ser observada em sua simetria arquetônica, bem como em seu conteúdo. Haja vista as palavras de alerta no final das três seções de nove capítulos: “Para os perversos, não há paz” (48:22; 57:21; 66:24). Pode-se notar essa simetria num esboço em forma de pirâmide, convergindo para o capítulo 53.

I GRANDEZA DE DEUS NA OBRA DE CRIAÇÃO (40-48)

40. Grandeza como Pastor soberano.
41. Grandeza para libertar Israel.
42. Grandeza para curar e julgar.
43. Grandeza para salvar os indignos.
44. Grandeza divina em contraste com ídolos de Israel.
45. Grandeza para restaurar Israel com Ciro.
46. Grandeza sobre os deuses da Babilônia.
47. Grandeza para julgar a grande Babilônia.
48. Grandeza para expurgar a idolatria de Israel.

II GRAÇA DE DEUS NA OBRA DE SALVAÇÃO (49-57)

49. O Servo do Senhor como Salvador mundial.
50. O Servo do Senhor deplora o divórcio de Israel.
51. O Servo do Senhor salva com justiça.
52. O Servo Sofredor anuncia a salvação futura.
53. O Servo Sofredor expia o pecado através da morte.
54. A salvação assegurou novas núpcias a Israel.
55. Salvação estendida a todos.
56. Salvação assegurada aos que correspondem.
57. Salvação estendida aos piores pecadores.

III GLÓRIA DE DEUS NA OBRA DE RESTAURAÇÃO (58-66)

58. Israel — depravação religiosa deplorada.
59. Israel — depravação social declarada.
60. Israel — justiça e alegria futura.
61. Israel — noiva que se enfeita com jóias.
62. Israel — novas núpcias em justiça.
63. Israel — grande libertação na Segunda Vinda.
64. Israel — penitência com grande aflição.
65. Israel — purificação para glória milenária.
66. Israel — novo nascimento com humildade e alegria.

Deve-se observar que o capítulo central de cada seção (44, 53, 62) sintetiza a ênfase daquela seção em particular, e todos os capítulos convergem para o inacreditável relato do 53. Os primeiros 13 capítulos caminham até o capítulo central num crescendo, estabelecendo um exame retrospectivo das épocas mui difíceis de Israel e as promessas do Senhor para com ele. Os 13 últimos decrescem, aplicando os resultados a Israel e ao mundo. O capítulo 53 é o âmago de toda a profecia de consolação. Também pode ser observado que os quatro versículos do meio do capítulo 53 (5-8) constituem o coração do evangelho, ao mostrar o Messias traspassado pela rejeição dos homens e vergado sob o peso dos pecados do mundo por ordem de Deus. Além disso, a palavra “cordeiro” (53:7) está posicionada quase no centro desse capítulo central nos textos hebraico e

septuaginta. É essa a única referência direta ao Messias como “cordeiro” em todo o Antigo Testamento (embora ele seja muitas vezes tipificado a partir de Êxodo 12:3). João Batista apresentou Jesus aos discípulos com essa designação (João 1:29), e é esse o seu nome predominante em Apocalipse 21-22. A obra do Messias como o Cordeiro de Deus é o centro do tema de Isaías, bem como de toda a Bíblia.

temente, essa oferta “agradou” o Pai no sentido de lhe proporcionar satisfação completa com referência ao pecado. Tal coisa é comprovada pelo fato de que a única oferta do Filho proporcionou expiação absoluta do pecado e intercessão contínua em favor dos pecadores (53:10-12).

Todavia, a identidade desse “servo” tem sido muito debatida, considerando-se que entre os detalhes que o descrevem aparecem referências semelhantes a Israel. São cinco os textos básicos envolvidos: 42:1-9; 44:1-5; 49:1-6; 50:4-9; e 52:13-53:12. A melhor conciliação da identidade desse servo é a sugerida por Franz Delitzsch (*The Pentateuch*), que reconhece três níveis de característica de servo, simbolizados num formato de pirâmide:

- a. Israel é o primeiro nível (base mais larga da pirâmide), sendo chamado de servo do Senhor, tendo, porém, fracassado miseravelmente (41:14; 42:19; 44:21).
- b. A parte restante de Israel que demonstrou fidelidade, ocupa o segundo nível (a seção do meio da pirâmide), servindo como testemunha do Senhor perante a nação infiel (48:20; 49:3, 5; 50:10).
- c. O Messias é o último Servo (simbolizado como o vértice da pirâmide). Ele veio como o Servo perfeito do Senhor, cumprindo a vontade de Deus a fim de trazer a redenção a Israel e ao mundo (42:1-4; 49:1-7; 52:13-53:12; comparar Marcos 10:45). Desse modo, ele se tornou a última oferta pelo pecado e o Sacerdote Eterno para os pecadores, constituindo-se a propiciação e a intercessão por todos eles (53:12).

12. CRISTOLOGIA DE ISAÍAS. Nenhum outro livro do Antigo Testamento é tão integralmente messiânico como Isaías. Chamam-no algumas vezes de “Quinto Evangelho” ou “Profeta Evangélico”, em virtude das muitas previsões sobre o Messias. Esse conteúdo messiânico pode ser observado em diversas categorias:

- a. A Pessoa do Messias.
 1. Ser genuinamente humano, nascido de mulher (7:14;9:6; 53:2).
 2. Ser nascido virginalmente, por concepção sobrenatural (7:14).

3. Ser Deus em carne humana (9:6).
 4. Ser o Filho de Davi (9:7; 11:1, 10).
 5. Ser Jeová (YHWH), o Criador de todas as coisas (44:24; 45:11-12).
- b. O Caráter do Messias.
1. Ser humilde e sem atrativos (7:14-15; 53:2-3).
 2. Ser manso, não barulhento nem rude (40:11; 42:2-3).
 3. Ser justo em todas as suas ações (9:7; 11:5; 32:1).
 4. Ser bondoso para com os fracos e aflitos (61:1).
 5. Ser irado e vingativo para com os perversos impenitentes (11:4; 63:1-4).
- c. A Obra do Messias.
1. Ser apresentado por um precursor no deserto (40:3).
 2. Ser ungido para operar com o poder do Espírito Santo (11:2-4; 61:1).
 3. Pregar e aconselhar como profeta (11:2-4).
 4. Realizar muitos milagres, especialmente na Segunda Vinda (35:4-6).
 5. Ser desacreditado pela sua própria geração (53:1).
 6. Morrer com os perversos e ser enterrado com os ricos (53:9).
 7. Ser traspassado e moído pelas nossas iniquidades (53:5).
 8. Receber sobre si as iniquidades de todas as pessoas, por ordem de Deus (53:6).
 9. Ser o vencedor da morte (25:8).
 10. Esmagar com fúria os perversos na Segunda Vinda (34:2-9; 63:1-6).
 11. Ser o Rei de Israel (9:7; 44:6).
 12. Reinar, como o “Senhor dos Exércitos”, no monte Sião e em Jerusalém (24:23).

O Livro de Jeremias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Esta profecia projeta-se sobre o nome do seu autor, Jeremias, o qual significa “O Senhor (YHWH) designa ou estabelece”. Suas profecias inverossímeis foram muito atacadas na sua época, mas eram inabaláveis palavras divinas, conforme posterior comprovação. O próprio título anuncia essa certeza.

B. AUTOR

1. A autoria de Jeremias é fato provado e não tem sofrido séria contestação. Pode ser confirmada de dois modos:
 - a. Internamente, o livro tem numerosas referências biográficas e autobiográficas de Jeremias como autor e Baruque como escrivão ou secretário. Nenhum outro profeta teve o seu nome repetido tantas vezes quanto Jeremias (131). Baruque é mencionado vinte e três vezes.
 - b. Externamente, o livro é atribuído a Jeremias em Daniel 9:2 e Esdras 1:1, bem como em tradições judaicas.
2. A formação de Jeremias é toda ela envolvida com profecia. Por esse motivo, sabe-se mais da vida pessoal desse profeta do que de qualquer outro. Em muitos casos, suas ações tornavam-se parte da mensagem. Das seguintes observações pode-se traçar o perfil do profeta:
 - a. Nasceu em 647 a.C., aproximadamente, em Anatote, uma cidade sacerdotal distante cerca de 5 quilômetros a nordeste de Jerusalém. Era filho de Hilquias, que foi provavelmente o sumo sacerdote na ocasião da reforma de Josias. Hilquias foi também o bisavô de Esdras (Esdras 7:1).

- b. Foi constituído profeta pelo Senhor antes do seu nascimento (1:5) e chamado pelo Senhor no décimo terceiro ano do reinado de Josias, aos 20 anos de idade, aproximadamente (1:2).
- c. Não se casou, pois o Senhor proibiu que o fizesse como um sinal ao povo da próxima destruição de Jerusalém (16:2 e ss.).
- d. Jeremias ministrou em Jerusalém durante quarenta anos aproximadamente (627-586) e no Egito, durante cinco anos (Jeremias 43-44). Aconselhou cinco reis e um governador de Judá, bem como os rebeldes judeus restantes que fugiram para o Egito.
- e. Apesar de ser um homem compassivo e profundamente sensível, Jeremias foi chamado para um ministério em que proclamou inexorável julgamento contra a nação. Considerado um traidor devido a esses julgamentos, parece que não viu uma só pessoa converter-se no seu longo ministério de mais de quarenta anos.
- f. Embora impopular e desprezado quando profetizava e insistia na submissão à Babilônia, tornou-se mais tarde o herói popular dos restantes judeus exilados, depois de as suas predições de julgamento serem cumpridas e de o povo lembrar também das suas predições de uma futura libertação e retorno.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 627-580 a.C.

1. O ministério de Jeremias começou no reinado de Josias e continuou em Jerusalém durante os dezoito anos de reforma e os vinte e dois anos de colapso nacional.
2. Forçado a ir para o Egito com o resto rebelde em 586, ali profetizou durante cinco anos talvez, condenando a idolatria dos judeus (44:8) e anunciando a vinda próxima de Nabucodonosor para conquistar o Egito (o que ocorreu em 568).

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. No cenário internacional, foi essa uma época de as nações manobram pela primazia do mundo. As três nações mais envolvidas eram Assíria, Babilônia e Egito. Em 626, Nabopolassar da Babilônia, com o auxílio dos medos, tomou essa cidade das mãos dos assírios, que vinham controlando o poderio mundial por quase dois séculos. Em 612, destruíram Nínive e em 610 tomaram Harã. Em 605, a Babilônia derrotou o exército egípcio em Carquemis e assumiu o controle da Palestina. Desse modo,

Esboço de Jeremias

TEMA: Rebelião Final de Judá e sua Retirada da Terra da Aliança

I JULGAMENTO ANTECIPADO DE JUDÁ REBELDE — DURANTE O REINADO DE JOSIAS	1—20
A. Jeremias — Chamada e Julgamento Futuro	1
B. Judá — Infidelidade como Esposa do Senhor da Aliança	2-6
1. Lembrança do antigo amor do Senhor	2:1-3:5
2. Lembrança do divórcio de Israel por adultério	3:6-7:30
C. Judá — Religião de Hipocrisia	7-10
D. Judá — Rejeição do Senhor da Aliança	11-12
E. Judá — Rebelião e Julgamento Descritos	13-20
1. Jeremias — seis parábolas de julgamento	13-19
2. Jeremias — tristeza por profetizar julgamento	20
II JULGAMENTO SUBSEQÜENTE DOS LÍDERES REBELDES — JOEAQUIM E ZEDEQUIAS	21—39
A. Conselho a Zedequias para Submeter-se à Babilônia	21-24
1. Exame do julgamento dos predecessores	21-22
2. Restauração de Judá por um “Renovo de justiça”	23
3. Julgamento de Zedequias como “figo ruim”	24
B. Admoestação a Jeoaquim a respeito do Cativo na Babilônia	25-26
1. Jeremias — a profecia dos setenta anos	25
2. Jeremias — a profecia suscita grande ira	26
C. Palavras de Otimismo dos Falsos Profetas	27-29
1. O falso profeta Hananias morre em Jerusalém	27-28
2. O falso profeta Semaías morrerá na Babilônia	29
D. Garantia da Restauração Final de Judá	30-33
1. A ira da antiga aliança divina traz julgamento	30
2. A graça da nova aliança divina assegura restauração	31-33
E. Razões do Próximo Julgamento por meio da Babilônia	34-39
1. Zedequias — fracasso da aliança para libertar os escravos	34-35
2. Jeoaquim — desrespeito pela Palavra do Senhor	36
3. Jeremias — admoestação final depois de ser aprisionado	37-38
4. Jerusalém é pilhada e destruída pela Babilônia	39
III MAIS JULGAMENTO DOS RESTANTES REBELDES — DEPOIS DA QUEDA DE JERUSALÉM	40—45
A. Julgamento dos Restantes Rebeldes em Judá	40-42
B. Julgamento dos Restantes Rebeldes no Egito	43-44
C. Encorajamento de Jeremias a Baruque, seu Fiel Escrivão	45
IV JULGAMENTO DAS NAÇÕES REBELDES AO REDOR DE JUDÁ	46-51
A. Julgamento do Egito e das Nações da Palestina	46-49
B. Julgamento da Babilônia, Destruidora de Judá	50-51
V REAFIRMAÇÃO DE JULGAMENTO DO REI E DA CIDADE REBELDES	52
A. Casa de Zedequias Destruída pela Babilônia	52:1-30
B. Joaquim Recebe mais tarde Honras na Babilônia	52:31-34

Nabucodonosor chegou ao auge do poder em 605, ano da morte do seu pai, apesar de o Egito só ser conquistado em 568. Durante a maior parte daquele período, o Oriente Médio esteve em tumulto, e Jeremias advertia em vão os filhos de Josias a submeterem-se à Babilônia.

2. No cenário nacional, o período da profecia de Jeremias foi um dos mais negros da história judaica, pois os pecados dos antepassados (idolatria) foram punidos com julgamento divino. Esse julgamento consistiu em quatro tragédias nacionais em Israel:
 - a. *Em 609*, Josias foi morto em Megido quando tentava impedir que Faraó Neco auxiliasse a Assíria na batalha com a Babilônia. Essa morte, depois da grande reforma e da expansão política de Josias, foi uma das maiores tragédias ocorridas em Israel, profundamente lamentada por toda a nação.
 - b. *Em 606*, Nabucodonosor libertou Jerusalém do controle egípcio, passando a ser seu controlador, e em seguida começou a deportar os judeus, levando alguns membros da família real para a Babilônia, Daniel entre eles. Seu propósito era treiná-los para o serviço do governo.
 - c. *Em 597*, Nabucodonosor teve de mandar o seu exército a Jerusalém em duas ocasiões a fim de sufocar a rebelião de Judá e o seu alinhamento com o Egito. Na primeira vez, o rei Jeoaquim foi morto e “largado ao calor do dia e à geada da noite” (36:30); na segunda, Joaquim foi levado para a Babilônia depois de um reinado de três meses. Nessa ocasião Nabucodonosor saqueou a cidade e os tesouros sagrados do templo, e exilou para Babilônia a camada mais alta da população (2 Reis 24:11-16).
 - d. *Em 586*, Jerusalém e o templo foram destruídos por Nabucodonosor depois de outra rebelião e um cerco de dois anos à cidade. Essa destruição foi histórica, repercutiu em todo o mundo, e era quase inconcebível para a mentalidade judaica, que via Jerusalém como parte do destino eterno da nação.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Jeremias nasceu nos últimos anos do reinado de Manassés, quando esse rei procurou inutilmente reformar a nação que levava à idolatria, derramamento de sangue e corrupção moral. Embora se arrependesse quando estava numa prisão da Babilônia e fosse restaurado, o seu longo reinado de iniquidade esgotou a paciência de Deus, fadando o país à destruição.
2. Depois de um curto reinado de dois anos de Amom (também iníquo), filho de Manassés, Josias subiu ao trono em 640 na

tenra idade de oito anos. Foi o começo de um glorioso período de reforma, reavivamento e expansão política para Judá. Observaram-se diversos estágios desse tempo de paz e prosperidade:

- a. *Em 632*, Josias (aos 15 anos) começou a procurar o Senhor (2 Crônicas 34:3).
 - b. *Em 628* (aos 19 anos), começou a purificar Judá e Jerusalém, numa completa remoção da idolatria, e impôs a medida até Naftali, no norte, perto da Galiléia (2 Crônicas 34:3 e ss.).
 - c. *Em 622* (aos 25 anos), depois que o sumo sacerdote Hilquias achou o “Livro da Lei” na estrutura do templo e a profetisa Hulda declarou o julgamento, Josias reuniu os anciãos da nação para intensificar a reforma e impor ao povo a purificação.
 - d. *Em 622*, Josias promoveu a maior Festa da Páscoa da história do povo judeu desde os tempos de Samuel, observando com cuidado todos os detalhes.
3. O reavivamento do rei Josias, embora promovido com toda a sinceridade, foi evidentemente seguido de modo superficial pelos líderes e pelo povo. O país viu-se diante da iminência de ser destruído em virtude da prolongada iniquidade de Manassés e da inveterada e profunda decadência dos judeus. Logo depois da morte prematura de Josias na batalha de Megido, a nação retornou quase imediatamente à idolatria e corrupção.

OBJETIVO DO LIVRO DE JEREMIAS

O objetivo dessa longa profecia (maior que a do próprio Isaías) foi registrar as admoestações de undécima hora do Senhor ao país que se precipitava em desastre espiritual e destruição nacional. O livro registra não apenas a rejeição da lei divina, como também a recusa inflexível da correção dos profetas de Deus. Ao contrário do apelo de Isaías para que confiassem na libertação do Senhor, a mensagem de Jeremias era que a nação deveria submeter-se ao julgamento do Senhor aceitando o cativo da Babilônia, para que assim a cidade e a nação fossem salvas da destruição total. O livro demonstra como esse solitário clamor da noite foi quase totalmente desatendido. O seu tema bem poderia ter sido Provérbios 29:1: “O homem, que muitas vezes repreendido endurece a cerviz, será quebrantado de repente sem que haja cura.”

Contribuições singulares de Jeremias

1. **O PLANGENTE PROFETA** (9:1). Jeremias acompanha Isaías como um prenúncio do “homem de dores” profetizado em Isaías 53:3. De fato, Jeremias viu a si próprio “como manso cordeiro, que é levado ao matadouro” (11:19). Embora muitos profetas tenham apresentado mensagens de julgamento, nenhum o fez com tanto sentimento pessoal e com tanta lamentação quanto Jeremias. Suas palavras em 9:1 dão uma descrição clássica do seu envolvimento pessoal: “Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos em fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite...”. Jesus, do mesmo modo, chorou sobre Jerusalém quando falou da segunda destruição da cidade (Lucas 19:41).
2. **O PROFETA TRAIADOR** (26:9 e ss.). Ironicamente Jeremias foi considerado traidor da sua nação devido à sua insistência na rendição à Babilônia. Essa atitude é um contraste notável com a pregação de Isaías que se debatia por uma leal resistência ao inimigo, confiando no Deus da vitória. Jeremias profetizou durante o mais negro período da história de Israel, quando toda a esperança de sobrevivência do país estava perdida. Judá tinha “atravessado o Rubicão” (em virtude dos pecados de Manassés) e a rendição à Babilônia foi a única alternativa do Senhor para evitar a completa destruição de Jerusalém. Depois de essas profecias condenatórias serem cumpridas, entretanto, Jeremias passou a ser lembrado com grande respeito pelos judeus exilados na Babilônia. Suas profecias com referência ao retorno depois de setenta anos de cativeiro babilônio eram lembradas com muita simpatia (25:11; 29:10).
3. **JEREMIAS E SUA MENSAGEM DE ESPERANÇA.** Entre suas profecias condenatórias, Jeremias também tinha a gloriosa mensagem de esperança para a nação. Essa nota otimista aparece em quatro breves textos, em quatro capítulos posteriores (3:16-18; 12:14-15; 23:3-8; e 30-33). Tais referências relacionam-se com as alianças entre o Senhor e os antepassados de Israel, as quais garantiram a continuação da casa de Jacó e da linhagem real de Davi (33:26). Mesmo numa época em que já não havia justiça no país, em que a aliança do favor divino se partira e um grande poder pagão estava prestes a devorar o povo, o Senhor assegurou que suas alianças eram tão invioláveis quanto o fato natural de o dia seguir a noite (31:36-37; 33:20-26). Nenhuma geração de pecadores pôde induzi-lo a modificar suas promessas para com os antepassados. Em tempo algum da história de Israel essas reafirmações foram mais importantes no sentido teológico.
4. **A NOVA ALIANÇA** (31:31-34). Além das alianças incondicionais feitas com os antepassados, Jeremias anunciou que uma nova aliança seria estabelecida para substituir a mosaica, realizada no Sinai (31:32). Tendo desfeito e desprezado essa aliança, estavam eles prestes a ser expulsos da terra Prometida (11:3-10). Aquele pacto era um acordo condicional que lhes dava o privilégio de usar a terra. Porém, seria um dia substituído por uma nova aliança, a ser firmada “com a casa de Israel e com a casa de Judá” (31:31). Não foi revelado o conteúdo dessa nova aliança, mas deverá ser realizada com o fiel restante da nação, que conheça e tema ao Senhor (31:34). Sua natureza será o guia interior para o coração, não havendo necessidade de um código legal externo ou escrito. O autor de Hebreus 8:7-13 e 10:16-17 refere-se a essa promessa para demonstrar que a aliança de Moisés foi apenas temporária, acabando na cruz (Hebreus 7:12), e que seria substituída por uma aliança nova e permanente, de favor divino, que também seria firmada “com a casa de Israel e com a casa de Judá”. O contexto de Jeremias 31:31 mostra como essa nova aliança também se relaciona com a volta do povo da aliança à terra da Promessa, do mesmo modo que a violação da aliança mosaica relacionou-se com a sua expulsão.
5. **“MALDIÇÃO CONTRA JECONIAS”** (22:24-30). A referência de Jeremias a Jeconias (Joaquim) nesse texto é geralmente interpretada como uma maldição contra a sua linhagem, tornando nulo o direito de qualquer dos seus descendentes ao trono de Davi. Como José (pai legal de Jesus) descendia de Jeconias, tal maldição prejudicaria a reivindicação de ser Jesus o “Rei de Israel” no trono de Davi (Lucas 1:32). Para evitar essa “maldição”, muitos intérpretes têm procurado outro caminho ancestral de Jesus através de um casamento levirato de Sealtiel (ou Salatiel), filho de Jeconias, ou unindo-o à linhagem de Maria (Lucas 3:23 e ss.). Essas soluções defrontam-se com dois problemas intransponíveis: 1) A linhagem de Maria não tinha direito ao trono, pois chegava a Davi por meio de Natã, e não de Salomão (através de quem a linhagem real teria de vir: 1 Crônicas 22:9-10). 2) Mateus provou o direito de Jesus ao trono pela sua genealogia de Davi através do seu pai legal José, que descendia de Jeconias e de Salomão (Mateus 1:1-16). Nem Mateus nem os atentos genealogistas da sua época reconheceram nenhuma maldição na linhagem de Jeconias. Embora os comentaristas da história da igreja tenham em quase toda a sua totalidade apontado tal maldição, os comentaristas bíblicos não a reconhecem. Nas dez referências feitas por Jeremias a esse jovem rei, que apenas reinou durante três meses, o profeta nada registrou que justificasse

tal maldição à sua linhagem. Tem sido muito comentado o mal praticado por Jeoaquim e Zedequias, mas sobre Jeconias só há ligeiras referências.

Um reexame do julgamento pronunciado em 22:30 mostra, na realidade, que a maldição foi para Zedequias e não para Jeconias. Nota-se tal coisa no contexto geral dos capítulos 21 e 22, no qual

Cronologia das profecias de Jeremias

REINADO	DATAS*	CAPÍTULOS	PROFECIA OU ACONTECIMENTO
Josias	627-609 a.C.	1-20	Mesmo durante a reforma de Josias, Jeremias anuncia o julgamento de Judá em virtude dos pecados de Manassés (15:4). Estão intercaladas curtas vinhetas, sem data, de profecias mais recentes.

Com a morte de Josias acaba a reforma e principiam os maus reinados dos seus filhos.

Joaquim	609	26	Joaquim, no seu primeiro ano, procura matar Jeremias.
	605	35:1-10	A desobediência de Judá em contraste com os obedientes recabitas.
	605	25	O não-arrependimento de Judá traz setenta anos de desolação por intermédio da Babilônia.
	605	36	Joaquim despreza e queima a palavra de Jeremias vinda do Senhor.
	605	45	Jeremias encoraja Baruque, seu fiel secretário, com referência à segurança pessoal de Baruque durante o próximo julgamento vindo da Babilônia.
	605	46-49	Quando a Babilônia derrota o Egito em Carquemis, Jeremias anuncia o julgamento do Egito e de toda a Palestina (49:34 e ss. em 597).

A rebelião de Jeoaquim e Jeconias resulta na deportação para a Babilônia em 597.

Zedequias	597	24	Retrata a administração de Zedequias como "figos ruins" e compara o grupo exilado de Jeconias a "figos muito bons".
	597	27	Jeremias admoesta a Zedequias e a todas as nações a submeterem-se à Babilônia, e os falsos profetas aconselham o contrário.
	594	28	O falso profeta Hananias morre por contradizer Jeremias.
	594	29	O falso profeta Semaías é amaldiçoado por contradizer a profecia de Jeremias dos setenta anos de cativo.
	594	50-51	Jeremias avisa os judeus da Babilônia da próxima destruição total daquela nação em virtude do seu orgulho e depravação.

Jeremias responde ao pedido de Zedequias por um milagre que os livrasse dos babilônios que tinham cercado a cidade. Ao invés de livramento, o profeta avisou-o de invasão certa, lembrando-lhe o que o Senhor tinha feito aos seus iníquos irmãos, Salum e Jeoaquim (21:9; 22:11-19). Como o jovem Jeconias tinha sido exilado para a Babilônia nove anos antes, Jeremias perguntou a Zedequias se ele pensava que o príncipe estava posto de lado para sempre. Foi, então, endereçado a toda a terra o pronunciamento: "Registrai este como se não tivera filhos; ...nenhum dos seus filhos prosperará, para se assentar no trono de Davi" (22:30). "Este" não

Nabucodonosor começa o cerco a Jerusalém em 10 de janeiro de 588 (39:1; 52:4).

	S/data	30	Jeremias anuncia uma futura restauração de Israel e Judá, depois do "tempo de angústia para Jacó" (30:3-9).
	S/data	31	Jeremias prediz uma "nova aliança" substituindo a mosaica, a ser firmada com Israel e Judá depois da restauração (31:31-34).
	588	21-23	Quando a Babilônia cerca Jerusalém, Zedequias dirige-se a Jeremias em busca de um milagre de livramento; o pedido do rei é recusado e Zedequias ouve a lição histórica de como o Senhor julgou os seus iníquos irmãos.
	588	32-33	Jeremias compra um campo perto de Jerusalém, como símbolo de uma futura restauração. Essa restauração virá por um "Renovo de justiça" de Davi, o qual garantirá a continuação de Israel.
	587	37	Jeremias novamente na prisão (quando a Babilônia se ausenta ligeiramente para combater o Egito) reafirma a Zedequias a certeza do cativo.
	587	34	Jeremias denuncia os líderes por deixarem de cumprir a aliança de libertar os escravos, outro motivo para a vinda do próximo julgamento pela Babilônia.
	587	38	Jeremias (na prisão) repete o conselho para submeterem-se à Babilônia e evitarem a destruição de Zedequias, sua família e Jerusalém.
	586	39, 52	Babilônia toma Jerusalém, os filhos de Zedequias e os nobres são mortos; Zedequias fica cego e vai para o exílio enquanto Jeremias é libertado.

*Jerusalém é destruída em 10 de agosto de 586 (52:12). ***

Gedalias	586	40-44	Gedalias é feito governador, é morto por rebeldes. Jeremias é levado ao Egito. Ali ele denuncia a idolatria dos judeus e prediz a destruição do Egito quando a Babilônia chegar.
----------	-----	-------	--

* A maioria dos capítulos ou grupos de capítulos apresentam a sua data no primeiro versículo.
** 2 Reis 25:8 dá a data do "7" dia do quinto mês. Como a destruição do segundo templo ocorreu no dia 9 de agosto do ano 70, os rabinos estabeleceram o dia 9 para comemorar o dia de ambas as destruições de Jerusalém.

era Jeconias (que estava na Babilônia), mas o rei arrogante a quem Jeremias mandava a mensagem (comparar 21:7). Como logo depois Nabucodonosor tomou a cidade, os filhos de Zedequias foram mortos perante os seus olhos e os seus próprios olhos foram vazados antes de ser levado para a Babilônia. Jeconias (Joaquim), entretanto, foi mais tarde libertado e acumulado de honras na Babilônia (observação final do livro de Jeremias); seu neto, Zorobabel, voltou mais tarde a Judá como governador (Ageu 2:21). A dificuldade de 22:24: "...ainda que Jeconias...fosse o anel do selo" desfaz-se pela leitura alternativa: "como (ki) Jeconias é o anel do selo...eu dali o (Zedequias) retirarei." A outra única pessoa chamada de "anel do selo" do Senhor no Antigo Testamento é Zorobabel, neto de Jeconias, que voltou do exílio para governar Judá (Ageu 2:21-23). De acordo com os escritores do Antigo e do Novo Testamento, a linha genealógica de Jesus através de Jeconias jamais foi "amaldiçoada", e sim garantida inviolavelmente pelo juramento da aliança do Senhor (Salmo 89:29-37).

6. **CRISTOLOGIA EM JEREMIAS.** O livro de Jeremias é o menos messiânico entre os Profetas Maiores. Somente dois textos falam diretamente do Messias: 23:5-6 e 33:14-17. Ambos referem-se ao Messias como o "Renovo de justiça" que reinará no trono de Davi e executará julgamento e justiça na terra. Ambos enfatizam a "justiça" do seu povo e do seu reino, num contraste perfeito com o povo e os líderes a quem Jeremias ministrava. No capítulo 23 está escrito que o seu nome será "Senhor Justiça Nossa" e no capítulo 33, que Jerusalém "será chamada: Senhor, Justiça Nossa". A sua justiça será a justiça do povo.

O Livro de Lamentações de Jeremias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

1. Os hebreus chamavam-no de "*Ekah*" (Como), em virtude de ser essa a primeira palavra dos capítulos 1, 2 e 4, uma palavra característica de lamento. Mais tarde os rabinos mudaram-lhe o nome para "*Qinoth*" (Jeremias 7:29), que significa "alto choro" ou lamentações, como em um canto fúnebre.
2. "Lamentação" é a tradução latina do termo grego "*threnoi*", que significa "alto choro".

B. AUTOR

1. Embora o livro seja anônimo, sua autoria é atribuída a Jeremias pelas tradições tanto judaicas quanto cristãs. Foi ele um dos líderes a lamentar a morte de Josias. O Senhor o instruiu em Jeremias 7:29 a "prantear sobre os altos desnudos...". Embora os estilos literários sejam um tanto diferentes nos dois livros, muitos dos temas e expressões são muito semelhantes. Edward Young observa as seguintes semelhanças notáveis: Os olhos do profeta "se desfazem em águas": Lamentações 1:16; 2:11; Jeremias 9:1, 18b; 13:17b. "Há terror por todos os lados": Jeremias 6:25; 20:10; Lamentações 2:22. "Veja eu a tua vingança sobre eles": Jeremias 11:20; Lamentações 3:64-66, dentre muitas outras.
2. Talvez ninguém melhor do que Jeremias estivesse preparado para escrever essas lamentações, quanto à caracterização emocional, interesse espiritual e expressão literária. Nem tampouco havia alguém tão historicamente ligado aos trágicos acontecimentos como testemunha ocular. Como aconteceu com o Livro

de Jeremias, Baruque pode ter sido o escrivão a tomar nota das expressões de pesar ditadas pelo profeta (comparar Jeremias 36:4).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 586 a.C.

Quanto à data desse livro, há que considerar dois pontos: 1. As expressões e o conteúdo emocional. 2. Sua redação aprimorada. O fluxo de pesar expresso sugere uma época logo após a queda da cidade santa, quando a lembrança ainda era recente. A redação bem elaborada e bela, apresentada em formato de acróstico alfabético sugere, por outro lado, um longo período de reflexão e construção literária. É possível que o profeta tenha escrito o livro na esteira dos acontecimentos e que mais tarde tenha formado o texto com os requintes de acróstico para melhor memorização. A redação inicial deve ter sido no verão de 586, em meados de agosto.

B. DATA DA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

O nono dia de Ab (quinto mês) é a data geralmente aceita para as comemorações anuais da destruição de Jerusalém, desde a segunda destruição no ano 70 da nossa era. Por haver outras datas no texto bíblico, faz-se necessária uma harmonização.

9 de julho de 586	Com os muros destruídos, o rei foge e é perseguido (Jeremias 52:6-11).
7 de agosto de 586	Templo, casas e cidade queimados (2 Reis 25:8,9).
10 de agosto de 586	Destruição e incêndio completados (Jeremias 52:12-16).
? de outubro de 586	Gedalias é morto por Ismael e pelos dissidentes (Jeremias 41:1-2).

Visto que a destruição do templo no ano 70 ocorreu em 9 de agosto, comemora-se nessa data a destruição de ambos os templos.

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. V. o cenário nacional e internacional da introdução de O Livro de Jeremias.
2. A fuga e a captura de Zedequias pôs termo à dinastia de Davi no seu movimento histórico. Esse fim ignominioso ocorreu em virtude de ter Zedequias rejeitado com arrogância a admoestação de Jeremias, bem como em virtude da deslealdade e ingratitude a Nabucodonosor, que tomara o reinado de Joaquim e o dera a Zedequias. Foi por esse motivo que ele sofreu a maior humilhação real. A última cena contemplada antes de ter os seus olhos vazados foi a chacina dos seus filhos e dos nobres. Levaram-no em cadeias para a Babilônia (Jeremias 39:6-7).

3. A queda de Jerusalém no meio do verão de 586 ocorreu depois de um cerco de dezenove meses, que trouxe fome e peste. Embora Jerusalém já tivesse sido ameaçada e saqueada algumas vezes, essa destruição era quase inconcebível à mente judaica que a via como cidade eterna (1 Crônicas 17:12; 22:10). Com a cidade arrasada, acabou-se a vã presunção da sua inviolabilidade divina. Parecia que a nação estava irremediavelmente liquidada, se não até mesmo a raça, pois os seus príncipes também tinham sido mortos.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. A época da redação desse livro de cinco poemas foi sem dúvida a mais sombria hora da religião de Israel. Todos os alicerces da sua fé pareciam ter desaparecido. A cidade escolhida por Deus fora arrasada, o templo projetado e habitado pelo Senhor tornara-se um monte de cinzas, o povo tinha sido levado para a terra idólatra da sua origem, Babilônia. Até mesmo o próprio

Esboço de Lamentações

TEMA: A Miséria Humana e o Significado Divino da Destruição de Jerusalém

I PÉSSIMAS CONDIÇÕES DE JERUSALÉM	1
A. Cidade Solitária	1:1-11
B. Prolongada Lamentação do Povo	1:12-22
II CAUSAS DIVINAS DO JULGAMENTO	2
A. Reconhecimento da Ira do Senhor	2:1-9
B. Reflexões sobre a Ira do Senhor	2:10-17
C. Reações à Ira do Senhor	2:18-22
III DESIGNADAS CONSEQÜÊNCIAS DO JULGAMENTO	3
A. Cota do Profeta no Sofrimento de Sião	3:1-18
B. Segurança do Profeta na Fidelidade do Senhor	3:19-38
C. Solução do Profeta Através do Arrependimento Pessoal	3:39-54
D. Salvação do Profeta de Todos os Inimigos	3:55-66
IV CARÁTER DEGENERADO DO POVO	4
A. Sua Depravação é um Lembrete de Sodoma	4:1-10
B. Sua Desolação é um Julgamento do Senhor	4:11-20
C. Sua Destruição é uma Lição para Edom	4:21-22
V CLAMOR DESESPERADO DOS RESTANTES	5
A. Sua Necessidade de Amparo como Órfãos	5:1-10
B. Sua Provação de Sofrimento como Criminosos	5:11-18
C. Seu Apelo pela Salvação como Arrependidos	5:19-22

Senhor recusara-se a ouvir as orações dos judeus e tornara-se seu inimigo (Jeremias 14:11-12). Os quarenta anos de pregação de Jeremias pareciam ter ficado sem a menor reação aparente.

2. A destruição do templo trouxe uma nova era à religião de Israel — a era da dispersão da sinagoga. Já não havendo templo, muito do sistema ritual foi suspenso, pois as ofertas que acompanhavam as festas e os acontecimentos sagrados só podiam ser feitas no altar do templo. Na Babilônia, os judeus aprenderam a adorar e a estudar a Tora em pequenas reuniões que os rabinos chamavam de pequenos “santuários”, ou sinagogas (Ezequiel 11:16). Ali os fiéis eram obrigados a lembrar e aprimorar sua fé a fim de sobreviver como raça no meio da cultura pagã.
3. Da fé de Israel na aliança só lhes restavam as escrituras com as promessas da aliança do Senhor para com os antepassados. Despojados de todas as outras coisas, tiveram de meditar nas profecias e contar com elas mais do que nunca.

OBJETIVO DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES

O objetivo evidente desse “mar de soluços” era dar uma expressão literária ao grande pesar dos fiéis de Israel pela enorme perda do templo e sua cidade sagrada. As lamentações expressam a profundidade da solidão de Israel quando a Glória do Senhor afastou-se envergonhada. Outro objetivo foi registrar como o Senhor cumpriu completa e literalmente as suas admoestações sobre o julgamento da cidade e do santuário, devido ao povo ter persistido na idolatria e rebelião. O Livro de Lamentações confirma brilhantemente a soberania de Deus, reconhecendo-o como o perpetrador da devastação, e não apenas a Babilônia (2:17; 3:37-38). O luminoso raio de luz e esperança é que ele não é somente fiel no julgamento, mas também no cumprimento de suas promessas de benevolência. “Grande é a tua fidelidade” tanto no julgamento quanto na compaixão (3:22-23). As alianças também continham promessas de restauração divina pelo arrependimento.

Contribuições Singulares de Lamentações

- 1 **“MURO DE LAMENTAÇÕES” DOS JUDEUS.** Jerusalém sofreu diversas destruições maciças, e três delas terminaram no “nono dia de Ab” [9 de agosto, conforme H. H. Ben-Sasson, *History of the Jewish People* (História do Povo Judeu), pág. 333]. Foram elas a destruição pelos babilônios em 586 a.C., pelos romanos em 70 d.C., e a destruição romana do movimento messiânico de Bar Kocheba no ano 135 (em Betar, perto de Jerusalém). Todas elas foram ca-

tastróficas para a nação na sua época, e o “Nono dia de Ab” tornou-se o dia da comemoração desses holocaustos pelos judeus do mundo todo. Nesse jejum anual o Livro de Lamentações é lido nas sinagogas ao redor do mundo, sendo que em muitas delas também o lêem todas as sextas-feiras. Ao longo de uma história de sofrimento, ao recitar esses poemas de lamentação, os judeus dispersos têm sido ajudados no extravasamento do seu pesar e desespero, e reativado a esperança de um futuro reajuntamento na “cidade santa”. Entretanto, eles não têm feito a mesma correlação de Daniel e de Jesus, entre a morte de Jesus e a destruição de Jerusalém no ano 70 (Daniel 9:26; Lucas 19:43-44). Jesus descreveu aquela destruição como a consequência de a nação não aceitar sua vinda como Messias. Na realidade, o jejum anual é um lembrete divino daquela omissão.

2. **LIVRO DE ESTRUTURA ARTÍSTICA.** Nenhum livro da Bíblia tem uma disposição tão artística como o de Lamentações. Os cinco poemas apresentam um plangente “pentateuco de dor”, com um esquema simétrico a fim de chamar a atenção para o seu conteúdo e servir, possivelmente, de mecanismo de memorização na liturgia. Pode-se notar essa simetria no número de versículos de cada capítulo e no número consistente de linhas em cada versículo, nos vários capítulos. Cada um deles tem vinte e dois versículos (pois o alfabeto hebraico tem vinte e duas letras), com exceção do capítulo três, que tem sessenta e seis versículos em vinte e dois grupos. A simetria dos capítulos, versículos e linhas pode ser notada no seguinte quadro:

Capítulo	1	2	3	4	5
Versículos por capítulo	22	22	66	22	22
Linhas por versículo	3	3	2	2	1

Outro traço artístico não evidente na tradução em português é o uso de um acróstico com as letras do alfabeto hebraico nos primeiros quatro capítulos. Nos de número 1, 2 e 4, cada versículo começa com uma letra sucessiva do alfabeto hebraico. No capítulo 3, o acróstico é formado com vinte e dois grupos de três versículos, cada versículo do mesmo grupo começando com a mesma letra hebraica, e os grupos sucedendo-se no alfabeto hebraico. O capítulo cinco não faz uso do acróstico, talvez a propósito, para maior espontaneidade na oração do arrependido e na expressão de confiança.

O enorme esforço necessário para conseguir tal estrutura artística sugere a grande importância dada por Jeremias e Baruque a essa mensagem de julgamento, e à inviolabilidade da Palavra de Deus.

- 3. FORTE ÊNFASE NO JULGAMENTO DIVINO.** É com frequência que Lamentações atribui a destruição de Jerusalém à ira de Deus, e não à ira da Babilônia. Embora o Livro de Jeremias fale dessa nação 161 vezes, nem ela nem Nabucodonosor são mencionados em Lamentações. Essa ênfase no julgamento divino também realça o fato de que foram os seus pecados perante Deus que trouxeram a destruição, e não o infortúnio internacional de se tornarem vítimas da conquista da Babilônia. Do mesmo modo, a sua restauração depende inteiramente do arrependimento e da volta a Deus. As potências internacionais foram apenas o instrumento de Deus para cumprir o seu propósito para com o seu povo, conforme revelação desse livro.
- 4. “GRANDE É A TUA FIDELIDADE” (3:23).** Quase não se poderia esperar tal confiança num livro de julgamento e de desespero quase sem esperança de alívio. Essa expressão aparece, entretanto, no coração do Livro de Lamentações. A exclamação não é um grito jubilante de alegria vindo de uma experiência de grande bênção e prosperidade, mas uma reação ao grande julgamento e disciplina de Deus. Foi ao ver as cinzas carbonizadas do monumento israelita mais amado que o profeta exclamou: “As suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (3:22-23). O seu objetivo era afirmar que Deus sempre cumpre a sua palavra, seja ao julgar o pecado, seja ao mostrar misericórdia em virtude de arrependimento ou fé. Em qualquer situação, os piedosos podem afirmar: “A minha porção é o Senhor” (3:24).
- 5. PROFETA EMPÁTICO.** Admitindo que o autor seja Jeremias, nenhum outro profeta teve tal identidade de sentimentos com o povo ou fez parte tão intimamente dos seus pesares e julgamento. Durante quase cinquenta anos, Jeremias ficou com a nação recalcitrante enquanto ela passava por suas mais profundas provações. Ele aconselhou-a do centro do redemoinho depravado. Ao invés de obter o respeito do povo, foi humilhado, denunciado, preso num calabouço e rotulado de traidor. Suportou depois o cerco e a fome; presenciou a entrada ruidosa do inimigo, a pilhagem, o massacre e o incêndio do templo e da cidade. Levado a Ramá (ao norte de Jerusalém), foi libertado das correntes para testemunhar mais tarde a matança da maioria dos habitantes de Jerusalém e a partida das 4600 pessoas acorrentadas para a Babilônia. Preferiu ficar em Mispa com Gedalias, o governador nomeado. Sofreu ainda, porém, a provação do assassinio de Gedalias na rebelião de Ismael e Joanã, e foi levado para o Egito, onde o ultrajaram outra vez (Jeremias 41-44). Dizem que ele foi ali apedrejado pelo seu

próprio povo por condenar sua ininterrupta idolatria e impenitência. Poucos profetas tiveram mais motivos de pesar do que Jeremias, conforme ele expressa em Lamentações 3:48-49.

- 6. CRISTO EM LAMENTAÇÕES.** A única característica cristológica desse livro é o fato de ele preannunciar Cristo chorando por Jerusalém ao predizer sua destruição próxima (Lucas 19:41-43). De muitas maneiras o Livro de Lamentações também reflete o desgosto e o pesar de Deus pelo povo da aliança na hora do seu mais profundo desespero. De conformidade com o que está em Isaías 63:9: “Em toda a angústia deles foi ele angustiado, e o Anjo da sua presença os salvou”. Isaías e João afirmam que é Deus ou Cristo que “enxugará” as lágrimas de lamentação de todos os olhos (Isaías 25:8; Apocalipse 7:17; 21:4).

kelstein, *The Jews: Their History Culture, and Religion* (Os Judeus: Sua História, Cultura e Religião), vol. I, pág. 48].

- c. Ezequiel era casado, mas a sua esposa faleceu em 10 de janeiro de 588, dia em que começou o cerco de Jerusalém (24:1, 15-18).

O Livro de Ezequiel

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

“Ezequiel” significa “Deus fortalece”, um título apropriado para o livro e para o profeta, que recebeu uma dura mensagem para os judeus exilados na Babilônia.

B. AUTORIA

1. A autoria de Ezequiel é reconhecida universalmente. Embora o seu nome não seja mencionado em nenhum outro livro bíblico, é identificado de diversas maneiras como o autor no próprio livro:
 - a. Identifica-se pelo nome em 1:3 e 24:24, e em todo o livro apresenta um estilo autobiográfico.
 - b. Usa um singular estilo gráfico de visões, parábolas, alegorias e ações simbólicas no livro todo.
 - c. A ênfase sacerdotal do livro também sugere ser Ezequiel um sacerdote: ofertas, templo, altar, sacerdotes etc.
2. Observa-se de diversas maneiras a formação de Ezequiel:
 - a. Nasceu na família de Buzi, o sacerdote, em 622 a.C., no auge da reforma de Josias em Jerusalém. O “trigésimo ano” de 1:1 é geralmente presumido ser a idade de Ezequiel no ano 592 a.C. Portanto, teria ele 30 anos quando lhe foi dada a primeira visão. Essa é também a data do quinto ano do reinado de Joaquim, pois o ministério de um sacerdote começava aos 30 anos (1:1-2).
 - b. Foi exilado com Joaquim em 597, quando Nabucodonosor levou para Babilônia o que havia de melhor na terra. Na Babilônia viveu em sua própria casa numa colônia judia chamada Tel-Abibe, junto ao rio Quebar (canal do Eufrates), evidentemente perto de Nipur [1:1; 3:15; Louis Fin-

Esboço de Ezequiel

TEMA: Destruição de Jerusalém quando a Glória se Afasta e Restauração quando a Glória Volta.

I O AFASTAMENTO DA “GLÓRIA” E A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM	1—32
A. <i>Profecias da Missão de Ezequiel</i>	1-3
1. Sua visão da Glória de Deus	1
2. Sua missão para um povo rebelde	2-3
B. <i>Retrato da Desolação de Jerusalém</i>	4-7
1. Duas parábolas da ruína da cidade	4-5
2. Proclamação direta da ruína de Jerusalém	6-7
C. <i>Afastamento da Glória do Templo</i>	8-11
1. Idolatria dos anciãos revelada	8
2. Assegurada a preservação dos justos	9
3. Afastamento da Glória observada	10-11
D. <i>Apresentação da Rebelião de Judá</i>	12-24
1. Liderança cega e iníqua	12-14
2. Pau inútil da videira	15
3. História de obscena prostituição	16-17
4. Responsabilidade pessoal de um povo	18-19
5. Longa história de idolatria	20-21
6. Conspiração nacional de violência	22
7. Rejeição do castigo	23-24
E. <i>Profecias contra Vizinhos de Judá</i>	25-32
1. Julgamento a Leste: Amom, Moabe e Edom	25
2. Julgamento a Oeste: Filístia e Tiro	25-28
3. Julgamento ao Sul: Egito e Etiópia	29-32
II VOLTA DA “GLÓRIA” E RESTAURAÇÃO DE JERUSALÉM	33—48
A. <i>Processo Profético da Restauração de Israel</i>	33-39
1. Israel — exigência de reação pessoal	33
2. Restabelecimento pelo Pastor divino	34-35
3. Restabelecimento por purificação divina	36
4. Restabelecimento por vida e unidade divinas	37
5. Restabelecimento depois de purificação final	38-39
a. Ataque final de Gogue e Magogue	38
b. Purificação final de Deus e seu Espírito	39
B. <i>Glória Sacerdotal da Restauração de Israel</i>	40-48
1. Volta da Glória para o novo templo	40-43
2. Renovação do culto no novo templo	44-46
3. Nova divisão de terra ao redor do templo	47-48

- d. Usando o seu próprio lar como um lugar de encontro, ministrou aos anciãos que se juntavam para receber o seu conselho, talvez inaugurando o sistema de sinagoga. Seu ministério continuou por, pelo menos, vinte e três anos, até 570, a última data registrada em suas profecias (29:17).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 592-570 a.C.*

Ezequiel é extremamente exato ao datar muitas de suas profecias. Começa a datá-las em 597 a.C., ano do cativeiro de Joaquim.** Eis, a seguir, as datas das profecias segundo a ordem bíblica:

1:1	5 de julho de 592	(5º ano)	Ezequiel — sua primeira visão da “glória”.
8:1	5 de setembro de 591	(6º ano)	Seu transporte para Jerusalém, em visão.
20:1	10 de agosto de 590	(7º ano)	Instrução dada aos anciãos.
24:1	10 de janeiro de 588	(9º ano)	Dia do princípio do cerco de Jerusalém.
26:1	1 de abril de 586	(11º ano)	A profecia da devastação de Tiro.
29:1	12 de janeiro de 587	(10º ano)	A primeira profecia contra Faraó.
29:17	1 de abril de 570	(27º ano)	A sexta profecia contra Faraó.
30:20	7 de abril de 586	(11º ano)	A segunda profecia contra Faraó.
31:1	1 de junho de 586	(11º ano)	A terceira profecia contra Faraó.
32:1	1 de março de 585	(12º ano)	A quarta profecia contra Faraó.
32:17	15 de abril de 585	(12º ano)	A quinta profecia contra Faraó.
33:21	5 de janeiro de 585	(12º ano)	Chegada da notícia da queda de Jerusalém, ocorrida cinco meses antes.
40:1	10 de abril de 572	(25º ano)	Recebida a visão do novo templo.

* Para a correlação dos calendários hebraico e gregoriano, V. pág. ??

** Alguns cronologistas adiantam algumas dessas datas em doze meses, fazendo um ajuste ao sistema de adaptação do ano (pós-datando), ou o sistema “Ano Novo Tishri” dos reis [V. Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Números Misteriosos dos Reis Hebreus), págs. 16 e ss.].

B. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE EZEQUIEL

1. Ezequiel e Daniel diferem de todos os outros profetas no fato de o seu ministério ter sido exercido primordialmente fora da Palestina. Daniel, da família real de Judá, serviu na corte real gentia da Babilônia; Ezequiel, um sacerdote, foi conselheiro dos exilados judeus. Eram ambos da mesma idade, aproximadamente, sendo que Daniel foi exilado em 605 e Ezequiel em 597 a.C.
2. O exílio de Ezequiel era numa colônia judia de Tel Abibe perto de Nipur, cerca de 80 quilômetros a sudeste da Babilônia, nas proximidades do grande canal Quebar. Esse canal corria em volta da Babilônia entre os rios Eufrates e Tigre, estava a mais ou menos 240 quilômetros ao sul da moderna Bagdá e mais ou menos a 200 quilômetros ao norte de Ur, cidade natal de Abraão. O nome Tel Abibe significa “outeiro de grão”, que sugere a fertilidade da planície bem irrigada. A instalação da

colônia naquele local pode ter sido arranjada por Daniel, que governava com Nabucodonosor a província da Babilônia desde 603 a.C. (Daniel 2:48).

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. A ação do livro vai desde a época da sujeição de Judá à Babilônia até a época do cativeiro na Babilônia. Como já foi observado, providencialmente tinha Daniel sido elevado a “governador de toda a província da Babilônia”, bem como chefe dos “sábios” ou conselheiros de Nabucodonosor. Já que isso acontecera cinco anos antes da deportação de Ezequiel e dezesseis anos antes do exílio final em 586, os exilados judeus da Babilônia estavam em boas mãos politicamente. Foi também essa a época do apogeu do poder e glória da Babilônia.
2. Ezequiel pouco falou sobre a política judaica, nem mesmo mencionou Zedequias, o rei vassalo de Judá naquela ocasião. Sua profecia não se refere a outro rei de Israel ou Judá pelo nome, a não ser Davi (o rei Joaquim foi apenas mencionado em 1:2 com o objetivo referencial de data). Com referência à política das nações pagãs, entretanto, Ezequiel pronunciou julgamento sobre muitas que rodeavam Israel devido à sua violência contra a nação judaica e o santuário de Deus (25-32). Ao contrário de Jeremias, Ezequiel não se fixou na história política da época. A política do “tempo do fim” dos capítulos 38 e 39 relaciona-se com a restauração de Israel, mas a grande batalha travada é primordialmente gentia, servindo a um propósito espiritual.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Nesse livro, Israel não somente está sem rei e sem país, como também sem um templo e sem os meios de cumprir os ritos religiosos ordenados por Moisés. O único lugar de ajuntamento religioso na Babilônia registrado por Ezequiel é a sua própria casa, onde ele aconselhava os anciãos. Esses anciãos eram evidentemente os primeiros líderes de sinagoga, que se tornaram mais tarde os governadores delas e do povo. Sem um templo, o sistema ritual de animais sacrificados, festas e todas as funções relacionadas com o templo era inoperante.
2. O caráter espiritual dos exilados a quem Ezequiel ministrava não era melhor do que o daqueles a quem Jeremias ministrava em Jerusalém. Ele empregava uma frase característica para descrevê-los: “casa rebelde” (usada dezesseis vezes por Ezequiel, e raramente encontrada em outros livros). A mudança do local não mudou os seus corações ou o seu propósito para com o Senhor até aquela data.

3. O ponto de vista de Ezequiel era especialmente religioso ou espiritual, e avaliava as ocorrências políticas ou físicas sob esse prisma. Observa-se tal coisa em suas visões da “glória” (1:28; 8-11), os seis “executores” de Jerusalém (9:1-2), a captura sobrenatural do “príncipe” de Judá para a Babilônia (12:12-13), a descrição do sobre-humano “rei de Tiro” (28:12-19) etc. O ponto de vista de Ezequiel é sempre sacerdotal ou celestial, em vez de apenas político.

OBJETIVO DO LIVRO DE EZEQUIEL

O objetivo era duplo, conforme se pode observar nas duas divisões principais do livro:

- A. *Promover arrependimento e fé* com o aviso do julgamento iminente sobre Jerusalém e as nações.
 B. *Estimular esperança e confiança* com a mensagem posterior de reafirmação de que um dia o povo seria novamente reunido, a cidade restaurada e um novo templo construído.

A primeira mensagem foi enfatizada durante os seis primeiros anos do seu ministério (592-586). Ele afirmou que Jerusalém e o templo seriam destruídos, Babilônia não cairia rapidamente (como os falsos profetas proclamavam) e o Egito seria uma falsa esperança de auxílio, pois também seria conquistado pela Babilônia. Todavia, depois da queda de Jerusalém, Ezequiel tornou-se o profeta da esperança e do otimismo, quando profetizou a restauração final de Israel. Deu-lhes descrição detalhada da futura glória e santidade da nação, evitando assim que eles se estabelecessem nas atividades prósperas da Babilônia e se esquecessem de Jerusalém.

Contribuições Singulares de Ezequiel

1. PROFETA COM MUITOS AUDIOVISUAIS. Nenhum outro profeta fez tanto uso da linguagem figurada ou de visões. O livro está cheio de provérbios, alegorias, ações simbólicas, pequenas descrições e visões apocalípticas. Foram formas usadas especialmente para chamar a atenção e imprimir as verdades no restante do povo judeu rebelde e endurecido que estava na Babilônia. Ocorrem em todo o livro:

- 1:4-28 Visão da Glória do Senhor como “quatro seres vivos” saindo de uma nuvem.
 2:9-3:3 Ezequiel come o rolo de lamentações pelo julgamento de Israel.
 3:16-27 Ezequiel torna-se mudo exceto para as mensagens especiais do Senhor.

- 4:1-17 O profeta encena o cerco de Jerusalém e a chegada da fome.
 5:1-17 Ele se barbeia com espada afiada, dividindo o cabelo a fim de ilustrar o julgamento pela espada.
 6:1 e ss. Profetiza na direção das montanhas de Jerusalém.
 8:2 e ss. Em visão, é levado ao templo de Jerusalém para observar a idolatria.
 9:1-2 Executores da cidade preparam-se para destruí-la enquanto os restantes justos são marcados para ser preservados.
 10:2 e ss. O querubim espalha brasas sobre Jerusalém, indicando conflagração.
 10:4-22 A Glória afasta-se da cidade e do templo sobre rodas girantes dos querubins.
 12:3 e ss. Ezequiel encena a queda de Jerusalém fazendo pacotes e esgueirando-se pelo muro da cidade.
 13:10-16 Jerusalém é comparada a uma parede caíada prestes a cair.
 14:13-23 Julgamento inevitável, mesmo com orações como as de Noé, Daniel e Jó.
 15:2-6 Jerusalém é comparada a uma videira em combustão.
 16:2-63 Jerusalém é comparada a uma esposa meretriz.
 17:2-10 Alegoria de Israel como cedro; Babilônia e Egito como duas grandes águias.
 17:22-24 Alegoria do renovo do cedro a ser plantado em Israel.
 18:2-3 Provérbio dos pais que comeram uvas verdes.
 19:1-9 Alegoria de Israel como leoa aprisionada e suas crias.
 19:10-14 Alegoria de Israel como videira desarraigada.
 21:3-22 Parábola da espada do Senhor, afiada e desembainhada.
 22:18-22 Israel é comparado à escória da fundição.
 23:2-49 Jerusalém e Samaria são comparadas a duas irmãs adúlteras.
 24:2-14 Alegoria da panela e da carne rejeitada.
 24:16-27 Ezequiel não tem permissão de prantear a morte de sua esposa, como um sinal para Israel.
 27:1-36 Alegoria do orgulho e do navio que se afunda.
 28:12-19 Retrato da criação e da expulsão do querubim “rei de Tiro”.
 29:2 e ss. O Egito é comparado a dragão do Nilo. Apanhado em armadilha em 32:2-10.
 31:2-18 Alegoria do corte de dois cedros, Assíria e Egito.
 34:2-10 Líderes de Israel são comparados aos pastores ho-

micidas, em contraste com o Senhor, o verdadeiro Pastor.

37:1-14 Parábola dos “ossos secos”, mesmo sem vida, dando origem à casa de Israel.

37:16-22 Parábola dos “dois pedaços de pau” unidos, como símbolo de Judá e Israel.

40-42 Visão do agrimensor medindo Jerusalém e o templo para construção.

43:2-7 Visão da volta da Glória do Senhor ao novo templo.

Essas representações pictóricas anunciam e explicam os julgamentos do Senhor sobre Israel e as nações, através da Babilônia, e a futura restauração de Israel quando os destruidores forem aniquilados. As figuras não são misteriosas, mas estão explicadas nos contextos. João tomou muitas delas emprestadas ao escrever o Apocalipse.

2. AFASTAMENTO DA “GLÓRIA” (10:18). A “Glória” do Senhor, à qual Salmos e Isaías se referem muitas vezes, é descrita em Ezequiel como a presença visível de Deus (era designada pela palavra hebraica “*shechinah*”). Essa nuvem de “Glória” residia sobre o propiciatório coberto pelos querubins do templo. Ezequiel, o sacerdote, descreve o julgamento de Jerusalém pelo afastamento dessa glória. Nos capítulos 9-11, ela é vista afastando-se com relutância, primeiro dos dois querubins do santo lugar, em seguida da porta do templo a leste, depois da cidade, após ter fluído sobre a porta leste e, finalmente, do monte das Oliveiras, como se escrevesse “Icabode” sobre o templo e a cidade (8:3; 10:4, 18, 19; 11:22-24). A sua volta é descrita em 43:2-7, após a construção do novo templo. Essa vinda da Glória para o templo do milênio refere-se a Êxodo 40:34 e 2 Crônicas 5:13-14, onde a grande nuvem desce primeiro sobre o tabernáculo terminado e mais tarde sobre o templo de Salomão recém-construído. Aquela glória visível esteve sempre ausente dos templos de Zorobabel e de Herodes. A glória maior do futuro templo será a presença do Próprio Senhor ou Messias (Zacarias 2:5; Ezequiel 48:35).

3. “PARA QUE SAIBAIS QUE EU SOU O SENHOR” (6:7). Esse refrão é repetido mais de sessenta vezes em Ezequiel, especialmente com referência aos ídólatras. Essa passagem relaciona-se com semelhante afirmação de Elias, quando provou ao povo quem era o Deus verdadeiro de Israel (1 Reis 18:36-39). A declaração não significava que conheceriam a “salvação”, mas que saberiam que o Senhor (YHWH) era Deus e apto a cumprir a sua palavra (Comparar 6:14). Ele é um Deus que cumpre a aliança, seja para jul-

gamento, seja para bênção. Seja advertindo de julgamento por pecado, seja prometendo futura restauração, o Senhor não deixa de cumprir a sua palavra.

4. IDOLATRIA DE ISRAEL NO EGITO (20:5-9). Ezequiel deu uma contribuição importante à história de Israel no Egito quando fez menção de um detalhe omitido por Moisés em Êxodo. Ao censurar os anciãos ídólatras em Ezequiel 20, o profeta lembra-lhes que a idolatria da nação tinha as suas raízes no Egito. O grande sofrimento dos israelitas no país do Nilo, infligido pelo Faraó e os seus feitores, é visto por Ezequiel como tendo também uma causa espiritual. Foi a profunda idolatria dos judeus. Devido a essa idolatria, o Senhor estava prestes a abandoná-los. Entretanto, “por amor ao seu Nome”, ele providenciou para recuperá-los como o seu povo. Essa tendência para a idolatria deveria ser agora curada com uma temporada na Babilônia, e Ezequiel quer que eles entendam tal coisa.

5. EZEQUIEL COMO O “FILHO DO HOMEM” (2:1). O Senhor dirige-se a Ezequiel como o “filho do homem” noventa e três vezes, um título apenas usado para se referir a Daniel (Daniel 8:17), e usado mais de oitenta vezes referindo-se a Jesus. Esse título parece enfatizar a unidade do profeta com o seu povo, especialmente ao pronunciar julgamento contra os judeus. Jesus também usou esse título, mais do que qualquer outro, referindo-se a si próprio, e justificou a sua autoridade em julgar a humanidade por ser “o Filho do Homem” (João 5:27).

6. RESTABELECIMENTO DE ISRAEL E O CONFLITO COM GOGUE E MAGOGUE (36-39). Esse é um texto clássico sobre o restabelecimento final de Israel e o grande conflito com uma confederação do norte. O profeta revela diversas verdades importantes sobre esse futuro retorno e restabelecimento:

- O próprio Senhor fará com que eles voltem à terra, não obstante a oposição dos seus inimigos. Ali serão purificados e lhes será dado um “coração novo” (36:26).
- A nação se levantará como “ossos secos” (mesmo tendo estado morta durante muito tempo). Esses ossos numa certa altura receberão vida espiritual (37:1-14) e serão unidos (37:16-23).
- Depois do restabelecimento parcial, um grande poder do norte (Gogue e Magogue) invadirá Israel e será desafiado por uma grande aliança do sul e do oeste (38).
- Por meios naturais e sobrenaturais, “Gogue e Magogue” serão destruídos para demonstrar ao mundo a soberania do Senhor (39:1-8; 21:24).

e., A casa de Israel dos últimos tempos terá novo nascimento espiritual, quando o Espírito for derramado sobre ela numa época posterior àquela batalha (39:25-29).

7. O TEMPLO RESTAURADO DA VISÃO DE EZEQUIEL (40-46).

Entender esse templo tem sido uma das maiores dificuldades do livro. Como ele apresenta pouca semelhança com os templos reconstruídos de Zorobabel ou de Herodes, os intérpretes geralmente consideram-no ou: 1) uma descrição simbólica da Igreja do Novo Testamento, ou 2) uma descrição literal do templo restaurado a ser construído quando Cristo voltar para o milênio. Apesar de a primeira interpretação ter sido a mais popular desde que a Igreja começou a supor que os judeus eram um povo amaldiçoado e que todas as suas promessas foram dadas à Igreja, o último ponto de vista de uma restauração literal do templo é o mais seguro exegeticamente, pelas seguintes razões:

- a. No contexto, a reconstrução desse novo templo é descrita logo após a explicação do restabelecimento de Israel e a destruição dos seus inimigos (36-39).
- b. Como a maioria das profecias já cumpridas de Ezequiel (destruição de Jerusalém, o pó será varrido de Tiro etc, 6:3-5; 14:21; 26:4, 12) tiveram um cumprimento literal (como se poderia normalmente esperar), não há motivo para que os últimos capítulos sejam interpretados de maneira alegórica. Nos primeiros trinta e três capítulos, há a evidência da intenção literal das profecias.
- c. Interpretar a profecia sobre o templo como tendo o seu cumprimento na Igreja, quando sabemos que ele foi dado especificamente como uma esperança para Israel, é tornar essa profecia uma decepção total e uma esperança vã para o povo a quem ela foi dada (43:7, 10).
- d. As detalhadas dimensões do templo são quase destituídas de importância, se aplicadas metaforicamente à Igreja. Se entendidas literalmente, fazem consistência com o método do Senhor, que deu dimensões específicas para a arca de Noé, o tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão (Gênesis 6:14-17; Êxodo 25-28; 1 Reis 6:1-7:51). As dimensões dadas com cuidado sugerem que esse templo será tão real quanto os outros.
- e. O templo de Ezequiel tem algumas omissões evidentes que só fazem sentido na era messiânica. Falta o seguinte: 1) arca; 2) propiciatório; 3) querubins; 4) altar de incenso; 5) castiçal; 6) mesa do pão da proposição; 7) véu; e 8) sumo sacerdote. Tendo havido uma descrição cuidadosa com dimensões de todas as

outras partes, inclusive do altar de madeira que será usado distintamente, essas omissões chamam a atenção. Se o intuito fosse fazer desse templo um retrato metafórico da igreja, é inconcebível que essas importantes partes fossem deixadas de lado, pois elas simbolizam o âmago do ritual. Reconhecendo essas descrições como as partes literais de um templo literal a ser estabelecido no milênio, o mistério desaparece, pois o Messias, o cumprimento daqueles antítipos, estará então presente em Pessoa. Aquelas sombras serão obsoletas e foram, portanto, tiradas do quadro.

8. O SISTEMA SACRIFICIAL REINSTALADO (40:39; 45-46).

Esses textos chocam-nos com a profecia de que o sistema do Antigo Testamento das ofertas de sangue será reinstalado no novo templo. O ponto crucial do problema é que Hebreus 8-10 demonstra que a oferta única de Jesus pelo pecado tornou obsoletos todos os demais sacrifícios animais (Hebreus 9:26; 10:18). Deve ser lembrado, porém, que Hebreus 8-10 não argumenta que as ofertas de animais foram antes redentoras e são agora obsoletas, mas que elas jamais retiraram o pecado. Apenas indicavam Cristo como a oferta única para sempre. Com o propósito de enfatizar esse ponto, Jesus deu à Igreja o ritual da comunhão e do batismo para simbolizar sua morte, sepultamento e ressurreição até sua vinda (Mateus 26:26-29; 28:19). São um lembrete constante dessas verdades redentoras, apontando para a cruz. Desde que são recordações da sua morte “até que ele venha” (1 Coríntios 11:26), um memorial ulterior não estaria deslocado para aqueles que nascessem e fossem redimidos na era messiânica. Evidentemente é esse o objetivo do renovado sistema de sacrifícios animais no templo descrito por Ezequiel. Terão uma importante função memorial, mas não uma função redentora.

9. CRISTOLOGIA EM EZEQUIEL.

As referências messiânicas em Ezequiel, como em Jeremias, são bastante limitadas quanto às afirmações específicas. Há, todavia, diversas referências indiretas ao Messias como Pastor, Rei e Sacerdote.

- a. A sua obra como o “Bom Pastor” é sugerida em 34:11-16, após a denúncia dos pastores egoístas de Israel. No versículo 11 o Senhor declara: “Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei.” Os textos seguintes elucidam sua obra como “Bom Pastor”, cuidando, libertando, reunindo, alimentando, fazendo repousar, procurando a ovelha perdida, curando e fortalecendo a enferma. É, sem dúvida, o texto a que Jesus se referiu quando declarou em João 10:11, 14: “Eu sou o bom pastor”, distinguindo-se dos falsos pastores da época.

- b. Há alusões ao seu reinado em 21:27 e 37:22. Após a predição de que os israelitas seriam congregados de todas as nações, o Senhor diz: “Farei deles uma só nação. . . , e um só rei será rei de todos eles” (37:22). Tal informação é claramente messiânica e está relacionada com Isaías 9:7 e Lucas 1:32. A afirmação de 37:24: “O meu servo Davi *reinará* sobre eles” pode, evidentemente, ser uma designação do Messias como o “Filho de Davi”. Entretanto, poderia também ser uma referência ao fato de que Davi, depois da ressurreição, servirá como rei sobre Israel, sob a autoridade máxima do Messias, que será o Rei dos Reis (Ezequias 34:24; Oséias 3:5; Apocalipse 19:16).
- c. O sacerdócio do Messias não está mencionado nesse livro, mas acha-se subentendido pelo fato de o templo ter sido detalhadamente descrito sem um sumo sacerdote. Como é inconcebível haver um templo sem um sumo sacerdote, o fato de esse sumo sacerdote não estar mencionado faz supor que todos saibam que um sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque será levantado para ser “sacerdote no seu trono” —o Messias. (Salmo 110:4; Zacarias 6:13; Hebreus 5:6).

O Livro de Daniel

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Daniel significa “Deus é Juiz” (ou “meu Juiz”), um nome que também sugere o tema do livro: a soberania de Deus sobre as nações.

B. AUTOR

1. Membro da família real, Daniel nasceu em Jerusalém, em 623 a.C. aproximadamente, durante a reforma de Josias e no princípio do ministério de Jeremias.
2. Levado à Babilônia por ocasião do primeiro exílio (605), foi selecionado para o serviço real depois de um período de três anos de estudos especiais, tendo recebido o nome de “Beltesazar”, uma das divindades da Babilônia.
3. Em 603, aos 20 anos aproximadamente, Daniel foi declarado governador da província da Babilônia e chefe supremo de todos os “sábios”. Era, portanto, o conselheiro-mor de Nabucodonosor durante o período da destruição de Jerusalém e do exílio para a Babilônia, tendo certamente exercido influência sobre os judeus cativos.
4. Durante um período de quase setenta anos, Daniel serviu a seis governadores babilônios e a dois persas. No governo de três deles (Nabucodonosor, Belsazar e Dario I) foi elevado a primeiro-ministro. Ocupou essa função durante o cativo final de Judá e o regresso dos cativos.

C. AUTORIA

Como acontece com o livro de Isaías, esse também é muito controvertido quanto à autoria e data em que foi escrito. A autoria de Daniel foi contestada pela primeira vez por Porfírio em 275 d.C., e é universalmente contestada pelos críticos modernos. Eis,

a seguir, um breve sumário dos argumentos que negam e dos que confirmam a autoria de Daniel.

1. Argumentos que negam:

- a. Sua colocação no cânon hebraico com as “Escrituras” sugere uma data posterior. Esse argumento supõe que o cânon dos Profetas foi completado em 425 a.C. aproximadamente, e as “Escrituras” em 165 a.C. É essa uma suposição errada, pois muitos livros das “Escrituras” foram escritos antes do tempo de Daniel (por exemplo, Salmos, Provérbios, Jó etc. para citar somente os óbvios).
- b. As “imprecisões” históricas sugerem que o livro tenha sido escrito mais tarde. Apesar de lhe apontarem muitas discrepâncias, pesquisas posteriores e descobertas arqueológicas forneceram explicações adequadas a elas [V. J. C. Whitcomb, *Darius The Mede* (Dario, o Meda); E. J. Young, *An Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento), págs. 380 e ss.; Gleason Archer, *In the Shadow of the Cross* (A Sombra da Cruz), págs. 367 e ss.].
- c. Suas características literárias, especialmente o uso de termos persas e gregos, indicam que alguém o tenha escrito mais tarde. Daniel, porém, viveu na era persa, e muito antes dele já existia ativo comércio com os gregos (Joel 3:6).
- d. Seus últimos conceitos teológicos, tais como o advento do Messias, sua ênfase nos anjos, na ressurreição e no julgamento são considerados anacrônicos, mais relacionados à literatura apócrifa do segundo e terceiro séculos a.C. Esse argumento parece não considerar que esses conceitos já existiam em livros mais antigos, como em Gênesis, por exemplo, e são mencionados em todo o Antigo Testamento (Gênesis 3:15; 18:1 e ss.; Juízes 13:17-18; Jó 1-2; Salmo 16:10; Eclesiastes 12:14; Isaías 2:4-22).
- e. Suas profecias detalhadas da época dos Macabeus (capítulo 11) não poderiam ter sido escritas antes de 165 a.C., quando muitas delas foram cumpridas. É esse o âmago do problema humanista com o livro de Daniel, a negação da profecia. O resultado de tal ponto de vista é também negar a soberania de Deus sobre os afazeres humanos, o verdadeiro objetivo do livro.

2. Argumentos que confirmam a autoria de Daniel:

- a. Do mesmo modo que Moisés, Samuel, Esdras e outros reconhecidos autores do Antigo Testamento, Daniel registra os capítulos históricos (16) na terceira pessoa. Ao narrar as quatro visões (7-12), escreve sempre na primeira pessoa, identificando-se muitas vezes: “Eu, Daniel”.

- b. Ezequiel reconheceu a historicidade de Daniel na sua época, mostrando com isso que sua notável sabedoria e seu caráter íntegro eram legendários, comparáveis aos de Noé e Jó (Ezequiel 14:14, 20; 28:3).
- c. O autor demonstra cabal conhecimento dos hábitos, costumes, história e religiões do sexto século a.C. (1:5, 10; 2:2; 3:3, 10 etc).

Esboço de Daniel

TEMA: Soberano Cuidado de Deus para com Israel durante os Tempos dos Gentios.

I VITÓRIAS PESSOAIS DE DANIEL SOBRE A OPOSIÇÃO DOS GENTIOS	1—6
A. <i>Cativeiro e a Preparação para o Serviço</i>	1
1. Treinamento de Daniel	1:1-7
2. Teste de Daniel	1:8-21
B. <i>Interpretação da Grande Estátua de Metal</i>	2
1. Sonho do rei e a exigência irracional	2:1-13
2. Fé de Daniel e visão dada pelo Senhor	2:14-45
3. Promoção de Daniel a Primeiro-Ministro	2:46-49
C. <i>Três Amigos Hebreus na Fornalha</i>	3
1. Fé provada pela idolatria pagã	3:1-18
2. Fé triunfante pela intervenção divina	3:19-30
D. <i>Interpretação da Visão da árvore de Nabucodonosor</i>	4
1. Visão revelada para aviso ao rei	4:1-27
2. Visão cumprida para ensino ao rei	4:28-37
E. <i>Interpretação da Escritura na Parede</i>	5
1. A escritura de Deus põe fim à festa idólatra	5:1-9
2. O julgamento de Deus põe fim ao reinado da Babilônia	5:10-31
F. <i>Livramento da Cova dos Leões</i>	6
1. Novo teste de Daniel pelos persas	6:1-17
2. Novo testemunho de Daniel aos persas	6:18-28
II VISÕES PROFÉTICAS DE DANIEL DA OPOSIÇÃO GENTIA A ISRAEL	7—12
A. <i>Visão dos Quatro Animais e o Filho do Homem</i>	7
1. Visão descrita como de quatro grandes animais	7:1-14
2. Visão interpretada como de quatro reinos gentios	7:15-28
B. <i>Visão do Carneiro Persa e do Bode Grego</i>	8
1. Visão do carneiro, bode e pequeno chifre	8:1-17
2. Profecia da Pérsia, Grécia e Anticristo	8:18-27
C. <i>Visão das Setenta Semanas de Israel</i>	9
1. Daniel —estudo da profecia e sua oração	9:1-19
2. Gabriel —revelação das setenta semanas de Israel	9:20-27
D. <i>Visão da Oposição Gentia a Israel e Triunfo Final</i>	10-12
1. Conspiração demoníaca contra Israel	10
2. Oposição grega, egípcia e síria	11:1-35
3. Breve triunfo do Anticristo no fim dos tempos	11:36-45
4. Triunfo final de Israel depois da grande tribulação	12

- d. Jesus reconheceu Daniel como o autor das visões de Daniel 9:27, 11:31 e 12:11, as últimas partes do livro (Mateus 24:15).
- e. Josefo (75 d.C., aproximadamente) mencionou que Alexandre o Grande foi anunciado no Livro de Daniel e na sua profecia sobre o poder em ascensão na Grécia e o primeiro rei que conquistaria a Pérsia (8:21; 11:3). Isso ocorreu muito antes da época dos Macabeus, durante a qual os críticos dizem que o livro foi escrito (Josefo, *Antiquities*, Livro XI, VIII, séc. 5).
- f. As tradições judaicas e cristãs têm reconhecido Daniel como o autor (até que racionalistas e deístas recentes ressuscitaram o ponto de vista neoplatônico do filósofo Porfírio de que o livro foi escrito por um judeu desconhecido da Palestina na época dos Macabeus, depois de 165 a.C.).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 535 a.C., aproximadamente.

1. Datas das histórias e visões (afirmadas ou relacionadas):

Daniel	1:1	606	Deportação de Daniel e três anos de treinamento.
	2:1	603	Interpretação do sonho por Daniel e o engrandecimento.
	5:31	539	Interpretação de Daniel para Belsazar da “escritura na parede”.
	6:1	538	Daniel na cova dos leões, quando Dario I (Gobryas) começou a governar.
	7:1	553	Visão dos “quatro grandes animais”.
	8:1	551	Visão de um carneiro e um bode.
	9:1	539	Visão das “setenta semanas” de Israel.
	10-12	536	Visão da Pérsia, da Grécia e do tempo do fim.

2. É provável que o livro tenha sido completado em 535, logo após a última visão.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. A política mundial, ascensão e queda de grandes impérios e o relacionamento dessas potências com Israel constituem os assuntos principais do livro. Durante a vida de Daniel, o império assírio exalou o seu último suspiro com a queda de Nínive em 612, e a batalha de Carquemis em 605. A nação judaica foi destruída em 586, o império egípcio invadido pela Babilônia em 525, o império dos medos caiu sob as tropas de Ciro em

550 aproximadamente, e por último a Babilônia também foi vencida por Ciro, o persa, em 539. Durante grande parte desse tempo, Daniel achava-se em posição elevada, podendo observar de perto as mudanças internacionais e a maneira pela qual Deus dominava todas as situações.

2. Para uma listagem dos reis da Babilônia e da Pérsia envolvidos na política da época, veja o capítulo “Soberanos Internacionais Efetuando o Cativo e o Regresso de Israel”.
3. O acontecimento internacional mais importante de Daniel é o começo da era do “reinado dos quatro grandes”, conhecida como “os tempos dos gentios” (Daniel 2:36-45; 7:2-18; Lucas 21:24). Esse período começou com Nabucodonosor, a “cabeça de fino ouro”, e é caracterizado pelo domínio gentio sobre Jerusalém. Somente terminará quando “o Deus do céu suscitar um reino que não será jamais destruído” (2:44), o reino messiânico (Mateus 25:31-34).

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Para o cenário religioso de Judá, veja a “Introdução” do Livro de Jeremias; para o cenário religioso dos exilados na Babilônia, veja a “Introdução” do Livro de Ezequiel.
2. Nessa época a religião da Babilônia centralizava-se em Bel Merodaque (Marduque) (Jeremias 50:2), no seu grande e único templo, Esagila, com a sua enorme torre. Essa religião veio da antiga Mesopotâmia, onde cada cidade tinha o seu próprio deus. Enlil, o deus padroeiro de Nipur (a 64 quilômetros a sudeste da Babilônia), chegou a ser considerado o “senhor do mundo” [Charles Boufflower, *In and Around the Book of Daniel* (O Que Está no Livro de Daniel e o Que se Refere a ele), págs. 91 e ss., citando “The India House Inscription” de Nabucodonosor]. Entretanto, com a posterior ascensão da Babilônia, Merodaque, seu deus padroeiro, tornou-se mais importante do que Enlil, passando a ser o senhor ou Bel (cognato de Baal) do panteão dos deuses da Babilônia. Ao templo desse deus, os sacerdotes traziam anualmente todos os deuses ou estátuas por ocasião da festa de Nisá, onde supostamente os destinos de todos os homens eram fixados para o ano seguinte. Na concepção dos neobabilônios, Merodaque era o deus supremo.
3. Nabucodonosor não se mostrou apenas um gênio militar, amante do luxo, edificador de monumentos, jardins e canais e hábil administrador, mas também um homem muito religioso. Sua paixão religiosa era enriquecer o templo de Merodaque na Babilônia com ouro, jóias e pedras preciosas (Boufflower, *ib.*, págs. 24 e ss.). Tinha também uma tendência para o mono-

teísmo, conforme foi demonstrado mais tarde. Os babilônios acreditavam em diversos deuses: Enlil, o deus da tempestade de Nipur; Shamash, o deus do sol de Sipar; Sin, o deus da lua de Ur e Haras; Nebo, o deus da sabedoria e da escrita (e astrologia) de Borsipa (Isaías 46:1). Mas Merodaque era exaltado muito mais do que esses e lhe era dada uma estatura quase monoteísta. “Se naquela ocasião”, diz Boutflower, “Nabopolassar podia incluir Shamash na adoração de Enlil junto com Merodaque, e se Nabonido podia conferir o título às vezes a Merodaque e às vezes a Sin, não é surpresa que Nabucodonosor, sob a influência dos poderosos milagres operados perante os seus olhos, conferisse ao Deus dos judeus os títulos “Altíssimo” e “Deus Altíssimo” (*Ib.*, pág. 101). Isso é especialmente importante em Daniel 2-4, onde Nabucodonosor proclama ser o Deus de Daniel o “Deus dos deuses” depois de ver que é ele a fonte de sabedoria para revelar sonhos (2), a fonte de poder para proteção na fornalha de fogo (3), e aquele que estabelece e depõe os governadores da terra (4).

4. Daniel e os seus três amigos receberam nomes da Babilônia relacionados com o panteão de deuses babilônicos. Friedrich Delitzsch dá a seguinte interpretação: Daniel — “Beltessazar”, com o significado de “Que Bel proteja a sua vida”. Hananias — “Sadraque”, significando o “servo de Aku”, o deus da lua Sin. Misael — “Mesaque”, que significa de “quem é igual a Aku” (“Misael” semelhante a Deus). Azarias — “Abede-Nego”, ou o “servo de Nebo”.

OBJETIVO DO LIVRO DE DANIEL

Seu objetivo principal é declarar a soberania de Deus sobre todas as nações, conforme foi demonstrado por intermédio de Daniel e seus amigos a dois monarcas da Babilônia e a dois da Pérsia. Assim, Daniel revela a previsão de quatro reinos gentios e “setenta semanas” de Israel, que teriam de cumprir o seu tempo antes do próprio Deus estabelecer um reino eterno na terra. O propósito do Livro de Daniel não é enfatizar o programa redentor de Deus, mas o programa do seu reino, até que ele seja estabelecido permanentemente com o Messias.

Contribuições Singulares de Daniel

1. **ÊNFASE GENTIA EM DANIEL.** Em contraste com os profetas, Daniel põe mais ênfase nos reinados gentios do que no de Israel.

Menciona Israel ou Judá apenas doze vezes, e isto é muito pouco comparado com Ezequiel (201 vezes) ou Oséias (59 vezes). Daniel foi preparado especialmente para o ministério das cortes gentias, sendo que ele próprio pertencia à nobreza de Judá (Daniel 1:3, 6). Até mesmo seu nome adequava-se ao seu testemunho perante os gentios, com o sufixo “El”, que significava Deus para os gentios (Gênesis 14:18; Daniel 2:18). Ezequiel, o outro profeta da Babilônia, também tinha o sufixo “El”, enquanto outros dois profetas maiores, Isaías e Jeremias, tinham o sufixo “Yah”, adequando o seu ministério em Israel, terra da aliança.

De conformidade com a ênfase gentia, mais da metade do livro de Daniel está escrito em aramaico, a “língua franca” gentia do Oriente Médio daquela época (do séc. VII a.C. até o séc. VII d.C.). Esses capítulos (2:4-7:28) apresentam os “tempos dos gentios” com dois sonhos ou visões nos capítulos 2 e 7. O papel dos reinos gentios é o principal tema do livro.

2. **CONTRIBUIÇÃO PROFÉTICA DE DANIEL.** Sua principal contribuição para a previsão profética foi o fato de ele ter colocado o programa profético divino dentro de um sistema cronológico. Ao próprio programa não foi adicionada muita coisa, considerando o que já tinha sido declarado pelas alianças com os antepassados e pelos profetas anteriores. Mas Daniel forneceu o calendário gentio dos “tempos dos gentios” e o calendário judaico das “setenta semanas de Israel” (2:37-44; 7:3 e ss.; 9:24-27). Esse trabalho proveu localizações exatas internacionais pelas quais a manobra do programa divino pode ser discernida no cenário mundial e em Jerusalém, capital judaica. Daniel designou cuidadosamente nações específicas e acontecimentos-chaves (8:20-22; 9:24-27; 12:1, 7-13). Esses acontecimentos referem-se a Israel e seu futuro, à medida que os impérios vão mudando, e mostram a soberania de Deus sobre o tempo e os acontecimentos.
3. **CONTEÚDO SOBRENATURAL DO LIVRO DE DANIEL E LINGUAGEM APOCALÍPTICA.** Enquanto outros profetas não mencionam milagres nos seus ministérios (com exceção de Isaías e Jonas), Daniel registra o que há de miraculoso ou sobrenatural. Nos seis primeiros capítulos observam-se acontecimentos de sabedoria ou poder sobrenaturais (1:17-20; 2:28; 3:25-27; 4:33-34; 5:5; 6:22). Nas quatro visões dos capítulos 7-12, ele descreve acontecimentos sobrenaturais do trono de Deus (7:9 e ss.), Gabriel revelando visões do futuro (8:16; 9:21), Miguel de sentinela defendendo Israel (10:21; 12:1), poderes espirituais desafiando nações pagãs (10:13, 20) e uma descrição metafórica do próprio Senhor

(10). É uma apresentação da soberania de Deus sobre todos os poderes e domínios.

O livro de Daniel é muitas vezes classificado como literatura “apocalíptica”. Foi um tipo de literatura profética que floresceu de 200 a.C. até 110 d.C., dando destaque a visões de imagens simbólicas de seres humanos e espirituais, com significado vago. Nela eram também importantes as expectativas de catástrofe cósmica iminente, em que as forças do bem venceriam as do mal e proporcionariam o estabelecimento do governo universal messiânico. Os profetas Isaías, Ezequiel, Daniel e Zacarias certamente descrevem acontecimentos sobrenaturais de caráter cósmico que resultam no estabelecimento da era messiânica, uma vez que ver o futuro faz parte da profecia. Entretanto, seus livros não podem ser classificados com os muitos “apocalipses” que pseudo-escritores produziram naquele período. Muitos dos últimos escritos foram pseudépígrafos, adotando nomes ilustres para que lhes prestassem atenção. Eram bastante deterministas. Os elementos apocalípticos de Daniel não são uma imagem vaga, mas são explicados em termos do mundo real; nem tampouco são meros decretos de determinismo, mas lembretes do programa divino profetizado para inspirar o povo de Deus a boas ações, bem como a ter confiança esperançosa. É um livro “apocalíptico” no verdadeiro sentido de “apocalipse”, uma “revelação” de Deus.

4. OBJETIVO PRÁTICO DE DANIEL. Embora esse livro esteja repleto de conteúdo profético, está também impregnado de muitos desafios para a vida prática e piedosa. As profecias foram dadas não para promover misticismo, mas fortalecer o caráter. Não como motivo de curiosidade, mas para infundir coragem. O autor esmera-se em registrar como uma vida pura, com estudo bíblico e persistente oração, constitui o manancial de onde ele recebeu as visões de Deus (1:8-9; 9:2-20). Na grande profecia das “setenta semanas” para Israel em 9:24-27, por exemplo, os princípios praticados tiveram antes grande ênfase. Essa profecia de quatro versículos é precedida de um longo relato de Daniel a estudar Jeremias, a orar, a confessar os seus pecados, a apelar a Deus com base nas suas alianças e compaixão. Deve também ser observado que essa revelação de longo alcance foi dada logo após a experiência de Daniel na cova dos leões (6:1: 9:1). Um objetivo básico da profecia é promover vida piedosa. Nos difíceis tempos dos Macabeus, o Livro de Daniel foi sem dúvida um fator preponderante na inspiração da coragem piedosa deles, e os estimulou para serem fortes e executarem grandes feitos (11:32).

5. DANIEL APRESENTA O ANTICRISTO. Embora fale pouco do Messias, Daniel muito diz sobre o Anticristo. Esse sinistro personagem aparece mais e mais no livro desde vagos símbolos, como o “pequeno chifre”, até o título específico de “rei” e “desolador” nas últimas visões. Essa revelação pode ser observada na seguinte seqüência de textos:

- a. Daniel 7:8-11 — É apresentado como um “pequeno chifre” (poder) cujas bazófilas são julgadas pelo “Ancião de Dias” e é queimado pelo fogo.
- b. Daniel 8:9-25 — É visto novamente como um “pequeno chifre” que se opõe até ao “Príncipe dos príncipes”, e é “quebrado sem esforço de mãos *humanas*” no último tempo da ira de Israel (versículo 19).
- c. Daniel 11:36-45 — É visto agora como “o rei” (no “tempo do fim”) que se exalta acima de todos os deuses, tem uma vitória decisiva na “Terra Gloriosa” e arma “as suas tendas palacianas” no “monte santo” de Jerusalém (vers. 45).
- d. Daniel 12:1, 11 — O seu tempo para profanar o santuário e o “poder do povo santo” está designado como 1260 dias ou três anos e meio (12:7, 11; Comparar Apocalipse 11:2; 13:5).

Essa revelação do futuro Anticristo faz parte da revelação dos tempos dos gentios do capítulo 2. O primeiro rei desse período foi Nabucodonosor, e o último será o Anticristo, que pisará o templo de Jerusalém (Lucas 21:24). Nabucodonosor, entretanto, reconheceu o “Rei do céu”, enquanto o Anticristo mais e mais magnificará a si mesmo (4:37; 11:36).

6. CRISTO EM DANIEL. Dedicando-se mais ao reino temporal dos gentios, Daniel apresenta o conteúdo messiânico apenas em alguns raros textos:

- a. Em 2:34-35, 44-45, a “pedra... cortada sem auxílio de mãos” que fere a estátua dos reinos gentios simboliza a vinda final de Cristo a fim de destruir o sistema antidivino do mundo e estabelecer o seu reino eterno.
- b. Em 7:13-14, o “Filho do Homem” que “vem sobre as nuvens do céu” a fim de destruir os reinos dos animais e receber o “domínio eterno”, descreve a sua vinda como o Homem-Deus, assumindo finalmente sua posição legítima de Rei da terra designado por Deus.
- c. Em 9:25-26, há uma referência mais específica a Cristo como o Messias. No decurso da profecia das setenta semanas, ele vem, mas é retirado sem receber o que lhe é devido. Ligado a esse acontecimento, entretanto, haveria outra destruição da cidade e santuário (cumprida em 70 d.C.).

d. Em 10:5-6, aparece a figura impressionante do Senhor como “um homem”, cuja aparência era semelhante a de um “homem” por cima do firmamento em Ezequiel, 1:26 e a do “Filho de Homem”, em Apocalipse 1:13-17. Cada uma dessas descrições foi dada quando um julgamento estava prestes a ser pronunciado. Em todas essas referências de Daniel, Cristo é visto como o Juiz das nações designado por Deus.

7. PROFECIA DAS “SETENTA SEMANAS” DE ISRAEL (9:24-27).

Além do cronograma gentio, Daniel também recebeu um cronograma judaico de acontecimentos proféticos sobre Israel. Essas profecias são muito mais exatas quanto aos anos e dias, e localizam os acontecimentos principais da redenção e restauração de Israel. No final, a transgressão de Jerusalém terá fim, a iniquidade será expiada, a “justiça eterna” será trazida e as profecias terão o seu cumprimento (9:24). O cronograma das “setenta semanas” apresenta quatro observações:

- Sete “setes” (49 anos) — Reconstrução de Jerusalém em tempos difíceis.
- Sessenta e dois “setes” (434 anos) — Após esse tempo, o Messias é “cortado” (retirado de cena) e Jerusalém destruída.
- Um “sete” (7 anos) — Época final do pacto entre o “príncipe” romano e Israel.
- Meio “sete” (3 anos e meio) — Período de abominação e desolação em Jerusalém.

Essa profecia tem sido entendida de vários modos devido a diversos problemas de interpretação:

- Qual o significado de “semanas”? O termo é uma tradução do hebraico “*shabua*” (gr. *heptad*), que significa um período de “sete”, sejam dias ou anos conforme o contexto (Gênesis 29:28-29). Em Daniel 9, o profeta tinha acabado de estudar a profecia de Jeremias dos setenta anos de cativo de Israel, castigo resultante da falha em guardar os anos sabáticos durante 490 anos (2 Crônicas 36:21). Esse período adicional de 490 anos de provação sob o domínio dos gentios enquadra-se simetricamente com o período similar anterior.
- Quando começou esse período de “setenta semanas”? Embora diversos decretos tivessem sido promulgados pelos reis persas para permitir que Israel voltasse à Palestina, somente um deles visou a reconstrução de Jerusalém (Neemias 2:1-8). Os outros decretos de 538, 520 e 457 foram para a reconstrução do templo e restauração do culto (Esdras 1:1-2; 6:3; 7:11-28). O decreto para reconstruir o muro da cidade foi dado por Artaxerxes a Neemias no dia 1 de Nisã de 444 a.C., vigésimo

ano de Artaxerxes. (Quando se registrava apenas o mês, como em Neemias 2:1-8, era hábito judeu admitir que o fato ocorrera no primeiro dia daquele mês.) Essa data, registrada com cuidado, estabelece firmemente um ponto em que a contagem decrescente das “setenta semanas” principia.

- Quando terminaram as “sessenta e nove semanas”?

Total de dias: $69 \times 7 = 483$ anos ou 173.880 dias

(ano bíblico = 360 dias conforme, Gênesis 7:11, 24; 8:4; Apocalipse 11:3; 12:6; 13:5).

Período de tempo: 1 de nisã de 444 a.C. (5 de março) + 173.880 dias = 30 de março de 33 d.C. [Confira: 444 a.C. + 33 d.C. (sem ano 0) = 476 anos.

476×365.2421 (nº de dias do ano solar) = 173.855 dias ou 5 de março de 33 d.C. Somando os 25 dias restantes aos 173.880, chegamos a 30 de março de 33 d.C.]

A data de 30 de março de 33 d.C. foi o Domingo de Ramos em que Jesus entrou em Jerusalém e chorou, ao censurá-los por não reconhecerem a “oportunidade” da visitação (Lucas 19:41-44). (V. Harold Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Aspectos Cronológicos da Vida de Cristo), pág. 138).

- A “setuagésima” semana veio logo após a sexagésima nona, ou houve um intervalo entre elas? Diversas observações indicam um intervalo um tanto longo entre as duas “semanas”:
 - Houve um intervalo evidente entre a morte do Messias e a destruição de Jerusalém (33-70 d.C.). Se nesse caso houve um intervalo pequeno, por que não haveria um intervalo longo para o futuro?
 - Jesus mencionou que a setuagésima semana está no futuro, pois o “abominável da desolação” expresso por Daniel ocorrerá antes da sua segunda vinda (Mateus 24:15, 21).
 - O fato de a “justiça eterna” e outras finalidades dessa profecia não terem obtido o seu cumprimento histórico após a sexagésima nona semana, torna claro que os acontecimentos da setuagésima semana ainda estão no futuro. Isso tudo forma a estrutura fundamental dos acontecimentos de Apocalipse 4-19, antes da volta de Cristo.

8. DOIS CRONOGRAMAS PROFÉTICOS DE DANIEL.

- O primeiro cronograma, “o tempo dos gentios”, é apresentado em Daniel 2 como uma grande estátua metálica de um homem, e encontra sua explicação mais tarde no símbolo dos quatro animais. A primeira perspectiva (sonho de Nabucodonosor) é do ponto de vista humano, mostrando a deterioração do ouro até o barro. A segunda (sonho de Daniel) é do ponto de vista

TEMPO DOS GENTIOS

	606 a.C.	538	332	63	33 d.C.		
REF. BÍB.	BABILÔNIA	PÉRSIA	GRÉCIA	ROMA	ERA DA IGREJA	CONFEDERAÇÃO DAS DEZ NAÇÕES	REINO MESSIÂNICO
Daniel 2	Cabeça de Ouro	Peito de Prata	Ventre de Bronze	Pernas de Ferro	(Período indeterminado)	Pés e dedos de Ferro e de Barro	Pedra e Montanha
Daniel 7	Leão	Urso	Leopardo	Animal Terrível		Dez Chifres e Pequeno Chifre	Santos para Governar a Terra
Daniel 8		Carneiro	Bode; Grande Chifre; Quatro Chifres	Interadvento)	Pequeno Chifre		
Daniel 10-12		Pérsia	Grécia Dividida; Síria e Egito		Rei Obstinado (Anti-cristo)	Julgamento e Ressurreição.	

divino, mostrando os quatro animais que destroem. São muitos os indícios da sua clara interpretação: 1) Tendo Nabucodonosor sido identificado como a “cabeça de ouro” (2:38), o seu reino é o princípio do tempo dos gentios. 2) Isso também sugere que o “Tempo dos Gentios” será o período de tempo em que Israel estará sob o governo das potências gentias até que o reino messiânico seja estabelecido na terra. 3) O terceiro animal apresenta-se com quatro asas e cabeças (7:6). É, portanto, facilmente interpretado como o império de Alexandre, que foi dividido em quatro partes. 4) Como o quarto animal é apresentado com dez chifres seguido de um chifre pequeno que os conquista, o reino que veio após o império grego foi Roma, mas isso tem também alguma relação com a última confederação dos dez reis. 5) Visto que o pequeno chifre será no fim aniquilado pela vinda do “Filho do Homem” (7:11) e toda a estrutura dos reinos temporais será esmagada pela “pedra cortada sem auxílio de mãos”, a qual estabelecerá um reino eterno, essa confederação de dez nações ainda está no futuro e será governada pelo “pequeno chifre”, o Anticristo, exatamente antes de Cristo vir para estabelecer o seu Reino eterno na terra. Isso estabelece a necessidade de existir um hiato ou intervalo entre o antigo império romano e o futuro império romano restaurado, ou entre as pernas de ferro e os pés e

dedos de ferro e de barro. Parece que o intervalo deva ser a Era da Igreja, durante a qual o reino de Israel não existe, e judeus e gentios não são diferenciados do ponto de vista divino (até que o “pequeno chifre” faça um tratado com Israel).

b. O *segundo cronograma*, as “Setentas Semanas de Israel”, já foi debatido, e o quadro abaixo mostra a sua relação com o cronograma gentio.

SETENTA SEMANAS DE ISRAEL

444 a.C.

33 d.C.

Daniel 9:24-27		69 Setes (483 anos)	Messias retirado; Jerusalém destruída	Um Sete 3 1/2 3 1/2 anos anos	Justiça Eterna
----------------	--	---------------------	---------------------------------------	-------------------------------	----------------

Introdução aos Profetas Menores

I Nomes dos Profetas Menores

- A. SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO “PROFETAS MENORES”.** As designações “Profeta Maior” e “Profeta Menor” foram cunhadas por Agostinho no princípio do século IV d.C. “Menor” refere-se à brevidade do segundo grupo, certamente não à sua importância relativa. Os hebreus chamavam-nos de “O Livro dos Doze”. Foram provavelmente agrupados dessa maneira por Esdras e a “Grande Sinagoga”, mais ou menos em 425 a.C., talvez a fim de acomodá-los em um rolo. O grupo todo é mais curto do que apenas Isaías, Jeremias ou Ezequiel.
- B. SIGNIFICADO DO NOME DE CADA PROFETA.** Quase invariavelmente o nome de cada profeta tem um significado que se harmoniza de maneira extraordinária com a sua mensagem. Essa “coincidência” providencial tinha um significado genuíno na opinião dos hebreus antigos, para quem os nomes eram muito importantes. Com muita frequência, Deus usou nomes para transmitir mensagens.

II Disposição dos Profetas Menores

- A. DISPOSIÇÃO DE ACORDO COM A CRONOLOGIA.** Embora os Profetas Maiores estejam dispostos em ordem cronológica, os Menores não têm essa disposição. Não há acordo entre os comentaristas (talmúdicos ou modernos) quanto ao verdadeiro objetivo da ordem canônica. Os primeiros seis são cronologicamente anteriores aos últimos seis, e estes últimos estão em ordem cronológica. Mas a ordem dos primeiros seis é um enigma, exceto pelo

fato de que todos eles tratam do período anterior ao cativeiro do norte. Oséias pode ter sido posto em primeiro lugar devido ao seu comprimento, mas a disposição dos outros nada tem que ver com tamanho.

B. DISPOSIÇÃO DE ACORDO COM TEMA FUNDAMENTAL.

Entre cronologia e estilo, este último tem geralmente primazia (por exemplo, Epístolas do Novo Testamento), especialmente para os hebreus que tinham um conhecimento profundo da sua história pelos Livros Históricos. Era o povo da aliança e o tema aliança aparecia em larga escala em toda a sua literatura. Poderemos deduzir que a ordem dos livros seja motivada pela ênfase do caráter divino e pelo tema da aliança. Esses livros podem ser agrupados em três períodos de crise à medida que a nação avança em direção ao julgamento.

1. Antes do Cativeiro do Norte (722 a.C.)

Profeta	Data	Caráter de Deus	Mensagem da Aliança
Oséias	740	Amor	Aliança violada por Israel.
Joel	835	Julgamento	Aviso a Judá do julgamento devido ao pecado.
Amós	760	Justiça	Aviso a Israel do julgamento amadurecido.
Obadias	845	Vingança	Advertência a Judá acerca da proteção da aliança.
Jonas	765	Misericórdia	Censura a Israel pelo egoísmo da nação.
Miquéias	735	Perdão para com o mundo	Censura a Judá pelas injustiças sociais.

2. Antes do Cativeiro do Sul (606-586)

Profeta	Data	Caráter de Deus	Mensagem da Aliança
Naum, aproximadamente	710	Zelo	Terror de Deus sobre os atacantes de Judá.
Habacuque	608	Santidade	Uso divino de estrangeiros para a disciplina.
Sofonias	625	Indignação	Cumprimento da Aliança no Dia do Senhor.

3. Depois do Regresso do Cativeiro (536-425)

Profeta	Data	Caráter de Deus	Mensagem da Aliança
Ageu	520	Glória	Glória verdadeira na Presença de Deus.
Zacarias	520	Livramento	Cumprimento da aliança através do Messias.
Malaquias	430	Grandeza	Obrigações da aliança até que o Messias venha.

O Livro de Oséias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Oséias significa “salvação” ou livramento. A forma hebraica desse nome é “Hoshea” (o último rei de Israel). Pertence à mesma raiz da palavra “Josué”, que por sua vez tem o prefixo “yod” para “Yah” ou Senhor (“Yahweh é salvação”).

B. AUTOR

1. Pouco se conhece de Oséias, exceto que é “filho de Beeri” e que profetizou para Israel, reino do norte, nos últimos trinta anos antes do cativeiro. Evidentemente mudou-se para o sul antes do cativeiro em 722.
2. Como Isaías, seu contemporâneo em Judá, Oséias tinha uma família que foi usada pelo Senhor como “sinal” para a nação quanto ao futuro julgamento e posterior restauração. Suas lamentáveis relações conjugais tornaram-se a trama ao redor da qual o Senhor construiu sua mensagem final ao reino do norte.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 740 a.C., aproximadamente.

1. Durante os reinados de quatro reis de Judá, de Uzias a Ezequias, mais ou menos 767-697, e durante o reinado de Jeroboão II de Israel, 793-752.
2. Jeroboão morreu em 752. Ezequias subiu ao trono em 728. Somando alguns anos ao mínimo período de tempo, sugere aproximadamente 755-725.

B. DESTINATÁRIOS

Embora sejam dados os nomes dos reis de Judá com a finalidade de localizar a época, e Judá seja mencionado no livro, a profecia

é dirigida ao reino do norte, Israel (1:4, 6, 10; 3:1; 4:1, 15; etc.). Dirige-se a ele como “Efraim” trinta e sete vezes, em virtude da poderosa tribo do centro oriunda do muito abençoado filho de José. Efraim quer dizer “fértil”.

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. Nacionalmente, a monarquia tinha sido dividida em dois reinos havia aproximadamente 200 anos. Ambos os reinos tinham experimentado períodos muito prósperos, conhecidos como a era áurea. O Senhor dera a Israel grande expansão até Damasco, sob o reinado de Jeroboão II. Foi uma dádiva especial da graça do Senhor (2 Reis 14:25-28). Com sua benevolência, o Senhor queria levá-los ao arrependimento.
2. Internacionalmente, formava-se uma grande nuvem de expectativa e medo no oriente à medida que a Assíria aumentava o seu poder e começava a pilhagem no ocidente.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Tanto do ponto de vista religioso como moral, Israel descera ao degrau mais baixo. Os sacerdotes tinham-se unido aos salteadores e assassinos nas estradas (6:9). A depravação moral deles tinha chegado ao ponto de sacrificarem crianças e se prostituírem culturalmente.
2. Jonas e Amós já haviam falado àquela geração. Amós fora enviado de Judá para condenar Israel em termos fustigantes por sua corrupção moral, indiferença religiosa e por não atender à repreensão. O ministério de Amós fora curto e explosivo, enquanto o de Oséias longo e paciente, como de um pastor que implora e derrama lágrimas por um rebanho enlouquecido a caminho da destruição.

OBJETIVO DO LIVRO DE OSÉIAS

O objetivo deste livro é registrar a chamada divina final ao arrependimento do indiferente reino do norte que afundava na desgraça. O profeta descreve o estado abominável da nação que, à semelhança de sua esposa, tinha-se entregue à prostituição. Fala sobretudo do amor inextinguível do Senhor, que derramou lágrimas diante da aliança de Israel e estava pronto a receber o povo de volta para a aliança mediante arrependimento.

Contribuições Singulares de Oséias

1. O LIVRO ENFATIZA O AMOR MATRIMONIAL DE DEUS.

Oséias revela uma das imagens mais profundas do amor divino encontrado no Antigo Testamento. Embora forçado a divorciar-

-se de Israel e julgá-lo devido à sua prostituição (2:2-5), o Senhor ainda confirmou o seu amor pela nação e sua intenção de cortejá-la e trazê-la de volta em justiça (2:14-16, 20). Ele comparou o relacionamento da sua aliança com Israel a uma união conjugal profunda e íntima. Kyle Yates, *Preaching from the Prophets* (Pregação segundo os Profetas) refere-se ao grande extravasamento de amor divino: “A nada se iguala em toda a literatura. Somos arrebatados pela sua impetuosa avalanche de eloquência até conseguir divisar o grande amor que finalmente vence.” Profundo e divino amor conjugal é a nota predominante dos Profetas Menores.

2. **O PODER SECRETO DO AMOR DIVINO** (14:9). Este versículo final é um desafio aos mais sábios e perspicazes para que esqua-

Esboço de Oséias

TEMA: Amor Inabalável de Deus por Israel a fim de Trazer Julgamento e Restauração Final

I	TRAGÉDIA PESSOAL DE UMA ESPOSA INFIEL	1—3
	A. Oséias Casa-se com Gômer	1
	1. Sua esposa retrata a infidelidade de Israel	1:1-3
	2. Seus filhos são um presságio de julgamento e misericórdia	1:4-2:1
	B. Oséias Divorcia-se de Gômer	2:2-13
	1. Idiotice do adultério	2:2-8
	2. Miséria do adultério	2:9-13
	C. Oséias Casa-se Novamente com Gômer	2:14-3:5
	1. O Senhor planeja novo casamento com Israel	2:14-23
	2. O Senhor ordena a Oséias que se case novamente com Gômer ...	3:1-5
II	TRAGÉDIA NACIONAL DE UMA NAÇÃO INFIEL	4—13
	A. O Senhor Entra com Ação de Divórcio contra Israel	4:1-6:3
	1. Decadência do povo	4
	2. Depravação dos líderes	5:1-13
	3. Partida do Senhor à espera de arrependimento	5:14-6:3
	B. O Senhor Deplora a Infidelidade de Israel	6:4-13:16
	1. Total falta de misericórdia	6:4-11
	2. Afastamento do Senhor	7
	3. Confiança em deuses falsos	8
	4. Tragédia do próximo cativo	9-10
	5. Lugar verdadeiro de refúgio	11-12
	6. Terrível julgamento devido à idolatria	13
III	TRIUNFO MILENÁRIO DE UM DEUS FIEL	14
	A. A Receita da Renovação do Senhor	14:1-3
	B. A Promessa do Senhor de Restauração	14:4-8
	C. A Predição do Senhor da Justificação do Amor	14:9

drinham o singular poder do amor de Deus. Embora o amor divino por Israel parecesse fútil e infrutífero no tempo de Oséias, assim não aconteceria a longo prazo, pois “os caminhos do Senhor são retos” (14:9). Seu amor por Israel continuaria apesar da obstinação do povo e, no final, se justificaria numa colheita de justiça. Deus não faz maus investimentos (2:19).

- 3. O PROFETA E SEU CASAMENTO FALIDO** (1:2; 3:1-3). A ordem que Oséias, o profeta, recebeu do Senhor para casar-se com uma prostituta é chocante e cria um dilema (1:2). De conformidade com a Lei de Moisés, Gômer deveria ser apedrejada como prostituta (Levítico 20:10; Deuteronômio 22:21-24). Não se sabe se ela já era prostituta ao casar-se ou tornou-se depois. Qualquer que seja o caso, os tempos de Oséias não eram normais, pois a terra estava cheia de prostituição e os sacerdotes tinham-se tornado um bando de assassinos (4:12-14; 6:9). O adultério de Gômer, entretanto, alcançara tamanho grau de baixa que ela se tornara uma prostituta escrava (3:1-2). Todavia, a atitude de Oséias ao reivindicá-la e comprá-la tirando-a do mercado da prostituição não violou a Lei, pois foi ordenada por Deus e realizada sob a dispensação especial da graça divina (semelhante à graça demonstrada a Davi quando este caiu em adultério). O Senhor suspendeu o julgamento sobre Israel a fim de revelar aos judeus sua magnânima graça. Eles mereciam ser totalmente destruídos por prostituírem-se, deixando o Senhor pelos deuses pagãos (3:1-4).

A analogia divina com o casamento humano aqui apresentada foi planejada e expressa divinamente, e não deve ser posta de lado. A grande lição que se tira desse fato é que aquela infidelidade sexual é devastadora para um casamento, provoca o julgamento de Deus e exige arrependimento verdadeiro, bem como renovação genuína dos votos matrimoniais para que haja restauração. Apesar de a Lei proibir que a mulher fosse aceita pelo seu primeiro marido, após haver sido repudiada por este, casado outra vez e seu segundo marido haver falecido (Deuteronômio 24:1-4; Mateus 19:8-9), faz parte da graça oferecer misericórdia para a reconciliação numa genuína união renovada. A mensagem prática de Oséias são os dividendos que tal graça retribui (14:4-7), conforme demonstrado profeticamente no livro.

- 4. OSÉIAS EM RELAÇÃO A JEREMIAS** (11:7-9; Jeremias 9:1-2). O que Jeremias foi para Judá, Oséias foi para Israel 140 anos antes. Ambos instaram com o seu povo, implorando o amor de Deus, enquanto o povo lançava-se à destruição. Ambos ministraram depois de uma época de prosperidade em toda a nação, seguida de

indiferença espiritual e corrupção moral. Ambos expressaram a tristeza de Deus por ser forçado a divorciar-se do seu povo por adultério e a permitir sua destruição por um império do oriente (Jeremias 3:8; Oséias 2:2-7). Ambos também falaram de uma renovada aliança entre o Senhor e o seu povo na futura era messiânica (Jeremias 31:31 e ss.; Oséias 1:11; 14:1 e ss.).

- 5. RELIGIÃO DEPRAVADA DE ISRAEL** (6:6-10; 9:15-10:2). Oséias descreve um dos períodos mais indignos da história religiosa de Israel. Apesar de guardarem religiosamente os rituais, os judeus praticavam a idolatria. Banditismo era comum entre o povo e até mesmo os sacerdotes reuniam-se para atacar e assassinar peregrinos no caminho para Siquém (4:11-13, 18; 6:9). Toda a terra mergulhara na prostituição (4:11-14, 18; 6:10). Sua hipocrisia era clamorosa. Por esse motivo, o Senhor prometeu vir como um leão, leopardo, urso e fera selvagem para despedaçá-los e devorá-los (5:14; 13:7-8). O reino do norte desfez-se e estava com Judá cento e cinquenta anos mais tarde, na época de Daniel, quando o Senhor descreveu o seu plano de disciplinar a nação por meio dos quatro “animais” (Daniel 7). Amós, o profeta do sul, já estivera em Samaria para repreender os líderes do norte pelo seu arrogante orgulho e ausência de misericórdia e justiça. Do mesmo modo que Amós denunciou o sistema depravado dos seus compatriotas, Oséias insistiu com eles mostrando o amor divino da aliança. Tendo rejeitado a correção, estavam sendo destruídos pela “falta de conhecimento” (4:6) e fadados a ser extintos como nação quase vinte anos mais tarde.
- 6. CRISTOLOGIA EM OSÉIAS.** Em Oséias, as referências ao Messias são raras e um tanto indiretas. 1) O amor divino por Israel, enfatizado pelo profeta, subentende o amor de Cristo tanto por Israel quanto pela Igreja (João 13:1). O Senhor do Antigo Testamento (YHWH) é a própria Trindade, e o relacionamento “marido-mulher” representa o relacionamento entre o Senhor da aliança e o povo da aliança. O amor do Novo Testamento entre Cristo e sua Igreja é outra expressão daquele amor divino, mesmo para os que estão fora daquela união da aliança (Efésios 2:11-14). 2) A referência de 3:5 que “tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi, seu rei” é provavelmente messiânica. Pode referir-se ao tempo da ressurreição de Davi para ser rei sob a soberania de Cristo, que será o Rei dos Reis (conforme Ezequiel 34:23-24), ou ao Próprio Messias como “Filho de Davi” (Marcos 12:35). “Nos últimos dias” os filhos de Israel “tremendo se aproximarão do Senhor” (3:5). 3) “Do Egito chamei o meu filho” (11:1)

é citado em Mateus (2:15) como uma profecia do Antigo Testamento de que Jesus seria levado ao Egito e chamado pelo anjo do Senhor. Evidentemente Mateus usa esse texto como uma “profecia” de Cristo, mostrando o relacionamento íntimo entre o Messias e Israel, até mesmo tendo experiências semelhantes à aflição vinda dos gentios e ao livramento de monarcas assassinos.

O Livro de Joel

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Joel significa “Jeová é Deus”. É um nome composto de YHWH e EL. Eis outro caso em que o nome do profeta ajusta-se admiravelmente ao fardo da sua profecia: “Sabereis que eu *sou* o Senhor vosso Deus” (2:27; 3:17)

B. AUTOR

Como acontece com Oséias, sabe-se também muito pouco acerca de Joel, a não ser que o nome do seu pai era Petuel. O conteúdo do livro indica que morou e profetizou em Judá e em Jerusalém e pode ter sido um sacerdote. As freqüentes referências a sacerdotes assim o sugerem. Existem na Bíblia outras quatorze pessoas com o nome de Joel.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 825 a.C., aproximadamente.

1. Joel é um dos seis Profetas Menores que não têm data específica no texto (como Obadias, Jonas, Naum, Habacuque e Malaquias).
2. É de consenso geral que o livro de Joel tenha sido escrito em 825 aproximadamente, embora alguns críticos pensem ter sido escrito em 350. Diversas considerações pedem uma data ou anterior, ou muito tardia, depois do cativeiro:
 - a. A importância dos sacerdotes e anciãos e a ausência de referência aos reis de Judá.
 - b. A ausência absoluta de referência à idolatria ao falar dos pecados do povo.

- c. A denúncia de inimigos locais e a total ausência de referências à Assíria, à Babilônia ou à Pérsia.
3. A data de 825, quando o rei Joás tinha dezesseis anos e o sacerdote Joiada ainda exercia a maior influência, é a mais provável, conforme as observações abaixo:
 - a. Durante a primeira parte do reinado de Joás, que foi apresentado como rei aos seis anos de idade, o governo estava na verdade nas mãos do sumo sacerdote Joiada.
 - b. Nessa ocasião, os seus inimigos eram antes locais do que orientais (2 Reis 12).
 - c. A posição de Joel antes de Amós no cânon sugere uma data anterior.
 - d. Joel é muito citado por profetas pré-exílio, tais como Amós, Isaías e Miquéias. O contrário é altamente improvável (Compare-se Joel 3:10 com Isaías 2:4 e Miquéias 4:3; Joel 3:16 com Amós 1:2; Joel 3:18 com Amós 9:13).
 - e. A linguagem e os conceitos são semelhantes aos empregados por Amós. A menção dos gregos (3:6) é consistente com as descobertas arqueológicas.
 - f. A referência ao vale de Josafá, somente mencionado no livro de Joel, é inteiramente apropriada, pois foi ele o último rei bom naquela época; obteve grandes vitórias nas proximidades de Jerusalém por invocar o Senhor.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. No cenário nacional, Judá passava por um período de reconstrução após o perverso reinado da rainha Atalia (841-835). Essa reconstrução ocorreu principalmente sob a liderança do velho sumo sacerdote, Joiada, que contribuiu para a morte da rainha e tornou o seu herdeiro aparente, Joás, rei aos seis anos de idade (2 Reis 11:21).
2. No cenário internacional, não havia proeminência de nenhum grande império. Todavia, Judá estava sendo molestado por vários inimigos locais, tais como Tiro, Sidom, Filístia, Edom e Egito (3:4, 19).

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. O período da adoração a Baal tinha terminado com a purificação de Jeú em 841, e a de Joiada em Judá em 835. Todavia, após aquela purificação, a verdadeira santidade não se tornou a característica repentina dos judeus, e sim passou a prevalecer um espírito de indiferença. O próprio templo não foi reparado adequadamente antes de 813, o vigésimo terceiro ano de Joás (2 Reis 12:6).

2. É bem possível que essas falhas do povo tenham sido o motivo do julgamento do Senhor com gafanhotos, estiagem e ataques dos inimigos locais.

D. CENÁRIO CANÔNICO

A profecia de Joel foi entregue mais ou menos vinte anos depois da de Obadias de Judá, o qual profetizou o fim de Edom. Joel precedeu cronologicamente os ministérios de Jonas e Amós junto a Israel, no norte, que profetizariam cerca de sessenta anos mais tarde. Enquanto Joel profetizou para Judá, Elias o fez em Israel num longo ministério que durou de 850 a 798, aproximadamente.

Joel segue Oséias no cânon do mesmo modo que o julgamento de Deus segue a rejeição do seu amor. O nome Joel ("Jeová é Deus") ajusta-se bem à primeira parte do cânon quando, histori-

Esboço de Joel

TEMA: O Julgamento do Senhor e a Salvação no Seu Dia

I	DESOLAÇÃO DE SIÃO NO DIA DO SENHOR	1:1—2:17
	A. <i>Desolação Histórica no Dia de Joel</i>	1
	1. Desolação pelos gafanhotos	1:1-15
	a. Invasão dos gafanhotos	
	b. Convite do Senhor	
	2. Desolação pela estiagem	1:16-20
	B. <i>Desolação Profética no Dia do Senhor</i>	2:1-17
	1. O Senhor dirige o seu exército devastador	2:1-11
	2. O Senhor protege o seu povo arrependido	2:12-17
II	LIVRAMENTO DE SIÃO NO DIA DO SENHOR	2:18-3:21
	A. <i>Livramento Através do Arrependimento do Seu Povo</i>	2:18-27
	1. A ação do Senhor revogada — aliado	2:18-19
	2. O julgamento do Senhor revogado — prosperidade	2:2-27
	B. <i>Livramento Através do Derramamento do Espírito</i>	2:28-32
	(Estes versículos compõem o capítulo 3 na Bíblia Hebraica)	
	1. Proclamação universal a ser feita	2:28-29
	2. Sinais incomparáveis a serem feitos	2:30-31
	3. Salvação universal a ser oferecida	2:32
	a. "Todo aquele que invocar" — reação humana	
	b. "Aqueles que o Senhor chamar" — escolha divina	
	C. <i>Livramento Através da Vinda do Messias</i>	3
	(Este capítulo toma o número 4 na Bíblia Hebraica)	
	1. Israel novamente congregado dentre as nações	3:1-8
	2. Os exércitos do mundo reúnem-se no Armagedom	3:9-12
	3. O exército do Senhor esmaga os iníquos	3:11-16
	4. A Presença do Senhor habita em Sião	3:17-21

camente, a luta com o sistema de Baal tinha acabado. Jeová era realmente o Deus da natureza e do julgamento.

OBJETIVO DO LIVRO DE JOEL

O Livro de Joel tem dois objetivos: histórico e profético. O objetivo histórico era chamar a nação de Judá ao arrependimento como uma reação adequada aos julgamentos do Senhor com gafanhotos e estiagem, para que uma calamidade mais devastadora não viesse sobre eles. O objetivo profético era apresentar o futuro Dia do Senhor, no qual ele dominará os pagãos, libertará o seu povo para habitar com ele. A praga de gafanhotos jamais vista antes foi somente uma antecipação daquele futuro Dia do Senhor.

Contribuições Singulares de Joel

- 1. ÊNFASE DO DIA DO SENHOR.** Joel é conhecido como o profeta do dia do Senhor, por ter supostamente cunhado a frase para o grande dia do julgamento das nações pelo Senhor. Entretanto, ele pode ter tomado a expressão de Obadias que a usou vinte anos antes com referência ao futuro julgamento de Edom. A importância dessa expressão já foi observada anteriormente.
- 2. PROFETA DO DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO NO PENTECOSTE (2:28-32).** Tanto Pedro quanto Paulo usaram esse texto como uma profecia da dispensação cristã (Atos 2:16-21; Romanos 10:13). Pedro usou-o para confirmar a validade do dom de línguas no Pentecoste; Paulo usou-o para confirmar a validade da oferta de salvação pela fé a todo o mundo. Nenhum deles afirmou que a profecia tinha sido totalmente “cumprida” no Pentecoste, mas que o derramamento do Espírito fazia parte dela. A primeira parte foi evidentemente cumprida no Pentecoste, isto é, o Espírito Santo foi derramado para a proclamação mundial da salvação simplesmente pela invocação do nome do Senhor. A última parte, referente aos sinais divinos de perturbações físicas no sol, lua e céu, não ocorreu naquela ocasião, mas acontecerá um pouco antes do “grande dia da sua ira” (Apocalipse 6:12-17). É claro que Pedro citou integralmente a profecia no Pentecoste a fim de incluir a oferta universal de salvação no final (Joel 2:32). Tal como a profecia da vinda do Messias em Isaías 9:6-7, essa profecia da obra de graça do Espírito Santo e da obra do terrível julgamento tem duas fases, largamente distanciadas.

- 3. PROMESSA DE PROSPERIDADE MATERIAL DEVIDA AO ARREPENDIMENTO (2:18-27).** Joel dá uma ênfase especial aos benefícios físicos e materiais advindos do arrependimento e obediência. Tal arrependimento, disse ele, removeria as pragas dos gafanhotos e da estiagem e restauraria as bênçãos da chuva, boas colheitas e proteção contra os inimigos (2:19-20). Essas promessas foram para Israel, não necessariamente para a Igreja do Novo Testamento. Os judeus achavam-se sob a aliança do Senhor e aqueles benefícios lhes tinham sido prometidos como frutos da obediência (Levítico 26:14-20; Deuteronômio 11:13-17). O objetivo do Senhor nessa promessa a Israel era demonstrar sua soberania sobre toda a natureza como um testemunho tanto para Israel como para as nações. Nenhuma aliança de “benefícios materiais” foi estabelecida com a igreja. Tendo demonstrado cabalmente sua soberania em épocas anteriores, o Senhor apela para a fé na sua Palavra estabelecida, independente de benefícios materiais (Mateus 19:21; Lucas 14:33). O princípio universal de esplêndida colheita pela generosa sementeira é, certamente, sempre aplicável. Mas a colheita pode ser reservada para o céu com as suas recompensas eternas (Provérbios 11:24; Lucas 6:38; Gálatas 6:7-9).
- 4. FAZER DO SENHOR UM ALIADO (2:16-18).** O versículo 17 é o ponto crucial do livro. Contém a oração de arrependimento recomendada pelo Senhor para o povo, oração que muda a perspectiva do livro da adversidade para a bênção. O versículo seguinte principia com “Então o Senhor. . .” e enumera as diversas bênçãos que ele poderá dar-lhes após o arrependimento. Deixaria de ser adversário para tornar-se um aliado. Transformaria o seu infortúnio em prosperidade. O arrependimento verdadeiro faz de Deus um defensor do penitente e torna-o capaz de receber as bênçãos divinas.
- 5. CRISTOLOGIA EM JOEL.** Joel, o “profeta do Espírito Santo”, não faz muitas referências diretas ao Messias. Em muitas declarações do Senhor como “Jeová” (YHWH), entretanto, ele fala como o Messias que virá libertar e governar o seu povo na era messiânica: “Sabereis que *estou* no meio de Israel” (2:27), “derramarei o meu Espírito sobre toda a carne” (2:28), “congregarei todas as nações. . .entrarei em juízo contra elas” (3:2), “Levantem-se as nações, e sigam para o vale de Josafá; porque ali me assentarei, para julgar” (3:12) e “Eu expiarei o sangue dos que não foram expiados” (3:21; comparar com João 5:22). Apesar de indiretas, essas referências podem ser consideradas messiânicas através das lentes dos textos posteriores.

O dia profético do Senhor

Os primeiros profetas da escrita, Obadias e Joel, apresentam o conceito “dia do Senhor”. Franz Delitzsch (*The Pentateuch*) denomina esse conceito como o “lema da profecia”. Embora haja alusões a esse dia em livros anteriores (Salmos 9:8; 96:13; 98:9) e muitas referências em ambos os Testamentos, é mencionado especificamente pela metade (oito) dos profetas da escrita (V. abaixo). Para se entender sua importância, devem ser consideradas diversas características daquele período:

1. *Sua definição.* O dia do Senhor é um conceito bíblico que significa um tempo qualquer da intervenção divina, em que Deus assumirá o comando do mundo a fim de trazer julgamento ou bênção de conformidade com os seus princípios estabelecidos. É o dia divino do governo mundial em contraste com o “dia do homem”. Foi assim no seu julgamento no dilúvio (2 Pedro 3:5-10), na estiagem do tempo de Joel (1:20), na destruição de Jerusalém (Sofonias 1:4, 7 e ss.) e no julgamento da Palestina e Egito sob Nabucodonosor (Ezequiel 30:3 e ss.). Mas as referências indicam um período especial intitulado “dia do Senhor”, que aparece no programa escatológico divino nos tempos do fim. Não é o tempo do julgamento dos indivíduos do “grande trono branco” (Apocalipse 20:11), mas o tempo da sua chamada às nações para que prestem contas de como reagiram à sua “aliança eterna” de verdade e justiça (Isaías 24:5; Gênesis 9:6-16).
2. *Seu tempo ou duração.* No sentido escatológico, o dia do Senhor é o período futuro em que o Messias, Rei Divino, começará a ocupar-se com as nações em julgamento a fim de preparar a terra para o seu reino milenário. O Novo Testamento descreve com mais exatidão o seu limite de tempo, começando com o grande “arrebatamento”, vindo em seguida o Anticristo, que irá liderar o mundo numa rebelião contra Deus (2 Tessalonicenses 2:3). Após a noite sombria do julgamento do Senhor, o dia do Senhor terá um glorioso período de bênçãos durante o reino milenário de Cristo na terra, assim continuando até a renovação do planeta (2 Pedro 3:10-12). A ênfase preponderante em toda a Bíblia centraliza-se no tempo do julgamento da tribulação descrito em Apocalipse 4-20.
3. *O “grande e terrível dia do Senhor”.* Essa temível expressão é usada somente pelo primeiro e pelo último profeta de Judá (2:31; Malaquias 4:5). Parece que se refere à última metade do período de sete anos da “sétima semana” de Daniel, denominada por Jesus como a “grande tribulação” (Mateus 24:21; Apocalipse 7:14). Antes dessa ocorrência, duas coisas devem acontecer, segundo Joel e Malaquias: 1) o Senhor apresentará grandes sinais nos céus para alertar a terra (3:14-15; Apocalipse 6:12-17); 2) o Profeta Elias voltará para um ministério de restauração em Israel (Malaquias 4:5-6; Apocalipse 12:3 e ss.). Outros profetas descrevem esse espantoso tempo de julgamento mundial pelo Senhor, o qual deixará poucos sobreviventes (Isaías 24:1 e ss.). Entretanto, o primeiro e o último profeta de Judá são os que usam essa designação especial.
4. *Seu desenvolvimento cronológico, quanto aos profetas.*
 - a. Obadias — Um tempo de julgamento e retaliação.
 - b. Joel 1:15; 2:1, 11, 31; 3:14 — Dia de destruição, vindo do Senhor.
 - c. Amós 5:18, 20 — Dia de grande escuridão para o mundo, mas também para Israel.
 - d. Isaías 2:12; 13:6, 9 — Dia de ajuste de contas para os soberbos e um dia de destruição cruel, vindo do Altíssimo.

- e. Sofonias 1:7, 14 — Dia de grande ira, da parte do Senhor, o qual se aproxima muito rapidamente.
- f. Ezequiel 13:5; 30:3 — Dia em que as nações se lamentaram, quando Nabucodonosor empunhou a “espada do Senhor” ao conquistar o ocidente.
- g. Zacarias 14:1 — Dia da ardente defesa de Jerusalém pelo Senhor, quando todas as nações estarão reunidas contra ela.
- h. Malaquias 4:5 — O dia em que o Senhor esmagará os perversos e os destruirá como refugio, precedido pelo ministério de restauração de Elias (V. Mateus 17:11).

O Livro de Amós

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

“Amós” significa “fardo” ou “carregador de fardos”. O livro contém muitos fardos de julgamentos ou calamidades que o profeta transmitiu a Israel.

B. AUTOR

1. O livro revela muita coisa sobre a pessoa de Amós:
 - a. Ele nasceu em Tecoa, uma pequena aldeia 8 km ao sul de Belém.
 - b. Era um homem de negócios, fazendeiro e pregador, embora não fosse um profeta treinado da escola de profetas. Ocupava-se com criação de gado e plantação de frutas (1:1; 7:14).
 - c. Era um intelectual e hábil escritor. Seu livro é considerado clássico, tanto no conteúdo quanto na expressão artística.
 - d. Tinha um profundo senso de justiça social e coragem nos confrontos.
 - e. Como Jonas (que o precedeu), Amós foi um profeta missionário.
 - f. Estava perfeitamente a par dos acontecimentos sociais e nacionais, obviamente por ir sempre ao Norte a fim de comerciar os seus produtos.
2. Há pouca controvérsia entre os comentadores quanto ao fato de ele realmente ter escrito o livro que leva o seu nome, bem como quanto à data do livro. Todavia, o cunho e o estilo deste profeta singular persistem em todo o livro.

CENÁRIO HISTÓRICO (2 Reis 14:23-29)

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 760 a.C., aproximadamente.

1. Jeroboão II e Uzias reinaram simultaneamente de 767 a 752.
2. O grande terremoto de 1:1 foi evidentemente acompanhado de um eclipse solar, conforme está sugerido em 8:8-10. Segundo os astrônomos, esse eclipse ocorreu em 15 de junho de 763 a.C. A profecia sobre Israel foi proferida dois anos antes, em 765, e escrita algum tempo depois do terremoto. Este foi tão violento que Zacarias se referiu a ele 270 anos mais tarde (Zacarias 14:5).

Esboço de Amós

TEMA: O Próximo Julgamento de Israel pela Corrupção Moral e Injustiça Social

I FUTURO JULGAMENTO DA PALESTINA ANUNCIADO (“Assim diz o Senhor”)	1—2
(Oito Condenações)	
A. Julgamento apresentado	1:1-2
B. Julgamento dos Três Vizinhos Pagãos — Síria, Filístia e Fenícia, por crueldade a Israel	1:3-10
C. Julgamento dos três Vizinhos Parentes — Edom, Amom e Moabe, por crueldade a Israel	1:11-2:3
D. Julgamento de Judá — Por Rejeitar a Lei Divina	2:4-5
E. Julgamento de Israel — Pela Ganância Social e Indiferença Religiosa	2:6-16
II FUTURO JULGAMENTO DE ISRAEL AMPLIFICADO	3—6
(“Ouvi a palavra”) (Três discursos)	
A. Julgamento Certificado — pelo Senhor	3
B. Julgamento Justificado — pela Indiferença	4
C. Julgamento Qualificado — pelas reações	5-6
III FUTURO JULGAMENTO DE ISRAEL AUTENTICADO	7—9:10
(“Isto me fez ver o Senhor Deus”) (Cinco visões ou Descrições)	
A. Visão dos Gafanhotos — Primeiro Perdão Ineficaz	7:1-3
B. Visão do Fogo — Segundo Perdão Ineficaz	7:4-6
C. Visão do Prumo — Julgamento Agora Inevitável	7:7-9
INTERLÚDIO: Protestos do Sumo Sacerdote	7:10-17
D. Visão dos Frutos Maduros — Julgamento Iminente	8
E. Visão do Grupo de Destruição do Senhor — Juiz Identificado	9:1-10
IV GLÓRIA MESSIÂNICA DE ISRAEL ANTECIPADA	9:11—15
(O Senhor: “Eu” farei)	

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Internacionalmente, de 800 a 745, o Crescente Fértil gozou de uma relativa paz. Durante esse período o Egito mostrou-se um tanto fraco, e a Assíria só começou a penetrar no ocidente em 745, sob o reinado de Tiglate-Pileser III.
2. Nacionalmente, os reinos de Israel e Judá tinham lutado entre si com violência. Sob o reinado de Jeoás, quase trinta anos antes, Israel quase destruiu Jerusalém, cujo rei era Amazias, sendo este levado cativo. Sob Jeroboão II e Uzias, porém, os dois reinos não entraram em guerra e conheceram um período de grande prosperidade e expansão. Israel ocupou Damasco ao norte, depois de ter sido dominado por ela. Jeroboão II colocou sob tributo a maioria das nações circunvizinhas.
3. Foi um período conhecido como “idade de ouro” para ambos os reinos, que viviam “à vontade em Sião” (6:1). A idéia de julgamento ou colapso nacional estava longe do pensamento de todos. Ninguém suspeitava que, dentro de dez anos, desordens políticas e assassínios estremeceriam o país, arremessando-o de encontro à destruição.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. No tempo de Amós, o sistema de adoração do bezerro de ouro em Betel, instituído no reino de Israel, já durava 170 anos. Embora a adoração de Baal tivesse sido expurgada da terra por Jeú em 841, a adoração do bezerro continuava por óbvias razões políticas. O sumo sacerdote era Amazias, da classe leiga, provavelmente nomeado pelo rei.
2. Moralmente, a nação estava corrompida, tanto interna quanto externamente. A aristocracia era rica, porém perversa. Profetas e sacerdotes viviam a serviço dos seus próprios interesses. Injustiça social era o que havia. Os poderosos tinham sempre razão. Usurpavam os pobres e viviam na suntuosidade e no vício. Em tudo a nação era pagã, com exceção do nome.
3. Amós atribuiu essa corrupção ao rei e ao sumo sacerdote. Por esse motivo, declarou ele, ambas as casas de Jeroboão II e Amazias, o sacerdote, seriam destruídas pela espada (7:8, 17).
4. É evidente que a ocorrência do terremoto predito (8:8-9) pouco efeito produziu na vida dos soberbos e ímpios, e pode ter sido uma das razões de Amós registrar a profecia depois do seu cumprimento. O epicentro do tremor foi perto de Jerusalém (Zacarias 14:5), mas Betel estava apenas a 19 km ao norte dessa cidade.

D. CENÁRIO GEOGRÁFICO

1. Amós vivia a 7 km ao sul de Jerusalém, nas altas colinas de Judá, perto da estrada que ia de Jerusalém a Hebrom e Berseba. Afirma-se ter sido nessa mesma região que João Batista cresceu, muito tempo depois.
2. Betel, onde Amós profetizou, localizava-se a cerca de 35 km ao norte de Tecoa, e a 3 km ao norte dos limites de Judá. Era o principal santuário de Israel, lugar da moradia do sumo sacerdote, enquanto a residência real de Jeroboão II ficava em Samaria, cerca de 40 km também ao norte. Foi daquele centro religioso que Amós se dirigiu à nação.

E. CENÁRIO CANÔNICO

1. O Livro de Amós segue o de Joel no cânon, como uma amplificação do capítulo 3, versículo 16 deste: “O Senhor bramará de Sião.” Este versículo está ligado a Amós 1:2 (Keil, *The Pentateuch*). A seguir vem o livro de Obadias, que amplifica Amós 9:12: “para que possuam o restante de Edom.”
2. O ministério de Amós para com Israel ocorreu durante o fim do ministério de Jonas para com esta mesma nação (785-760). O de Amós, entretanto, foi uma cruzada veloz como um relâmpago, um prognóstico hábil e severo da condenação. A esse mesmo cenário veio Oséias 5 a 10 anos mais tarde (755-725), com o intuito de dramatizar a condição desastrosa do país, deplorando a corrupção incorrigível da qual o povo não queria tomar conhecimento.

OBJETIVO DO LIVRO DE AMÓS

O objetivo dessa profecia era soar a trombeta, avisando à liderança e à aristocracia de Israel do iminente julgamento de Deus sobre a nação. Essa admoestação não visava tanto às falhas religiosas, mas sobretudo à corrupção espiritual, moral e social. A nação estava prestes a ser destruída em virtude das injustiças sociais praticadas pela aristocracia contra os pobres e fracos, pois Deus é um Deus de justiça. Oséias foi o pregador do amor divino. Amós, o da justiça.

Contribuições Singulares de Amós

1. **A ÊNFASE NA JUSTIÇA SOCIAL.** Nenhum profeta clamou contra a injustiça com mais eloquência do que Amós. O versículo-chave do livro tornou-se um clássico da justiça: “Corra porém o juízo como as águas e a justiça como o ribeiro impetuoso” (5:24). Apesar de sua cruzada ter sido realizada em Betel, santuário da adoração do bezerro, Amós praticamente não mencionou esse pecado da nação ao proclamar a ira de Deus contra a violação dos

direitos humanos e exploração dos pobres (5:6-20). Enfatizou a grande preocupação divina pela moral. Ritual sem justiça não é religião divina, mas um perigoso desvio do caráter e verdadeiro objetivo dessa religião para com os homens. Nos seus muitos julgamentos, o profeta enfatizou que qualquer nação, ao violar os conceitos morais e sociais divinos e entregar-se à exploração do pobre, está fadada à prematura destruição (1:5, 8, 10, 12, 15; 2:3, 5, 14-16; etc.).

2. **O PROFETA DO DIA DE JUÍZO** (4:12). “Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus” foi a mensagem clara e franca de Amós. No resplendor da paz e prosperidade de Israel, ele anunciou um julgamento prestes a vir. Sua mensagem foi quase implacável ao enfatizar a condenação divina. Embora oferecesse misericórdia aos que reagissem favoravelmente (5:4, 6, 14), o profeta declarou que a nação em si já não tinha perdão e o julgamento era agora inevitável. Esse aviso e a intimação de Deus não foram entregues por um profeta local (tal como Jonas, que também profetizou naquela ocasião), mas por um profeta de fora comissionado especificamente para essa missão. Sem aviso prévio, apareceu na cidadela religiosa de Israel a fim de despertar os líderes. Sua mensagem foi penetrante e clara: Deus os chamava para prestação de contas e o dia do juízo estava estabelecido. O leão destruidor já rugira (3:8; 4:12; 5:27).
3. **O RÚSTICO PROFETA DO INTERIOR** (7:14). Como Miquéias, que profetizou em Judá 20 anos depois, Amós foi um rústico profeta oriundo de uma fazenda onde criava gado. Apesar de o seu estilo ser muito elegante e vigoroso, sua maneira de falar era na realidade rústica. As palavras e símbolos por ele empregados eram os de um homem da lavoura, tais como lavrar, pomar, vinhas, ceifa, gafanhotos etc. Quanto ao modo de falar, Amós parecia-se com o primeiro grande profeta de Israel, Elias, oriundo das colinas de Gileade. Esteve também à frente de uma longa fila de profetas e pregadores que lidaram com a terra, homens comissionados por Deus para o serviço profético de despertar a elite arrogante e comodista para a realidade de um ajuste de contas prematuro perante Deus. João Batista foi o último profeta desse grupo.
4. **PROFETA ORGANIZADO CLASSICAMENTE.** Nenhuma profecia é tão bem estruturada como a de Amós. Sua mensagem desenvolve-se do geral para o particular, vindo em seguida os detalhes. Primeiro ele apresenta o julgamento de Deus sobre Israel, e em seguida chama a atenção do povo para a necessidade desse

julgamento, levando a nação a concordar sobre a necessidade de o golpe ser desferido. O livro traça, de muitas maneiras, um esboço do que vai ser dito a seguir, parte por parte. Os capítulos 1-2 são entrecortados oito vezes pela expressão “Assim diz o Senhor”, que serve para dividir suas mensagens. Os capítulos 3-5 usam três vezes a frase introdutória “Ouvi a palavra”, enquanto que os capítulos 7-8 apresentam as visões com a expressão “O Senhor Jeová assim me fez ver”. O profeta lida com Israel como se este fosse “fruto de verão” (frutos excessivamente maduros, 8:1 e ss.), mas pronuncia os julgamentos com muito equilíbrio.

5. **ESCLARECIMENTO SOBRE O DIA DO SENHOR** (5:18). Como Joel fizera 60 anos antes, Amós enfatizou o dia vindouro do Senhor. Porém, ao contrário de Joel, apresentou-o como um “dia de trevas e não de luz” (5:18). O julgamento destruiria não apenas os pagãos (o que seria aplaudido por Israel), mas também os pecadores israelitas. Era esse um esclarecimento essencial para todos eles, já que interpretavam sua aliança com o Senhor como uma espécie de imunização contra calamidade ou julgamento (Joel 3:12-16). Para a cidadela religiosa do norte, o profeta Amós era um intruso a sacudi-los com a revelação de que o Senhor não é um Deus parcial que se deixa influenciar por pessoas. Ele julga desumanidade, injustiça social e corrupção religiosa onde quer que se encontrem. Os religiosos pecadores, por terem um conhecimento maior, serão julgados com muito mais severidade do que os de menos luz ou revelação (5:21-24).
6. **APRESENTAÇÃO DAS VISÕES SIMBÓLICAS** (1:1). Amós foi o primeiro profeta a empregar visões simbólicas nas declarações proféticas. Muitos profetas posteriores falaram de revelações semelhantes, tais como os Profetas Maiores e Zacarias. O poder das visões simbólicas de Amós pode ser ilustrado por sua primeira visão em 1:2. Ela foi a base do julgamento das nações da Palestina nos capítulos 1 e 2. Nela está declarado que o Senhor rugiria sobre Sião e Jerusalém, e toda a terra, desde os pastos de Tecoa até o cume do monte Carmelo no norte, estremeceria e se lamentaria. O símbolo do rugido do Senhor, como um leão ruge por uma presa, é apresentado em muitas outras passagens do livro, e enfatiza a iminência do julgamento vindouro. A visão final do Senhor com o grupo de destruição em Betel junto ao altar completa o ciclo, demonstrando onde começará a demolição divina, e que não haverá esconderijos que possam escondê-los, mesmo “no cume do Carmelo” (9:1-3). Cada símbolo, apresentado de maneira notável, é suficiente para que qualquer pessoa entenda e fique atemorizada.

- 7. CRISTOLOGIA DE AMÓS (9:11-15).** As contribuições messiânicas do livro são reservadas para os últimos quatro versículos, que descrevem a futura restauração de Israel.
- a. O tabernáculo caído de Davi será levantado (11). É um reconhecimento prematuro de que a casa de Davi cairia e seria mais tarde levantada para possuir todas as nações. O levantamento do “tabernáculo davídico” significava o novo estabelecimento do trono para que a justiça e a benignidade fossem praticadas (Isaías 16:5), o que sugere o aparecimento do Messias.
 - b. Naquele dia o Senhor (Messias) restaurará Israel do cativeiro, reconstruirá para sempre as cidades e fará um plantio, a fim de gozar da colheita. Todo o texto foi escrito com a ênfase do Senhor na primeira pessoa e no futuro “Eu” farei. Como o julgamento será orquestrado pelo próprio Senhor (9:1-8), do mesmo modo ele cuidará pessoalmente da reconstrução (9:9-15).

O Livro de Obadias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

“Obadias” significa “servo do Senhor”. Era um nome comum no Antigo Testamento, semelhante a Onésimo no Novo Testamento ou Abdulá em árabe.

B. AUTOR

Nada se sabe do profeta Obadias, exceto que estava em Jerusalém na ocasião dos violentos ataques de Edom à cidade. Como um servo, ele encobre a sua pessoa para realçar sua mensagem.

CENÁRIO HISTÓRICO (1 Reis 8:16-22; 2 Crônicas 21)

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO - 845 a.C., aproximadamente.

1. É uma das profecias que mais dificuldades oferece para ser datada. Os conservadores dividem-se entre os que aceitam uma data anterior ou posterior, dependendo de como consideram a calamidade de Jerusalém referida nos versículos 10-14. A cidade foi pilhada cinco vezes durante a monarquia e os profetas:
 - 926 — Pelo Egito, quando Roboão governava Judá (1 Reis 14:25-26).
 - 845 — Pelos filisteus e árabes (depois da revolta de Edom) (2 Crônicas 21).
 - 790 — Por Israel, quando Joás governava Judá (2 Crônicas 24:23-24).
 - 597 — Por Nabucodonosor, quando Joaquim foi exilado (2 Reis 24:10-16).
 - 586 — Por Nabucodonosor, quando a cidade e o templo foram destruídos (2 Reis 25).

Os edomitas envolveram-se apenas nas pilhagens de 845 e 586.

2. A data de 845 é a mais provável pelas seguintes razões:
 - a. O livro foi colocado na primeira parte do cânon pelos hebreus.
 - b. O desastre referido por Obadias não alcançou necessariamente a dimensão de uma destruição completa e exílio. Foi simplesmente uma pilhagem.
 - c. Obadias é citado em Jeremias 49:7-22, quase integralmente, cerca de 240 anos mais tarde. O inverso dificilmente será verdade, pois: 1) um profeta não citaria outro anterior quase integralmente, nomeando-o, caso esse profeta não tivesse existido. 2) Jeremias fez muitas citações de Obadias no capítulo 49 ao resumir o julgamento das nações pelo Senhor. 3) A profecia de Obadias foi uma “visão” do Senhor (1:1), não uma reafirmação de uma profecia antiga.

B. CENÁRIO GEOGRÁFICO

Edom ficava na cadeia de montanhas e nos planaltos do monte Seir, a sudeste de Judá, além do mar Morto. Seu território estendia-se desde Moabe, no rio Arnom, até o golfo de Acaba, distante cerca de 160 km, com Sela (Petra) no meio. Após o cativo de Judá em 586, Edom tomou o sul da terra dos judeus, fazendo de Hebrom a sua cidade principal.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Em 845 Judá estava sob o governo de Jeorão, rei iníquo, que juntamente com a iníqua rainha Atalia permitiu o culto a Baal. Acabe e Jezabel tinham introduzido esse culto em Israel cerca de 25 anos antes. Isso fez com que o Senhor, para punir Judá, permitisse a invasão estrangeira.
2. Elias e Eliseu foram contemporâneos de Obadias no reino do norte.

Elias escreveu a Jeorão, única carta de Elias existente nos registros, anunciando o julgamento especial do Senhor.

D. CENÁRIO POLÍTICO

1. Política Interna de Judá. Após o próspero e piedoso reinado do rei Josafá, seu iníquo filho Jeorão tornou-se o único governador de Judá em 848 a.C., aos 32 anos de idade. No princípio do reinado, matou todos os seus irmãos e reinou oito anos com sua idólatra esposa Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Vítima de uma horrível doença intestinal, Jeorão teve uma desonrosa e dolorosa morte, conforme Elias tinha predito em sua carta (2 Crônicas 21:12-18). Devido à iniquidade desse rei, o Senhor permitiu a revolta de Edom contra Judá e a pilhagem da casa do rei pelos filisteus e árabes (2 Crônicas 21:16 e ss.). Isso lhe

custou a perda de todas as suas esposas e filhos, exceto Atalia e Acázias. Evidentemente, após uma dessas pilhagens realizadas pelos edomitas, Obadias, que recebera uma visão do Senhor, escreveu seu livro.

2. Relacionamento de Judá com Edom. Embora Israel e Edom fossem originários de irmãos gêmeos, Jacó e Esaú, eles tornaram-se inveterados inimigos. O seu relacionamento pode ser resumido nos seguintes acontecimentos:

*Esboço de Obadias**

TEMA: Julgamento de Deus Sobre o Vingativo Edom e a Restauração Final de Israel

I DESOLAÇÃO DE EDOM NO FUTURO DIA DO SENHOR	1—14
A. <i>Julgamento de Edom pelo Orgulho Arrogante</i>	1-9
1. Destruição	1-4
a. Instigado pelo Senhor	
b. Apesar das fortes defesas	
c. Apesar da forte determinação	
2. Devastação	5-7
a. Pilhagem total	
b. Pilhagem até pelos aliados	
3. Humilhação	8-9
a. Seus famosos sábios destruídos	
b. Seus famosos valentes atemorizados	
B. <i>Julgamento de Edom pela Inimizade entre Raças Irmãs</i>	10-14
1. Seu passado violento censurado	10-11
a. Insensibilidade à situação angustiosa de Israel	
b. Envolvimento na pilhagem de Israel	
2. Sua futura vingança advertida	12-14
a. Acautelar-se de aplaudir a queda de Israel	
b. Acautelar-se de apropriar-se da riqueza de Israel	
c. Acautelar-se de aprisionar os fugitivos de Israel	
II RESTAURAÇÃO DE ISRAEL NO FUTURO DIA DO SENHOR	15—21
A. <i>Todas as Nações serão Julgadas no Dia do Senhor</i>	15-16
B. <i>Todo o Edom será Destruído no Dia do Senhor</i>	17-18
C. <i>Toda a Palestina será de Israel no Dia do Senhor</i>	19-20
D. <i>Toda a Terra será do Senhor no Dia do Senhor</i>	21

*Ou, O Triunfo Final do monte Sião sobre o monte Seir.

- 1406 a.C. Edom recusou passagem a Israel a caminho do Jordão (Números 20:14-21).
- 992 a.C. Davi conquistou Edom, matando a maioria dos varões (2 Samuel 8:13; 1 Reis 11:15 e ss.).
- 860 a.C. Edom (com Moabe e Amom) atacou Judá, mas foi destruído pelos seus aliados, Moabe e Amom, depois de Josafá ter convocado o povo à oração (2 Crônicas 20).
- 847 a.C. Edom revoltou-se contra Judá, constituindo o seu próprio rei (2 Crônicas 21:8).
- 845 a.C. Edom e Filístia pilharam Judá (2 Crônicas 21:16-17). É provável que o livro de Obadias tenha sido escrito logo após essa pilhagem.
- 785 a.C. Amazias atacou Edom, matando 20.000 homens (2 Crônicas 25:11-12).
- 735 a.C. Edom revoltou-se novamente, levando muitos cativos (2 Crônicas 28:17).
- 586 a.C. Edom vingativamente ajudou a Babilônia a destruir Jerusalém, e por esse motivo foi-lhe permitido estabelecer-se na parte sul de Judá (Salmos 137:7, Ezequiel 25:12).
- 300 a.C. Cidades e terra de Edom foram tomadas pelos árabes nabateus, forçando os edomitas a ir para o centro e o sul de Judá.
- 165 a.C. Judas Macabeu tomou Hebrom, que se tinha tornado capital dos edomitas.
- 126 a.C. João Hircano subjugou os edomitas (agora chamados idumeus) e forçou-os a serem circuncidados como os judeus.
- 40 a.C. Herodes, o Idumeu, sucedendo a seu pai Antipater, tornou-se rei da Palestina, conquistando Jerusalém em 37 a.C.
- 70 d.C. Os edomitas aliaram-se aos romanos para destruir e arruinar Jerusalém. A seguir, desapareceram das páginas da história como povo, sendo assimilados pelos árabes nabateus do sul de Judá.
3. **Força Política de Edom.** Os edomitas eram um povo orgulhoso e ousado, conhecido pela sua sabedoria e força. As escarpadas montanhas em que viviam davam-lhes isolamento e proteção natural, e os verdejantes planaltos proporcionavam viçosos pastos aos seus rebanhos. Sela (gr. *Petra*) é uma das cidades mais coloridas da terra. Erguida sobre arenito, é quase invulnerável. Tem poucas entradas; a principal é “Sik”, um estreito desfila-

deiro de quase 2 km. No tempo dos nabateus, essa cidade tornou-se um centro das caravanas, desenvolvendo um comércio em quatro direções. Sobreviveu como um grande centro até 630 d.C., quando foi devastada pelos árabes muçulmanos. Ficou perdida para o mundo ocidental até ser redescoberta em 1812.

OBJETIVO DO LIVRO DE OBADIAS

O profeta tinha dois objetivos: 1) Anunciar a destruição final de Edom devido à sua violência e vingança insaciável contra Israel, povo de Deus. 2) Reafirmar o triunfo final do monte Sião no Dia do Senhor, quando Israel possuirá a terra de Edom. A “cidade invulnerável” não será monte Seir, mas monte Sião.

Contribuições Singulares de Obadias

- 1. O TRISTE DESTINO DO FILHO FAVORITO DE ISAQUE.** O livro refere-se ao destino final dos filhos gêmeos de Isaque e Rebeca, cujo casamento foi um dos mais célebres da Bíblia (Gênesis 24.) Todavia, a ênfase do livro está em Esaú, por intermédio de quem Isaque insistia que a bênção continuasse, apesar de Deus já ter selecionado Jacó (Gênesis 25:23.) A preferência de Isaque por Esaú parecia ser a melhor escolha, de conformidade com as atitudes de ambos em Gênesis. Mas a história decorrente de independência, vingança e violência dos descendentes de Esaú demonstra o perigo das escolhas humanas em oposição às divinas.
- 2. UMA LIÇÃO SOBRE O PERIGO DE RANCOR NA FAMÍLIA** (10-12.) Apesar de descenderem de dois irmãos gêmeos, as nações de Edom e Israel tornaram-se inimigas rancorosas e implacáveis. Essa inimizade começou muito antes com uma “raiz de amargura” que se tornou uma inimizade mútua, nacional, jamais reconciliada (Hebreus 12:15-17.) Ironicamente, começou num lar piedoso, onde o favoritismo foi demonstrado pelos pais, e provocou intensa rivalidade entre os rapazes e amarga contenda entre os seus descendentes (Gênesis 25:28 e ss.; 27:41.) Aquela inimizade no seio de uma família ainda produz manchetes internacionais no Oriente Médio, lembrando-nos do princípio afirmado por Tiago: “Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva” (Tiago 3:5).
- 3. LIVRO PEQUENO COM GRANDE PRÓLOGO** (Gênesis 25:23; Isaías 63:1; Malaquias 1:4.) A mensagem do livro não pode ser apreciada adequadamente sem o pleno conhecimento do passado. Obadias não é apenas o menor livro do Antigo Testamento, mas provavelmente também o de mais longa introdução. A seguir, alguns pontos culminantes da história de Edom:

- a. A história começa com a disputa entre os irmãos gêmeos, na qual Jacó e sua mãe planejam arrancar de Esaú o seu direito de primogenitura e bênção (Gênesis 25, 27).
- b. A inimizade e amargura de vinte anos diminuiu um pouco quando Jacó teve um encontro com Deus, ao voltar de Padã-Arã (Gênesis 32, 33).
- c. Sua inimizade tornou-se nacional quando Israel voltou do Egito, apesar de o Senhor ter ordenado a Israel que não se vingasse (Números 20:14-21; Deuteronômio 2:5).
- d. Essa inimizade entre Israel e Edom continuou por 1000 anos, de Moisés a Malaquias, envolvendo muitas escaramuças de menor importância.
- e. Os edomitas foram condenados por muitos profetas: Números 24:18-19; Isaías 11:14; Jeremias 49:7-22; Ezequiel 25:12-14; Joel 3:19; Amós 1:11-12; Malaquias 1:3-4.
- f. Mateus apresenta a história de Jesus em Mateus 1-2 com o registro da intensa inimizade de Herodes, o edomita, que se tinha tornado rei de Israel. Aquela inimizade pode ser notada em diversas gerações da dinastia herodiana:
 - 1) Herodes, o Grande, procurou assassinar a Jesus (Mateus 2:16).
 - 2) Herodes Antipas tinha assassinado a João Batista, procurado matar a Jesus, e humilhou-o cruelmente no julgamento da sua morte (Mateus 14:10; Lucas 13:31; 23:11).
 - 3) Herodes Agripa I matou a Tiago e tentou matar a Pedro (Atos 12:1 e ss.).
- g. A nação de Edom (Iduméia), como Israel, extinguiu-se depois da invasão e expurgo romanos em 70 d.C., sendo que os romanos incorporaram-na à Arábia Pétria.
- h. Os edomitas são evidentemente muito criticados pelos profetas devido à sua renovada preeminência nos últimos dias, pois serão eles os inimigos que o Messias destruirá quando vier em julgamento (Isaías 34:1-8; 63:1-4; Malaquias 1:4).
- i. Essa destruição final será completa e perpétua, embora outros antigos vizinhos de Israel sejam restaurados (Isaías 19:23-25; Jeremias 49:13; Ezequiel 35:9; Obadias 9; Malaquias 1:4).

Obadias é a síntese do último capítulo da história, como se fosse a conclusão dos livros sobre Edom. Foi um povo que podia ter-se tornado grande, tendo sido dotado de rara sabedoria e força, mas “vendeu o seu direito de primogenitura” por desprezar a Palavra de Deus e o povo escolhido por Deus. Os edomitas permitiram que um antigo ciúme se transformasse em amargura e vingança, incorrendo no eterno julgamento divino. São extre-

mamente raros os edomitas de renome, tais como Doegue, que matou os sacerdotes de Nobe, Hadade, inimigo de Davi, e Herodes, que tentou matar o Messias (1 Samuel 22:18; 1 Reis 11:14 e ss.; Mateus 2:16).

O Livro de Jonas

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

O nome Jonas significa “pomba”. Esse profeta foi mandado pelo Senhor como um “mensageiro de paz” a Nínive, embora sua atitude tenha sido mais de um “gavião” do que de um pombo.

B. AUTOR

- O autor foi provavelmente Jonas, apesar de o livro ter sido escrito na terceira pessoa e ameaçar a autoria do profeta. Talvez ele o tenha escrito como uma acusação tanto a si como à nação pela atitude sem misericórdia para com os pagãos ninivitas. Porém, o fato é que no final, esses pagãos corresponderam à misericórdia de Deus.
- Ele é identificado especificamente com o profeta de 2 Reis 14:25, como o “filho de Amitai”. Sua cidade natal era Gate-Hefer, uma pequena aldeia de Zebulom, mais ou menos a 3 km a nordeste de Nazaré (conhecida agora como Mashhad). A tradição judaica diz ser ele o filho da viúva de Sarepta que foi ressuscitado por Elias, mas isso nunca obteve uma sólida confirmação.
- Jonas profetizou no começo do reinado de Jeroboão II, anunciando a Israel que o Senhor teria novamente misericórdia dele, e lhe concederia uma época de grande desenvolvimento nacional. Foi-lhe dispensada essa misericórdia, apesar da sua iniquidade, como um estímulo para o arrependimento (2 Reis 14:23-28).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 765 a.C. aproximadamente.

Essa profecia foi proferida no reinado de Jeroboão II, 793-753, de conformidade com 2 Reis 14:25. A visita de Jonas a Nínive ocorreu provavelmente no fim do seu longo ministério em Israel, mais ou menos em 765. O profeta escreveu o livro após seu retorno e procurou, por meio dele, ministrar a Israel.

B. HISTORICIDADE

- A historicidade dos acontecimentos do livro tem sido desafiada pelos críticos modernos do mesmo modo que Gênesis 1-11. Tornou-se quase uma “prova de fogo” quanto à aceitação da infalibilidade da Bíblia. Do mesmo modo que Isaías e Daniel são um teste de fé devido às suas profecias, o Livro de Jonas tornou-se um teste de fé devido aos seus dois “inacreditáveis” milagres.

Esboço de Jonas

TEMA: A Amplitude da Misericórdia de Deus e a Estreiteza Obstinação de Jonas

I SALVAMENTO MIRACULOSO DE JONAS NO OCIDENTE	1—2
A. <i>Rebelião do Profeta e a Grande Tempestade</i>	1
1. Comissão em Nínive	1:1-2
2. Viagem a Târsis	1:3-9
3. Lançamento ao mar	1:10-16
4. Preservação dentro do peixe	1:17
B. <i>Arrependimento de Jonas dentro do Grande Peixe</i>	2
1. Imersão na profundidade	2:1-6
2. Submissão ao Senhor	2:7-9
3. Devolução notável à terra	10
II ARREPENDIMENTO MIRACULOSO DE NÍNIVE NO ORIENTE	3—4
A. <i>Nova Comissão de Jonas e o Grande Reavivamento</i>	3
1. Mensagem da ira de Deus	3:1-4
2. Milagre do arrependimento de Nínive	3:4-9
3. Misericórdia do Perdão de Deus	3:10
B. <i>Descontentamento de Jonas e a Grande Repreensão</i>	4
1. Jonas e os seus dois “votos de morte”	4:1-8
a. Por ficar desacreditado	
b. Por estar em desconforto	
2. Jonas — duas lições objetivas	4:9-11
a. Lição pessoal para Jonas	
b. Lição nacional para Israel	

2. Há dois pontos de vista básicos na história de Jonas, o “alegóric” e o “literal” ou histórico. O primeiro afirma que a história é um mito ou uma figura fictícia para transmitir grande verdade espiritual, semelhante às parábolas. O segundo ponto de vista reconhece-a como história verdadeira. É óbvio que ela deve ser reconhecida como autêntica, pois:
 - a. É apresentada como verdadeira, referindo-se a povo e lugares antigos específicos, e não dá indicação de ser fictícia.
 - b. Jonas é identificado como “o filho de Amitai” em 2 Reis 14:25 e Jonas 1:1.
 - c. A tradição judaica, sem exceção, testifica a historicidade literal de Jonas e sua experiência.
 - d. Cristo testificou a historicidade de Jonas, mencionando ambos os milagres como sendo acontecimentos verdadeiros (Mateus 12:40-42; 16:4; Lucas 11:29-32). Ele associa a historicidade de Jonas com a historicidade de Salomão.
 - e. O livro afirma que o grande peixe, que deu a Jonas um bom alojamento no mar, foi preparado pelo Senhor. Esse peixe pode ou não ter sido uma baleia comum. A história secular conta-nos semelhantes casos em menor escala, embora o registro bíblico não dependa de tais confirmações.
 - f. Não aceitar essa história como verdadeira em virtude dos seus elementos miraculosos é questionar toda a estrutura sobrenatural da Bíblia. Os milagres de Moisés, Elias e Eliseu também teriam de ser rejeitados, a julgar por esse prisma.

C. SITUAÇÃO EM NÍNIVE

1. Geograficamente, Nínive estava localizada a leste do setentrional rio Tigre, e distante aproximadamente 960 km de Israel, uma viagem de três meses nos tempos antigos. Era uma das cidades mais antigas do mundo, estabelecida por Ninrode (Gênesis 10:11). Calcula-se que sua população era de 600.000 habitantes aproximadamente. Calá, capital do império assírio, e outras cidades ficavam na circunvizinhança. Embora o muro interno da cidade tivesse menos de cinco quilômetros de diâmetro, suas aldeias e subúrbios espalhavam-se numa circunferência de mais de 32 quilômetros.
2. Politicamente, a Assíria estava em declínio nessa época. Essa decadência havia começado com a morte de Adad-nirari III em 782, e se estendeu até a vinda de Tiglate-Pileser III em 745. Depois de Adad-nirari reinaram Salmanasar IV (782-773) e Asurdan III (773-754). A visita de Jonas foi provavelmente durante o reinado deste último.

3. Religiosamente, foi iniciada uma tendência para o monoteísmo na Assíria sob o governo de Adad-nirari, devido à sua monolatria. Ele recomendava: “Ponha a sua confiança em Nebo; não confie em outro deus.” Todavia, diversos cataclismas ocorreram durante esses anos, que podem ter sido usados para preparar o povo. Em 765 e 759 grandes calamidades caíram sobre a cidade, e em 15 de junho de 763 houve um eclipse solar total.
4. Moralmente, os habitantes de Nínive eram conhecidos como uma “raça sensual e cruel”. Viviam de saques e orgulhavam-se dos montes de cabeças humanas que traziam de violentas pilhagens de outras cidades. Fortificaram-se com um muro interno e outro externo. O muro externo tinha 96 km de extensão, 30 metros de altura e uma largura suficiente para três carroças conduzidas lado a lado. A intervalos, por todo o muro, havia 50 torres de 60 metros de altura para o serviço de vigilância realizado pelas sentinelas.

D. SITUAÇÃO EM ISRAEL

1. A Assíria era uma ameaça para Israel desde o tempo de Onri (cerca de 880 a.C.) e tinha forçado os israelitas a pagarem tributo nos últimos cinquenta anos até Jeroboão II tornar-se rei. Jeroboão sacudiu esse jugo mais ou menos em 790 e estendeu o reino do norte ao seu maior limite desde Salomão. No tempo de Jonas, Israel sentia-se seguro e estava em ascensão, enquanto a Assíria achava-se em declínio político.
2. Religiosamente, porém, Israel tornava-se mais e mais empedernido, independente, moralmente degradado e egoísta. Alcançara o seu “período áureo”. Mas a nação estava inconsciente de que Deus lhe tinha concedido essa misericórdia com a finalidade de arrependimento e não de independência (2 Reis 14:26-27).
3. O ministério de Jonas, ministério de misericórdia para Israel, transcorreu provavelmente um pouco antes do ministério de julgamento de Amós, que veio de Judá como um mensageiro especial do Senhor.

OBJETIVO DO LIVRO DE JONAS

Seu objetivo histórico e duradouro era declarar a universalidade tanto do julgamento quanto da graça divina. Deus julga a iniquidade em todas as esferas e, do mesmo modo, reage ao arrependimento de todas as nações. A história também retrata a verdade de que, quando o povo de Deus deixa de ter interesse pelos perdidos, perde a visão do objetivo e programa divinos do mundo.

Contribuições Singulares de Jonas

1. **COMPARAÇÃO ENTRE JONAS E OBADIAS.** Obadias descreve a ira de Deus sobre os inimigos de Israel. Por sua vez, o Livro de Jonas contrabalança tal atitude com uma ilustração clássica da misericórdia divina demonstrada a um dos antigos inimigos dos israelitas. Em Obadias, o julgamento divino é pronunciado contra os pagãos que rejeitam a oportunidade de arrependimento e persistem em sua arrogância vingativa. Em Jonas, a misericórdia divina é oferecida aos pagãos, que se arrependem e reagem favoravelmente ao Deus de Israel. Isso é ilustrado por dois casos extremos: Os edomitas eram muito chegados a Israel (parentesco e proximidade), mas foram alvo da ira divina devido à sua arrogância. Em contrapartida, os ninivitas estavam longe e eram depravados, povo belicoso, mas foram alvo da misericórdia divina devido ao seu arrependimento (Obadias 3; Jonas 3:5-10).
2. **LACONISMO DE JONAS** (3:4). Nenhum outro profeta foi tão conciso em sua mensagem. Sua profecia continha apenas sete palavras (cinco no hebraico): “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida.” Ao contrário de outros profetas da escrita, a mensagem de Jonas era mais de experiência do que de exposição. Até mesmo sua curta profecia deixou de realizar-se (o que muito o aborreceu). Todavia, sua experiência foi uma importante mensagem para Nínive, Israel e até mesmo para a Igreja hoje (Mateus 12:39-40).
3. **MILAGRES DE JONAS** (1:15, 17; 2:10; 3:5-10; 4:6). Enquanto outros Profetas Menores não registram milagres históricos, Jonas registra diversos, sobre os quais se apóia sua mensagem (aquietando o mar, preservação de Jonas dentro do peixe, arrependimento de Nínive, o rápido crescimento da planta e o aparecimento do verme). Jonas tem isso em comum com Isaías e Daniel, pois todos eles registraram diversos milagres históricos e são contestados pelos críticos quanto à sua autenticidade e autoria (Isaías 37:36; 38:8; Daniel 3:25; 6:22). Como o objetivo dos milagres era quase sempre autenticar a revelação (Êxodo 4:5; 1 Reis 18:36-39), a mensagem do julgamento de Deus e sua misericórdia, trazida por Jonas a Nínive e não compreendida por Israel, era realmente crucial para o profeta e aquela cidade pagã. A importância adicional da mensagem como um antítipo profético da ressurreição de Cristo dificilmente pode ser superestimada.
4. **ARREPENDIMENTO DE NÍNIVE** (3:5-9). O Livro de Jonas contém o relato do maior reavivamento registrado na Bíblia: toda a cidade de Nínive abandonou os seus caminhos iníquos e voltou-se para Deus. Jonas foi também usado como instrumento de arrependimento para os marinheiros, fazendo com que eles se voltassem para o Senhor depois de o profeta ter sido jogado ao mar, aquietando-o. Parece que ele obteve mais resultados “por acaso” do que a maioria dos profetas obtiveram intencionalmente (Isaías, Jeremias e Ezequiel alcançaram poucos resultados imediatos; Isaías 6:9-11; Jeremias 14:1 e ss.; 15:1 e ss.; Ezequiel 3:7). Questiona-se às vezes se o arrependimento de Nínive foi sincero. A resposta do livro de Jonas é que evidentemente Deus o considerou sincero, pois suspendeu o julgamento que lhes tinha sido notificado (3:10). Jesus também testificou que “se arreponderam com a pregação de Jonas” (Mateus 12:41), o que Israel deixou de fazer com a pregação do Messias.
5. **“ARREPENDIMENTO” DE DEUS** (3:9-10). O livro registra o fato de que Deus também “se arrependeu” ou “compadeceu-se”, conforme a maioria das versões (Heb. *nacham*). A mesma palavra é usada para o arrependimento humano (Jó 42:6). Outra palavra também é usada com o sentido de arrependimento e conversão: *shub*, conforme está na frase “e se converterão, cada um do seu mau caminho” (3:8-9). Significa “mudar de idéia”. É aqui empregada como uma expressão antropomórfica a fim de mostrar o aspecto condicional do julgamento divino, o qual depende das ações do homem. Esse princípio é declarado em Jeremias 18:8. A afirmação de Números 23:19 (1 Samuel 15:29) de que “Deus não é homem. . . para que se arrependa” fala da sua veracidade e do seu caráter imutável. O julgamento de Deus depende sempre das ações do homem.
6. **ARREPENDIMENTO DE JONAS** (Capítulos 2, 4). Embora o livro registre o arrependimento inesperado de um dos maiores tiranos da história antiga, sua ênfase maior está no arrependimento ou mudança de Jonas. O arrependimento de Nínive ocupa um capítulo, mas a história da preparação de Jonas e seu subsequente treinamento são apresentados em três capítulos (1, 2 e 4). Parece que Deus teve mais dificuldade em aperfeiçoar Jonas do que todo o povo de Nínive. Quando o profeta foi conduzido ao ponto de obediência, o reavivamento ocorreu naturalmente. A preparação de Jonas foi realizada em etapas. A experiência do peixe preparou-o para Nínive, mas ele precisou de mais treinamento para voltar a Israel. Se o arrependimento da cidade no capítulo três sur-

preende a todos, o profeta desapontado do capítulo quatro causamos um choque. Ele parece estar mais interessado em que sua profecia se cumpra, como um crédito à sua profissão, do que a cidade de Nínive seja poupada do julgamento divino. É desse modo que termina a história, deixando o leitor inteiramente desapontado diante da atitude do profeta. Jonas parece ser irremediavelmente egoísta e fanático, até lembrarmos que ele escreveu o livro, sem “dourar” a sua própria imagem no final. Essa imagem foi obviamente destinada a impressionar e humilhar Israel, pois a atitude do profeta foi um reflexo da atitude do povo. Os judeus estavam tão envolvidos com os seus próprios prazeres e prosperidade do período áureo de Jeroboão II, que tinham perdido de vista a sua missão como povo da aliança divina.

7. **O LUGAR DE JONAS NO RITUAL JUDAICO.** Para os judeus ortodoxos, é tradição usar o Livro de Jonas como leitura obrigatória para o Culto Vespertino do Dia da Expição (A. Cohen, *The Twelve Prophets*, pág. 137). Nesse dia de jejum nacional, lamentação e perdão recíprocos dos pecados, eles relêem a história dos antigos habitantes de Nínive, que acharam misericórdia por convocarem arrependimento e perdão de pecados em toda a nação. Apesar de não haver evidência de que os israelitas do tempo de Jonas tenham reagido dessa forma, judeus ortodoxos usam o livro no seu maior dia anual de jejum a fim de lembrar que o Senhor é um Deus de misericórdia para o povo arrependido, independente da sua raça. Jonas tem um lugar especial no respeito e no ritual dos judeus.
8. **O LIVRO DA MISERICÓRDIA UNIVERSAL DE DEUS (4:11).** Nenhum outro livro do Antigo Testamento ensina de maneira tão enfática a extensão da misericórdia divina às nações gentias. Essa perspectiva mundial da missão de Israel foi observada anteriormente por Josué e Salomão (Josué 4:24; 1 Reis 8:43, 60), mas tem sido muitas e muitas vezes esquecida pela nação no decurso das suas muitas apostasias. Nesse ponto central da história, Jonas foi usado para conclamar a nação a refletir sobre o programa divino do julgamento universal dos malfeitores e sua oferta universal de misericórdia para o arrependimento e fé. Frederick Faber, *Voice of Thanksgiving Hymnal* (Hinário de Ação de Graças), expressou o seguinte: “Pois o amor divino excede a mente humana, e o coração do Eterno Deus é de uma bondade surpreendente.”
9. **CRISTOLOGIA DE JONAS.** A ênfase central de Jonas na misericórdia divina estendida a todas as raças é exemplificada, de maneira maravilhosa, no ministério de Jesus. Ele chamou todas as pessoas ao arrependimento, vindo como “luz para alumiar as na-

ções, e para glória de teu povo Israel” (Lucas 2:32). Após sua ressurreição, Jesus enviou os Doze para fazer “discípulos de todas as nações” (Mateus 28:19).

A relação cristológica mais específica do livro, porém, é a experiência de Jonas no grande peixe como o antítipo de Cristo (Mateus 12:40). Foi Jonas o único profeta indicado por Jesus como antítipo dele próprio. Do mesmo modo que Jonas esteve no ventre do peixe (lugar de morte) durante três dias e três noites, assim o Filho do Homem esteve no coração da terra. “Dia e noite” era uma expressão hebraica para qualquer parte de um dia. Como um antítipo tem apenas um ponto de analogia (como uma parábola), do mesmo modo Jonas tipificou Cristo apenas em um ponto, sua experiência no abismo da morte por um período de tempo (João 11:17, 39). Jesus usou a experiência de Jonas para tipificar a maior verdade bíblica: sua própria ressurreição dentre os mortos.

O Livro de Miquéias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Miquéias significa “Quem é igual a Jeová (YHWH)?” É uma expressão muito adequada à mensagem do livro, pois enfatiza o grande poder de Deus no primeiro capítulo, e o seu grande perdão no último: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade?” (7:18).

B. AUTOR

1. A autoria de Miquéias é geralmente reconhecida, embora alguns comentaristas modernos atribuam as seções da “esperança” (de 4-7) a uma época posterior. O Livro de Jeremias (26:18) assinala que Miquéias foi muito respeitado na época de Jeremias (600 a.C., aproximadamente). O conteúdo do livro é compatível com a época e as circunstâncias de Miquéias.
2. Esse profeta era da comunidade rural ocidental de Morasti Gate, uma cidade localizada nos limites entre Judá e Filístia. Esse local ficava a 320 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, longe da política e do comércio da capital.
3. O profeta era evidentemente de origem humilde, fato evidenciado mais pela sua humilde residência do que por sua linhagem. Suas muitas alusões ao trabalho de um pastor sugerem que deve ter sido essa uma das suas ocupações.
4. Acredita-se que ele tenha sido um dos “homens de Ezequias”, citados em Provérbios 25:1, os quais, junto com Isaías, transcreveram e compilaram os provérbios de Salomão, dos capítulos 25 a 29. Todavia, ele não deve ser confundido com um profeta anterior chamado Micaías em 1 Reis 22:8.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 730 a.C., aproximadamente.

Sua profecia foi proferida durante o reinado de Jotão, Acaz e Ezequias, que reinaram consecutivamente de 740 a 697. Sua parte principal, entretanto, deve ter sido proferida durante os reinados de Acaz e Ezequias, antes da queda de Samaria em 722. Nesse caso, o período central seria 730-720.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Contemporâneo de Isaías, Miquéias defrontou-se com um cenário semelhante ao dele, no que se refere à política e à religião

Esboço de Miquéias

TEMA: Caráter do Senhor como Juiz Justo e Pastor Cuidadoso de Israel

I A VINDA MAJESTOSA DO SENHOR PARA JULGAMENTO	1—3
A. <i>Regente Divino do Julgamento</i>	1
1. Toda a natureza alertada para a indignação do Senhor	1:1-7
2. Toda a Palestina a lamentar a desolação do Senhor	1:8-16
B. <i>Razões Divinas para o Julgamento</i>	2
1. Apreensão iníqua de propriedade	2:1-5
2. Rejeição obstinada da Palavra de Deus	2:6-11
3. Pretensão ansiosa sobre as promessas divinas	2:12-13
C. <i>Réus do Julgamento</i>	3
1. Príncipes de Israel que deturpam a justiça	3:1-4
2. Profetas de Israel que profetizam por dinheiro	3:5-8
3. Perversos de Israel que aparentam devoção	3:9-12
II A VINDA MESSIÂNICA DO SENHOR PARA LIVRAMENTO	4—5
A. <i>Grandeza do Reino do Messias</i>	4
1. Exaltação do templo de Sião	4:1-5
2. Restauração dos proscritos de Sião	4:6-8
3. Devastação dos inimigos de Sião	4:9-13
B. <i>Grandeza da Vinda do Messias</i>	5
1. Virá como o grande Pastor de Israel	5:1-4
2. Virá como a grande força de Israel	5:5-15
III O PRINCIPAL INTERESSE DO SENHOR NA VERDADEIRA RELIGIÃO	6—7
A. <i>Natureza da Verdadeira Religião</i>	6
1. Júri e tribunal divinos convocados	6:1-2
2. Interesse divino pela justiça do coração	6:3-8
3. Pleito divino apresentado contra Israel	6:9-16
B. <i>Necessidade de Religião Verdadeira</i>	7
1. Total depravação de Israel	7:1-6
2. Único libertador de Israel	7:7-17
3. Deus perdoador de Israel	7:18-20

da época. Seu ministério foi o equivalente rural ao ministério de Isaías, pois Miquéias dirigiu-se ao povo do interior.

2. Ele é reconhecido como o único profeta cujo ministério foi desempenhado visando tanto a Israel como a Judá (1:1). Isaías também profetizou a destruição de Samaria, mas sua profecia era “a respeito de Judá e Jerusalém” (Isaías 1:1).

C. MIQUÉIAS E ISAÍAS — SEMELHANÇAS E CONTRASTES

Miquéias e Isaías trabalharam juntos, talvez mais do que qualquer outro par de profetas da escrita do Antigo Testamento, exceto Ageu e Zacarias. Sem contar com a diferença do tamanho, seus livros têm semelhanças e contrastes.

1. Semelhanças:

- a. Profetizaram a próxima invasão pela Assíria.
- b. Falaram do livramento de Judá, mas também de um cativo posterior na Babilônia.
- c. Enfatizaram a futilidade de uma religião meramente ritual.
- d. Profetizaram a vinda do Messias; Isaías falou do seu nascimento virginal, Miquéias determinou o local do seu nascimento.
- e. Profetizaram o livramento final de Israel, que teria de ser precedido por arrependimento.

2. Contrastes:

- a. Isaías dirigiu-se principalmente à aristocracia urbana de Jerusalém. Miquéias falou ao povo comum da zona rural.
- b. Isaías ocupou-se, em grande escala, com o cenário internacional e as falsas alianças políticas de Judá. Miquéias focalizou os pecados pessoais e sociais de injustiça que eram predominantes em Judá.
- c. Isaías estendeu o julgamento às nações circunvizinhas. Miquéias limitou a condenação a Judá e Israel.
- d. Isaías centralizou sua visão messiânica no conceito de servo, enfatizando a expiação e a salvação pessoal. Miquéias mostrou que o livramento nacional pelo Messias tornar-se-ia possível pela graça do perdão divino, conforme promessa a Abraão.

OBJETIVO DO LIVRO DE MIQUÉIAS

O objetivo histórico do livro era enfatizar o peso da próxima ira divina sobre a nação, em virtude dos seus pecados de violência e injustiça social, enquanto fingiam ser religiosos. O objetivo adicional de Miquéias era lembrar-lhes da futura vinda do Messias, que surgiria de origem humilde para governar, com justiça e verdade, conforme promessa da aliança abraâmica.

Contribuições Singulares de Miquéias

1. **ATERRORIZANTE DESCIDA DO SENHOR À TERRA** (1:3-4).

Miquéias principia apresentando uma das mais tremendas descrições do Senhor: sua descida à terra com terrível ira. Do mesmo modo que Jonas, Miquéias proclama o julgamento de Deus antes de declarar sua misericórdia perdoadora. Na realidade, os três livros seguintes seguem o mesmo tema do Senhor vindo como um guerreiro poderoso que faz “os montes” tremerem (Naum 1:2-6), “os outeiros eternos” se abaterem (Habacuque 3:6) e toda “a terra” ser consumida (Sofonias 1:18). Isaías também apresenta esse terrível quadro nos capítulos 24 e 63, quando descreve as devastações do Dia do Senhor. Os profetas viram o pecado do homem significando nada menos do que uma redução catastrófica da terra ao caos (Jeremias 4:23-26). Miquéias apresenta esse quadro do Senhor a fim de enfatizar a grande ira divina contra aqueles que praticam violência e injustiça para com os pobres. Tirar proveito dos pobres, adverte ele, é incorrer na ira do Todo-poderoso (Deuteronomio 15:10; Salmos 109:31; 140:12; Provérbios 14:31; 19:17).

2. **PROFETA DO HOMEM POBRE.** Miquéias é conhecido como o profeta do homem comum. Tendo ele mesmo vindo de berço humilde, conhecia as más condições dos pobres e tomou para si sua causa contra os vorazes líderes da nação que visavam a seus próprios interesses (3:1-3). Em todo o livro, Miquéias denuncia a opressão do fraco, o suborno entre os líderes, o ato de expulsar mulheres dos seus lares e prática de toda espécie de roubo, grande parte dele em nome da religião (2:1-2, 8-11; 3:1-3, 9-11; 6:10-12; 7:1-6). Embora não isente o pobre apenas pela sua pobreza, ele condena intrepidamente as classes superiores por sangrarem os pobres e indefesos. Ao descrever a esperança da restauração, Miquéias surpreende a nação com o anúncio de que o futuro “governador de Israel”, o Messias, virá da pequena e insignificante cidade de Belém, ao invés da opulenta capital Jerusalém (5:2-4). Apresenta-o na condição de um “Pastor”, como o era Davi. Todavia, será maior do que Davi, e “engrandecido até aos confins da terra” (5:4). Miquéias foi o último profeta a mencionar Belém no Antigo Testamento. Concentrou, porém, a atenção da nação sobre a pequena cidade por mais de 700 anos.

3. **O EVANGELHO DE JUSTIÇA SOCIAL DE MIQUÉIAS** (6:6-8).

No Antigo Testamento, não se encontra um resumo da Lei mais simples e mais profundo do que o de Miquéias 6:6-8. Suas exigências são simples e sem rodeios: praticar a justiça, amar a bon-

dade demonstrando-a, e andar humildemente com Deus. Do mesmo modo que Jesus resumiu a Lei como “amor” para os insensíveis líderes do seu tempo, Miquéias resumiu-a como justiça, misericórdia e modéstia para um povo completamente desprovido dessas qualidades, embora muitíssimo ocupado com religião (3:11). Os “milhares de carneiros” e “dez mil ribeiros de azeite” (6:7) não podiam subornar Deus a fechar seus olhos à ausência de justiça e misericórdia entre os homens.

4. TOTAL DEPRAVAÇÃO DE ISRAEL (7:2-6). À semelhança de Isaías (1:5-6 e 57:1), Miquéias observou que Israel tinha chegado a uma situação em que se podia muito bem afirmar: “não há entre os homens um que seja reto” (7:2). Eram todos iníquos e só cuidavam dos seus próprios interesses naquela sociedade idólatra. Tendo-se afastado da verdade divina, estavam colhendo os efeitos sociais de “os inimigos do homem são os da sua própria casa”, incluindo esposa, filhos e pais (7:5-6). Jesus citou esse texto de Miquéias em Mateus 10:21, 35 para mostrar que a rejeição da verdade que ele estava pregando no seu tempo traria aquela mesma condição de castigo do tempo de Oséias. Paulo também se refere a isso em Romanos 1:28-32, mencionando que a depravação social está sempre ligada à rejeição da verdade.

5. CRISTOLOGIA EM MIQUÉIAS (4:1-8; 5:2-5). Dois textos de Miquéias falam do reino do Messias e de sua vinda. Nos “últimos dias”, ele reinará no monte Sião, onde prevalecerão a verdade, a justiça, a prosperidade e a paz. Ali os coxos, os expulsos e os aflitos estarão reunidos a fim de formar o núcleo da sua “poderosa nação” (4:1-7).

Em 5:2, entretanto, Miquéias revela que esse reino não começará ostentando grandeza, pois o próprio Messias nascerá na pequena vila de Belém, lugar de criação de carneiros. Ele, que é eterno, virá de Deus como Pastor de Israel. Mas antes que o Messias se torne grande até os confins da terra, a nação será abandonada pelo Senhor por um tempo, no fim do qual ele surgirá para pastorear o seu povo com grande majestade (5:3-4).

O Livro de Naum

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Naum quer dizer “consolação”. Como o nome sugere, o Livro de Naum é o único entre os profetas que não profere julgamento contra Israel, apenas consolação. Ele prediz o fim do seu grande inimigo do oriente.

B. AUTOR

1. Que Naum foi o único autor desse livro é a opinião generalizada (com exceção de alguns críticos), embora pouco se saiba sobre ele. Seu nome é mencionado na Bíblia apenas uma vez (1:1).
2. Sua cidade natal era Elcos. Este nome aproxima-se de vários outros nomes de cidades. Uma delas pode ter sido o berço do profeta:
 - a. Alkush, localizada ao norte de Mosul e Nínive, a leste do Tigre.
 - b. El-kauzeh, uma pequena aldeia da parte norte da Galiléia, identificada por Jerônimo.
 - c. Elkesei ou Elcese, uma pequena cidade no sul da Palestina. (Kaush era um deus edomita.) A septuaginta fala de Naum como “o elcosita”.
 - d. A cidade de Cafarnaum, na parte norte da Galiléia, significa “cidade de Naum” do árabe “Kefr-Nahum”.
3. A melhor conjectura é que ele nasceu perto de Cafarnaum, na parte norte da Galiléia, fugiu ou emigrou para Elcos, na parte sul de Judá, depois da queda do norte, e profetizou para Judá numa época de muita necessidade de consolação com referência aos inimigos assírios.

CENÁRIO HISTÓRICO**A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 710 a.C., aproximadamente.**

1. Naum é um dos seis Profetas Menores que não têm data no próprio texto e, por esse motivo, tem de ser datado por extrapolação do contexto. Os conservadores geralmente apontam uma das duas datas aproximadas: 710, durante o reinado de Ezequias, ou 650, durante o reinado de Manassés.
2. Para se determinar a data em que o Livro de Naum foi escrito, quatro fatos devem ser considerados:
 - a. Nínive foi destruída em 612, e este acontecimento foi profetizado por Naum.
 - b. A vinda de um “conselheiro vil” de Nínive para Jerusalém foi predita em 1:11, e Rabsaqué em 701 a.C. (2 Reis 18:19-35) parece enquadrar-se nessa profecia.
 - c. A referência à invasão sofrida por Nô-Amom (Tebas), a grande capital do sul do Egito. Devemos atentar para o fato de que essa cidade foi conquistada diversas vezes:

718 (a.C.)	Por Sargom da Assíria, seguida de conquistas posteriores sobre a poderosa vigésima quinta dinastia etíope.
714	Pela Etiópia, que estabeleceu a vigésima quinta dinastia.
701	Por Senaqueribe.
671	Por Esar-Hadom da Assíria.
663	Por Assurbanipal da Assíria.
525	Pelo rei persa Cambises.

- d. O objetivo do livro era ser uma consolação para Judá.
3. A data de 710 é mais provável do que 650, pelas seguintes razões:
 - a. Em 710, os assírios representavam uma grande ameaça a Judá, pois se dirigiam para o ocidente mais do que em 650, quando o seu poder começou a decair.
 - b. A profecia de “consolação” enquadra-se melhor em 710, época de Ezequias. Quase não havia necessidade de consolação para Judá em 650, sob a liderança de Manassés, o mais iníquo e depravado rei de Judá, cujo reinado trouxe o julgamento divino de ruína inevitável.

B. HISTÓRIA DE NÍNIVE

1. Nínive foi uma das cidades mais antigas do mundo, fundada por Ninrode (Gênesis 10:11).

2. Foi capital da Assíria depois de Asur, embora a capital mudasse às vezes para outras localidades perto de Nínive.
3. A Assíria teve esse nome em homenagem ao seu principal deus, Asur, divindade da guerra.
4. A Assíria separou-se da Babilônia antes de 1500 a.C., mas conheceu apenas esporádicos períodos de grandeza: Sob o governo de Asur-ubalite I (1363-1328), Tuculti-Ninurta I (1243-1207), Tiglate-Pileser I (1112-1074), Adad-nirari II (909-889), Salmanasar III (858-824) e Adad-nirari III (809-782).
5. O “Segundo Império Assírio” teve muita relação com a história bíblica:

Esboço de Naum

TEMA: Grande Julgamento Divino sobre Nínive, a Violenta Rainha do Oriente

I	DECLARADO O DIVINO JULGAMENTO DE NÍNIVE	1
	A. Apresentação do Juiz Divino	1:1-7
	1. Deus de vingança	
	2. Deus de paciência e poder	
	3. Deus de refúgio para os fiéis	
	B. Apresentação do Julgamento Divino	1:8-15
	1. A grande cidade ficará em ruínas	
	2. Já não saqueará Israel	
	3. O seu ilustre rei será envergonhado	
II	DESCRITO O DIVINO JULGAMENTO DE NÍNIVE	2
	A. Descrito o Cerco de Nínive	2:1-4
	1. Censurada pelo Senhor	
	2. Aterrorizada pelos inimigos	
	B. Descrita a Queda de Nínive	2:5-8
	1. Seus muros minados pela água	
	2. Seu povo escravizado pelos estrangeiros	
	C. Descrita a Pilhagem de Nínive	2:9-10
	1. Saqueados os seus tesouros roubados	
	2. Derretidos os seus corações aflitos	
	D. Demolido o “Covil dos Leões” de Nínive	2:11-13
III	MERECIDO O DIVINO JULGAMENTO DE NÍNIVE	3
	A. Sua História de Carnificina Impiedosa	3:1-3
	B. Sua História de Prostituição e Feitiçaria	3:4-7
	C. Sua Falha em Não Aprender com Nô-Amom	3:8-10
	D. Sua Sentença de Desolação Perpétua	3:11-19

Tiglate-Pileser III	(745-727)	Invadiu a Síria e Israel do Norte, 734.
Salmanasar V	(727-722)	Sitiou Samaria; levou cativo Oséias.
Sargom III	(721-705)	Destruiu Samaria; subjuguou Babilônia.
Senaqueribe	(704-681)	Conquistou a Palestina; destruiu Babilônia.
Esaradom	(681-669)	Conquistou o Egito em 671.
Assurbanipal	(669-626)	Tomou a Babilônia do seu irmão Samassumuquim em 648. Levou Manassés cativo para a Babilônia. Fundou a maior biblioteca dos tempos antigos.

- O império assírio começou a se desintegrar em 626. Nínive foi destruída em 612. Seu exército foi finalmente aniquilado em Carquemis, em 605 a.C.
- A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade tornou-se quase uma lenda durante dois milênios, até ser redescoberta em 1842 por Layard e Botta. Alexandre passou por ela em 331, sem ver sinais da sua existência. Nada restou da cidade e do seu poderio.
- A Assíria e a soberba Nínive eram conhecidas pelo seu poderio militar e crueldade. A maioria dos seus deuses eram considerados dominadores sobre a guerra. Seus habitantes gostavam da caça e da guerra. Grande parte da sua arte, cultura e ciência era copiada da Babilônia, perante quem eles se sentiam inferiores. O único grande estudioso assírio foi seu último rei, Assurbanipal, que construiu em Nínive uma grande biblioteca de 20.000 volumes.
- Essa nação violenta e implacável foi o instrumento usado por Deus para destruir o reino de Israel, devido à sua idolatria e violência. Finalmente os israelitas infiéis foram levados para a Babilônia, e esta mandou para as terras de Israel mestiços babilônios.

C. CENÁRIO POLÍTICO DE JUDÁ

Em 710 a.C., Judá sobreviveu à invasão assíria por Sargom em virtude do grande reavivamento de Ezequias. Mas a Assíria continuava na sua conquista para o ocidente, enquanto Babilônia exercia o controle no oriente. Diante do ameaçador deslocamento da Assíria para o lado ocidental, Ezequias sentiu-se grandemente tentado a reforçar suas defesas com o auxílio do Egito e da Babilônia (2 Reis 18:21; 10:12 e ss.). O império assírio estava naquela época no auge do seu poder e ameaçava engolir Judá e todo o Oriente Médio na sua investida para o ocidente. Era uma época de grandes reformas no cenário político mundial, e Judá precisava da consolação divina referente à horda violenta de Nínive, a antiga cidadela da ferocidade.

D. CENÁRIO RELIGIOSO (V. a Introdução ao Livro de Jonas)

OBJETIVO DO LIVRO DE NAUM

O principal objetivo de Naum foi consolar Judá com referência ao seu feroz inimigo, a Assíria. No seu recado profético, Naum revelou o detalhado plano divino para destruir e devastar Nínive completamente. Essa mensagem foi entregue ao povo de Judá a fim de lembrá-lo da soberania do Senhor sobre todas as nações, e que ele não tolera por muito tempo aqueles que governam com pilhagem e violência, desrespeitando suas admoestações de justiça.

Contribuições Singulares de Naum

- CARÁTER RETRIBUIDOR DE DEUS** (1:2, 6). De modo semelhante a Miquéias, Naum principia enfatizando a grande ira do Senhor contra o pecado e sua vinda para trazer julgamento aos perversos. Aqui, entretanto, sua ira dirige-se mais aos inimigos de Israel do que aos israelitas. Naum descreve o Senhor como um Deus zeloso e vingativo, que virá com ira abrasadora contra seus inimigos. Esse caráter zeloso de Deus foi apresentado em Êxodo 20:5, e mais tarde com mais pormenores em Deuteronômio 32:21 e ss. Muitos textos descrevem o Senhor como “tardio em se irar”, mas grande em poder e ira contra aqueles que rejeitam sua graça (Êxodo 22:24; 32:12; Números 14:18; Josué 7:1; Esdras 9:15; Jó 20:23). No Novo Testamento, os oito “ais” sobre os líderes hipócritas do tempo de Jesus apresentam a mesma ira ardente para com os que rejeitam deliberadamente a Lei e a graça de Deus (Mateus 23). Essa ira chega ao auge na grandiosa e terrível descrição da vinda do Senhor em Apocalipse 14:10, 19 e 19:15 para julgar seus inimigos enquanto livra o seu povo.
- LIVRO DE JULGAMENTO NÃO-ALIVIADO.** Nenhum outro livro da Bíblia é tão enfático na mensagem de julgamento e misericórdia não aproveitada. Suas únicas “boas novas” são a profecia sobre a destruição de Nínive (1:15). Foi tão grande a preocupação do profeta com os pecados e o julgamento daquela cidade, que os pecados de Israel ou Judá não foram nem mesmo aludidos. O Senhor dedicou um livro inteiro para descrever vivamente sua grande ira contra um povo que vivia na violência, pilhagem e derramamento de sangue, e que deixou de permanecer em sua misericórdia dispensada através de Jonas, profeta de Deus.

- 3. NÍNIVE, A GRANDE CIDADE-RAINHA DESTRUÍDA.** Não há dúvida de que é este o livro que Jonas gostaria de ter escrito (Jonas 4:2), ao não compreender que o Senhor tinha antes uma colheita a fazer naquela cidade. Sua curta profecia da destruição de Nínive está aqui amplificada, sem a data de execução, “quarenta dias”. Embora o arrependimento dos ninivitas tenha adiado o seu julgamento, a retomada da antiga perversidade e violência apenas intensificou o peso do seu castigo, sobretudo diante do desrespeito à sua misericórdia. A antiga cidade de Nínive era um símbolo clássico do mundo quanto ao seu poder, violência e rebeldia contra Deus desde o tempo de Ninrode (Gênesis 10:9-11). Mas quando Deus ordenou sua destruição, ela foi aniquilada tão completamente que a antiga rainha das cidades ficou esquecida durante muitos séculos, coberta com areia, transformada em um deserto.
- 4. ADMOESTAÇÃO INTERNACIONAL DE NAUM A TODAS AS NAÇÕES.** A notável lição de Naum para as nações é que a “lei da selva” não é a Lei de Deus. Embora o pecado e a violência possam ficar sem punição por algum tempo dentro da longanimidade divina, todavia não serão esquecidos. Neste caso não está apenas em jogo o “tempo” de Deus, mas também a justificação do seu caráter (Êxodo 34:6-7; Números 14:18). Apesar de ele ser “tardio em irar-se” e estar sempre interessado em mostrar-se misericordioso, não é absolutamente imune à ira quando sua lei é impugnada e sua graça desprezada. O Deus vingador descrito por Naum é um dos quadros mais aterradores da Bíblia. Enquanto o Livro de Jonas apresenta a misericórdia do Senhor estendida aos gentios desconhecedores da lei mosaica, Naum retrata a ira e o julgamento divino das nações, conheçam ou não a lei de Moisés.
- 5. CRISTOLOGIA EM NAUM (1:15).** Mesmo sem referências específicas ao Messias no Livro de Naum, a proclamação das “boas novas” em 1:15 tem uma referência indireta a Cristo e seu evangelho. É uma referência a Isaías 52:7, mais tarde aplicada por Paulo em Romanos 10:15 quanto ao aspecto libertador do evangelho. É um lembrete de que o primeiro objetivo de Naum foi consolar Israel a respeito da ameaça nacional por parte do cruel e perverso inimigo do Oriente. Além disso, as boas novas do evangelho são que Cristo não somente traz o livramento dos inimigos, mas também os benefícios reais da salvação (Lucas 1:71). O Deus prefigurado por Naum não é diferente do Cristo do Novo Testamento.

O Livro de Habacuque

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Habacuque quer dizer “abraçar”. Conforme observação de muitos estudiosos, o profeta rodeia Deus com oração pelo país, e também o rodeia com louvor por sua grandeza ao resolver o grande dilema do profeta quanto à santidade.

B. AUTOR

1. Como acontece com a maioria dos Profetas Menores, quase nada se conhece sobre Habacuque. Ele não é mencionado em nenhum outro lugar da Bíblia, mas duas vezes no seu livro (1:1 e 3:1).
2. Supõe-se que tenha sido levita em virtude do seu salmo litúrgico (capítulo 3), porém tal raciocínio não se mostra muito lógico, pois o mesmo deveria ocorrer com Davi, que escreveu muitos salmos litúrgicos mas não era levita.
3. Habacuque tornou-se tema de um mito do livro apócrifo “Bel e o Dragão” (ou Daniel Apócrifo 14:28-42), no qual o profeta foi supostamente trazido por um anjo para alimentar Daniel que tinha estado na cova dos leões durante seis dias.
4. Apesar de a unidade do livro ter sido contestada por alguns críticos, especialmente o salmo do capítulo 3, não há motivo real para duvidar da sua autenticidade. Essa é confirmada no princípio de ambos os capítulos (1:1; 3:1).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — 607 a.C., aproximadamente.

1. Embora o livro não seja datado, diversas referências contribuem para que se avalie sua data:

- a. A referência aos caldeus, que viriam numa inacreditável ferocidade (1:6) sugere uma data anterior a 605 e posterior às suas conquistas iniciais.
 - b. A ausência de qualquer referência a Nínive sugere uma data posterior à destruição dessa cidade em 612.
 - c. A grande preocupação do profeta quanto à violência de Judá sugere uma época posterior à morte de Josias (609), no iníquo reinado de Jeoaquim.
2. Portanto, a data mais provável seria 607, durante o iníquo reinado de Jeoaquim, antes de Judá ser subjugado por Nabucodonosor em 606.

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. Do ponto de vista internacional, a luta pelo poder entre Assíria, Babilônia e Egito favorecia a Babilônia. Nínive caiu em 612 e o exército do Egito seria derrotado em 605 em Carquemis. Nabucodonosor estava em ascensão.
2. Habacuque foi contemporâneo de Jeremias, tendo profetizado com ele para o reino do sul, que se precipitava num colapso nacional. A reforma de Josias terminou abruptamente com sua morte em 509, e as sementes de corrupção plantadas por Manassés frutificaram com rapidez sob o reinado de Jeoaquim.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

Conforme ficou demonstrado pela efêmera reforma de Josias, Judá era incorrigivelmente corrupto e estava prestes a ser julgado. Por não ter tirado proveito da lição do julgamento divino sobre Samaria, Nô-Amom ou Nínive, Jerusalém estava prestes a sofrer destino semelhante nas mãos de um adversário igualmente perverso, que tinha sido convocado pelo Senhor para fazer o serviço divino.

OBJETIVO DO LIVRO DE HABACUQUE

O objetivo do livro era enfatizar a santidade divina ao julgar o violento reino de Judá pelos seus pecados, muito embora Deus tivesse usado uma nação ainda mais iníqua para executar tal julgamento, nação que ele mais tarde destruiria por sua idolatria e perversidade ainda maior.

Contribuições Singulares de Habacuque

1. **JULGAMENTO DIVINO DA BABILÔNIA (3:12).** O Livro de Habacuque segue logicamente o de Naum no julgamento divino do segundo maior inimigo de Israel, o destruidor vindo do Oriente. Embora tanto Nínive quanto Babilônia tenham sido usadas pelo Senhor para destruir Israel no norte e Judá no sul (Isaías 7:18-20;

Jeremias 27:6), ambas foram também julgadas pela violência. Esses dois livros registram o castigo dessas duas nações por sua conduta sanguinária e perversa, não tolerada nem aprovada por Deus. Ambos os livros revelam a grande ansiedade inspirada pelo Senhor e sua grande ira ao vir em julgamento para realizar pessoalmente a destruição.

2. **SANTIDADE DE DEUS (1:12; 2:20; 3:3).** O maior interesse de Habacuque é pela santidade divina com respeito tanto à perversidade de Israel, quanto à soberba da Babilônia. Ele se afligiu por Deus permitir que o pecado continuasse em Judá sem punição, e depois preocupou-se por Deus usar a Babilônia como instrumento punitivo, nação ainda mais perversa. Esse problema e a respectiva

Esboço de Habacuque

TEMA: Os Justos Viverão pela Fé na Santidade e no Justo Julgamento Divinos

I PERPLEXIDADE DE HABACUQUE SOBRE OS CAMINHOS DE DEUS	1-2
A. Problema 1: "Indiferença" de Deus para com o Pecado de Israel	1:1-11
1. Indagação do Profeta	1:2-4
a. Por que os justos não são ouvidos	
b. Por que os perversos parecem ser bem-sucedidos	
2. Resposta do Senhor	1:5-11
a. Um incrível julgamento virá	
b. Uma incrível nação será usada	
B. Problema 2: Uso de Deus da Perversa Babilônia	1:12-2:20
1. Indagação do Profeta	1:12-17
a. Por que um Deus Santo usa o perverso?	
b. Por que permite que os ídolos da Babilônia recebam a honra?	
2. Resposta do Senhor	2:1-20
a. Certeza do julgamento vindouro	
b. Refúgio do crente no julgamento vindouro	
c. Justiça do julgamento vindouro	
d. Caráter santo do julgamento vindouro	
II SALMO DE HABACUQUE EM LOUVOR A DEUS	3
A. Louvor pela Pessoa de Deus	3:1-2
1. "Aviva a tua obra" de disciplina	
2. "Lembra-te da misericórdia" na ira	
B. Louvor pelo Poder de Deus	3:3-16
1. Destrói majestosamente o perverso	3:3-12
2. Livra magnificamente o justo	3:13-16
C. Louvor pela Providência de Deus	3:17-19
1. Providência na devastação	
2. Providência de salvação abundante	

resposta estão imortalizados em dois clássicos versículos: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal” (1:13). “Mas o Senhor está no seu santo templo: cale-se diante dele toda a terra” (2:20). Se o Senhor é longânimo com os pecadores e até escolhe “vasos de ira” (Romanos 9:22) para executar os seus objetivos, não faz, todavia, concessões em assuntos onde está em jogo sua santidade. Permite, com frequência, que o pecado siga o seu curso normal e se destrua a si próprio dentro do seu plano, demonstrando assim a soberania e a grandeza da sua santidade e justiça.

3. **“O JUSTO VIVERÁ PELA SUA FÉ”** (2:4). Habacuque tem sido denominado de “o livro que começou a Reforma”. Paulo citou Habacuque 2:4 ao desenvolver a doutrina da justificação pela fé em Romanos 1:17 e Gálatas 3:11, e esse foi o lema de Lutero e dos Reformadores. Essa frase é também citada em Hebreus 10:38, e as três citações do Novo Testamento têm uma progressão interessante, quanto à ênfase: Em Romanos 1:17, a ênfase está em “*O justo*”; em Gálatas 3:11, em “*viverá*”; e em Hebreus 10:38, em “*pela fé*”. Todos os três pontos estão enfatizados em Habacuque. Poucos versículos da Bíblia têm participado com tão profundo efeito no desenvolvimento da teologia e da proclamação da fé.

4. **FRASES CITADAS COM FREQUÊNCIA.** O pequeno livro de Habacuque é notável pelos seus muitos textos citados:

- a. “Vós não creereis, quando vos for contada” (1:5).
- b. “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal” (1:13).
- c. “Mas o justo viverá pela sua fé” (2:4).
- d. “Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (2:14).
- e. “Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro” (2:15).
- f. “Mas o Senhor está no seu santo templo: cale-se diante dele toda a terra” (2:20).
- g. “Aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos” (3:2).
- h. “Exultarei no Deus da minha salvação” (3:18).

5. **OUSADO DIÁLOGO DE HABACUQUE COM DEUS.** Ao contrário de outros livros proféticos, Habacuque é mais uma oração do que uma profecia. O preocupado profeta ousa dialogar com Deus, enfrentando-o com perguntas que parecem desafiar tanto a santidade quanto o amor do Senhor. Essa oração continua em todo o livro, enquanto o profeta faz a pergunta e espera a resposta de Deus. Constitui também um sistema de ensino muito eficiente, propondo perguntas difíceis e elaborando respostas com autoridade divina. Isso foi denominado posteriormente de método “rabinico” ou “socrático”, e também usado por Jesus com muita efi-

ciência (Mateus 24:42 e ss.). A fé divina de Habacuque é tão vigorosa e profunda, que ele pode expressar honestamente suas dúvidas e ficar satisfeito quando o Senhor responde com novos apelos à fé.

6. **CRISTOLOGIA EM HABACUQUE** (2:14, 20). Esse livro também não apresenta referências específicas ao Messias, apenas diversas inferências da era messiânica. Em 2:14, o profeta declara que o conhecimento da glória do Senhor será universal. É uma inegável citação e acréscimo de Isaías 11:9, onde o antigo profeta descreve certos aspectos dos tempos messiânicos. Habacuque especifica que o conhecimento universal será referente à glória do Senhor. O contraste é com os que labutam inutilmente, até ao derramamento de sangue, pela breve e passageira glória de reinados temporais. O conhecimento da glória do Senhor, a qual está atualmente quase escondida, cobrirá e encherá então a terra.

Uma segunda inferência messiânica é a exortação “Cale-se diante dele toda a terra”, bem como “O Senhor. . . está no seu santo templo” (2:20). Existem afirmações semelhantes em Sofonias 1:7 e Zacarias 2:13, quando anunciada a vinda do Senhor no Dia do Senhor. Do mesmo modo, Apocalipse 8:1 fala de um período de silêncio no céu antes do desencadeamento da ira de Deus na última metade do período de tribulação. Aqueles julgamentos do Apocalipse são vistos continuamente como procedentes do Senhor no seu santo templo, enfatizando a santidade de Deus e o despejar de sua justiça e ira (Apocalipse 8:4; 14:15, 17; 15:8; 16:1, 17). Parece que essa é também a idéia de Habacuque quando ele apresenta o salmo da ira de Deus contra as nações, em sua descrição da teofania militante e majestosa (3:3-16).

O Livro de Sofonias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Sofonias significa “o Senhor esconde” ou protege. Essa proteção da justiça do Dia do Senhor está em 2:3 e 3:8-12.

B. AUTOR

1. O profeta é identificado no primeiro versículo como trineto de Ezequias (sem dúvida o rei que reinara setenta e cinco anos antes). Diante disto, conclui-se que Sofonias foi o único Profeta Menor pertencente a família real.
2. Sendo um primo distante do rei Josias, Sofonias tinha, é evidente, acesso à corte e conhecia bem o clima religioso em toda a cidade de Jerusalém.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — Entre 630 a 625 a.C., aproximadamente.

1. Seu ministério ocorreu durante o reinado de Josias, 640-609, e antes da queda de Nínive em 612 (1:1; 2:13).
2. A firme condenação da idolatria e indisciplina sugere que ele tenha profetizado antes de 621, se não antes de 628, quando Josias executou a grande reforma. Se a profecia tiver precedido a primeira purificação, 630 a.C. será a data provável. Se precedeu a purificação posterior, 625 será a data mais conveniente.

B. CENÁRIO POLÍTICO

Sofonias desempenhou seu ministério no início do ministério de Jeremias. O cenário mundial passava por profundas transformações, tanto na parte internacional quanto nacional. A Assíria estava em declínio, a Babilônia ascendia ao poder sob Nabopolassar e o

Egito penetrava na Palestina, mas não de modo eficiente. Judá tinha-se enfraquecido durante o longo reinado de Manassés e era praticamente um vassalo da Assíria. Josias começou o seu reinado de trinta e um anos em 640 com oito anos de idade, diante de uma nação muito enfraquecida tanto política quanto moralmente.

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Josias começou a reinar após 55 anos de derramamento de sangue e corrupção moral sob Manassés e Amom. O seu reinado pode ser dividido em diversos períodos, de conformidade com 2 Crônicas 34:
 - a. 640-632 — Princípio do reinado até buscar o Senhor aos dezesseis anos.
 - b. 632-629 — Período de reinado depois de buscar o Senhor, antes da reforma.
 - c. 628-621 — Primeira purificação da idolatria em Jerusalém e todo Israel.

Esboço de Sofonias

TEMA: A Grande Ira do Senhor e a Redenção do Dia do Senhor

I O DIA DO SENHOR PARA REVELAR A IRA DE DEUS	1
A. Alvos da Ira de Deus	1:1-9
1. Toda a natureza sentirá o furor de Deus	1:1-3
2. Todo Judá será purificado da idolatria	1:4-9
B. Terrores da Ira de Deus	1:10-18
1. Todas as classes de pecadores serão destruídas	1:10-13
2. Toda a terra será consumida	1:14-18
II O DIA DO SENHOR PARA PUNIR SEUS INIMIGOS	2:1—3:8
A. Arrependimento Verdadeiro Provê Misericórdia	2:1-3
B. Pagãos são Julgados por Escarnecerem do Povo de Deus	2:4-15
C. Jerusalém é Julgada por Rejeitar a Palavra de Deus	3:1-7
D. Todas as Nações Julgadas por Rejeitarem a Misericórdia de Deus	3:8
III O DIA DO SENHOR PARA RESTAURAR O POVO DE DEUS	3:9—20
A. Restauração de Israel para Justiça	3:9-13
1. A ser caracterizada por linguagem pura	3:9-13
2. A ser purificada de corações orgulhosos	3:12
B. Restauração de Israel para Regozijo	3:14-20
1. Festas solenes restauradas pelo Messias	3:14-18
2. Sorte restaurada pelo Messias	3:19-20

- d. 621-609 — Posterior purificação depois de ser encontrado no templo o Livro da Lei e reunido o povo para renovação da aliança.
2. Sofonias pode ser considerado o profeta que influenciou Josias a voltar-se para o Senhor e o ajudou nas fases da reforma, apresentando ao povo um dos quadros bíblicos mais aterradores do julgamento.

OBJETIVO DO LIVRO DE SOFONIAS

O objetivo dessa profecia era divulgar um chamado de undécima hora à nação, condenando sua idolatria e advertindo o povo sobre o grande dia da ira divina que estava para vir. Além desse aviso, Sofonias enfatizou novamente os resultados finais do julgamento de Israel, que seria um povo purificado e humilde, restaurado pelo Senhor, e este passaria a habitar no meio deles.

Contribuições Singulares de Sofonias

O GRANDE DIA DO SENHOR (1:14). A grande ênfase de Sofonias é o Dia do Senhor, e o realce de sua fúria. Três profetas falaram do “grande” dia do Senhor: Joel 2:31 (835 a.C.), Sofonias 1:14 (630) e Malaquias 4:5 (430) (datas aproximadas), havendo entre essas profecias um período aproximado de duzentos anos. Cada um desses profetas falou a Judá em época de apostasia, admoestando a nação sobre o terrível julgamento do Senhor, e também indicando o Deus de Israel como o lugar de refúgio para o arrependido.

2. SOFONIAS E A SUA TERRÍVEL DESCRIÇÃO DE DEUS (1:18).

Embora Miquéias, Naum e Habacuque também apresentassem o Senhor como um Deus de severo julgamento, a descrição da ira divina dada por Sofonias é provavelmente a mais terrível da Bíblia. O quadro de 1:18 e 3:8 é como o “colapso final do universo”. O Todo-poderoso consome toda a terra com o fogo da sua indignação em virtude do pecado e da intransigência dos homens. Jamais veio de um profeta mensagem mais severa e sombria. O Rabino Lehrman diz: “A diferença entre Sofonias e os outros profetas é que ele faz da denúncia e ameaça, e não do ensinamento moral positivo, o principal tema da sua pregação” [A. Cohen, *The Twelve Prophets* (Soncino), pág. 233]. Ele confronta solenemente os homens com a sombria realidade do seu iminente encontro com um Deus ultrajado que está prestes a liquidar homens idólatras e rebeldes. Não é uma apresentação muito popular do cenário da atuação divina, cenário esse muitas vezes traçado com as tremendas cores de um imaginário “Inferno de Dante”. Mas esses últimos profetas des-

crevem o dia da ira de Deus em termos altamente específicos. Sofonias também realçou a disponibilidade da misericórdia divina para os que o procuram, mas não admite a diminuição da sua ira, que dará um terrível fim à terra pela sua rejeição obstinada ao Senhor.

3. O RESUMO MAIS ARREBATADOR DAS PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO.

Já se observou que “se alguém quiser ver todos os oráculos secretos do Antigo Testamento reduzidos a um pequeno resumo, basta apenas o Livro de Sofonias”. Seu tema central refere-se ao Dia do Senhor, mostrando sua relação para com Israel e as nações. Descreve os julgamentos partindo da natureza divina e da rebelião e corrupção dos homens. Como a maioria dos outros profetas, Sofonias conclui com uma profecia da restauração de Israel após seu arrependimento. O Senhor vem a ele como um Guerreiro vitorioso, a fim de levar seu povo para a renovação e o triunfo. Embora Sofonias não apresente muito conteúdo original, resume as principais características da profecia ao desferir as declarações de caráter decisivo. Foi, mais do que os outros, o profeta da ênfase e conclusão.

4. CATÁLOGO DOS PECADOS RELIGIOSOS (1:4-6; 3:1-5).

O julgamento do Senhor põe em grande destaque todos os tipos de idolatria e experiências religiosas superficiais. A lista do profeta inclui: 1) adoradores de Baal e de outras divindades cananéias; 2) adoradores da natureza, do sol, da lua e das estrelas; 3) religiões sincréticas que pressupõem adorar o Senhor, mas também adoram outros deuses; 4) os que abandonam deliberadamente a adoração divina; e 5) os indiferentes que não se interessam em obedecer às exigências divinas (1:4-6). Ainda há os que têm idéias deístas, supondo que o Senhor vive muito ocupado e indiferente às situações angustiosas dos homens (1:12). Sofonias reservou também uma invectiva contra os corruptos líderes de Jerusalém, tanto religiosos quanto civis, que se tinham tornado impermeáveis às instruções divinas (3:1-5). Com rematado desdém pelos orgulhosos, o profeta apenas viu esperança para os humildes que, embora coxos e proscritos, confiavam no nome do Senhor (2:3; 3:12).

5. CRISTOLOGIA EM SOFONIAS (3:15, 17).

Ao descrever o desenrolar do dia do Senhor, Sofonias declara que o “Rei de Israel”, que estará no meio do povo, não será nada menos que o próprio Senhor (YHWH) (3:15). Ele virá como guerreiro vitorioso para livrá-los de todos os seus últimos inimigos. Sua vinda será alvo de grande alegria e exultação. Ele restaurará a precária situação dos

judeus, tirando-os do opróbrio para fazer deles “um louvor e um nome em toda a terra” (3:19). Será para todos um lugar de refúgio (2:3).

O Livro de Ageu

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Ageu significa “festivo” ou “Minha Festa”. É provável que o profeta tenha nascido num dia de festa. Seu nome está ligado ao maior objetivo da sua profecia, que era completar o templo para reiniciar as festividades religiosas.

B. AUTOR

1. Apesar de Ageu ser também mencionado em Esdras 5:1 e 6:14, pouco se sabe a seu respeito, exceto o fato de ser ele “o profeta”, talvez um título de reconhecida distinção.
2. Embora algumas pessoas acreditem que Ageu tenha visto o primeiro templo antes da destruição (2:3), a tradição judaica sustenta que ele nasceu na Babilônia e estudou sob a orientação de Ezequiel. Evidentemente veio para Jerusalém após o retorno do primeiro grupo de exilados em 537, pois o seu nome não consta da lista dos que retornaram (Esdras 2:2).
3. Zacarias, um profeta mais jovem, foi contemporâneo de Ageu. Os dois tornaram-se os principais incentivadores dos trabalhos de restauração, ao apressarem o povo recém-chegado do exílio a reiniciar a construção do templo.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — de 1 de setembro a 24 de dezembro de 520 a.C.

A profecia de Ageu é um dos livros bíblicos com a data mais exata (*Ezequiel e Zacarias também apresentaram datas exatas para muitos textos*). Datado do segundo ano do rei Dario Histaspes (521-486), rei da Pérsia, Ageu é o primeiro livro profético a apresentar uma data com base nos reis gentios (com exceção de Daniel). Isto lembra aos leitores o fato de que os “tempos dos gentios” estavam na sua segunda fase.

B. DATAS DOS ACONTECIMENTOS NARRADOS

- 538 a.C. Decreto de Ciro para o retorno dos judeus a fim de reconstruírem o templo (Esdras 1:1).
- 537 Retorno dos primeiros cativos sob governo de Seshazar (Esdras 2:1).
- 537 Altar erguido e ofertas reiniciadas em Jerusalém (Esdras 3:6).
- 536 Começada a reconstrução das fundações do templo (Esdras 3:10).
- 534 Reconstrução interrompida devido à ameaça dos samaritanos (Esdras 4:4-5).
- 530 Interrupção oficial da reconstrução por ordem de Artaxerxes (Esdras 4:6, 21).
- 521 Ascensão de Dario Histaspes ao trono persa (Esdras 4:5).
- 520 Retomada da construção do templo após a insistência de Ageu e Zacarias (Esdras 5:1-2; Ageu 1:14-15).
- 520 Decreto de Dario I para recomenciar a construção do templo, com garantia de subsídio e proteção a fim de assegurar o seu término (Esdras 4:24; 6:8 e ss.).
- 516 Templo terminado em 3 de março (Adar), possibilitando a observância da Páscoa em 14 de abril (Esdras 6:19).

C. CENÁRIO POLÍTICO

1. Após os setenta anos de cativo na Babilônia, os judeus retornaram, sob a nova política persa que encorajava a volta dos cativos, e lhes foi proporcionada uma nova situação de vida, um distrito na província daquém Eufrates. Esse tratamento benévolo por parte de Ciro pode ter sido devido à influência de Daniel.
2. A oposição à reconstrução do templo veio dos vizinhos samaritanos que tentaram integrar-se com os judeus e amalgamar as religiões. Essa oposição teve como resultado perseguições e a construção ficou suspensa por quatorze anos.

D. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Em 537 começou uma grande era para os judeus com a volta do cativo e o reinício das ofertas da aliança em Jerusalém. Mas a pausa na reconstrução esfriou o entusiasmo de todos, e eles se voltaram para interesses seculares. Todavia, essas atividades não se mostraram rendosas, o que pode ter sido um castigo por não terem tido em alto apreço a fundação do novo templo (Esdras 3:12-13; Ageu 2:3).

2. Após aproximadamente 14 anos de negligência na construção do templo, o Senhor mandou seca e má colheita ao povo a fim de alertá-lo. Mandou depois Ageu e Zacarias mostrar-lhe a causa do problema econômico e sugerir que todos cuidassem da sua responsabilidade mais importante, a reconstrução do templo do Senhor.

OBJETIVO DO LIVRO DE AGEU

Era fazer com que os líderes e o povo continuassem a reconstruir o templo destruído, mostrando-lhes que os fracassos nos outros setores da vida eram resultado da negligência na obra do Senhor.

Contribuições Singulares de Ageu

1. **PROFETA DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO.** Mais do que qualquer outra pessoa, Ageu foi o responsável por conseguir que a construção recomeçasse e fosse terminada. Ele apareceu em cena após uma grande arrancada e parada brusca na reconstrução do templo. Os líderes estavam assustados e derrotados. Com a seca e

Esboço de Ageu

TEMA: A Bênção do Senhor Relacionada com a Reconstrução do Templo

I PROSPERIDADE DE ISRAEL RELACIONADA COM O TEMPLO	1
("edificai a casa, e dela me agradarei" 1:8)	
A. Censura por Terem Negligenciado a Reconstrução do Templo	1:1-4
B. Resultados de Terem Negligenciado o Templo	1:5-11
C. Resolução de Reconstruir o Templo	1:12-15
II PAZ DE ISRAEL RELACIONADA COM O TEMPLO	2:1-9
("neste lugar darei a paz" 2:9)	
A. Glória Inadequada no Templo Atual	2:1-5
B. Glória Messiânica no Templo Futuro	2:6-9
III PUREZA DE ISRAEL RELACIONADA COM O TEMPLO	2:10-19
("tudo o que ali oferecem imundo é" 2:14)	
A. Desgraça Econômica por Negligência ao Templo	2:10-17
B. Bênção Econômica pela Construção do Templo	2:18-19
IV PODER DE ISRAEL RELACIONADO COM O FUTURO DE ZOROBABEL	2:20-23
("e te farei como um anel de selar" 2:23)	
A. Futura Destruição das reinadas gentios	2:20-22
B. Futura Autoridade do reinado de Zorobabel	2:23

a depressão, não era oportuno o reinício das obras. A despeito das opiniões em contrário, Ageu insistiu com os líderes e o povo para atender a essa prioridade, para que Deus pudesse derramar bênçãos sobre todos os empreendimentos do povo. Evidentemente, isso foi realizado antes de surgir qualquer indício de que o novo rei persa, Dario I, reagiria de maneira favorável, conforme ficou demonstrado mais tarde (Esdras 5:1; 6:1). O templo que eles reconstruíram resistiu mais tempo do que qualquer outro dos templos de Israel, tornando-se uma verdadeira homenagem a Zorobabel, o governador, e a Ageu, o profeta (Esdras 5:1-2).

2. **AGEU RELACIONADO COM SOFONIAS.** A profecia de Ageu segue a de Sofonias no cânon como um cumprimento parcial da era pós-exílio. Em Sofonias 3:18, Deus tinha prometido reunir os exilados que se lastimavam pela interrupção das festas, e restaurar suas alegrias e sua vida normal. Para que as festas fossem reiniciadas e as atividades restauradas, era necessário que o templo, habitação do Senhor, fosse reconstruído. Essa era a responsabilidade de Ageu naquele momento. Antes do cumprimento final da profecia de Sofonias, entretanto, o Senhor ainda irá abalar céu e terra e todas as nações (2:6-7, 22). Isso levou o profeta a lembrar a todos que a grande prosperidade dos tempos messiânicos ainda estava no futuro, mas que a mão cheia de bênçãos de Deus viria após a obediência do povo. Se Sofonias tinha uma mensagem catastrófica para alertar todas as nações sobre o iminente julgamento do Senhor, Ageu tinha uma mensagem encorajadora da presença imediata do Senhor para abençoar os que construísem sua casa e observassem a execução de seus preceitos imediatamente (Sofonias 3:8; Ageu 2:4-5).
3. **AGEU PROMETE PROSPERIDADE ECONÔMICA** (1:6,10). Três profetas relacionaram a prosperidade econômica com a obediência espiritual: Joel, Ageu e Malaquias (Joel 2:18 e ss.; Ageu 1:6-11; Malaquias 3:10). Tal fato é verdade como um princípio geral de causa e efeito (Provérbios 11:24), mas relaciona-se especialmente à aliança mosaica de bênçãos para a obediência (Levítico 26:14-20). Sua aplicação por Ageu demonstra a continuação do relacionamento da aliança entre Israel e o Senhor, mesmo depois do exílio. Porém, observam-se muitas exceções a esse princípio em ambos os testamentos, porquanto Deus usa tanto a adversidade quanto a prosperidade para amadurecer o seu povo. (V. “Contribuições Singulares de Joel” para uma explicação mais detalhada.)
4. **LACONISMO E PODER DE AGEU.** Ageu não somente escreveu um dos livros mais curtos do Antigo Testamento (perdendo apenas

para Obadias), como proferiu alguns dos sermões mais curtos (1:13, seis palavras, ou quatro em hebraico). Embora suas mensagens fossem breves, eram penetrantes e poderosas. O poder de suas palavras relacionava-se com a autoridade de quem as proferia, pois Ageu sempre as reforçava com a expressão “assim diz o Senhor” (26 vezes em 38 versículos). Obviamente sua ênfase estava na autoridade divina; não era apenas mera eloquência ou argumentação. Ageu foi um dos profetas mais bem-sucedidos em termos de resultados imediatos. Ele reconheceu o poder da autoridade do Senhor, mesmo diante de oposição esmagadora.

5. **CRISTOLOGIA EM AGEU** (2:7-9). O livro contém duas referências ao Messias como Sacerdote e Rei. “Encherei de glória esta casa” é afirmado num contexto de reinado messiânico, provavelmente referindo-se à volta da glória na pessoa do Messias, conforme explicação de Ezequiel 43:4-7. Ao restante do povo que tinha visto a antiga glória do templo de Salomão e agora chorava pela insignificância da nova, o Senhor declarou: “A glória desta última casa será maior que a da primeira” (2:9). Sua glória verdadeira não seria a prata e o ouro, mas a presença pessoal do Senhor entre eles. Seria esse o trono do Messias “onde habitarei no meio dos filhos de Israel para sempre” (Ezequiel 43:7). Uma segunda referência messiânica é a escolha de Zorobabel como “um anel de selar”, símbolo da autoridade real do Messias no reino. (Para o significado dessa parte relacionada com Jeconias e Davi, V. “Contribuições Singulares de Jeremias”.)

O Livro de Zacarias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Zacarias significa “O Senhor (Yah) lembra”. Os nomes de seu pai e ilustre avô, que foram sacerdotes, têm também interessantes significados: Ido significa “tempo designado” e Berequias “o Senhor abençoa”. Até os nomes sugerem a mensagem do livro: O Senhor não esquecerá suas promessas da aliança para abençoar Israel no tempo designado.

B. AUTOR

1. Zacarias foi um sacerdote que voltou para Israel com seu pai e seu avô no primeiro retorno da Babilônia com Zorobabel (Neemias 12:4, 16). É possível que o seu pai tenha falecido antes do retorno e que ele tivesse sido criado pelo avô (C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*). Ido foi um dos principais sacerdotes do retorno.
2. É possível que seja o Zacarias a quem Jesus se referiu em Mateus 23:35, como morto no templo. Aquela referência, entretanto, também pode ser a 2 Crônicas 24:21 (“Baraquias” seria um erro de cópia do escriba em Mateus 23:25), sendo Crônicas o último livro do cânon hebraico.
3. Zacarias é o único Profeta Menor identificado como sacerdote. Dois Profetas Maiores foram também sacerdotes: Jeremias e Ezequiel.

C. PROBLEMA DA AUTORIA

A unidade de Zacarias não foi contestada até o advento da alta crítica moderna (Joseph Mede, 1653). Desde então os últimos seis capítulos têm sido atribuídos a um ou diversos outros escritores, embora todos reconheçam os capítulos 1-8 como escritos por Zacarias. Do mesmo modo que em Isaías, Zacarias foi dividido em proto e dêutero-Zacarias. Alguns atribuem 9-14 aos tempos pré-

-exílicos (jeremias ou antes), e alguns s atribuem aos tempos gregos de Alexandre ou dos Macabeus, São estes os fundamentos das suas posições:

1. Motivos para negar a unidade de Zacarias:
 - a. Mateus 27:9-10 parece atribuir Zacarias 11:12-13 a Jeremias.
 - b. A referência à Assíria (Zacarias 10:10-11) parece sugerir uma época anterior a 612, data da queda de Nínive.
 - c. A referência à Grécia em 9:13 sugere uma data depois de Alexandre.
 - d. O conteúdo apocalíptico de 9-14 requer uma data depois do terceiro século.
 - e. A diferença de estilo literário indica autores diferentes.

Esboço de Zacarias

TEMA: A Necessidade de Completar o Templo e de Preparar-se para a Vinda do Messias

I PREPARAÇÃO DE ISRAEL PARA O REINO DO MESSIAS	1—8
(Parábolas de disciplina)	
A. <i>Visões de Consolação</i>	1-4
1. Homem Entre as Murteiras — Encorajamento	1
2. Quatro Chifres, Quatro Ferreiros — Livramento	1
3. Jerusalém é Medida — Restauração	2
4. Sumo Sacerdote Josué — Purificação	3
5. Candelabro, Duas Oliveiras — Investimento de Poder	4
B. <i>Visões de Condenação</i>	5-6:8
1. Rolo Volante — Pecadores julgados	
2. Mulher e o efa — Pecado removido	5
3. Os Quatro Carros de Julgamento — Inimigos julgados	6
C. <i>Visão da Coroação de Josué</i>	6:9-15
1. Coroação Real do Messias simbolizada	
2. Credenciais sacerdotais do Messias comemoradas	
D. <i>Valor do Prosseguimento dos Jejuns</i>	7-8
1. Objetivo do jejum esclarecido	7
2. Promessa das festividades assegurada	8
II SALVAÇÃO DE ISRAEL PELA VINDA DO MESSIAS	9—14
(Profecias de livramento)	
A. <i>Primeira Vinda do Messias e Rejeição de Israel</i>	9-11
1. Livramento divino de Israel no tempo dos gregos	9
2. Reunião divina de Israel nos tempos do fim	10
3. Rebelião Provocadora de Israel no tempo do Messias	11
B. <i>Vinda Final do Messias e Recepção de Israel</i>	12-14
1. Livramento físico de Israel no Armagedom	12
2. Livramento espiritual de Israel na volta do Messias	13
3. Restauração nacional de Israel na volta do Messias	14

2. Motivos para manter a unidade de Zacarias:
 - a. A tradição judaica e cristã reconhecem universalmente a sua unidade.
 - b. O texto de Mateus 27:9-10 combina duas profecias, a de Jeremias 32:6-9 e a de Zacarias 11:12-13, declarando somente o profeta mais velho, Jeremias, que se referia à compra de um campo. Zacarias apenas fazia parte dos “Doze”.
 - c. A referência à Assíria foi apenas uma referência simbólica dos inimigos de Israel.
 - d. A referência à Grécia (9:13) foi obviamente profética, mas foi declarada depois de a Grécia ter-se tornado uma grande potência (490 a.C. aproximadamente).
 - e. O conteúdo apocalíptico de 9-14 não foi subordinado à literatura apocalíptica posterior, mas foi (com Daniel e Ezequiel) a vanguarda divina de tal escrito. Muitos profetas, na realidade, tiveram conteúdo apocalíptico.
 - f. As diferenças de estilo não são tão grandes quanto as semelhanças; aliás, é de esperar que tal aconteça num período de quarenta anos de escrita (520-480 a.C.).

CENÁRIO HISTÓRICO

A. DATA EM QUE FOI ESCRITO — Entre 520 a 480 a.C.

Três seções de Zacarias têm data exata, mas os últimos seis capítulos não têm data.

1:1-6	1 de novembro de 520 (dois meses depois da primeira mensagem de Ageu, Ageu 1:1).
1:7-6:15	24 de fevereiro de 519 (dois meses depois da última mensagem de Ageu, Ageu 2:18).
7-8	4 de dezembro de 518.
9-14	Mais ou menos em 480. Sem data, mas deve ter sido escrito nos últimos anos de Zacarias, depois de a Grécia ter-se tornado potência mundial ao repelir Dario I em 490 e Assuero em 480 (Zacarias 9:13).

B. ACONTECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

1. Para os cenários político e religioso, V. “Cenário Histórico” de Ageu, que cobre o mesmo período.
2. Zacarias vem depois de Ageu, pois é o seu contemporâneo mais moço, tendo apresentado sua mensagem dois meses depois de Ageu ter começado a sua. Os dois foram usados para que o povo entrasse em ação a fim de completar a construção do templo que estivera suspenso durante quatorze anos. Ambos salientaram a relação existente entre a obediência dos judeus

na reconstrução do templo e a bênção divina em suas vidas (Ageu 1:9; Zacarias 1:16-17).

3. O cenário histórico dos primeiros oito capítulos envolve problemas de reconstrução do templo, com considerável oposição local e desencorajamento do povo. Isso foi realizado, entretanto, “em virtude do que profetizaram o profeta Ageu e Zacarias, filho de Ido”. O templo foi terminado em 3 de março de 516 a.C., sexto ano do rei Dario (Esdras 6:14-15). Houve uma grande comemoração com muitas ofertas. A dedicação foi realizada pelas doze tribos de Israel (Esdras 6:17). Sua primeira Páscoa em mais de setenta anos ocorreu no mês seguinte, no dia 14 de Nisã.
4. O cenário dos últimos seis capítulos parece ser acentuadamente diferente. Já não há datas, não se mencionam os líderes Zorobabel ou Josué e não há visões com anjos intérpretes. Dois extensos temas são apresentados (9-11; 12-14). O templo já não é preocupação. Supondo que essa parte tenha sido escrita mais ou menos em 480, nos últimos anos de Zacarias, o cenário internacional tinha mudado e a preocupação militar dos persas estava voltada para o extremo ocidente. Tentando estender o governo persa até a Europa, Dario saiu-se bem no início, mas foi derrotado pelas cidades da Grécia na batalha de Maratona em 490. Seu filho Assuero (futuro marido de Ester), numa poderosa investida em 480, sofreu uma derrota ainda maior em Salamina, o que mudou o curso do avanço persa no ocidente. Dessa maneira, os gregos revelaram sua capacidade como outra potência gentia a ser enfrentada.

Foi nesse cenário que Zacarias escreveu os capítulos 9-14, começando com a descrição detalhada de uma invasão grega que se apossaria de toda a Palestina com exceção de Jerusalém, que seria poupada e protegida miraculosamente pelo Senhor (9:1-8). Os exilados que ainda se achavam na Babilônia foram incentivados a voltar devido à promessa do Senhor de defendê-los e lhes dar poder, o que antecipa a luta vitoriosa dos Macabeus. Além disso, Zacarias previu as duas vindas do Messias em sua obra de livramento do pecado e dos inimigos.

OBJETIVO DO LIVRO DE ZACARIAS

O livro apresentou dois objetivos: Insistir na conclusão da restauração imediata do templo e instruir a nação quanto ao seu futuro nos tempos messiânicos. No avanço esmagador dos impérios poderosos na Palestina nos tempos dos gentios, os poucos sobreviventes de Israel seriam atingidos pela voragem das lutas internacionais e desafios religiosos. Mas o seu rei Messias viria, primeiro em humildade e rejeição,

e mais tarde com grande poder, a fim de trazer salvação espiritual e expressão internacional ao seu povo, em cumprimento das suas promessas de aliança.

Contribuições Singulares de Zacarias

1. **LIVRO DE “APOCALIPSE” DO ANTIGO TESTAMENTO.** Do mesmo modo que o Novo Testamento termina com uma grande visão apocalíptica dos tempos do fim, o Antigo Testamento também termina com essa visão, no Livro de Zacarias. Ambos os livros resumem e esclarecem profecias já apresentadas em termos de realização. Em Zacarias, as duas vindas do Messias são encaixadas com o intuito de apresentar uma vasta pré-estréia do futuro de Israel. Em Apocalipse, os muitos detalhes da sua segunda vinda são correlacionados e postos em relevo para mostrar o auge do programa divino na terra (Zacarias 9:9-10; Apocalipse 12:6; 13:5; 14:14 e ss.; 16:18 e ss.; 19:9 e ss.). O Livro de Zacarias, bem como o de Malaquias, acentua e quase esboça a obra vindoura do Messias para trazer salvação espiritual na sua primeira vinda, e livramento nacional de Israel na sua segunda vinda (12-14).
2. **LIVRO “MUITO MISTERIOSO”.** Muitos intérpretes, tanto judeus como cristãos, consideram esse livro “muito obscuro e de difícil explicação” (Eli Cashdan, *The Twelve Prophets*, pág. 267). Para alguns, à exceção do fato de que “Jeová deseja ter o templo reconstruído. . . , tudo o mais é obscuro” (Steven Harris, *Understanding the Bible*, pág. 123). No entanto, a profecia não foi escrita para mistificar, e sim para esclarecer as verdades referentes ao futuro de Israel. Quando as verdades centrais das visões parabólicas são observadas, e todas as visões são relacionadas a profecias anteriores, o motivo messiânico torna-se central durante as lutas e a marcha dos acontecimentos de Israel. Essa profecia forneceu alguns esclarecimentos muito importantes para Israel sobre sua redenção e o futuro nacional, quando o povo entrou em uma outra fase dos tempos dos gentios, com os seus anseios ainda não cumpridos a respeito da vinda do Messias (8:7-8; 9:9-10; 11:9, 13; 12:10).
3. **ZACARIAS EM RELAÇÃO A DANIEL.** Embora as profecias de Daniel e Zacarias estejam ambas cheias de conteúdo profético, suas ênfases são diferentes:
 - a. Daniel associou visões proféticas e predições com conteúdo histórico. Zacarias apresentou as visões e predições num contexto exortativo (Daniel 2; Zacarias 2).
 - b. Daniel enfatizou o futuro profético dos Tempos dos Gentios quando estes se relacionavam com Israel. Zacarias tratou quase exclusivamente do futuro de Israel, apenas observando algumas relações gentias (Daniel 2, 7; Zacarias 12:3).
 - c. Daniel focalizou os reis gentios e a vinda do Anticristo, mencionando o Messias somente uma vez, quase incidentalmente (Daniel 9:26). Zacarias assinala com frequência a vinda do Messias, mencionando o aparecimento do Anticristo apenas incidentalmente (11:16).
 - d. Daniel foi um estadista da linhagem real de Judá e desvendou a ascensão dos reinados gentios até o estabelecimento do reino do Messias na terra (Daniel 2:44). Zacarias foi um sacerdote e, de maneira característica, insistiu na reconstrução do templo, na purificação da nação e na restauração da justiça e santidade da terra (1:4, 16; 3:4; 12:10).
4. **O GRANDE DIA DA BATALHA DO SENHOR (14:3).** Zacarias concluiu essa profecia com uma descrição da culminante batalha da terra, quando o próprio Senhor se envolverá na peleja. Esse “homem de guerra”, característica do Senhor, foi aludido em Êxodo 15:3, dramatizado em Naum 1:2, Habacuque 2:8-15 e Sofonias 3:8, e é apresentado em toda a sua pujança nessa visão conclusiva. Quando o Senhor sair para a peleja, confrontar-se-á com todas as nações reunidas contra Jerusalém (14:2; Apocalipse 16:14; 19:19). Suas armas não são reveladas, mas fica-se conhecendo o resultado da batalha: a seus inimigos sucederá que “a sua carne será consumida, estando eles de pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e lhes apodrecerá a língua na sua boca” (14:12), uma forte sugestão de fissão nuclear. Terremotos criarão mudanças topográficas na terra, preparando-a para a era messiânica, na qual “o Senhor será rei sobre toda a terra” (14:5-10).
5. **O VERDADEIRO VALOR DO JEJUM (7-8).** Estes dois capítulos de Zacarias dão dois esclarecimentos referentes aos jejuns de Israel. Embora os judeus não tivessem no seu calendário dias de jejum ordenados por Deus, a nação tinha imposto a si própria dias de jejum em memória de diversas calamidades envolvidas na destruição de Jerusalém em 586 a.C. Eram os seguintes: (7:5; 8:19)

Décimo mês (10 de janeiro)	— Dia em que principiou o cerco de Jerusalém, em 588 (Jeremias 52:4)
Quarto mês (9 de julho)	— Os babilônios romperam o muro de Jerusalém, em 586 (Jeremias 52:6)
Quinto mês (10 de agosto)	— Jerusalém foi destruída e queimada, em 586 (Jeremias 52:12)
Sétimo mês (1 de outubro)	— Gedalias, o novo governador, foi também assassinado em 586 (Jeremias 41:1)

A questão debatida em Zacarias 7-8 era se aqueles jejuns deviam ou não continuar, pois o povo já tinha retornado para reconstruir o templo. A resposta do Senhor trouxe dois esclarecimentos com referência ao jejum (Isaías 58:4-8):

- a. Essa prática foi designada para a glória de Deus, e não para o mérito do homem. Com facilidade, a renúncia torna-se comisseração própria e um inútil ritual de egolatria. (7:5-6).
- b. O jejum não tem valor, a menos que seja acompanhado de atos de justiça, bondade e compaixão para com o próximo (7:9-10). A ausência de tais atos em Israel trouxe o julgamento divino de destruição e desolação (7:11-14).

6. CRISTOLOGIA EM ZACARIAS. Este livro é o mais messiânico dos Profetas Menores, e está no mesmo nível de Salmos e Isaías quanto ao conteúdo messiânico. O Messias está ou no centro ou na periferia de cada visão. A falha ou a recusa dos comentaristas judeus de aceitar esse messianismo cumprido na primeira e segunda vinda de Jesus (Mateus 21:5) contribui para a confusão no entendimento do livro (Rashi em H. H. Ben-Sasson, *History of The Jewish People*, pág. 461). Por exemplo, ao explicar “olharão para mim, a quem traspassaram” (12:10), o Talmude identifica essa expressão como uma referência ao “Messias, o filho de José, que cairá na batalha” (Eli Cashdan, *The Twelve Prophets*, pág. 322). Eles o vêem como “alguém dado por Deus à comunidade judaica restaurada, . . . mas rejeitado por ela e posto à morte”. Para eles, esse “mártir” é desconhecido, e não certamente Jesus. Entretanto, o conteúdo messiânico de Zacarias pode ser observado nas seguintes referências, confirmadas por outros livros:

1:8, 11	— Homem montado num cavalo vermelho, bem como o “Anjo do Senhor” é o Cristo pré-personificado defendendo.	Êxodo 23:23; Isaías 63:1-6.
2:8-11	— O Messias mandado pelo Senhor para habitar em Sião.	Isaías 61:1-3; Malaquias 3:1-3
3:8	— “Meu Servo, o Renovo”, é o Messias vindo em humildade (tronco) e poder (caroço).	Isaías 4:2; 11:1; Jeremias 23:5
6:12-13	— “Homem cujo nome é Renovo”, como Rei-Sacerdote.	Salmos 2:6; 110:4
9:9-10	— “O teu Rei” vindo em humildade.	Mateus 21:5; João 12:15
10:3	— O Senhor visita o seu rebanho como Pastor.	Ezequiel 34:11-19
11:4-14	— “Apascentai as ovelhas destinadas para a matança.” Ele quebra as varas da graça e da união.	Ezequiel 34:3

12:10	— “Olharão para mim a quem traspassaram.”	Isaías 53:5; João 19:37
13:6-7	— “Fui ferido na casa dos meus Amigos.”	João 20:25; Apocalipse 1:7
14:3-4	— “Estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que. . . será fendido.”	Atos 1:11-12; Apocalipse 16:18-20
14:5	— “Virá o Senhor. . . e todos os santos com ele.”	Daniel 7:10; Mateus 16:27; Judas 14; Apocalipse 19:11-14
14:9	— “O Senhor será Rei sobre toda a terra.”	Salmos 2:6; 72:8-11; Apocalipse 19:16.

O Livro de Malaquias

Introdução

AUTORIA

A. TÍTULO

Malaquias significa “Meu mensageiro” (alguns eruditos consideram esse nome uma contração de Malak Yah: “Mensageiro do Senhor”). Além do autor, ainda há no livro três outros “mensageiros”: o mensageiro sacerdote (2:7), o mensageiro precursor (3:1) e o “Anjo da aliança”, o próprio Senhor (3:1). O nome sugere uma forte autoridade para essa mensagem profética no final do Antigo Testamento.

B. AUTOR

- Do profeta Malaquias nada mais é conhecido, a não ser seu nome, que aparece no primeiro versículo. Não é identificado nem pelos pais, cidade natal, cargo ou data do ministério. Muitos intérpretes afirmam que a palavra “Malaquias” é mais um título do que um nome. O Talmude e os Targuns dão Esdras como o seu verdadeiro autor. Não há razões válidas, no entanto, para negar a autoria de Malaquias pelo fato de nenhum outro livro bíblico falar sobre a família ou função do autor, pois tampouco aparece na Bíblia o nome da estirpe de muitos outros profetas (Daniel, Amós, Obadias, Miquéias, Naum, Habacuque e Ageu).
- Malaquias foi a voz profética final, contemporâneo de Esdras, sacerdote e historiador que escreveu antes e depois dele. Foi o último mensageiro divino para o povo da aliança do Antigo Testamento, ministrando cerca de 1000 anos depois de Moisés, o primeiro profeta e primeiro escritor bíblico.

CENÁRIO HISTÓRICO

A. Data em que foi escrito — 430 a.C. aproximadamente.

- A profecia não tem data, sendo o último dos seis livros pro-

féticos não-datados. Todos esses livros focalizam as nações pagãs, além dos livros de Joel e Malaquias.

- Todavia, pode-se chegar à data aproximada pelas diversas referências históricas do texto:
 - Os edomitas tinham sido levados do monte Seir, mas não tinham voltado, o que sugere uma data posterior a 585 a.C. (1:3-4).

Esboço de Malaquias

TEMA: Bondade de Deus para com Israel e a Altiva Ingratidão dos Israelitas

I	INDIFERENÇA AO GRANDE AMOR DIVINO	1
A.	<i>O Amor Declarado do Senhor por Israel</i>	1:1-5
1.	Escolhendo Jacó em vez de Esaú	
2.	Restaurando Israel em vez de Edom	
B.	<i>O Amor do Senhor por Israel Desprezado</i>	1:6-14
1.	Desonrando o nome de Deus	
2.	Desprezando o altar de Deus	
3.	Desdenhando o serviço de Deus	
II	INDIFERENÇA À GRANDE LEI DIVINA	2
A.	<i>Os Sacerdotes Violam as Leis do Templo</i>	2:1-9
1.	Desrespeitando as ofertas a Deus	
2.	Desvirtuando a aliança de Deus	
B.	<i>O Povo Viola as Leis do Lar</i>	2:10-17
1.	Casando-se com mulheres pagãs	
2.	Divorciando-se das mulheres judias	
3.	Questionando a justiça divina	
III	INDIFERENÇA AOS GRANDES MENSAGEIROS DIVINOS	3
A.	<i>Julgamento Vindouro pelos Mensageiros Messiânicos</i>	3:1-6
1.	O precursor do Messias a trazer julgamento	
2.	A melhor obra do Messias a tornar-se julgamento	
B.	<i>Julgamento Atual pelos Mensageiros Proféticos</i>	3:7-15
1.	Pelo roubo dos dízimos de Deus	
2.	Pelas críticas injustas a Deus	
C.	<i>Julgamento Contrastante do Senhor dos Exércitos</i>	3:16-18
1.	O “memorial escrito”	
2.	Os laços da indiferença	
IV	INDIFERENÇA ATRAI O GRANDE JULGAMENTO DIVINO	4
A.	<i>Grande Dia do Julgamento para o Perverso</i>	4:1,4-6
1.	Julgamento pela lei de Moisés	
2.	Julgamento pela vinda de Elias	
B.	<i>Grande Dia de Alegria para o Justo</i>	4:2-3, 6
1.	Restauração da saúde	
2.	Restauração dos corações	

- b. Os exilados tinham voltado, reconstruído o templo e caído no comodismo e na formalidade quanto à sua experiência religiosa (1:6 e ss.).
 - c. Não estavam sob o governo de Neemias, mas sob domínio de um governador persa, que era passível de suborno (1:8).
 - d. Os problemas morais e religiosos eram semelhantes aos enfrentados por Esdras e Neemias. Por exemplo, materialismo (Neemias 13:15; Malaquias 3:5, 9), e casamento com pagãos (Esdras 10:2 e ss.; Malaquias 2:1 e ss.).
3. Essas observações sugerem uma data aproximada de 430 a.C., depois de Neemias ter voltado para a Pérsia em 432, e provavelmente está relacionada com a sua volta e nova reforma mais ou menos em 430 (Neemias 13:6-31).

B. CENÁRIO POLÍTICO

1. O cenário mundial de Malaquias é o mesmo de Neemias. O rei persa era Artaxerxes I, que reinava (465-424) sobre um império enorme e de difícil controle. Seu avanço para o ocidente foi interrompido em 490 e 480 pelos atenienses em Maratona e Salamina. As rebeliões internas dos egípcios foram esmagadas por Artaxerxes (Xerxes) em 454, e pelo sátrapa sírio Magabizo, em 450, sendo estabelecido um período de aproximadamente vinte e cinco anos de paz ininterrupta no império (A. T. Olmstead, *History of Palestine and Syria*, págs. 582, 588). A Palestina fazia parte da quinta satrapia, Transeufrates, e Israel era uma pequena parte da província. Embora Zorobabel tivesse sido designado governador da Judéia em 537 e a data do seu falecimento seja incerta, nenhum dos seus filhos foi designado para substituí-lo. Neemias, burocrata judeu da corte de Artaxerxes I, foi designado governador em 444 e exerceu o cargo até voltar à Pérsia em 432 a.C. (Neemias 5:14).

C. CENÁRIO RELIGIOSO

1. Apesar de o templo ter sido reconstruído (516), o sistema de culto restaurado de maneira digna por Esdras (457) e o muro da cidade reconstruído (444), o estado espiritual dos judeus estava de novo em um nível muito baixo. O povo tinha deixado de dar o dízimo, e em consequência as colheitas fracassaram. Os sacerdotes, vendo-se no desamparo, tornaram-se descuidados e indiferentes para com as funções do templo. A moral mostrava-se frouxa e havia freqüentes contatos comprometedores com os pagãos circunvizinhos.
2. O espírito de indiferença religiosa do povo estabelecia um perfeito contraste com o de seus antepassados, que tinham enfrentado o perigo de voltar às colinas, esperando a volta do

Messias para o estabelecimento do novo reino davídico (Deuteronomio 30:1-5; Ezequiel 37:21-22). Reagindo a todas essas frustrações, os judeus tornaram-se orgulhosos, arrogantes e opressores para com as pessoas em geral, e impacientes e céticos para com o Senhor. Essa atitude de estagnação espiritual ficou demonstrada de diversas maneiras:

- a. Indiferença religiosa para com a Lei e as ofertas, enquanto acusavam Deus de ser indiferente ao bem ou ao mal (1:6-10; 2:17).
 - b. Indiferença moral para com os votos de casamento. Eles casavam-se com mulheres pagãs após divorciarem-se das mulheres judias (2:11-16).
 - c. Pecados sociais de perjúrio, fraude e opressão do fraco (3:5).
 - d. Egoísmo material ao roubar de Deus os seus dízimos (3:8-10).
3. O primeiro problema apontado por Malaquias, no entanto, foi a falha do povo de lembrar-se do amor da aliança de Deus para com eles (1:2 e ss.). Foi essa falha que os levou à falta de visão, à falta de apreciação e à prática dos pecados de queixas e indiferença que se lhe seguiram. A última recomendação do profeta foi “Lembrai-vos da lei de Moisés” com as suas promessas e admoestações (4:4). Recomendou-lhes também que esperassem pela vinda de Elias que aplicaria aquela lei durante o seu julgamento de restauração (4:5-6).

OBJETIVO DO LIVRO DE MALAQUIAS

Seu objetivo foi despertar o caído povo que restara em Israel da sua estagnação espiritual, com o intuito de possibilitar que o Senhor tornasse a abençoar suas vidas. O profeta realizou isso tomando como base a ênfase da grandeza do seu Deus, que sempre corresponde à obediência da sua palavra e está planejando o dia do julgamento final, quando então os perversos serão julgados e os justos recompensados (4:1-3).

Ao escrever essas últimas palavras, o profeta lembrou também a todos da obra do Messias, que viria para purificar a nação antes, para que pudessem receber o seu reino e as bênçãos (Mateus 4:17; 21:43).

Contribuições Singulares de Malaquias

1. **GRANDEZA DE DEUS.** Nenhum outro profeta enfatizou tanto a grandeza de Deus como o fez Malaquias nesse livro profético inserido no final do Antigo Testamento. Três vezes em 1:11-14, o Senhor chama a atenção para a sua própria “grandeza”, e dez vezes em todo o livro ele chama a atenção para a honra devida ao seu

nome (1:6, 11, 14; 2:2; 5; 3:16; 4:2). Quando o pequeno e fragmentado restante de Israel estava prestes a entrar nos quatrocentos anos de silêncio profético, com os conquistadores e a cultura gentia rodopiando ao seu redor, precisava lembrar-se da grandeza do Deus que os chamara. Embora parecesse que os seus dias de grandeza fossem coisa do passado, a reivindicação do profeta ainda era para a grandeza de Deus, que os tinha chamado para fazer uma aliança com ele.

2. **MUITAS DIVINAS CITAÇÕES DE MALAQUIAS.** Essa profecia consiste, quase exclusivamente, em citações do Senhor. Do mesmo modo que Ageu em sua breve mensagem, Malaquias usou continuamente a frase: “Assim diz o Senhor dos Exércitos” ou seu equivalente. Não é de admirar que ele tenha pronunciado seu próprio nome apenas uma vez! Ele era simplesmente o porta-voz ou mensageiro do Senhor. Aquela geração, mais do que qualquer outra, precisava de uma palavra forte e autoritária do Senhor, pois havia muitas irregularidades precisando de correção. Ao citar o Senhor, o profeta identificou-o como o “Senhor dos Exércitos” (vinte e quatro vezes). Esse nome-título enfatizava o seu poder como o Deus dos exércitos, uma designação apropriada para esse livro de julgamento e promessa, diante de um Israel virtualmente sem poder próprio.
3. **MÉTODO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS DE MALAQUIAS** (1:2 etc.). O estilo dialético de Malaquias é um tanto singular entre os profetas, pois a maioria preferiu um estilo de conferência ou de narrativa. Malaquias registra nove tipos de diálogo do Senhor com Israel. As perguntas da nação têm sempre um tom de hostilidade ou rebeldia (1:2, 6, 7; 2:10, 14, 17; 3:7, 8, 13). Nessa forma provocante (chamada mais tarde de método “rabínico” ou “socrático”), o profeta apresentou as mais importantes queixas do Senhor contra os judeus e suas reações altivas. O estilo provou ser eficaz por chamar a atenção e chegar rapidamente ao assunto principal. Jesus também recorreu a um tipo semelhante de comunicação ao enfrentar os líderes hostís da época (Mateus 21:25, 31, 40; 22:42).
4. **A RELIGIÃO CORROMPIDA DE ISRAEL.** Conforme indicação de Malaquias, havia fortes sintomas de degeneração na fé de Israel. Sua visão de Deus era quase deísta: Questionavam o seu amor (1:2), sua honra e grandeza (1:14; 2:2), sua justiça (2:17) e seu caráter (3:13-15). Essa visão deficiente a respeito de Deus produziu uma atitude arrogante e fez com que as funções do templo fossem realizadas com enfado, o que insultava o Senhor ao invés de adorá-lo (1:7-10; 3:14). O dízimo não era dado de todo o coração, e as

ofertas eram compostas de animais doentes e sem valor. Isto ofenderia até o mais simples governador que recebesse tal presente (1:8). Em reação a isto, o Senhor disse que atiraria lixo ao rosto dos sacerdotes (2:3) e amaldiçoaria as sementes plantadas (3:11). O resultado moral dessa religião desprezível foi o povo voltar-se para a feitiçaria, adultério, perjúrio, fraude e opressão do pobre (3:5). A discórdia familiar era freqüente, levando-os a se divorciarem das esposas judias para se casarem com mulheres pagãs (2:10 e ss.; 4:6). As condições eram tão más que se fazia necessária a atuação de um Elias para restaurar a paz familiar e evitar outra destruição do Senhor (4:5).

5. **ISRAEL PECA ROUBANDO A DEUS** (3:8-10). Um dos pecados mais persistentes de Israel foi o de roubar os dízimos e ofertas pertencentes ao Senhor. O problema apareceu pela primeira vez com Acã, ao entrarem na Terra Prometida (Josué 6:17-19; 7:11), e foi um dos pecados pelos quais foram exilados para a Babilônia em 586 (2 Crônicas 36:21). O primeiro erro que muitos reis cometiam ao ser atacados era entregar os tesouros do templo para tentar apaziguar o inimigo, o que invariavelmente provocava novos ataques (2 Reis 18:14-16). Diante da sonegação dos dízimos, o Senhor lembra-lhes que estavam, na realidade, roubando a si próprios, pois o resultado de tal atitude era o fracasso das colheitas. Corriam também o risco de ficarem com a mente cauterizada de tanto repetirem esse pecado. (2:17; 3:15).
6. **PROMESSA DA VOLTA DE ELIAS** (4:5-6). A última promessa do Antigo Testamento é quanto à volta do profeta Elias antes do “grande e terrível dia do Senhor”. Elias e Enoque foram os dois únicos homens que não passaram pela morte: o Senhor os trasladou para o céu (Gênesis 5:24; 2 Reis 2:11; Hebreus 11:5). Enoque foi o primeiro a anunciar a vinda do Senhor com grande juízo (Judas 14-15) e Elias será o último (talvez com Moisés, Mateus 17:11; Apocalipse 11:3 e ss.). Embora João Batista tivesse sido semelhante a Elias na sua obra de preparar Israel para o Messias, não foi realmente Elias (Mateus 11:14; 17:11-12; João 1:21). João Batista foi o precursor profetizado por Isaías 40:3 e Mateus 3:3, e o mensageiro de Malaquias 3:1. Elias virá para terminar a obra por ele principiada no tempo de Acabe, de censurar a idolatria nacional e restaurar as famílias de Israel, antes do grande e terrível Dia do Senhor (4:5-6).

Na tradição hebraica, Elias é “o maior e mais fabuloso caráter já produzido por Israel. . .É ele quem abre as portas secretas pelas quais os mártires fogem, quem providencia dotes para as infelizes

filhas dos pobres. . . Há para ele uma cadeira em todas as circunstâncias, e um cálice de vinho em todas as mesas de Páscoa. Ele está nas encruzilhadas do paraíso a fim de saudar todas as pessoas virtuosas. Será o precursor do Messias, anunciando-o no novo mundo onde já não haverá sofrimento para Israel e todos os povos” (Abram Leon Sachar, *A History of the Jews*, págs. 50 e ss.). Em 1 Reis 17, Elias parece ter surgido do nada e desaparece de maneira semelhante em 2 Reis 2. Entretanto, sua austera figura ainda subsiste na memória reverente dos judeus enquanto esperam encontrar-se com ele, conforme anunciado por Malaquias. Entretanto, para trazer paz, sua obra será de julgamento em primeiro lugar.

7. ÚLTIMAS PALAVRAS DE MALAQUIAS (4:4-6). Esses últimos três versículos são considerados pelos estudiosos um apêndice aos “Profetas” da Bíblia. Abrangem a Lei e os Profetas em Moisés e Elias. No entanto, sua perspectiva não é retrospectiva, mas progressiva, olhando com antecipação o julgamento de Elias e a alegria da era messiânica. Nas Bíblias hebraicas, o versículo 5 é repetido depois do versículo 6 para que o livro não termine com uma palavra de condenação (ocorre a mesma coisa nos livros de Isaías, Lamentações e Eclesiastes). É interessante observar que nas Bíblias hebraicas não existe o capítulo quatro em Malaquias. O capítulo três continua até completar vinte e quatro versículos. A nota dominante dos últimos seis versículos é antecipatória, apontando para os 400 anos de silêncio profético antes que outro “anjo” apareça anunciando a vinda do precursor e do mui esperado Messias (Lucas 1:11, 26 e ss.). A última palavra de Malaquias não foi, na verdade, a última.

8. CRISTOLOGIA EM MALAQUIAS (1:14; 3:1; 4:2). Apesar de o Senhor ter assegurado a eles novamente, na introdução do livro, a continuidade do seu amor imutável, a ênfase básica do livro é julgamento. De acordo com esse motivo, podem ser discernidos diversos títulos do Messias:

- a. Em 1:14, o Senhor declara ser um “grande Rei”, muito maior do que o “governador”, a quem não ofenderiam com uma oferta maculada (1:8). Nessa condição, ele não deixará de julgar o “impostor”, que jura honestidade mas é avarento. Zacarias 14:9 viu a majestade do Rei numa luz messiânica, quando o seu nome será reverenciado entre todas as nações.
- b. Em 3:1, o Senhor declara ser o “Anjo da aliança”, a quem buscavam. Mas, ao contrário da orgulhosa maneira de pensar dos israelitas, sua vinda será com julgamento para os perversos de Israel, a começar pelos filhos de Levi no templo. Sua pri-

meira vinda ao templo em João 2:14-16 e Mateus 21:12 foi uma antecipação daquela futura vinda para purificar o povo e a terra.

- c. Aos que temem o seu nome, ele surgirá como o “Sol da Justiça”, e trará cura e grande alegria (4:2; Isaías 60:19). O mesmo “Sol” que queima os perversos (4:1) curará os que temem o seu nome. Com essa promessa de sol celestial para purificar e curar a nação ao destruir o perverso num dia futuro desconhecido, a voz profética silenciou. Os sombrios dias do período intertestamentário testaram sua fé na palavra profética dada pela lei e os profetas.

Pontos Culminantes do Período Intertestamentário

Governo Persa	430 — A profecia de Malaquias encerra a era do Antigo Testamento.
Governo Grego	332 — Alexandre, o Grande, conquista a Palestina e o Egito.
Governo Ptolemaico 323-198	323 — A morte de Alexandre divide o império em quatro partes. 301 — Ptolomeu I (Sóter) protege Palestina e Egito. 284 — Ptolomeu II (Filadelfo) sucede a seu pai e continua com os mesmos interesses artísticos e culturais, construindo uma grande biblioteca.
Aprox.	275 — Tradução do Antigo Testamento para o grego, chamada Septuaginta (LXX).
Governo Selêucida 198-166	198 — Antíoco III, da Síria, derrota Ptolomeu V em Panéias, tomando a Palestina. 175 — Antíoco IV Epifanes ascende ao trono sírio e principia enérgica helenização. 167 — Antíoco IV proscreve o judaísmo, profana o templo com sacrifícios suínos e estabelece o culto de Júpiter no templo em 25 de dezembro de 167.

Governo Judeu Asmoneu 166-63	166 — Matatias, sacerdote de Modim, principia a revolta dos Macabeus. 164 — Judas Macabeu recaptura Jerusalém, dedica novamente o templo em 25 de dezembro de 164 e recupera a liberdade religiosa judaica (comemorada pelo Hanucá). 160 — Jônatas toma o comando quando Judas é morto em combate. 152 — Jônatas torna-se o primeiro governador sumo sacerdote asmoneu. 142 — Simão sucede a seu irmão Jônatas. Consegue a completa independência da Síria e faz um tratado de paz com Roma. Em 140, a Grande Assembléia de Jerusalém confirma-o como etnarca e sumo sacerdote, tornando o sumo sacerdócio hereditário na linhagem asmonéia. 135 — João Hircano sucede a seu pai como governador e sumo sacerdote. Aliado com Roma, aumenta o reino até a orla marítima e Iduméia, forçando os idumeus a adotarem o judaísmo. Cunha moedas judaicas pela primeira vez. Primeira grande brecha entre saduceus e fariseus estimulada pelo fato de o sumo sacerdócio tornar-se mundano e helenizado em 110. 104 — Aristóbulo sucede a seu pai durante um ano de governo tumultuoso. 103 — Alexandre Janeu sucede a seu irmão e casa-se com a sua viúva. Aumenta grandemente o reino tornando-o igual ao de Davi e Salomão. Sua violência e impiedade produzem desmando dos fariseus, guerra civil e muita carnificina. 76 — Salomé Alexandra, viúva de Janeu, sucede-lhe no governo e indica o seu filho Hircano II para sumo sacerdote. Ela restabelece as relações pacíficas entre saduceus e fariseus, bem como em todo o reino. 67 — Guerra civil entre os dois filhos de Alexandra e Janeu, Hircano II e Aristóbulo II, que disputam o trono e o sumo sacerdócio.
---------------------------------------	--

Governo Romano 63—	63 — Pompeu, general romano, toma Jerusalém, designa Hircano como sumo sacerdote e põe fim à independência judaica da era asmoneana. 62 — Liga Decápoles das cidades da Transjordânia formada por Pompeu para equilibrar o poder judaico da Judéia na Palestina. 60 — Primeiro Triunvirato de César, Pompeu e Crasso, união extra-oficial para governar Roma. 48 — Júlio César derrota a Pompeu e une o império pela primeira vez do século. Hircano II continua a ser o sumo sacerdote mas Antipas (Antípater), idumeu, era o procurador. 44 — César é assassinado nos “Idos de Março”. Em 43 organiza-se um segundo triunvirato de que fazem parte Otávio, Antônio e Lépido. 40 — Herodes conquista o reinado da Judéia e finalmente captura Jerusalém em 37. Os asmoneus, herdeiros do sacerdócio, são aos poucos destruídos. 31 — Otávio (mais tarde chamado “Augusto”) conquista a liderança única do império depois de Agripa I derrotar a Antônio e Cleópatra na batalha do Ácio. 19 — Herodes começa a reconstrução do templo de Jerusalém a fim de apaziguar os judeus, em virtude dos seus muitos massacres e da construção dos ginásios de esporte em Jerusalém. 5 — Nascimento de João Batista (mais ou menos em junho), e de Jesus (mais ou menos em dezembro).
--------------------------	--

Glossário de Termos da Introdução da Bíblia

- ACÁDICO** — Pertencente ao vale da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, tendo o reino de Harã ao norte e o reino de Sumer ao sul.
- ACRÓSTICO** — Uma forma poética hebraica na qual as letras iniciais de cada linha formam uma palavra ou seqüência (como nos arranjos alfabéticos do Salmo 119 ou Cantares de Salomão).
- ALIANÇA** — Acordo ou contrato estabelecido entre duas partes, pelo qual certas providências são garantidas sob condições já enfrentadas ou ainda requeridas. O Antigo e o Novo Testamentos têm esse nome por constituírem, de modo geral, um modo de viver de Deus com os homens na antiga e na nova dispensação. O Antigo Testamento inclui diversas alianças, sendo que todas elas têm um relacionamento geral com a aliança abraâmica.
- ANACRONISMOS** — Erro cronológico ou registro de um acontecimento fora de sua ordem cronológica.
- ANCIÃOS** — Antigos escritores e professores cristãos, dos primeiros sete séculos, que enunciaram grandes doutrinas da Igreja e se tornaram uma espécie de corte de apelação para os intérpretes posteriores.
- ANGELOLOGIA** — Doutrina da Bíblia referente aos anjos e ao mundo dos espíritos não-deuses.
- ANIMISMO** — Crença num mundo distinto da matéria, e de que objetos inanimados possuem vida e personalidade.
- ANTICRISTO** — De maneira adjetival, a palavra significa aquilo que é oposto a Cristo. De maneira nominal ou específica, o termo designa aquela pessoa da profecia do fim dos tempos, que se apresentará falsamente como o próprio Cristo e tomará posse do reino sob o poder de Satanás.

- ANTILEGOMENA** — Os livros da Bíblia que foram contestados como canônicos pelos antepassados. Cinco do Antigo Testamento: Ester, Cantares, Provérbios, Eclesiastes e Ezequiel; sete do Novo Testamento: Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse.
- ANTINOMIANISMO** — Termo que significa “contrários à lei”. Descreve certos grupos ou cultos cristãos que consideram a fé em Cristo isenta da lei moral para um crente, heresia refutada por Paulo em Gálatas 5.
- ANTROPOLOGIA** — Estudo científico da origem, constituição e desenvolvimento do homem em seus vários relacionamentos com o mundo.
- APOCALÍPTICO** — A literatura apocalíptica é em grande parte visionária e refere-se a um brilhante futuro messiânico, no qual os problemas de pecado e sofrimento serão resolvidos de modo triunfante para os santos, e destrutivo para os perversos.
- APÓCRIFOS** — São os livros não-canônicos, acrescentados à Bíblia depois de o cânon já estar estabelecido como completo. Não alcançam o padrão canônico. São uns quatorze livros referentes ao Antigo Testamento e período intertestamentário, e um incontável número referente aos tempos do Novo Testamento. O termo significa “escondido” ou espúrio.
- APOLOGÉTICA** — Ramo da ciência bíblica que trata da defesa e confirmação das reivindicações da Bíblia.
- APOSTASIA** — O termo significa “partida”, e veio a significar deserção da fé em geral, embora não exclusivamente.
- ARAMAICO** — A parte norte do povo semítico de Harã ou Síria. O idioma da Caldéia e dos judeus palestinos depois do cativo até a época de Cristo.
- ARQUEOLOGIA** — Ramo da ciência que procura recuperar e analisar os restos de civilizações antigas com o objetivo de reconstruir sua história.
- AUTENTICIDADE** — Qualidade de um escrito. Sugere que o documento é genuíno e autorizado com referência ao que trata.
- BAAL** — Um termo fenício e cananeu para deus ou senhor. O nome do deus principal dos fenícios, filho de El (ou Dagom), que é o pai do panteão dos deuses cananeus.
- BALAAMISMO** — Filosofia adotada pelo profeta pagão Balaão, que consiste em explorar o seu dom profético para fins egoístas e de procurar corromper o povo divino que ele não podia amaldiçoar.
- BATISMO** — Ato de mergulhar ou imergir, pelo qual é realizada uma reidentificação. Utilizado desde os tempos intertestamentários para conversão, e adotado por João Batista e Jesus como um sinal de identificação. O termo foi tirado da palavra “*baptidzo*” dos tintureiros e usado metaforicamente com o significado de mudança de identificação.
- BÍBLIA** — Designação para as Escrituras. Derivada de “*biblos*”, folha de papiro utilizada na escrita, que veio a significar livro. A primeira palavra do Novo Testamento é “*biblos*”. As Escrituras começaram a ser chamadas de *Bíblia* no segundo século da nossa era.
- CÂNON** — Grupo de livros da Bíblia aceitos como Escrituras por estarem de conformidade com os padrões de inspiração divina. O termo vem do grego *kanon*, que significa uma regra para medir e, metaforicamente, um padrão ou regra de conduta ou julgamento. Os livros canônicos não o são em virtude da designação humana, mas por levarem as marcas da autoridade divina ou inspiração.
- CÓDIGO DE HAMURABI** — Código de leis desenvolvido ou coletado por Hamurabi (rei da Babilônia em 1700 a.C., aproximadamente) numa coluna de pedra. Muitas dessas leis datam de um milênio antes. O código continha 282 leis, muitas delas paralelas às leis dadas por Deus a Moisés.
- COSMOGONIA** — Ciência que estuda a criação ou desenvolvimento do mundo e universo.
- CRISTOLOGIA** — Doutrina bíblica referente à Pessoa e Obra de Cristo.
- CRÍTICA** — O termo (do grego *Krino*, julgar) significa discriminar entre duas ou mais coisas para chegar a uma correta apreciação de qualquer delas. **CRÍTICA BÍBLICA** é a ciência teológica que procura determinar o texto original exato e recuperar a exatidão na autoria, datas e cenários históricos. **CRÍTICA TEXTUAL** trata do problema de determinar o texto exato (baixa crítica), e **CRÍTICA HISTÓRICA** (alta crítica) verifica os relacionamentos históricos e a validade das asserções feitas pelos documentos. **CRÍTICA DESTRUTIVA** opera na área da alta crítica, mas provém de suposições de naturalismo e evolução no lidar com o desenvolvimento do texto.
- CRÍTICA DA FORMA** — Método de analisar os textos bíblicos, procurando as “formas”, moldes pré-literários ou estruturas de vida, nas quais eles se desenvolvem, supondo uma evolução dos fragmentos orais para coleções escritas.
- CRÍTICA TEXTUAL** — Ciência ou disciplina do estudo teológico, que examina os antigos textos bíblicos existentes com o intuito de determinar os textos originais mais exatos (chamada frequentemente “baixa crítica”). V. Crítica.

CUNEIFORME — Uma escrita em forma de cunha, esculpida em tabuinhas de argila pelos antigos babilônios e cananeus.

DAGOM — Antigo deus babilônio e cananeu, pai de Baal. Era representado na forma de um peixe com corpo humano. Tornou-se o deus nacional dos filisteus.

DEÍSMO — Crença em Deus, enfatizando sua transcendência. Apóia-se no testemunho da razão em vez de no das Escrituras. Embora reconheça a obrigação de adorar a Deus, nega o supernaturalismo, bem como a divindade e obra expiadora de Cristo.

DIATESSARÃO — Harmonia dos Evangelhos organizada por Taciano mais ou menos no ano 170 da nossa era, escrita em siríaco. Faz um resumo dos quatro Evangelhos numa única narrativa, sem preocupar-se com a inclusão de todos os detalhes.

DIDAKÊ — Documento produzido no final do século I, chamado *The Teaching of the Twelve* (O Ensino dos Doze), que enfatizava os ensinamentos de Jesus na versão conjunta dos doze apóstolos.

DISPENSACÃO — Administração ou economia divina, geralmente envolvendo um período de tempo durante o qual Deus lida com as pessoas de um modo particular na execução dos seus soberanos objetivos.

DISPENSACIONALISMO — Interpretação pré-milenária das Escrituras, baseada numa interpretação histórica gramatical consistente das Escrituras. Encara seriamente a distinção entre o programa divino para Israel e a Igreja. Distingue-se da teologia da aliança ao reivindicar ser mais centralizada teologicamente do que soteriológicamente.

DOCETISMO — Antiga crença herética de que Cristo era um fantasma que apenas parecia ter corpo humano, conforme ensinado por Marcion e alguns dos gnósticos. Enfatizava o mal da matéria e a impossibilidade de Cristo tornar-se realmente carne, usando a teoria da “aparência” para explicar a humanidade de Jesus.

DOCUMENTOS QUMRAN — Rolos do mar Morto e literatura intertestamentária, achados em Qumran, nos rochedos do deserto do mar Morto em 1947, os quais trouxeram muitas confirmações quanto aos textos do Antigo Testamento e referências históricas ao tempo dos essênios na época de Cristo e João Batista.

ECLESIOLOGIA — Doutrina da Bíblia referente à Igreja.

ENCARNAÇÃO — Termo que designa a união hipostática das duas naturezas de Cristo, divina e humana, pela qual o Filho de Deus manifestou-se em forma humana, sem diminuição de sua natureza humana ou divina.

EPICURISTAS — Antigos adeptos da filosofia de Epicuro, que pro-

curava significado e realização na vida através de prazer e satisfação carnal.

EPISTEMOLOGIA — Ciência do conhecimento, lidando com a sua natureza, fundamento, limite, validade e critérios.

EPOPÉIA DE GILGAMES — Antigo documento babilônico de doze tabuinhas do tempo de Assurbanipal, dedicado ao lendário rei Gilgames da Babilônia. Descreve uma história antiga paralela ao Gênesis, não obstante politeísta.

ESCOLÁSTICA — Método de explicar as doutrinas bíblicas, desenvolvido nos tempos medievais pelo uso de conceitos filosóficos, com o propósito de reconciliar fé e razão.

ESCRITA UNICIAL — Método antigo de escrever manuscritos com todas as letras maiúsculas, cada uma separadamente, método que estava em voga do quarto até o décimo século d.C.

ESSÊNIOS — Comunidade ascética religiosa da Palestina que existiu como ordem religiosa, vivendo monasticamente e abstendo-se do casamento. Recrutavam os seus membros por adoção, mantendo uma sociedade comunal e fiel ao judaísmo tradicional, sem o sacrifício de animais.

ESTOICISMO — Sistema religioso panteísta, principiado por Zenão no quarto século a.C. e popularizado por Sêneca nos tempos apostólicos. Considerava todos os acontecimentos como inevitáveis, e todas as expressões apaixonadas como algo fútil. O prazer e a dor eram indiferentes, e a resignação às circunstâncias a única resposta sensata aos problemas da vida.

ETIOLOGIA — Ciência de causas ou razões para experiências ou fenômenos.

EVANGELHO ORAL — Narrativa comum da vida e ministério de Cristo que circulou entre os crentes durante os primeiros vinte anos depois da ressurreição e foi memorizada numa forma estereotipada antes de ser escrita (conforme referência em Lucas 1:4).

EVOLUÇÃO — Teoria de desenvolvimento espontâneo e progressivo de organização do caos para a ordem, e da simplicidade para a complexidade. Biologicamente, ensina que todas as formas de vida evoluem através de derivações e modificações circunstanciais a partir de uma forma simples ou rudimentar.

EXORCISMO — Prática de expulsar espíritos maus ou demônios.

EXPIAÇÃO — Termo do Antigo Testamento que significa “cobrir”. É usado teologicamente para designar a obra sacrificial total de Cristo na cruz. O termo em si é um tanto inadequado, e somente usado bíblicamente no Antigo Testamento.

FARISEUS — Seita religiosa judaica, do período intertestamentário e apostólico, que punha grande ênfase na tradição e na obser-

vância das cerimônias, enfatizava a separação do mundo e centralizava a religião na sinagoga (São os antepassados do judaísmo atual).

FIGURA DE LINGUAGEM — Palavra ou expressão usada num sentido diferente do normal, com o objetivo de explicar ou enfatizar alguma característica ou ponto específico por analogia.

FUNDAMENTALISMO — Posição doutrinal chamada “teologia conservadora” que leva a sério a doutrina da inspiração plena e verbal das Escrituras. O fato é que os seus fundamentos pertencem mais às Escrituras do que a meros credos.

GEMARA — A segunda parte do Talmude, que é um comentário e explicação da primeira parte, Michna ou leis orais dos judeus. Escrito em aramaico e completado no ano 500 da nossa era, contém comentários da lei dos sábios de muitas gerações.

GNOSTICISMO — Antiga heresia cristã que confundia a doutrina da Pessoa de Cristo por não aceitá-lo como Deus verdadeiro nem como homem, e confundia a doutrina da salvação afirmando que ela era tão somente um conhecimento (gnosis) místico somente adquirido pelos iniciados.

GRANDE SINAGOGA — Pressuposta instituição anterior ao período intertestamentário, composta de 120 membros incluindo Esdras, formada com o objetivo de administrar a lei. Presume-se, geralmente, ter sido precursora do Sinédrio.

GREGO KOINÊ — Grego “comum” ou alexandrino desenvolvido nas conquistas de Alexandre, provindo do grego clássico mais antigo, e usado pelo povo nos tempos apostólicos.

HAGADÁ — A segunda seção do Midrash que interpreta e explica o Antigo Testamento num estilo popular e homilético.

HAGIÓGRAFO — Nome grego que designa a terceira seção do Antigo Testamento hebraico (escritos sagrados, Ketubim). Inclui onze livros em três partes: três poéticos (*Salmos, Provérbios e Jó*); cinco rolos (*Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester*); e três históricos (*Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas*).

HALACÁ — A primeira seção do Midrash que explica a lei hebraica, incluindo os julgamentos dos rabinos em casos não previstos pela lei.

HAMARTIOLOGIA — Doutrina da Bíblia referente ao pecado.

HAMURABI, Código de (V. Código de Hamurabi).

HASIDIM — Grupo de judeus religiosos chamados “Os Devotos” no tempo de Antíoco Epifanes (168 a.C. aprox.), os quais preferiam morrer a violar suas leis religiosas. Talvez tenham sido os antecessores dos fariseus (separatistas).

HEBRAÍSTAS — Povo judeu dos tempos intertestamentários e apostólicos que conservavam não somente o judaísmo da religião como também o idioma e os costumes hebreus ou aramaicos, ressentindo-se do desenvolvimento do helenismo.

HELENISTAS — Povo judeu dos tempos intertestamentários e apostólicos, os quais abraçaram a cultura greco-romana, mas conservaram a fé judaica.

HERMENÊUTICA — Ciência ou arte de interpretação, especialmente das Escrituras, envolvendo o desenvolvimento e aplicação dos adequados princípios de interpretação.

HERODIANOS — Partido dos judeus ligado a Herodes politicamente, que se opunha religiosamente a Cristo e aos fariseus.

HICSOS — Termo cujo significado é “governadores estrangeiros”. Designava os reis-pastores do Egito das dinastias 13 a 17 (mais ou menos de 1750 a 1550 a.C.) de origem predominantemente semita, notáveis pelos cavalos, carros e instrumentos de guerra.

HIEROGLIFOS — Escrita em forma de figuras (entalhe sagrado, caracteres ou palavras) que transmitiam significado oculto.

HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA — Teoria que procura explicar a composição original dos textos bíblicos pela suposição de que esses textos são uma junção de dois ou mais documentos, baseada num conceito naturalístico e evolutivo de desenvolvimento.

HITITAS — Povo da Palestina, durante e após a invasão de Josué, que tinha vindo da Ásia Menor onde existiu um poderoso reino entre os anos 1600-1200 aproximadamente (que conquistou a Babilônia em 1550). Era um povo de origem ariana.

HOMILÉTICA — Ciência e arte de preparar e pregar um sermão.

HOMOLOGOMENA — Designação dos livros do cânon que não entraram na controvérsia de serem ou não canônicos, trinta e quatro no Antigo Testamento e vinte no Novo.

HUMANISMO — Estudo de humanidades ou obras humanas de literatura, arte e sociedade em contraposição à simples escolástica. Veio também a designar uma filosofia de vida e pensamento que é centralizada na pessoa, tanto na sua base de lógica quando nos objetivos desejados.

HURIANOS — Conhecidos na Bíblia como os “horeus” (Gênesis 14:6), formaram um grupo étnico dominante no Oriente Médio entre os anos 2400-1800 a.C. Sua civilização foi desvendada nas últimas tabuinhas Nuzi recentemente descobertas. De origem não-semítica, viveram na região sul do Cáucaso, a leste do Tigre.

IDADE DO BRONZE — Idade em que o bronze começou a ser usado na metalurgia, mais ou menos 3200 a 2200 a.C. (Albright, *The Archaeology of Palestine*).

IDADE DO FERRO — A última das idades do homem com referência aos estágios do uso progressivo do metal (pedra, bronze e ferro), começando aproximadamente no ano 1200 a.C.

IDEALISMO — Sistema filosófico de pensamento que procura explicar a vida e o universo como a realização de um desdobramento progressivo de um ideal (oposto ao realismo ou mecanismo).

IDUMEU — Nome grego para os edomitas nos tempos intertestamentários e apostólicos, quando a raça cruzada dos edomitas ocupou o sul da Judéia nas proximidades do Hebron. Deixaram de existir depois da queda de Jerusalém no ano 70 da nossa era.

INERRÂNCIA — Qualidade de inspiração da Bíblia nos escritos sagrados, infalíveis em todas as áreas da verdade, tocados pela virtude de um infalível Autor Divino que superintende o escrito em seu todo. (“A Tua palavra é a verdade” João 17:17:)

INSCRIÇÃO DE DELFOS — Inscrição encontrada em Delfos, do outro lado de Corinto. Data da chegada de Gálio a Corinto, em 51 d.C.

INSCRIÇÕES — Escritos ou entalhes em lugar ou objeto público (tais como em monumentos, colunas, moedas etc.) para preservação ou inspeção pública.

INSPIRAÇÃO — Significa a orientação divina aos homens preparados e qualificados para receber e comunicar a palavra de Deus, bem como a qualidade das próprias Escrituras como sendo “inspiradas por Deus” (theopneustos) e, portanto, autorizadas e dignas de confiança.

INSPIRAÇÃO VERBAL, INTEGRAL — Reconhecimento de que a Bíblia é divinamente inspirada (portanto, infalível e com autoridade) em todas as palavras (verbal) e em todas as partes (integral). Distingue-se do ponto de vista do “ditado verbal”, visto reconhecer que Deus fala para personalidades individuais e através delas, utilizando as diferentes formações e estilos desses indivíduos, a fim de expressar a palavra divina em linguagem humana sem erro.

INTERPRETAÇÃO LITERAL — Método que interpreta a linguagem das Escrituras no sentido gramático-histórico, reconhecendo os significados normais, usuais e habituais das palavras e sentenças, e interpretando figuras apropriadas de linguagem conforme elas são indicadas nos seus cenários específicos.

INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA — Um método de interpretação da Bíblia, introduzido pelos anciãos alexandrinos, vindo dos gregos, o qual considera as histórias e afirmações bíblicas como alegorias que devem ser interpretadas num sentido fundamental

mais profundo do que o sentido literal óbvio, talvez com diversos níveis de significado.

INTRODUÇÃO DA BÍBLIA — A parte da ciência bíblica que trata dos assuntos introdutórios de determinação do cânon, textos genuínos e características históricas de autoria, data e cenários.

ISAGOGE — Ciência bíblica da Introdução da Bíblia, que trata da história literária dos livros, sua inspiração, autoria, cenários históricos e áreas correlatas.

JOSEFO — Historiador judeu do tempo dos apóstolos (mais ou menos de 37 a 100 d.C.) que escreveu *The Antiquities of the Jews* (Antiguidades Judaicas), *The Wars of the Jews* (As Guerras dos Judeus) etc.

JUDAÍSMO — Termo que significa a religião dos judeus, mas designa de maneira mais específica o sistema religioso judeu desenvolvido a partir do período intertestamentário pelos rabinos, e continuado até os nossos dias como o Judaísmo Ortodoxo. Sua verdade central é a unidade, transcendência e paternidade de Deus.

JUDAIZANTES — Antigo partido herético da Igreja, vindo do grupo fariseu convertido, que defende a necessidade de os crentes agirem de acordo com o ritual mosaico para salvação genuína.

KERIGMA — Termo que significa a pregação ou proclamação das obras de Jesus na Igreja Primitiva como um corolário do *Didakê*, que representava os seus ensinamentos. Muitas vezes a palavra *Kerigma* apenas significa mensagem do evangelho.

KETUBIM — Termo hebraico para as Escrituras Sagradas ou Hagiógrafo (onze livros do Antigo Testamento).

LIBERALISMO — Ecletismo “modernista” de cristianismo e cientismo, pelo qual a Bíblia é interpretada na base de pressuposições de racionalismo, rejeitando seu caráter sobrenatural e enfatizando sua aplicação em termos de necessidades e progresso social.

LITERATURA DE SABEDORIA — Os livros de *Jó*, *Provérbios* e *Eclesiastes*, que tratam da sabedoria filosófica e prática referente à vida.

MACABEUS — Família judia de valentes patriotas (filhos do sacerdote de Modim, Matatias) que se revoltaram contra o governo sírio de Antíoco Epifanes e levaram Israel à independência em 164 a.C., aproximadamente.

MANUSCRITOS ANTIGOS — Os textos mais antigos dos livros da Bíblia existentes atualmente, não os próprios originais autógrafos.

MASSORETAS — Classe de eruditos do Antigo Testamento judeu, do quinto ao décimo séculos d.C., que pelo uso do “Masorá” (ano-

tações referentes aos textos hebraicos) compilaram e prepararam o texto com sinais fixos de vogal e acentos a fim de preservar as pronúncias adequadas para o Antigo Testamento hebraico, que já se tornava uma língua morta.

MEGILOTE — Termo hebraico para os cinco rolos que incluíam *Cantares de Salomão* (lido na Páscoa), *Rute* (lido no Pentecoste), *Eclesiastes* (lido nos Tabernáculos), *Ester* (lido no Purim) e *Lamentações* (lido no aniversário da Destruição de Jerusalém).

MIDRASH — Comentário judeu que inclui o Halacá e o Hagadá (as leis e o restante do Antigo Testamento) e faz interpretações de sabor popular.

MILAGRE — Acontecimento extraordinário, no domínio físico, executado diretamente por Deus, para um objetivo ordenado por ele mesmo, geralmente para autenticar a revelação.

MISHNA — A primeira parte do *Talmude* judeu, que apresenta a “lei oral” (antes do *Gemara*, que apresenta comentários e interpretações dos rabinos), compilado por Judas, o Príncipe, mais ou menos em 200 d.C.

NATURALISMO — Posição doutrinal que afirma poder o universo e todos os fenômenos serem explicados em termos de causas naturais. Afirma também que a revelação de Deus na natureza é adequada às necessidades religiosas do homem.

NAZIREU — Um homem, ou mulher, que fazia um voto e se afastava a fim de prestar um serviço especial para Deus na economia levítica.

NEO-ORTODOXIA — Reação doutrinal moderna ao liberalismo. Salienta a transcendência de Deus (como o integral “Outro”), argumenta a favor do conceito de teologia dialética rejeitando a idéia de revelação proposicional, enfatiza uma “experiência existencial” (teologia da crise) pela qual um indivíduo confronta-se com Deus e a Palavra Viva num relacionamento decisivo e crucial por meio de um forte compromisso para com a verdade. Embora aceitando o ponto de vista naturalista do liberal quanto às Escrituras, declara que o objetivo delas é provocar um encontro existencial e revelar a imutabilidade da eleição divina (quase até o ponto do universalismo). Sua volta à ortodoxia consiste principalmente na sua volta à ênfase dos reformadores na graça soberana de Deus.

NESTORIANISMO — Doutrina, iniciada por Nestório, patriarca de Constantinopla do quinto século, que negava a união hipostática das duas naturezas de Cristo, a humana e a divina, e enfatizava a humanidade do Homem Jesus quase ao ponto de negar sua divindade.

NICENO — Pertencente ao concílio de Nicéia de 325 d.C. e à confissão de fé ali adotada pela Igreja.

NICOLAITANISMO — Conceito não-bíblico do clero, que viola o sacerdócio do crente postulando um sistema de sacerdócio clerical.

ORDENANÇA — No Antigo Testamento, um estatuto ou ritual prescrito por Deus. No Novo Testamento, uma das duas cerimônias simbólicas cristãs que foram instituídas por Cristo, as quais são: 1) Batismo, que o indivíduo recebe uma única vez, quadro simbólico da identificação do crente com Cristo em sua morte e ressurreição. 2) Ceia do Senhor, representação simbólica do alimento diário em Cristo por parte do crente e participação das virtudes da sua morte. Teologicamente, ordenança é um símbolo exterior, designado por Deus para representar uma grande verdade espiritual do evangelho, tornando os seus deveres universais e perpétuos.

ORTODOXIA — Corpo de doutrinas cristãs normativas, conforme expressas nas Escrituras e em geral aceitas pela igreja historicamente.

PARÁBOLA — História fictícia, fiel à realidade, com o objetivo pedagógico de ensinar, por analogia, uma verdade espiritual referente ao reino de Deus.

PARALELISMO — Característica peculiar da poesia hebraica que enfatiza o ritmo de pensamento ou sentido, mais do que o ritmo de palavras ou sons. É acompanhado por repetição, contraste, desenvolvimento etc.

PAROUSIA — Termo que significa a segunda vinda e a “presença” de Cristo, envolvendo tanto a sua vinda para a sua igreja quanto a sua volta para a terra.

PEDRA “BEHISTUN” ou “BISITUN” ou “BISUTUN” — Inscrição do tempo de Dario numa montanha persa, datada do sexto século a.C., a qual, por estar escrita em três línguas, possibilitou a Sir Henry Rawlinson decifrar o idioma babilônico.

PEDRA MOABITA — Monumento antigo achado na Transjordânia, na terra de Moabe, escrito pelo rei Mecha de Moabe em 890 a.C. aproximadamente, depois da sua bem-sucedida revolta contra Israel. Esse monumento usa uma linguagem alfabética semelhante à hebraica.

PESITA — Versão primitiva do Antigo Testamento em siríaco que data do segundo ou terceiro século d.C. Foi tomada das versões hebraica e septuaginta. (Versão síria paralela à Vulgata Latina.)

PNEUMATOLOGIA — Estudo de seres espirituais conforme revelação das Escrituras.

- PRAGMATISMO** — Doutrina filosófica que considera os resultados práticos o único teste para a verdade.
- PROFECIA** — Mensagem de Deus aos homens através de um profeta do Senhor. Pode ser a predição do futuro ou simplesmente a entrega de uma específica mensagem do Senhor.
- PSEUDEPIGRAFOS** — Escritos espúrios referentes aos acontecimentos do Antigo e Novo Testamentos, supostamente com o nome de importante autor bíblico, sendo que a maioria é de 200 a.C. a 200 d.C.
- PTOLOMEUS** — Governadores do Egito descendentes de Ptolomeu Soter, os quais governaram o Egito desde a morte de Alexandre até o tempo de Cleópatra.
- QUADRO DAS NAÇÕES** — Quadro das genealogias registrado em Gênesis 10, onde todas as nações do mundo são traçadas como originárias dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé.
- Q ou QUELE** — Significa um suposto documento grego que a hipótese documentária presume ter sido usado pelos escritores dos evangelhos como fonte comum dos seus livros.
- QUENOSE** — Termo que significa o “auto-esvaziamento” de Cristo na sua encarnação, sem perder a divindade, mas com a adição da humanidade. Significa sua própria limitação referente à sua glória e prerrogativas divinas durante sua permanência na terra.
- REDAÇÃO** — Processo de compilar ou editar, envolvido na composição de uma peça literária, tirado de um escrito mais antigo ou de fonte oral, muitas vezes usado por críticos para elucidação de livros bíblicos. O editor era o redator.
- REINO DE DEUS** — Termo usado nos evangelhos, do mesmo modo que “reino dos céus”, derivado de Daniel 2:44, que designa o governo, domínio e autoridade de Deus, tanto na sua aplicação universal ou individual, como na esfera física e espiritual.
- REMANESCENTE** — Termo usado para designar o grupo fiel de qualquer era do Antigo Testamento, o “pequeno rebanho” do Novo Testamento e aqueles que serão considerados fiéis e salvos no período de tribulação do Apocalipse.
- REVELAÇÃO** — Designa: 1) o ato de Deus manifestar a si próprio e as suas obras; 2) o registro específico de sua auto-revelação conforme registro da Bíblia. O termo significa o desvendar de algo que, se não fora a revelação, ficaria desconhecido e impenetrável.
- ROLOS V.** — “Hagiógrafo”.
- ROLOS DO MAR MORTO** — Manuscritos do Antigo Testamento e do período intertestamentário, achados em 1947 em cavernas

perto de Qumran, afastadas das praias, a nordeste do mar Morto, com data do primeiro século da nossa era.

- SABEDORIA** — Termo usado no Antigo Testamento com o significado de habilidade humana, talento ou julgamento, que podem ou não ser dados por Deus. No Novo Testamento, tanto é capacidade intelectual humana como revelação do plano, da pessoa ou da vontade de Deus encarnada em Jesus Cristo.
- SADUCEUS** — Seita religiosa judaica, da classe aristocrata e do tempo de Cristo, a qual rejeitou não só a tradição dos anciãos, conservada pelos fariseus, como também a doutrina da ressurreição, anjos e vida futura por não serem expressamente ensinados por Moisés. Sua esfera religiosa era o templo.
- SALMOS IMPRECATÓRIOS** — Salmos invocando maldição sobre os pecadores.
- SÁTRAPA** — Um dignitário governador do império persa que exercia controle sobre uma província chamada “satrapia”. A Palestina era a quinta satrapia persa.
- SELÊUCIDAS** — Governadores da Síria do tempo da divisão do império alexandrino da Grécia.
- SEMITAS** — Descendentes do segundo filho de Noé, Sem (Gênesis 10:21-31), que se estabeleceram principalmente na alta Mesopotâmia e se espalharam desde Elá até o sul da Ásia Menor. São hoje identificados como o povo do Oriente Próximo com as línguas flexionais de acádio, aramaico, hebraico e árabe.
- SEPTUAGINTA** — Tradução grega do Antigo Testamento feita em Alexandria, principiada em 280 a.C. aproximadamente, sob o patrocínio de Ptolomeu II, supostamente por setenta e dois escribas judeus. Foi largamente usada na Palestina durante o tempo de Cristo (Simbolizada como “LXX”).
- SEQUINÁ** — Vocábulo que significa a “habitação” da presença de Deus, localizada pela primeira vez no Antigo Testamento na forma de uma nuvem. Deixou o templo em Ezequiel 10:18 e reapareceu na Pessoa de Cristo, como Deus localizado.
- SOTERIOLOGIA** — Doutrina da salvação, conforme está declarada e elucidada na Bíblia.
- SINAGOGA** — Centro religioso, social e educacional judeu, desenvolvido durante o exílio da Babilônia como um substituto para a adoração no templo. Continuou sendo um lugar de reunião da comunidade para adoração e para estudo da Tora.
- SINCRETISMO** — Método filosófico de apropriar e amalgamar elementos úteis de vários sistemas num pré-determinado modelo, a fim de usá-los contra um adversário comum.

- SINERGISMO** — Termo que significa “trabalho em conjunto” ou cooperação. Com referência à doutrina da salvação, significa o ponto de vista pelagiano (em oposição ao monenergismo agostiniano), que defendia a doutrina de que a salvação é conseguida por um esforço conjunto de Deus e do homem.
- SINÓPTICOS** — Significa “ver junto” ou a mesma visão. São os primeiros três evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, assim chamados em virtude da semelhança dos elementos apresentados.
- SISTEMA DE ADAPTAÇÃO DO ANO** — Sistema de datar a ascensão dos reis ao trono no Antigo Testamento, calculando-se o ano a começar do mês de Nisã, seguindo a ascensão do rei em questão (conforme usado em Judá).
- TABUINHAS DE MARI** — Achadas na cidade de Mari no Eufrates (Tell Hariri) com data de 1813 a 1781 a.C. Confirmam pela arqueologia a data bíblica referente à origem de Abraão em Harã e Naor, na alta Mesopotâmia.
- TABUINHAS NUZI** — Documentos dos tempos patriarcais achados por volta de 1925 em Nuzi, um centro huriano, os quais esclarecem o cenário de Gênesis quanto aos acontecimentos históricos.
- TABUINHAS RAS SANRA** — Documentos antigos da época de Moisés, descobertos mais ou menos em 1929 em Ugarite, ao norte do litoral sírio, mostrando o dialeto alfabético dos cananeus e o paganismo sensual da época.
- TALMUDE** — Compêndio judaico das leis civis e religiosas de Israel, não consideradas no *Pentateuco*, com comentários, opiniões e julgamentos dos professores judeus do período de 300 a.C. a 500 d.C. É composto de duas partes, o *Michna* (as leis orais) e o *Gemara* (comentários). Foram escritos dois Talmudes: o da Babilônia, com o seu Gemara de comentadores babilônios, e o de Jerusalém, com o seu Gemara escrito por comentadores da Palestina.
- TARGUM** — Conjunto de traduções ou paráfrases do Antigo Testamento em aramaico, preservado oralmente desde o tempo de Esdras até Cristo, reduzido a escrito entre o primeiro e décimo século.
- TEÍSMO** — Teísmo judaico e cristão é o sistema filosófico que aceita a transcendência e imanência de Deus, Criador e Sustentador do universo, sua personalidade e atributos infinitos.
- TEL-EL-AMARNA** — Tabuinhas de argila descobertas em Tel-el-Amarna, Egito, em 1887. Eram documentos oficiais mandados pelos governadores da Palestina aos faraós egípcios Amenotepe III e IV, por volta de 1400 a.C., pedindo ajuda contra invasores estrangeiros. Escritos no dialeto acadiano.
- TELL** — Colina ou outeiro sob o qual foi sepultada uma cidade ou civilização antiga. Muitos “tells” foram encontradas no Egito, Mesopotâmia, Palestina e Síria. (Termo árabe).
- TEOFANIA** — Aparição de Deus em forma humana a vários indivíduos no Antigo Testamento (por exemplo, Gênesis 12:7, 18:1; Juízes 13:6; etc.).
- TEOLOGIA** — Ciência organizada dos fatos e verdades de Deus e do seu relacionamento com o universo.
- TEOLOGIA BÍBLICA** — Ciência teológica das Escrituras, que procura organizar as diversas fases de revelação de acordo com a apresentação progressiva do autor ou do cenário histórico.
- TEOLOGIA SISTEMÁTICA** — Teologia é o estudo e ciência de Deus e seu relacionamento com o universo. Teologia sistemática é o arranjo temático do estudo, incorporando no sistema todos os fatos e verdades afins, de todas as fontes fidedignas disponíveis, natureza, Escrituras e lógica.
- TEORIA DA QUENOSE** — Doutrina herética que concebe erradamente o auto-esvaziamento de Cristo, afirmando que aquela limitação humana do seu conhecimento restringiu-o às idéias do seu ambiente e, assim, suas palavras estavam sujeitas a erro em vários aspectos científicos.
- TESTAMENTO** — Termo transliterado do latim *testamentum*, que significa aliança e indica as duas seções das Escrituras (do tempo de Tertuliano em 155 d.C., aproximadamente). Os dois testamentos são distinguidos teologicamente pela anulação da aliança de Moisés e o começo de nova ordem com a morte de Cristo e a instituição de um novo Sumo Sacerdócio no relacionamento do homem com Deus.
- TETRAGRAMA** — Nome de quatro consoantes (YHWH), pronunciadas “Yahweh” (Jeová), e traduzidas como “Kurios” pela Septuaginta e pelos escritores do Novo Testamento, e traduzido em português como “Senhor”.
- TEXTO OCIDENTAL** — Uma das quatro classes de textos propostas por Wescott e Hort. Essa classe originou-se na Síria no segundo século d.C., foi levada para o Ocidente e usada pelos anciãos latinos. Consiste num grupo de textos considerados suspeitos em virtude do evidente afastamento dos textos verdadeiros, onde se desejou maior força e exatidão.
- TEXTUS RECEPTUS** — “Texto recebido”, uma publicação do Novo Testamento grego de 1633 na Holanda, baseada principalmente em textos franceses de Stephanus e Beza, e prefaciado como “recebido por todos” pelos editores Elzevir Brothers nessa segunda edição.
- TIPO** — É uma ilustração do Antigo Testamento que, embora tenha

um lugar e objetivo na história bíblica, também é divinamente designado para prefigurar alguma verdade neotestamentária referente ao reino de Deus.

TORA — Pentateuco mosaico. Termo transliterado da raiz hebraica *tarah*, que significa “ensinar”. Ensino especialmente vindo de fonte divina (mais tarde a Tora foi ampliada com a inclusão de “Tradições Oraís”).

TRINDADE — Designação dada ao Deus único: Pai, Filho e Espírito Santo. Significa que dentro da única essência da Divindade há três Pessoas, que não são nem três Deuses nem três partes de Deus, mas uma Trindade Una, três personalidades em uma essência, sem analogia humana ou física.

UGARÍTICO — V. “Tabuinhas Ras Sanra”.

UNIFORMITARISMO — Teoria científica que defende o desenvolvimento do universo até o estado atual como algo que pode ser explicado por processos naturais que ainda operam hoje e podem ser observados, em contraste com o “catastrofismo”, que reconhece a interposição de certas catástrofes justificadoras em parte do estado atual.

UNIVERSALISMO — Doutrina da salvação ou bem-aventurança definitiva de todos os indivíduos, com ou sem punição.

VICÁRIO — Termo transliterado do latim, que significa “substitutivo”, como no sacrifício vicário de Cristo pelos pecados dos homens.

VULGATA — Nome dado pelo Concílio de Trento (1545) à tradução da Bíblia do hebraico para o latim realizada por Jerônimo (por volta de 400). Essa tradução foi realizada a pedido do Papa Damasco a fim de fornecer um texto unificado e confiável na linguagem do povo comum.

WADI — Termo oriental de um leito de rio ou riacho, geralmente seco exceto na estação chuvosa.

YAHWEH (JEOVÁ) — Pronúncia do tetragrama hebraico para o Deus trino (YHWH, o idioma hebraico não tem vogais escritas). Tradicionalmente é usada a palavra Jeová (usando as vogais de “Adonai”, supostamente para evitar a blasfêmia de pronunciar o nome sagrado, Levítico 24:16; Amós 6:10). Da raiz “hayah” (“ser”), o nome significava para Israel o caráter de Deus como o guardador da aliança, fiel e imutável (“Eu Sou o que Sou”, Êxodo 3:14). Traduzido como “kurios” pela LXX e os escritores do NT, é muito freqüentemente traduzido por “SENHOR” nas versões em português.

ZELOTES — Partido militante, legalista, dos judeus do primeiro século d.C., que consideravam a violência justificável no interesse da independência judaica. Eram semelhantes aos fariseus quanto aos conceitos doutrinários, todavia mais radicais no seu espírito nacionalista.

ZIGURATES — Antigas torres da Babilônia e Síria, em forma piramidal, erigidas como santuários sagrados, de certo modo sucessoras da Torre de Babel.

ZOROASTRISMO — Religião persa do sexto século a.C. aproximadamente, e assim chamada em homenagem a Zoroastro. Dualista, enfatizava a necessidade de lutar não somente a favor das pessoas boas, humildes e nobres, como também contra os maus, tendo em vista a ressurreição e o julgamento.